

V.05 - N1

novembro de 2013



# Revista extensão



PROEXT  
Pró-Reitoria de Extensão/UFRB

UFBA  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

---

Revista Extensão. Vol. 5, n. 1 (novembro. 2013) - .- Cruz das Almas, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, 2013 –

Semestral  
ISSN: 2236-6784

1. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão.

CDD 378.81

---

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes.

*Allows reproduction in published information, provided that sources are cited.*

Pede-se permuta.  
/ We ask for exchange.

## **Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)**

Reitor/*Rector*

Paulo Gabriel Soledade Nacif

Vice-Reitor/*Vice-Rector*

Silvio Luiz de Oliveira Soglia

### **Pró-Reitoria de Extensão**

Pró-Reitora/*Pro-Rector*

Ana Rita Santiago

### **Editores científicos/Scientific Editors**

Ana Rita Santiago, Dra. (UFRB)

Cláudio Manoel Duarte de Souza Me. (UFRB)

Giovana Carmo Temple, Dra. (UFRB)

Marli Teresinha Gimenez Galvão, Pós. Dr. (UFC)

Robson dos Santos Oliveira, Adm. (UFRB)

Silvana Lúcia da Silva Lima, Dra. (UFRB)

### **Editores Executivos/Executive Editors**

Giovana Carmo Temple, Dra. (UFRB)

Robson dos Santos Oliveira, Adm. (UFRB/Brasil)

Sinvaldo Barbosa Melo, Eng. (UFRB)

Cristiano Santos de Santana (UFRB)

### **Comitê Editorial/Editorial board**

Ana Rita Santiago Dra. (UFRB/Brasil)

Custódia Martins, Dra. (U. Minho/Portugal)

Juan A. C. Rodriguez, Dr. (UACH/México)

José Alberto Pereira, Dr. (IPB/Portugal)

Franceli da Silva, Dra. (UFRB)

### **Endereço/Address**

Rua Rui Barbosa, 710, PROEXT/UFRB 44380-000, Cruz das Almas, Bahia, Brasil Fone: + 55 75 3621-4315

**Website** [www.revistaextensao.ufrb.edu.br](http://www.revistaextensao.ufrb.edu.br)

**E-mail** [revistaextensao@ufrb.edu.br](mailto:revistaextensao@ufrb.edu.br)



### **Compromisso**

A Revista Extensão, com periodicidade semestral, tem como compromisso consolidar a indissociabilidade do conhecimento, por meio de ações extensionistas publicadas em artigos científicos, resenhas, relatos de experiências, entrevistas, validando o conhecimento tradicional associado ao científico.

### **Commitment**

*Extension Magazine, every six months, is committed to consolidating the inseparability of knowledge through extension activities published in scientific articles, reviews, case studies and interviews, validating traditional knowledge associated with science.*

### **Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**

Robson dos Santos Oliveira

### **Editora**

Editora da UFRB

**A Revista Extensão da PROEXT/UFRB está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação do Campo da UFRB,**

## Quadro de Avaliadores/Referees

Dra. Tatiana Pequeno da Silva  
Lic. Antonia Viviane Martins Oliveira  
Me. Cláudio Manoel Duarte de Souza  
Ma. Carolina Fialho Silva  
Dra. Maria Auxiliadora de Souza Gerk.  
Me. Luiz Felipe Borges Martins  
Ma. Maria de Lourdes Albuquerque de Souza  
Dra. Rosely Cabral de Carvalho  
Ma. Silvia Luci de Almeida Dias  
Ma. Adriana Vieira dos Santos  
Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi  
Ma. Ana Lúcia Marran  
Dra. Andrea Sousa Fontes  
Dra. Andrea Vita Reis Mendonça  
Ma. Carla Regina André Silva  
Dr. Claudio Reynaldo Barbosa de Souza  
Ma. Clotilde Assis Oliveira  
Ma. Cristiane Silva Aguiar  
Ma. Cristina Amaro Viana  
Me. Dílson Rodrigues Midlej  
Dra. Efigênia Ferreira e Ferreira  
Ma. Elaine Andrade Leal Silva  
Dra. Erenilde Marques de Cerqueira  
Dr. Fábio José Rodrigues da Costa  
Me. Gabriel Ribeiro  
Dra. Girlene Santos de Souza  
Ma. Gisele Queiroz Carvalho  
Ma. Gleide Sacramento da Silva  
Dra. Gracinete Bastos Souza  
Dr. Guilherme Castelo Branco  
Pós Dra. Hilda Maria de Carvalho Braga

Dra. Jacqueline Ramos Machado Braga  
Dra. Joseina Moutinho Tavares  
Me. Juliano Almeida de Faria  
Ma. Karina Zanoti Fonseca  
Dra. Lilian Conceição Guimarães Almeida  
Me. Luiz Felipe Borges Martins  
Dr. Malcom G Rodrigues  
Me. Manuel Alves de Sousa Junior  
Dra. Márcia Maria de Medeiros  
Dra. Márcia Regina Martins Alvarenga  
Dr. Márcio Campos Oliveira  
Dr. Marcio Luiz Miotto  
Dr. Marco Aurélio de Freitas Fogaça  
Dra. Maria da Conceição de Menezes Soglia  
Dra. Maria Inês Caetano Ferreira  
Ma. Mariane Cordeiro Alves Franco  
Dra. Marília Assunta Sfredo  
Dr. Milton Souza Ribeiro  
Dr. Patrícia Figueiredo Marques  
Me. Permínio Oliveira Vidal Júnior  
Ma. Rachel Severo Neuberger  
Dr. Rogério Basali  
Ma. Rosa Cândida Cordeiro  
Ma. Rosaria da Paixão Trindade  
Ma. Sinara Vera  
Dra. Tatiana Pacheco Rodrigues  
Ma. Teresinha Maria Trocoli Abdon Dantas  
Me. Tiago Motta  
Ma. Vanessa Barbosa Facina  
Ma. Zannety Conceição S. N. Souza

## Sumário

### EDITORIAL

*Editorial* 06

### ENTREVISTA

*Entrevista* 07

### ARTIGOS

*Jornal-mural o expresso: a prestação de serviços a partir de uma edição especial foto-ilustrativa* 09

*Práxis pedagógica: as contribuições do PIBID na formação do professor* 18

*Oficina de arqueologia em pátio de escola estadual no espaço do antigo povoado da redução de Santo Ângelo Custódio.* 29

*Ações para o desenvolvimento da ovinocultura na região da Campanha Gaúcha* 37

*A prática do jornalismo como Projeto de Extensão: a experiência de uma assessoria de comunicação no Recôncavo da Bahia* 44

*Preconceito linguístico: Assim se diz assim se faz nas escolas municipais do distrito de São José do Itaporã em Muritiba – BA* 52

*PIBID educação ambiental: proporcionando momentos de interação e reflexão entre universidade/comunidade escolar* 67

*Planejamento estratégico de relações públicas: o caso do programa nacional de acesso ao ensino técnico e emprego em São Borja, Rio Grande do Sul* 76

*Agravos sociais relacionados ao consumo abusivo de álcool e outras drogas: um estudo com usuários de um CAPS AD1* 83

*Projeto “Anjo da Guarda”: uma experiência de inclusão sociodigital* 97

## RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

<i>Matemática para a vida: criando um novo cenário para o ensino-aprendizagem</i>	107
<i>O projeto de extensão apicultura desenvolvimento sustentável</i>	110
<i>Ciclo de formação empreendedora</i>	117
<i>Relato de experiência sobre o processo de divulgação científica para jovens</i>	123
<i>Casinha sustentável na Ilha das Flores: uma forma lúdica de construir e demonstrar itens de sustentabilidade</i>	130
<i>Projeto Equidade na Pós-Graduação: combate ao racismo e sexismo na educação superior</i>	137
<i>Atividades curriculares em comunidade e sociedade: relato de experiência das ações desenvolvidas pelo projeto “Prevenção de Anemias e Parasitoses”.</i>	143
<i>Teatro e figurino como ação social e modificadora: projeto de desenvolvimento de figurino (técnico em vestuário/if-sul e tatá núcleo de dança-teatro/UFPEL)</i>	149
<i>A importância das aulas de educação física nas séries iniciais do ensino fundamental na cidade de Amargosa- BA</i>	154

## RESENHA

<i>Um livro futurista sobre o futuro do livro</i>	158
<i>Desmistificação da relação entre teoria e prática</i>	160

## NORMAS DE SUBMISSÃO

<i>Normas De Submissão</i>	162
----------------------------	-----

## Conhecimento expandido

A presente edição da Revista Extensão da UFRB reforça dois aspectos da correlação cada vez mais necessária da produção do conhecimento e sua expansão comunitária.

Um primeiro aspecto é que o conjunto de artigos dão visibilidade pública sobre os processos, resultados e experiências desenvolvidas pela Instituição no campo extensionista, de forma sistemática, gratuita e de livre acesso na web.

O segundo aspecto é que esse conjunto de artigos mostra a complexidade, no sentido da amplitude e interdiálogos, dos campos extensionistas: são campos abrangentes como da Arte e Cultura, Educação, Trabalho, Saúde, Meio Ambiente...

Levando em consideração que a atividade de extensão não é um mero repasse vertical de conhecimento, mas um diálogo, e recuperando a idéia de Paulo Freire que afirma que o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; "o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações", elevemos a um papel fundamental a atividade de extensão, como um efetivo encontro da instituição acadêmica com o (seu) mundo ao redor, o mundo onde ela é apenas uma das peças; e como uma das peças, a interlocução, o diálogo é um ponto vital. Vital ao ponto de dizermos que o conhecimento e os saberes (internos, gerado na instituição, ou externo, nas comunidades não acadêmicas) só tem sentido se (com)partilhado. Conhecimento e saberes guardados não cumprem função nenhuma. É como poesia escrita em segredo e guardada pelo poeta em sua gaveta: não é poesia, porque, guardada, não causará a emoção e beleza, fundamentos da poesia, quando lida/ouvida.

Ao disponibilizar suas reflexões teóricas sobre suas experiências em projetos e programas extensionistas, os escritores aqui incluídos se abrem a novos diálogos, a novas redes de interlocução e essa é uma função desta publicação.

Aqui encontraremos textos sobre jornal-mural, o futuro do livro, experiência sobre o processo de divulgação científica, planejamento estratégico de Relações Públicas, jornalismo como projeto de extensão, arqueologia em escola pública, teatro e figurino como ação social, inclusão sociodigital, desmistificação da relação entre teoria e prática, representação social de estudantes de pedagogia sobre o brincar, Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental, matemática para a vida, empreendedorismo, preconceito linguístico, racismo e sexismo na educação superior, sustentabilidade, consumo abusivo de álcool e outras drogas, prevenção de anemias e parasitoses, apicultura e desenvolvimento sustentável, dentre outros. Temas, como dito, de vários campos de conhecimento, que acentuam o aspecto complexo da extensão.

Esta publicação é mais um instrumento de interlocução para o conhecimento expandido, esse que sai de cercos – ou daquilo que o pode/poderia cercar - e busca novos contatos/redes para trocas e consumo de informação, em caráter de mão dupla.

Boa Leitura!

Claudio Manoel Duarte de Souza  
Coordenador de Cultura e Universidade  
PROEXT/UFRB



## INCUBA

**“A economia solidária é uma forma coletiva de construir outro modelo de sociedade”**

Por Cyntia Araújo Nogueira

**Nara Eloy - Tatiana Velloso - Valéria Camilo**

Os números da Incubadora de Empreendimentos Solidários - INCUBA, núcleo de pesquisa, ensino e extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, criado em 2007, impressionam, e acima de tudo revela o quanto a UFRB pode contribuir com inclusão produtiva, com o enfrentamento à pobreza e com a construção de conhecimentos voltados para o desenvolvimento do território do Recôncavo Baiano e outros Territórios de Identidade da Bahia. São 19 empreendimentos de economia solidária em cinco territórios, 19 professores e mais de 50 alunos envolvidos diretamente e no assessoramento técnico em 25 projetos de extensão e 14 projetos de pesquisa financiados por órgãos de fomento como PRONINC – Programa Nacional de Incubadoras Populares – SENAES/MTE da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego, FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, MEC-PROEXT, FINEP/MCT, CNPq, PETROBRAS, SEBRAE, SETRE, entre outros. “Quase tudo que captamos vai para a estruturação dos grupos”, explica a Profa. Tatiana Velloso, uma das coordenadoras da INCUBA, que integra a Rede

UNITRABALHO e que possui parcerias com os grupos de economia solidária do Recôncavo, Sisal, Portal do Sertão, Baixo Sul e Região Metropolitana de Salvador. São quilombolas, catadoras, artesãs, agricultoras familiares, marisqueiras – quase sempre assim mesmo, no feminino. Porque, como afirma Velloso, “o processo de exclusão tem sexo e tem cor”. E aqui está o feito mais

**“Com os quilombolas a gente vai lá aprender o que eles consideram e trabalham a concepção de organização”.**

impressionante da INCUBA: a construção da possibilidade de alunos e professores dos cinco centros de ensino da UFRB, em Cruz das Almas, Cachoeira, Amargosa e Santo Antônio de Jesus, através de ações articuladas de ensino, pesquisa e extensão, transformarem a realidade social e produzir conhecimento de forma interdisciplinar. “Os alunos que passam pela Incuba saem com outra formação, como também há contribuição para a formação dos docentes”, garante, na entrevista abaixo, a professora, pesquisadora e ativista social do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas.

### Revista Extensão: O que é a economia solidária?

**Tatiana Velloso:** Apesar de ser um termo muito recente, a economia solidária envolve práticas muito antigas realizadas por grupos comunitários. No Brasil, podemos resgatar os povos indígenas e as comunidades quilombolas. É um jeito, um modo de vida em que se **produz, beneficia, armazena**, comercializa, compra e troca considerando elementos como cooperação, autogestão, economia e solidariedade. Nessas formas coletivas de viver, as riquezas produzidas são distribuídas proporcionalmente ao seu trabalho. Não há uma divisão entre capital e trabalho, sem existência da relação de subordinação e de exploração.

### Revista Extensão: Essas práticas convivem com o modo de produção capitalista?

**Tatiana Velloso:** Hoje, no Brasil, **uma grande parte** da população está fora do mercado formal. E como essas pessoas sobrevivem? A economia solidária é uma forma coletiva de construir a sobrevivência com outros valores. É uma das alternativas de construção de um modelo de sociedade diferente, em que se consideram outras dimensões que não apenas a econômica. O centro da economia solidária são as pessoas e não o capital, como possibilidade de construção de outro modelo de desenvolvimento.

### Revista de Extensão: Qual o papel na INCUBA na estruturação de empreendimentos de economia solidária?

**Tatiana Velloso:** Os empreendimentos solidários são grupos que trabalham de forma coletiva seja na produção, no

beneficiamento, na comercialização, nos serviços, nas finanças, nas trocas. São supra familiares, permanentes e podem dispor ou não de registro legal (associações, cooperativas e até microempresas). As incubadoras universitárias surgiram na década de 90, para apoiar essas experiências dentro da sua missão de desenvolver ensino, pesquisa e extensão. Trabalhamos de forma integrada com a UNEB, a UEFS e a Universidade Católica de Salvador, que também têm incubadoras universitárias. Temos algumas ações com as incubadoras do IFBA, da UFBA, da UESC e da UESB. Então a gente tem essa rede de colaboração entre as universidades na Bahia. Aqui, na sede da Incuba, em Cruz das Almas, também atuam a Base de Serviço Territorial de Comercialização vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Superintendência da Agricultura Familiar da Secretaria da Agricultura, Reforma Agrária e Irrigação, o Agente de Desenvolvimento Territorial da Secretaria de Planejamento do Estado e o Colegiado do Conselho Territorial do Recôncavo da Bahia. Além dos escritórios, temos cozinha, sala de informática e sala de formação, que são usadas de forma livre pelos grupos e por todas as instituições que compõem o espaço físico. A integração aqui vai além do espaço físico, mas participamos como um dos sujeitos que pode contribuir e ter contribuição nas ações destas instituições com a socialização e o planejamento de forma integrada.

### Revista Extensão: A INCUBA atua hoje com 19 grupos dos territórios de identidade do Recôncavo, SisaI, Portal do Sertão, Baixo Sul e Metropolitana de Salvador. Como é estabelecida essa relação?

**“Na Incuba, produzimos conhecimento a partir da sistematização de uma experiência que por muito tempo foi invisível à sociedade e em especial às universidades”.**

**Tatiana Velloso:** Os projetos são planejados de acordo com os estágios organizacionais dos grupos. É um processo com muitos desafios porque os grupos têm um tempo, nós da universidade temos outro e as agências financiadoras/ apoiadoras outro. A partir de oficinas, realizamos o diagnóstico organizacional participativo que dá origem a um plano de intervenção em que consideramos aspectos não apenas econômicos. Se você trabalha com grupos de alimentação é uma dinâmica, com grupos de artesanato, quilombolas, é outra. Com os quilombolas a gente vai lá aprender o que eles consideram e trabalham a concepção de organização. Eles têm a prática centenária de sobrevivência e de luta a partir da organização comunitária. Trabalhamos na construção de uma perspectiva de cidadania junto com os grupos, colocando o estudante e o professor em contato com uma realidade viva. Com isso, na Incuba, produzimos conhecimento a partir da sistematização de uma experiência que por muito tempo foi invisível à sociedade e em especial às universidades.

**Revista de Extensão:** Qual o lugar das mulheres dentro da economia solidária?

**Tatiana Velloso:** O processo de exclusão tem sexo e tem cor. Na INCUBA nós temos uma atuação muito forte com as mulheres, principalmente rurais. Trabalhamos com mulheres que começaram a se organizar no sentido de buscar sua autonomia, o que passa pela questão econômica, da geração de trabalho e elevação de renda. Muitas vezes elas são arrimo de família, mas por uma questão de gênero, não se sentem “sujeitos”. Grande

parte dos empreendimentos que acompanhamos é formada por mulheres, no Recôncavo, no Portal do Sertão, no Baixo Sul e no Sisal.

**Revista Extensão:** A INCUBA trabalha com linhas de pesquisa que abrangem aspectos jurídicos, educação popular, finanças, marketing e comercialização, meio ambiente, movimentos e organizações sociais, políticas públicas, desenvolvimento territorial, saúde pública, segurança alimentar e nutricional. Como todas essas disciplinas convergem?

**Tatiana Velloso:** São linhas que foram desenvolvidas a partir dos trabalhos realizados com os grupos e que agregam docentes dos cinco centros de ensino da UFRB. A realidade é complexa. Eu não posso fazer um curso de boas práticas sem considerar elementos jurídicos, modelo de gestão, estudo de viabilidade, contabilidade, meio ambiente. Agora mesmo estamos num processo de formalização de uma associação de catadores, que a Profa. Nara Eloy, da área jurídica do curso de Gestão de Cooperativas está desenvolvendo sob a coordenação da profa. Maria Conceição Soglia e com as profas. Lidiane Lordelo, Anaxsandra Duarte e Alessandra Valentim. Com o Cata Renda, a primeira coisa foi construir um sentimento de identidade do grupo (chega a Profa. Nara Eloy).

**Nara Eloy:** É um grupo de mulheres e era preciso decidir se seria uma cooperativa ou associação. Após a apresentação dos tipos de organização, as mulheres decidiram pelo modelo de associação. A partir daí construímos em oficina o estatuto social, mas o importante para nós são que elas entendam o que está escrito ali. Mesmo sendo uma terminologia extremamente jurídica, aos poucos conseguimos fazer com que elas incorporem as necessidades do grupo ao regimento da associação, entendendo que isso pertence a elas e não à gente,

à INCUBA, aos professores e aos estudantes. É o mais importante.

**Tatiana Velloso:** Esse trabalho que a Profa. Nara facilitou na área jurídica com o Cata Renda envolveu a sistematização do modelo de gestão. Então não é apenas o aspecto jurídico, das normas e da legislação. O documento precisa traduzir as relações que o grupo construiu e que envolve também a comercialização e a saúde. É um aprendizado enorme, eu tenho aprendido muito da área de saúde, facilitamos a construção de estudos de viabilidade, porque a centralidade está no grupo e a universidade é um sujeito que contribui e pode ter contribuição na dinâmica de construção de saberes. Não sou administradora, não sou da contabilidade, mas já consigo ler um balanço (risos).

**Revista de Extensão: Em que momento o empreendimento ganha autonomia, ou seja, sai da incubadora?**

**Tatiana Velloso:** Um exemplo interessante são os grupos que atendem hoje às cantinas da UFRB. A universidade participou de um grupo de trabalho que reunia Estado e sociedade civil com o objetivo de buscar alternativas de geração de renda para pessoas submetidas à produção clandestina de fogos de artifício por conta da catástrofe que ocorreu há doze anos em Santo Antônio de Jesus. Percebemos que não era só um problema de Santo Antônio e sim territorial. Em 2008, começamos a trabalhar com um grupo de alimentação de Bom Gosto, em São Felipe em que as mulheres produziam fogos de artifícios precariamente e sem segurança, e outro de Batatan, em Maragojipe. Fizemos um processo de incubação para organização dos grupos e do processo de produção. Foram dois anos de formação intensa. Então a universidade abre uma chamada pública para gestão das cantinas, elas concorrem e ganham e teve o apoio da

incubadora territorial da Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra – CEDITER através da FAPESB/SECTI/SETRE e de patrocínio da PETROBRAS. Ainda trabalhamos como essas mulheres na implantação de uma cozinha em São Felipe, que vai atender não só ao mercado da universidade, mas também ao PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar que garante que pelo menos 30% da alimentação escolar seja da agricultura familiar, além do PAA que é um programa de aquisição de alimentos da CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Este projeto da cozinha foi aprovado em edital público da CAR/BNDES/SETRE/SEAGRI com apoio da Prefeitura Municipal de São Felipe e do Conselho Territorial do Recôncavo da Bahia. Então não temos um tempo específico, depende do grupo e a relação ao longo do tempo vai modificando. Neste grupo, por exemplo, não fazemos mais o acompanhamento como foi no início, temos uma relação de parceria mais pontual com ações na área da nutrição no processo de produção e de gestão com algumas oficinas esporádicas. O importante aqui é a autonomia do grupo no processo de gestão e a parceria é nos momentos necessários e demandados pelo próprio grupo.

**Revista Extensão: Como é feita a gestão de todos esses projetos?**

**Tatiana Velloso:** Considere três níveis de gestão: uma feita pela comunidade no tocante ao projeto e as responsabilidades do grupo/comunidade. É esse aspecto que é importante, pois determina o êxito do projeto na comunidade. A autonomia depois da incubação. A centralidade aqui está no grupo.

Outro que diz respeito à gestão dos recursos captados juntos a órgãos financeiros em que contribuimos com a elaboração e a sistematização de relatórios e de prestação de contas. E o da gestão das equipes e das ações a partir de Grupos de Trabalho que integram a universidade e os grupos no processo de gestão.



Quase tudo que captamos vai para compra de equipamentos e materiais para os grupos, como também para bolsas para estudantes de graduação e para a garantia das atividades formativas e de acompanhamentos para os grupos. Eles entram como público participante e em alguns casos como executores ou coexecutores e envolvemos os estudantes no processo de acompanhamento. Precisamos de uma estrutura de trabalho e vamos aos poucos incluindo isso, mas quando surge um edital em que você pode contribuir junto aos grupos com estruturas estratégicas como: prensa, elevador de carga, despoldadeira, qualificação da produção, estudos de viabilidade, a prioridade é essa, como também buscamos envolver estudantes, com bolsas de pesquisa e de extensão. Temos a responsabilidade de construir com o grupo o estudo de viabilidade econômica de empreendimentos associativos. A coordenação é integrada, de forma colegiada e envolve o público participante. Planejamos e prestamos contas aos grupos quando o projeto é desenvolvido diretamente pela universidade.

**Revista de Extensão: Quantas pessoas estão envolvidas hoje nos projetos da INCUBA?**

**Tatiana Velloso:** Temos atualmente a parceria com 19 grupos comunitários, entre assessoria e incubação, e temos o mesmo número de professores atuando diretamente conosco em diversos níveis. Estudantes são muitos, em torno de 50, cerca de 15 apenas no Cata Renda. Agora nós abrimos 36 bolsas para estágios porque chegaram recursos de dois projetos da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. As bolsas para os

estagiários também integram estudantes de outras incubadoras como da UNEB, IFBA e UCSal. Tem também bolsista de projeto de pesquisa, Propaae, alunos fazendo TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e estágio supervisionado, FAPESP, CNPq, PIBEX. Já tivemos também o PIBIC.

**Revista de Extensão: É possível dizer que há uma transformação da realidade social?**

**Tatiana Velloso:** Eu acho que principalmente na participação política e econômica, porque independente de estarem no mercado formal ou não,

esses grupos estão gerando riquezas. Só estão na invisibilidade porque a grande construção que a gente tem pela frente é sair das políticas compensatórias para outras estruturantes e emancipatórias. Sabemos que a INCUBA não vai revolucionar nada. Nós temos um papel, mas se não tiver outros sujeitos nesse processo, não adianta. E principalmente a centralidade nos grupos e sua organização. Nossa importância maior se dá na formação acadêmica. Os alunos saem com outra formação, assim como os docentes, nesta relação com os grupos. Nós falamos tanto do tripé, mas em geral não conseguimos fazer essa articulação, que é a possibilidade de permear o ensino, a pesquisa e a extensão de forma interdisciplinar na nossa realidade de multicampia. E essa é a experiência que eu tenho na INCUBA.

**“A grande construção que a gente tem pela frente é sair das políticas compensatórias para outras estruturantes e emancipatórias”**

**Jornal-mural *O Expresso*: a prestação de serviços a partir de uma edição especial foto-ilustrativa**

The wall-newspaper *Expresso*: service installment from a special edition photo-illustrative

**Autoras:****Jéssica Santana Lopes**

Graduanda do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa UFV. [jessica.santana@ufv.br](mailto:jessica.santana@ufv.br)

**Laene Mucci Daniel**

Prof<sup>a</sup>. Ma. da Universidade Federal de Viçosa - UFV. [laenemucci@gmail.com](mailto:laenemucci@gmail.com)

**Resumo:**

O artigo apresenta a edição foto-ilustrativa do jornal-mural *O Expresso*. Esta edição foi produzida a partir de pesquisa realizada com 100 usuários de ônibus - o público-alvo do jornal - que indicaram a preferência pelas fotos e ilustrações e a importância de matérias do tipo prestação de serviço. Após oito edições circuladas, a edição especial veio para possibilitar ao jornal-mural maior aproximação do Jornalismo Público, reforçando a participação dos leitores ao levar em conta as pautas sugeridas por eles, estreitando constantemente as relações.

**Palavras – chave:** Jornal – mural. Prestação de serviços. Jornal do ônibus. *O Expresso*.

**Abstract:**

The article presents the photo-editing illustrative wall-newspaper *Expresso*. This edition was produced from research conducted with 100 bus users - the target audience of the newspaper - who indicated a preference for the photos and illustrations and the importance of raw type service installment. After eight editions circulated, the special edition came to allow the newspaper-wall closer the Public Journalism, strengthening the participation of readers to take into account the guidelines suggested by them, constantly narrowing relations.

**Key-words:** Wall-newspaper. Service installment. Journal of Bus. The *Expresso*

## 1 INTRODUÇÃO

O jornal-mural *O Expresso* é produzido por estudantes de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa desde agosto de 2011, voltado especificamente para os usuários do transporte coletivo da cidade mineira. *O Expresso* se distingue entre os outros jornais do município por sua periodicidade mensal e por ser distribuído gratuitamente. Além disso, o jornal pauta pessoas comuns da sociedade que, geralmente, não são destaque na grande mídia. Nesta edição especial há a participação da comunidade local sugerindo pautas, ou seja, trata-se de um meio de comunicação que é feito para e com a participação do usuário de ônibus.

No seu segundo ano de circulação e com oito edições já publicadas, a equipe do jornal lança uma edição especial após a aplicação de questionários com 100 usuários de ônibus. O intuito era que ela atendesse aos pedidos dos usuários de ônibus. Desta maneira, a partir dos resultados coletados chegou-se à conclusão de que 80 usuários de ônibus consultados se lembram das fotos e das ilustrações do jornal representando, portanto, a maioria (80%). É crucial ressaltar que o público d'*O Expresso* é heterogêneo (crianças, adultos, idosos, donas de casa, trabalhadores, estudantes, etc.) e há pessoas que não sabem ler, logo, a importância de se ter um número maior de imagens no jornal-mural facilitando a visualização por todos, e inclusive, dos analfabetos.

O jornal-mural, então, permite atender a um público pouco familiarizado com a leitura, porém diretamente interessado nos temas tratados pelo jornal. Ou seja, o fato de se estar abordando a vida da comunidade, suas conquistas, seus problemas são motivos por si só para mobilizar a população para a leitura do

jornal, mas as dificuldades e as questões inerentes ao cotidiano, até mesmo de se garantir a sobrevivência – realidade nos meios populares brasileiros e latino-americanos – tornam esta leitura, muitas vezes, secundária. As fotos, as ilustrações e o colorido, então, aparecem como um estímulo ao sentido da visão, servindo de subterfúgio para a leitura do texto e, ao mesmo tempo, sendo também eles informações que se somam. (SPENILLO, 2007, p.3)

Outro ponto identificado na pesquisa é que matérias que abordem prestação de serviços, - já produzidas pelo jornal-, são valorizadas e sugeridas ainda mais pelos usuários de ônibus. Das 57 pessoas que sugeriram pautas, 37 (64,91%) pediram que fossem divulgadas instituições da cidade que proporcionam à comunidade serviços gratuitos. A partir disso, a edição especial foi composta por matérias do tipo prestação de serviços tratadas no formato de ilustrações e fotografias.

## 2 OBJETIVO

A edição especial d'*O Expresso* tem como objetivo geral proporcionar ao público-alvo um veículo de informação feito para e com eles. Dentro desse objetivo, destaca-se o intuito de produzir um jornal mais próximo às necessidades do público (os usuários de ônibus). Além disso, objetiva-se o estreitamento das relações com os leitores para assim, caminhar em direção a uma participação efetiva do público na produção do jornal.

Ao criar um jornal que atenda aos pedidos dos leitores, conseqüentemente, aumenta-se a visibilidade d'*O Expresso* que é também um dos objetivos da equipe. Por fim procura-se propiciar aos alunos de Jornalismo da UFV um maior contato e

vivência com o fazer jornalístico. O jornal é uma oportunidade de colocar em prática os conceitos aprendidos em sala de aula, além de propor experiências novas e enriquecedoras para a futura profissão.

### 3 JUSTIFICATIVA

A edição especial d'O *Expresso* é importante, pois seu processo de produção envolveu um maior contato com o público-alvo, o que é fundamental, já que se deve sempre tentar atender aos seus pedidos e estreitar as relações. Seguir o que os usuários de ônibus responderam através de questionários é cumprir com o Jornalismo Público que como Duarte (s.d.) afirma está ligado à "conceituação de serviço público que tem como prerrogativa o atendimento às necessidades do cidadão, assim como saúde, educação, cultura, e assim é o que deve pretender fazer um veículo de comunicação pública". Ou seja, as informações contidas no veículo de comunicação, (neste caso, O *Expresso*) devem ser voltadas para os cidadãos. Característica apontada por Corcino e Mucci Daniel que sobre O *Expresso* afirmam, "é uma produção alternativa da forma tradicional de se fazer um jornal, principalmente, por tentar se aproximar ao máximo da realidade dos usuários dos ônibus municipais" (2012, p.2).

Outro fator que justifica a importância da edição especial d'O *Expresso* é o fato da contribuição que ele propõe ao público-alvo, já que por meio das matérias os usuários de ônibus podem se informar acerca de serviços prestados gratuitamente na cidade. E um modelo com fotos e ilustrações facilita a visualização, ao diminuir o bloco de texto e destacar as mensagens visuais, e também pelo fato de se tratar de uma leitura em movimento que deve ser objetiva e rápida.

O jornal-mural mostra-se como um recurso por excelência no trabalho com grupos populares, pois une ao texto escrito imagem, cor e adereços visuais, que facilitam atrair a atenção do leitor. Uma atenção que já é naturalmente disputada por conta dos inúmeros atrativos audiovisuais de nossa sociedade, e que nos meios populares encontra-se, ainda, especialmente comprometida pelas características da linguagem cotidiana serem muito mais orais do que escritas. (SPENILLO, 2007, p.3)

Fator apontando por França (1988, s.p.) também que diz que o jornal-mural é "um instrumento de comunicação rápida e imediata".

### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O projeto de criação da edição especial d'O *Expresso* foi dividido nas seguintes etapas:

#### 4.1 Pré produção

Esta fase envolveu a elaboração dos questionários, contendo seis perguntas: a) o que você mais gosta d'O *Expresso*? ; b) Como você encara as fotos? ; c) Sobre o quadro "Da janela", o que te chama mais atenção? ; d) Você já leu o expediente? ; e) As informações contidas nO *Expresso*, já te serviu/ajudou em algo?; f) O que você sugere para as pautas, identidade visual e distribuição do jornal?

Foi estabelecida a meta de aplicar 100 questionários por diversos pontos de ônibus da cidade, a aplicação ocorreu entre o final de março e início de abril. Para criar a edição especial, a equipe do jornal focou na observação das respostas para as perguntas a e f, pois informavam o formato e o tipo de matérias

que os leitores preferiam. Logo após a tabulação e análise de dados, o grupo observou que:

- Conforme a tabela 1, dos 100 usuários de ônibus consultados, 38 (38%) responderam que se lembram das fotos e 42 (42%) das ilustrações d'O *Expresso*.

Tabela 1: O que você mais gosta d'O *Expresso*?

Ilustrações		Fotos		Outros (cores, matérias)	
42	42%	38	38%	20	20%

Número total de base: 100

- Conforme a tabela 2, dos 100 usuários entrevistados, apenas 57 (57%) sugeriram pautas, e dentro desse grupo, 37 (64, 91%) escolheram prestação de serviços.

Tabela 2: Sugestões de pautas

Prestação de serviços		Outros (notícias da cidade, esporte, bem estar)	
37	64, 91%	20	35,09%

Número total base: 57

#### 4.2 Produção e finalização

A partir dos resultados obtidos, ficou decidido que a edição especial iria tratar de assuntos voltados à prestação de serviços na forma de fotos e ilustrações. As pautas foram escolhidas por meio de pesquisas sobre instituições que

prestam serviços gratuitos à cidade, além de temas atuais que merecem maior atenção, como por exemplo, a dengue. Só em Minas Gerais desde o início do ano até o dia 12 de março foram notificados 78.242 casos de dengue<sup>1</sup>, índice alarmante, precisando, assim, de maior conscientização da sociedade.

Após esse primeiro passo, o ilustrador e a fotógrafa começaram os respectivos trabalhos, cabendo aos outros membros da equipe à responsabilidade de redação, além de editar, revisar e diagramar o jornal-mural. Finalizadas as etapas acima, o jornal passou pela produção gráfica. A última fase foi a de colagem da edição especial dentro dos transportes coletivos e nos pontos ônibus da cidade.

#### 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A edição especial d'O *Expresso* teve tiragem de 200 exemplares. Impressa em papel couchê liso, gramatura 90g, no formato 41 x 60,5 cm, a quatro cores. O público-alvo do jornal são os usuários de ônibus coletivo de Viçosa e devido a isso o jornal é afixado no interior dos ônibus em um vidro que fica atrás da cadeira do motorista obedecendo à característica do jornal-mural que é colado "sobre a superfície do quadro de avisos propriamente dito, dependente, portanto desse suporte" (LOCK, 2007, p.2). Além disso, o jornal é afixado também em alguns pontos de ônibus do município.

Essa edição possui cinco matérias que falam sobre: o "Capoeirê" que se trata de um projeto cuja finalidade é ensinar capoeira e transmitir valores morais às crianças carentes,

<sup>1</sup> Dados obtidos do site <http://www.combateadengue.com.br/minas-tem-quase-80-mil-casos-de-dengue-situacao-ainda-pode-piorar/> Acesso em 13/04/2013.

gratuitamente, exigindo apenas, que elas frequentem a escola e tenham boas notas; A Rebusca – Ação Social Evangélica Viçosense que é uma instituição que cuida das crianças enquanto suas mães trabalham, além de oferecer assistência às famílias e possuir diversos programas sociais; A APONE – Associação dos portadores de necessidades especiais – que auxilia essas pessoas com limitações físicas com transporte, cestas básicas, apoio emocional e psicológico, na busca por um emprego, entre outros serviços.

Além disso, a edição especial do jornal-mural traz também uma ilustração que apresenta as principais características dos agentes da dengue de Viçosa, como bolsa amarela, crachá de identificação e blusa polo amarronzada. A proposta é de convencer os moradores a deixarem os agentes entrarem em suas casas, uma das dificuldades encontradas no combate à dengue em Viçosa. Por fim, tem-se uma história em quadrinhos onde pai e filho conversam sobre livros, incentivando assim, a leitura e apresentando um local na cidade onde os livros podem ser emprestados a qualquer pessoa. Esse assunto foi escolhido, após observar pesquisas do Instituto Pró-Livro<sup>2</sup> que revela que o índice de brasileiros considerados leitores, caiu de 55% em 2007 para 50% em 2011.

Figura 1: Edição Especial foto-ilustrativo d'O Expresso



Fonte: DADOS DO PROJETO, 2013.

Além do predomínio de temas ligados à prestação gratuita de serviços, a edição especial diferencia-se das outras edições do jornal por algumas modificações na identidade visual, como por exemplo, a logomarca que foi enriquecida com o acréscimo de dois personagens simbolizando os leitores do jornal, numa direta referência à participação especial do público-alvo no processo desta edição. O tradicional vermelho das bordas externas do jornal foi substituído pela cor verde, escolhida por ser associada, segundo Freitas (2007) com bem-estar, saúde, paz, juventude e remeter à esperança, que tem ligação direta e indiretamente com o conteúdo das matérias do jornal.

<sup>2</sup> Dados obtidos do site [http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf)  
Acesso em 13/04/2013.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Após a circulação de oito edições d'O Expresso em busca do estreitamento e maior interação com nosso público, resolvemos fazer uma edição especial voltada a atender exclusivamente os resultados da pesquisa. O que foi importante, pois, os 100 usuários de ônibus consultados apontaram sugestões, críticas, preferências e novos rumos. Além disso, notamos que é necessário consultar, ouvir e interagir mais constantemente com o nosso público-alvo.

Os principais objetivos já estão sendo atingidos como o de entreter e informar o usuário de ônibus além de possibilitar um jornal produzido para eles. A equipe precisa avançar e dessa maneira, intensificar a participação do público por meio de reuniões com as associações de bairro, questionários, oficinas, entre outros, para que eles participem sugerindo pautas, e quem sabe, futuramente, na produção direta do jornal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**COMUNICAÇÃO EM MOVIMENTO. O Expresso: o jornal-cartaz dos usuários de transporte coletivo de Viçosa.** Projeto de extensão do Curso de Jornalismo, Departamento de Comunicação Social UFV. Aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, UFV, 2012-2014 (documento interno)

CORCINO, Marcela, MUCCI DANIEL, Laene. **O Expresso: O jornal-mural para o usuário de ônibus coletivo de Viçosa.** Disponível em

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/expocom/EX33-1788-1.pdf> >. Acesso em 16/04/2013.

DUARTE, Patrícia. **Jornalismo público é possível.** Disponível em < <http://www.arpub.org.br/zip/texto8.pdf> >. Acesso em 16/04/2013.

FRANÇA, Fábio. **Jornal Mural: Nova e Eficiente Opção.** In: Catálogo Brasileiro de Profissionais de Relações Públicas, São Paulo, v. 10, p. 115-116, dez. 1988, editado pelo CONRERP 2ª Região – São Paulo/Paraná. Disponível em < <http://www.portalrp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/comunicacaodirigida/0059.htm> >. Acesso em 13/04/2013.

FREITAS, Ana Karina. **Psicodinâmica das cores em Comunicação.** Disponível em < [http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica\\_das\\_cores\\_em\\_comunicacao.pdf](http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf) >. Acesso em 16/04/2013.

LOCK, Vicente Marcos. **Publicação empresarial versus jornal-laboratório. A experiência do jornal-cartaz Grita Grilo.** In: 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007. Disponível em < <http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=30&cf=1> >. Acesso em 14/04/2013.

SPENILLO, Giuseppa. **Comunicação Comunitária e novas tecnologias – por uma formação profissional em busca da cidadania.** Disponível em < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116821803492441789618364147096662449211.pdf> >. Acesso em 13/04/2013.

## Práxis pedagógica: as contribuições do PIBID na formação do professor

Pedagogical praxis: the contributions of PIBID in teacher training

### Autores:

#### João Pedro de Lima Doarth

Graduando do Curso de Educação Física da UFGD. [jpdickinson2121@hotmail.com](mailto:jpdickinson2121@hotmail.com)

#### Maria Sílvia de Lima

Prof.ª. Esp. em Coordenação Pedagógica pela UFMS. [marysilvialima@hotmail.com](mailto:marysilvialima@hotmail.com)

### RESUMO

O estudo tem como objetivo conhecer e descrever os resultados da atuação de acadêmicos do curso de Educação Física da UFGD, participantes do PIBID, na Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso, em Dourados-MS, assim como analisá-los a partir de uma visão crítica sobre a práxis pedagógica na formação do professor. Justifica-se a escolha do tema no intuito de obter-se uma visão clara sobre a práxis pedagógica na formação docente. O resgate das cinco tendências da Educação Física brasileira e o apontamento da práxis, com a reflexão e a ação dos homens na transformação da realidade foram primordiais no desenvolvimento do estudo. Utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, coletando os materiais por meio do método de questionário aberto, contemplando uma questão dissertativa de opinião, com base na vivência do informante pibidiano na instituição escolar. A análise dos dados sugere que o PIBID de Educação Física contribui de diferentes formas para a formação dos futuros professores e ainda fortalece a práxis reflexiva, viabilizando no futuro professor de Educação Física a projeção de sua práxis pedagógica, pois sem a prática a teoria seria apenas o retrato de ideias soltas e abstratas.

Palavras-chave: Práxis. Educação Física escolar. Formação de professor.

### ABSTRACT

This study aims to discover and describe the results of the performance of students of Physical Education UFGD, participants PIBID, in the Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso in Dourados-MS as well as analyze them from critical insight into the pedagogical praxis in teacher education. Justifies the choice of the subject in order to obtain a clear view on the pedagogical praxis in teacher education. The rescue of the five trends Brazilian Physical Education and the appointment of praxis, reflection and action with men, in the transformation of reality were paramount in the development of the study. Used as a qualitative research methodology, collecting materials by the method of open questionnaire Essay contemplating a question of opinion, based on the experience of the informant pibidiano in schools. The analysis suggests that the PIBID Physical Education contributes in different ways to the training of future teachers and further strengthens the reflective practice, enabling future physical education teacher projecting their pedagogical praxis, because without practice the theory would be just the picture loose and abstract ideas.

Keywords: Praxis. Physical Education. Teacher training.

## INTRODUÇÃO

O modelo pedagógico da Educação Física escolar é alvo de constantes transformações e indagações. O conhecimento no âmbito da educação propagado através de estudos no decorrer das últimas décadas (FREIRE, 1987; GADOTTI, 1998; SAVIANI, 1989) é notável e sua relevância é indiscutível quando tratamos da melhora de uma realidade educacional. A relevância desta disciplina escolar na formação do aluno como um cidadão atuante em sociedade e pensante quanto às diversas problemáticas de sua realidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992; CASTELLANI FILHO, 1988) é essencial para a sua valorização no recinto escolar.

As atuais mudanças no processo de formação do profissional docente podem ser presenciadas tanto na universidade como na escola, sendo esta uma evolução significativa para o desenvolvimento da educação no Brasil. O modelo centrado somente na transmissão de teoria para o acadêmico em formação se torna obsoleto e algumas indagações de cunho prático-teóricas (FREIRE, 2011) aparecem no âmbito da academia. O caminho da educação toma o viés da práxis pedagógica e a graduação do licenciando deve evoluir concomitantemente à atual realidade educacional.

A prática, por si só, não se sustenta, enquanto a teoria, individualizada, cai no abstracionismo conceitual. O diálogo entre teoria/prática se instrumentaliza na práxis pedagógica. Segundo Freire (2011) a dialogicidade incessante dos dois objetos constitui a essência do saber-fazer pedagógico do professor e, por esta perspectiva de diálogo o professor atuará sobre a reflexão crítica em sua docência em uma prática de liberdade. A ação enfatizada exclui a reflexão e impossibilita o diálogo, negando a autêntica práxis.

A constante reconstrução do trabalho pedagógico do professor deve se configurar sobre seu ideal de homem, mundo

e sociedade. A teoria alimenta a prática, assim com a prática alimenta a teoria. Por meio da reflexão crítica o professor desenvolverá os diagnósticos sobre seu trabalho prático, refletindo sobre os pontos principais do mesmo para que em sua próxima ação docente seu trabalho se reconstrua a partir do entrelaçamento entre o que pensa e o que faz cotidianamente. A situação de movimento no ser humano caracteriza a reflexão-ação-reflexão inerente ao sujeito social em constante movimento e ao diálogo necessário entre teoria e prática (FREIRE, 1987).

O tema surge em decorrência da transformação que na educação é constatada em seu desenvolvimento histórico. A formação do futuro profissional que atuará na educação básica está, indubitavelmente, relacionada à melhora - ou não - da educação brasileira. A práxis pedagógica é um caminho para a evolução da educação? O PIBID está auxiliando neste processo? Qual a visão de um acadêmico bolsista deste programa e atuante na escola sobre esta problemática?

O estudo tem como objetivo conhecer e descrever os resultados da atuação de acadêmicos do curso de Educação Física da UFGD, participantes do PIBID, na Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso, em Dourados-MS, assim como analisá-los a partir de uma visão crítica sobre a práxis pedagógica na formação do professor.

Para Freire (1987) a consciência crítica da realidade do indivíduo apenas se propagará por meio da busca pela práxis. No entanto, a práxis verdadeira, a autêntica práxis. Sem ativismo, com ação e reflexão. Deste modo, esta problemática se torna de possível resolução. O mundo deve ser transformado e a superação de determinados aspectos, como a contradição opressor-oprimido, deve ser efetiva e para isso, a reflexão e a ação dos homens por meio da práxis é fundamental. A existência humana não pode ser muda e silenciosa, apenas reproduzindo o mundo em que vive, mas sim dialógica e transformadora da realidade. O professor deve se conscientizar

da segregação de classes para apresentar a realidade ao aluno como ela verdadeiramente se estrutura, utilizando-se dos temas geradores como princípio para a leitura de mundo do educando.

De acordo com Abbagnano (1998) a palavra teoria se conceitua como uma condição hipotética ideal onde há pleno cumprimento de normas e regras, enquanto a prática se configura como aquilo que é imediatamente traduzível em ação na realidade, sendo observada de modo imperfeito ou parcial. O conceito de realidade indica o modo de ser das coisas existentes fora da mente humana ou que não dependem dela. Assim é possibilitada a compreensão da palavra práxis, transcrição da palavra grega que significa ação. Com esta palavra, a terminologia marxista designa a constituição social, as relações de trabalho e a ação transformadora que a revolução deve exercer sobre tais relações.

Segundo Freire (2011) somente através do diálogo com o aluno e com sua realidade social poderá se constituir a construção do conhecimento e não a transmissão do mesmo. Este saber deve ser efetivado na formação do professor enquanto discente para que se formule em seu ideal de educação e se consolide como um sujeito em constante reconstrução pedagógica, problematizando e desafiando junto aos alunos e aos conteúdos escolares por sua relevância social.

De acordo com Gadotti (1998) não é possível falar com convicção de educação sem ao menos tê-la estudado, vivenciado e refletido. A filosofia, tentando manter sempre viva a dialética sujeito-objeto do conhecimento exige a prática das coisas que a mesma fala. Sua prova de verdade é a práxis. A experiência da educação lhe dá o respaldo adequado para que se possa falar sobre o tema. A relação entre o autor e o que ele preconiza, da teoria e a práxis, alimenta o discurso educativo. Todo o homem é filósofo, não porque filosofam, mas porque trabalham e pensam o seu trabalho.

A práxis pedagógica percorre um âmbito amplo em nossa sociedade. Para Gadotti (1998) a prática social é um objeto que deve estar intrinsecamente relacionado ao papel do pedagogo, este que, por sua vez, estará vinculando seu ato educativo com o ato político, isto é, a relação da teoria com a prática social emancipadora será vigente e objetiva. A comunidade, rodeada de decorrentes transformações, pede por outras funções do pedagogo, exigindo uma atenção dos educadores aos seus problemas, angústias e inquietações.

A concepção de educação “bancária”, onde o educando apenas recebe a informação e a arquiva se torna antiquada. A proposição de educação problematizadora, que parte do caráter histórico e da historicidade dos homens, é uma contundente proposição educacional. Reconhecendo os seres humanos como inacabados, inconclusos e com uma realidade que está em constante transformação, a educação problematizadora adota um viés de evolução e desenvolvimento, enxergando a educação como um objeto que se refaz constantemente na práxis, pois o homem sempre “está sendo” e nunca está terminado (FREIRE, 1987).

A busca pela dialogicidade que deve estar presente na educação como uma prática da liberdade é incessante. Esta busca nos revela duas dimensões: a ação e a reflexão. Trata-se de dois objetos, de tal forma solidários entre si e que interagem profundamente, sendo que o caminho de uma das dimensões está completamente relacionado ao da outra. Desta maneira, exclui-se a dicotomia existente entre elas, gerando sua denominação verdadeira, a palavra práxis (FREIRE, 1987).

De acordo com Freire (1987) para que haja diálogo a condição da humildade é um princípio básico, sem temer a superação do outro quanto a você mesmo. O reconhecimento de que o outro é necessário é fundamental, pois a autossuficiência demonstra a incompatibilidade com a humildade e com o diálogo. Se a palavra não coincidir com os atos não se pode

estimular o diálogo e a liberdade. Falar em democracia e silenciar os homens é uma farsa. Assim como falar em educação crítica e impor os saberes aos discentes sem conflito, embate, prática e reflexão configura-se em algo não verdadeiro. A práxis fundamenta-se, pois, sob este ideal. Um princípio de constante diálogo e conflito para a percepção da realidade como ela realmente se apresenta e não como nos apresentam os dominantes.

Ao buscar compreender o pensamento atual na Educação Física escolar, a reflexão sobre suas bases e raízes históricas demonstra o caminho que a área percorreu. Para que o presente possa ser entendido e o futuro melhorado, este resgate sócio-histórico é fundamental. Neste sentido, ressaltam-se os estudos apresentados por Paulo Ghiraldelli Jr. (1991, p.15-16), que preconiza:

[...] foi possível resgatar cinco tendências da Educação Física brasileira: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagógica (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós-64); e, finalmente, a Educação Física Popular.

Conforme Ghiraldelli Jr. (1991) com um forte apelo à saúde do indivíduo, a primeira fase constatada da Educação Física brasileira caminha sob o viés da saúde. O lema “mente sã em corpo sã” e a insistência nos aspectos de disciplina nos hábitos cotidianos da sociedade obtinham um forte apoio da área médica, pois ajudariam a combater diversas doenças e vícios que deterioravam a saúde. A Educação Física brasileira possuía, então, seu principal foco: a aquisição de saúde pelo indivíduo que seguisse corretamente o padrão proposto pelo programa de Educação Física.

Segundo Melo & Fortes (2010) uma fase da Educação Física brasileira que percorre meados dos anos de 1930 chama a atenção exemplificando uma exacerbada preocupação tangente à história da Educação Física e, principalmente, da ginástica. Destacando-se o caráter embrionário destes estudos e a produção nacional escassa, a saída encontrada eram as pesquisas em outros países para que a informação pudesse percorrer as terras brasileiras.

Para Ghiraldelli Jr. (1991) ao se passar da corrente higienista formada acerca da Educação Física no Brasil, a saúde ainda era um dos focos da próxima tendência, porém, objetivando algo diferente, mas de acordo com os preceitos de quem governava. Esta tendência da área foi denominada de Educação Física Militarista. Visando impor à sociedade diversos padrões de comportamento, o governo brasileiro volta-se, novamente, à educação do corpo. Buscando corpos combatentes, prontos para a luta e para a guerra, a Educação Física deveria privilegiar a “elevação” da nação, acima de tudo, deixando de lado os fracos e premiando os fortes. O exemplo de bravura e coragem sempre deveria estar exposto e a formação do cidadão-soldado era prioridade (GHIRALDELLI JR, 1991).

Para Ghiraldelli Jr. (1991) com um fim de engrandecimento da pátria e amostras de que a sociedade sempre estaria disposta a defendê-la, usa-se a Educação Física como um laboratório de seleção de soldados. No entanto, esta fase ainda não vê na Educação Física uma problemática que indique uma atenção especial voltada à sua inclusão na educação de forma sistemática.

Outra concepção ganha força no período pós-guerra (1945-1964), tendo em sua denominação boa parte de seu conceito principal, chama-se Educação Física Pedagógica. Finalmente a Educação Física no Brasil ganha um corpo sistemático e contundente e tem, em sua especificidade, questões relacionadas essencialmente à educação, tornando-se



uma disciplina comum aos currículos escolares. Os bens que esta área proporciona são concretos na vida do sujeito, tanto socialmente como nos aspectos motores. A Educação Física começa a ganhar determinada valorização e preconiza-se que a “educação integral” só poderia ocorrer caso a promoção da “educação do movimento” fosse efetiva. Os pensamentos transmitidos deveriam estar relacionados aos que se julgavam “ideais”. (GHIRALDELLI JR, 1991).

Castellani Filho (1988) diz que o papel da Educação Física na sociedade brasileira ainda estava em construção. Vários assuntos realçavam as especificidades desta área. A vez era do “mito do esporte”. Servindo-se de exemplos isolados como Pelé, Sócrates e João do Pulo, encontrar-se-ia um objetivo para a Educação Física. A ascensão social por meio do talento inato ao homem e que nele fluía naturalmente predominavam.

De acordo com GhiraldeLLi Jr. (1991) o andamento do pensamento na área se atrelava ao cultivo do atleta-herói que dava continuidade aos conceitos relacionados à Educação Física escolar. Os esportes deveriam ser trabalhados com um fim de alto rendimento. A escola era o celeiro de jovens atletas. Estava estabelecida a Educação Física Competitivista, tendência que ganha força nas décadas de 60 e 70. O caráter de extremo tecnicismo advém desta fase, quando a literatura da Educação Física estava voltada, em grande parte, para treinamentos esportivos e questões relacionadas à medicina esportiva.

Ainda no contexto da década de 80, GhiraldeLLi Jr. (1991) diz que as ideias do período pós-ditadura eram intensas, em um tempo de cultivo de utopias que não possuíam sua concretização até os tempos atuais, surgindo uma nova tendência. A Educação Física Popular, que possuía estes mesmos aspectos de sua época, se sustentava a partir de transmissões orais dos próprios trabalhadores e na atividade autônoma que os mesmos exerciam. O confronto cotidiano dos

trabalhadores é o conteúdo primordial, enquanto a saúde pública já não é a problemática mais focalizada.

Segundo Castellani Filho (1988) dois blocos de tendências antagônicas se configuram na Educação Física. O primeiro, composto pela Biologização e a Psicopedagogização, enquanto o segundo abrange uma proposta transformadora de sua prática. Castellani Filho (1988, p.171) aponta que “Análises de conjuntura demonstram-nos que a tendência que trabalha a concepção transformadora da prática da Educação Física vem conquistando e ocupando espaços cada vez maiores”. Na busca pela especificidade da Educação Física, Castellani Filho (1988, p. 171) apregoa que “buscam, enfim, tratar a Educação Física como sendo a área de conhecimento responsável pelo estudo acerca dos aspectos sócio-antropológicos do movimento humano”.

Castellani Filho (1988), a respeito da alta biologização da área, aponta que o saber relacionado apenas à anatomia do corpo humano não preenche toda a formação do profissional da área. O sujeito deve se fazer conhecedor dos significados que seu corpo expressa na sociedade, bem como de seus determinantes, para poder participar do processo de construção de seu tempo e da elaboração dos signos em seu corpo.

Para o Coletivo de Autores (1992) a Educação Física escolar se baseia na perspectiva da aptidão física, sendo o professor um mero “treinador” dos alunos “atletas”. Segundo Coletivo de Autores (1992) a área deve se pautar na reflexão sobre a cultura corporal e ter como finalidade primária a leitura de mundo pela relevância social de seus conteúdos para os alunos por meio de uma abordagem crítico-superadora da atuação docente.

A origem da Educação Física é marcada por seu trabalho essencialmente manual com fim na eugenia da raça e o embranquecimento da população brasileira do século XIX, que se desenvolvia no período pós abolição da escravatura



(CASTELLANI FILHO, 1988). A segregação de classes possui na escola um objeto determinante para seu sistema de produção prevalecer e se fortalecer na sociedade. A perspectiva reprodutivista da educação é alvo objetivo da classe dominante na constituição da instituição escolar. A Educação Física escolar sob a perspectiva crítico-superadora busca gerar conflito e contradição ao aluno sobre a realidade em que vive, caracterizando a leitura de mundo do mesmo como objeto principal e norteador da prática pedagógica do professor da área e, sem negar os conteúdos clássicos da mesma, colaborar para a transformação da realidade excludente inerente ao sistema de produção capitalista.

Sobre a educação formal atual, Saviani (1989) preconiza o dever de compreender a questão educacional partindo de seu desenvolvimento histórico, objetivando não a perpetuação e manutenção da sociedade, mas sim a transformação da mesma sob uma “Pedagogia Histórico-Crítica”. O autor afirma que “a escola é também, na situação atual, hipertrofiada tanto vertical como horizontalmente” (1989, p. 29). Em uma Pedagogia Histórico-Crítica a compreensão da realidade humana deve ser construída pelos próprios homens a partir do movimento inerente ao indivíduo ao longo do tempo.

De acordo com Brzezinski (2007) a construção das diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica foi marcada por momentos de tensão entre “instituinte” – instabilidade e conflito - e “instituído” – estabilidade ou consensuada. Para Brzezinski “à educação básica do presente século está reservado papel significativo no processo de socialização e formação de homens e mulheres [...] requerendo novas formas de ser, saber, e saber ser” (2007, p. 231).

Conforme Brzezinski (2007) as dimensões de educação da concepção apreendida por Boaventura Santos (1995) podem se dividir em: “a) conflito da aplicação técnica do conhecimento

e da aplicação edificante da ciência; b) conflito do conhecimento como regulação e como emancipação” (2007, p.232), sendo que da assertiva “a” entende-se que ocorre a consolidação da ciência moderna, resolvendo problemas sociais e políticos pela ciência para posterior reflexão entre os interessados, no limite da crítica com ética, e no apontamento “b” se vê a formação de professores levada ao viés de entendimento do aluno como “sujeito-razão e sujeito-subjetivação” (2007, p. 233). Como um dos apontamentos primordiais na formação do profissional da educação, a autora sinaliza que o mesmo deve “adotar a concepção de educação para a emancipação de homens e mulheres” e “reconhecer a práxis como princípio formativo” (2007, p. 234).

Para Giroux (1997) citado por Shigunov & Shigunov Neto (2009) os modelos pedagógicos construídos devem situar a escola em um contexto sócio-político, tendo o professor que, também, responder por competências sociais. Shigunov & Shigunov Neto (2009) relatam a importância do conhecer, saber e saber fazer como uma competência pedagógica primordial.

Segundo Assis & Rodrigues (2010, p. 06) a importância da práxis na formação de professores de Educação Física merece destaque. Os autores afirmam que “a profissionalização docente é construída no processo em que professores e futuros professores dedicam-se a construir sua identidade profissional, fazendo uma relação entre teoria e prática”.

Para Faria Junior (1993) a verdadeira função objetiva da formação de professores de Educação Física se liga indissociavelmente aos vários aspectos da sociedade como um todo. A formação de professores não deve objetivar reproduzir as divisões de classe, raça ou gênero, ainda que esteja composta em uma sociedade automaticamente excludente. A formação do professor deve compreender a assimilação desta realidade e a luta na contradição para a transformação deste panorama. A profissão de docente em Educação Física envolve

habilidades específicas e, dentre as fundamentais, está a razão social de para que este trabalho seja considerado, de modo efetivo, como profissão.

A desvalorização da área da Educação Física é constatada no âmbito escolar e, também, na comunidade em geral. Um dos aspectos refletidos sobre esta perspectiva é a aparente “facilidade” de ensinar nesta área, visto que “todos sabem de esportes e atividades físicas”. Porém, esta mesma facilidade que a sociedade aparenta no trato com o movimento pode sugerir a importância da Educação Física, atrelada diretamente ao trabalho com a cultura corporal. (BETTI, 1993).

De acordo com Betti (1993) apenas ensinar o movimento não basta. A diferença entre o “como fazer” e o “por que fazer” constitui a essência da diferença entre os leigos e os profissionais da área. É necessário que aqueles que possuem a tarefa de compreender o “por que fazer” realmente o façam, pois, do contrário, a diferenciação entre o sujeito leigo e o graduado ficará apenas no campo do título.

Para Betti (1993) a práxis pedagógica é a essência da formação do professor de Educação Física. O autor preconiza a função de relação primordial existente entre a teoria e a prática e elabora, como um projeto de transformação da realidade escolar, ideias sobre uma formação que contemple cerca de seis anos para o profissional docente, ao mesmo tempo em que declara a não sustentação de seu pensamento em um país de terceiro mundo.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID está implantado em diversas universidades brasileiras, dentre elas, a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Instituído pela CAPES, um dos focos deste programa é que o acadêmico, detentor de conhecimentos científicos adquiridos na academia, efetive-os em sua prática escolar proporcionada neste projeto. A Universidade Federal da Grande Dourados completou três anos de sua fundação em

2008, possuindo sete cursos de licenciatura que enfrentam o processo de avaliação do PIBID, com um projeto para que, até 2010, mais três cursos de licenciatura sejam implantados. A universidade vem se preocupando com a formação de docentes para a educação básica, realizando diversos vestibulares para licenciatura. A UFGD compreende uma área de influência de mais de trinta municípios situados no entorno da cidade de Dourados-MS (ZORZATO, 2008).

De acordo com Zorzato (2008) alguns resultados são esperados com a realização do PIBID quanto às licenciaturas, destacando-se: interação entre os bolsistas das diversas áreas por meio de ações conjuntas e interdisciplinares; inserção profissional dos futuros licenciados em seu espaço de trabalho; maior compreensão da relação teoria e prática; incentivo aos acadêmicos à opção pela carreira docente; entre outros.

## **METODOLOGIA**

O caminho metodológico se pautou em uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo e utilizou-se do método de coleta de material pelo questionário aberto de opinião, de Triviños (1987). Na fase posterior, a pesquisa se caracterizou no método de Análise de Conteúdo, de Bardin (1979), pois o mesmo desenvolve um arcabouço formal para a sistematização de atributos qualitativos e, ao voltar-se para a interpretação de dados coletados, se dá o entrelaçamento da pesquisa em educação com a análise. Segundo Bardin (1979) dois tipos de documentos podem ser submetidos à análise: documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade e documentos suscitados pelas necessidades de estudos, por exemplo, respostas a questionários de inquéritos, testes, experiências, etc.

Investigou-se cinco acadêmicos bolsistas participantes do grupo PIBID da UFGD, na área de conhecimento de Educação

Física, atuantes na Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso, do município de Dourados-MS no ano de 2012.

O levantamento de dados foi realizado por meio de um questionário com a seguinte questão discursiva: “Com base em sua vivência neste projeto, qual a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID em sua formação acadêmica?”.

O acadêmico bolsista A relata que:

*“O projeto foi decisivo na minha decisão de continuar ou não a minha formação nessa área, pois quando estamos na academia a única referência que temos são as literaturas e os professores que interpretam sua vivência de forma pessoal, então possuir a oportunidade de decidir através do meu ponto de vista, construído através desta vivência é uma oportunidade indescritível. Quando adentrei a universidade tinha a certeza que jamais trabalharia na escola, meu interesse era no curso de bacharelado, quando descobri que era apenas uma licenciatura pensei em desistir por causa das dificuldades que podemos observar no cotidiano em geral, porém quando iniciei meus trabalhos no projeto pude observar quais as necessidades dos alunos, notei que não iria ser fácil, mais hoje sei que a decisão de ser professor requer muita abdicção, temos que nos abdicar do nosso egoísmo e perceber que o tratamento que um aluno lhe oferece é resultado do tratamento oferecido a ele, seja pela família, pelo sistema, ou até por ele mesmo.”*

O acadêmico bolsista B salienta diferentes contribuições que o projeto lhe proporciona, afirmando que:

*“Acredito que a oportunidade que este projeto nos proporciona é inigualável na busca pela maior compreensão da realidade da educação brasileira. A oportunidade que temos de vivenciar o contexto escolar estando diariamente em contato com os saberes científicos de nossa área na universidade é fundamental na obtenção de formação integral do professor de Educação Física. A práxis, neste contexto, é efetiva, fazendo com que nossa teoria vista na academia seja colocada em prática no melhor laboratório possível de um profissional da educação, a escola.”*

O acadêmico bolsista C expõe que:

*“O projeto oferece um dinâmico espaço de conhecimento e experiências, no incentivo à docência. O projeto é aplicado nas Escolas Públicas, propiciando aos acadêmicos bolsistas a possibilidade de vivenciar experiências no ambiente escolar relacionadas à metodologia empregada na rede pública. Na escola podemos observar o comportamento dos alunos nas situações da aula, o que amplia nosso conhecimento para além da teoria que obtemos na Universidade.”*

Para o acadêmico bolsista D:

*“Através do PIBID durante a formação inicial de professores têm contribuído para a articulação do ensino superior com a educação básica, pois vivenciamos nosso futuro ambiente de trabalho e assim valoriza a construção do conhecimento na área com o subprojeto de Educação Física.”*

O acadêmico bolsista E frisa que:

*“O programa institucional contribui em muito na formação do futuro docente, ele possibilita ao acadêmico diversas vivências acerca da realidade educacional. Com o PIBID adquiri o conhecimento prático de como lidar com os alunos e as diversas metodologias que os professores usam em suas aulas, a própria construção de laços com os professores, alunos e coordenadores da escola. O papel do programa ao meu ver tem essa concepção de levar e unir à universidade e escola, possibilitando à escola uma melhor educação”.*

## RESULTADOS OBTIDOS

A análise do conteúdo coletado sugere concepções pontuais a respeito de algumas postulações específicas e gerais. As respostas mostram diferentes percepções dos acadêmicos quanto à contribuição do PIBID em sua formação. Algumas respostas expressam que o PIBID fora decisivo na decisão de continuar ou não na área da licenciatura, pois no início o interesse estava em um curso com bacharelado, como vemos na resposta do entrevistado A. O PIBID foi pontual na decisão do entrevistado de prosseguir no curso de Educação Física, visto que a vivência da realidade era algo que faltava em sua formação e que parece ser concreto no âmbito deste PIBID de Educação Física. Desta forma, o entrevistado expõe a ideia de que o projeto pode propiciar uma mudança de foco em toda sua jornada profissional, incentivando a carreira docente na Educação Física. O discurso empregado sobre a compreensão da realidade através da prática escolar

concretiza um dos aspectos primordiais referentes à formação do docente, apontados por Betti (1993), a práxis pedagógica do profissional para não se distanciar, em sua formação, de seu objeto principal de enfoque, a escola.

Outras respostas apontam para a oportunidade que o PIBID proporciona aos acadêmicos na busca pela maior compreensão da realidade da educação brasileira, ou seja, participar do contexto escolar diariamente é efetivar a práxis. Verificamos esta colocação na fala do entrevistado B. Ao analisar sua fala, há a percepção da importância que a escola recebe na formação acadêmica do futuro profissional que atuará na educação. Como dito, o melhor laboratório para este profissional acaba por ser especificamente a escola, visto que este é o local onde o mesmo desenvolverá seus conhecimentos e participará da transformação da sociedade. O diálogo entre sua ação e sua reflexão constitui o campo de movimento de informações (FREIRE, 1987; GADOTTI, 1998; COLETIVO DE AUTORES, 1992) necessários à prática docente autônoma e crítica que busque a leitura de mundo verdadeira do educando.

O entrevistado C expressa que a escola é um local onde os acadêmicos observam o comportamento dos alunos nas situações de aula, bem como os desafios enfrentados pelos professores, o que leva a ampliar seu conhecimento para além da teoria obtida na Universidade, enquanto o entrevistado D aponta a importância da integração do ensino superior com a educação básica, refletindo sobre a valorização do profissional de Educação Física e salientando que este local será o futuro espaço de trabalho do professor, diagnosticando sua relevância na formação acadêmica. Assim, a razão social apontada em diversos estudos para a formação docente (FARIA JUNIOR, 1993; BETTI, 1993) se

materializa na construção do conhecimento do acadêmico licenciando na instituição escolar, possibilitando-o a integrar a estrutura da escola e perceber os fatores objetivos que a condicionam, assim como seus determinantes na sociedade.

O entrevistado E aponta a vivência que possui dentro de uma instituição escolar como primordial em sua formação, frisando o convívio junto aos alunos, professores e coordenadores da escola e como estas relações interpessoais não devem ser desprezadas. A compreensão da realidade do espaço escolar deve ser um ponto fundamental para toda formação em licenciatura, algo que o PIBID parece oferecer aos seus bolsistas. A prática social do futuro professor não se materializa nem se instrumentaliza apenas na Universidade. O diálogo entre o que se pensa e o que se faz (FREIRE, 1987) determina os verdadeiros conhecimentos que devem ser apreendidos na educação formal, pois a partir deste conflito é que a ação do professor se desenvolverá junto aos interesses dos membros escolares e não apenas sob o pensar dos bancos acadêmicos que, por vezes, se distanciam da realidade educacional.

Ao que tudo indica a participação no PIBID está sendo fundamental na formação acadêmica dos entrevistados e sua inclusão no meio escolar está promovendo a integração entre ensino superior e ensino público, um dos principais objetivos do PIBID. Ao participar dessa integração, os acadêmicos têm a oportunidade de se aproximar da realidade do ensino público, podendo conhecer e analisar a carreira docente a qual pretende seguir. A formação do futuro profissional que atuará na educação só tende a ganhar com a iniciativa deste projeto, pois a práxis que se constata no decorrer da vida acadêmica do futuro professor é fundamental para a melhora significativa da educação brasileira e a constituição de um

professor dialógico que desenvolve sua docência como um prática geradora de liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a iniciação à docência é mais do que um processo - é a oportunidade que o acadêmico tem de incluir-se na realidade escolar e vivenciar de perto as diversas situações que os professores enfrentam - compreende-se que o PIBID de Educação Física contribui de diferentes maneiras para a formação dos futuros professores. Ao aliar teoria e prática é necessária uma reflexão crítica sobre a prática educativa, se assim não o fizer corre-se o risco de a teoria se tornar apenas discurso e a prática uma atitude moral que insiste mais nas necessidades da vida e da ação.

O PIBID se instala na universidade proporcionando ao acadêmico um vasto campo de exploração e possibilidades, dentre elas, a relação da teoria com a prática, o diálogo entre a ação e a reflexão, o conhecimento da realidade social da escola e do aluno, entre outros. Tal situação, como descreve Freire (1987) e Gadotti (1998) constitui uma práxis pedagógica, fundamental na formação do futuro profissional da área docente e preponderante na transformação contínua da sociedade.

Dessa forma, a práxis pedagógica na visão dos acadêmicos entrevistados exemplifica uma compreensão transformadora da educação, onde os mesmos estão cientes da relevante missão docente, valorizando assim a contribuição do PIBID na sua formação. Compreendemos que o PIBID, integrando a Universidade ao contexto social e escolar, fortalece a práxis reflexiva e viabiliza no futuro professor de Educação Física a projeção de sua práxis pedagógica, pois sem a prática a teoria seria apenas o retrato de ideias soltas e abstratas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. 1901 – **Dicionário de filosofia** / Nicola Abbagnano; tradução Alfredo Bosi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASSIS, R. M. de; RODRIGUES, S. M. **A formação do professor de Educação Física: Licenciatura e Bacharelado**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG, vol. 2, n. 9, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa, 1979.

BETTI, M. [In] Moreira, W. W. (org). **Educação Física & esporte: perspectivas para o século XXI/ Ademir Gebara...** [et al.]; Wagner Wey Moreira organizador. – Campinas, SP: Papirus, 1993.

BRZEZINSKI, I. **Formação de professores para a educação básica e o Curso de Pedagogia: a tensão entre o instituído e o instituinte**. RBPAE – v. 23, n. 2, p. 229-251, mai./ago. 2007.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta/Lino Castellani Filho**. – Campinas, SP: Papirus, 1988. – (Coleção Corpo & Motricidade).

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FARIA JUNIOR, A. G. de. [In] MOREIRA, W. W. (org). **Educação Física & esporte: perspectivas para o século XXI/ Ademir Gebara...** [et al.]; Wagner Wey Moreira organizador. – Campinas, SP: Papirus, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Editora Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **1941-Pedagogia da práxis** / Moacir Gadotti; Prefácio de Paulo Freire. – 2ª edição – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1998.

GHIRALDELLI JR, P. **Educação Física Progressista – A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. Editora Loyola, São Paulo, Brasil, 1991.

MELO, V. A. de; FORTES, R. **História do esporte: Panorama e perspectivas**. Editora Fronteiras, Dourados – MS, v. 12. N.22, p.11-35 jul./dez. 2010.

SAVIANI, D. A [In] BERNARDO, M. V. C. et al (Org.). **Pensando a educação: ensaios sobre a formação do professor e a política educacional**. São Paulo: UNESP, 1989. p. 23-33.

SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A. **A formação de professores de Educação Física: as competências e as habilidades da profissão**. Revista Brasileira de docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, vol. 1, n. 1, p. 76-117, Agosto/2009.

TRIVINÓS, A. N. S. 1928 – **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação** / Augusto Nivaldo Silva Triviños. São Paulo, 1987.

ZORZATO, O. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID**. Detalhamento do projeto institucional. 2008. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/prograd/programas/programa-institucional-de-bolsa-de-iniciacao-a-docencia-pibid/projeto-da-ufgd-pibid>>. Acesso em 30 de dezembro de 2012.

## **Oficina de arqueologia em pátio de Escola Estadual no espaço do antigo povoado da Redução de Santo Ângelo Custódio.**

Workshop on archeology State School courtyard within the old town of San Angelo Custodio Reduction.

### **Autor:**

**Cláudio Baptista Carle**

Prof. Dr. da Universidade Federal de Pelotas UFPEL. cbcarle@yahoo.com.br.

### **Resumo:**

Texto referente a trabalho educativo sobre arqueologia, realizado com alunos da escola básica e ensino superior em pátio de Escola Estadual em Santo Ângelo. Aula prática de defesa do patrimônio arqueológico.

**Palavras-chave:** Santo Ângelo, arqueologia, alunos

### **Abstract:**

Text for the archeology of educational work, conducted with students from elementary school and higher education in the courtyard of the State School in San Angelo. Classroom practice of archaeological heritage protection.

**Key works:** Santo Ângelo, archeology, students.

## INTRODUÇÃO

A oficina em Santo Ângelo é parte final de um estudo realizado, o final de uma pesquisa da área de pátios de residências, tendo sido realizada em Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, com alunos de nível superior e com pessoas da comunidade santo-angelense. Este estudo foi autorizado pela diretora da escola e serviu de oficina de arqueologia no encontro Sobre Missões Jesuíticas da Universidade Regional Integrada (URI) – Santo Ângelo. O trabalho teve autorização verbal também da Superintendente Regional do IPHAN, tendo em vista a discussão que se travava até aquele momento sobre o sítio arqueológico de Santo Ângelo Custódio e sua forma de preservação. Santo Ângelo Custódio é um sítio que envolve toda a área central da atual cidade de Santo Ângelo e as partes do sítio estão em áreas muradas, que a lei 3924-61 não protege. A situação da Escola Estadual é a mesma.

O trabalho proporcionou além da interação com a comunidade escolar a realização de uma investigação em forma de oficina de arqueologia, no pátio da escola, que fica a frente da praça da Catedral Angelopolitana área que, em conjunto com os pátios das residências da área central da cidade, estão sendo assoladas por inserção de estruturas permanentes. A área da escola permitiu o trabalho de investigação e a preservação dos remanescentes ainda existentes do antigo povoado de Santo Ângelo Custódio. A preservação em nosso entendimento depende do conhecimento do que são estes e esta só pode existir se for trabalhada de forma prática pela população. O nosso trabalho poderia ser enquadrado nas propostas da educação patrimonial, como sugere o IPHAN, mas não considero este trabalho educação, pois nele carece de no mínimo dois pontos principais do processo ensino-aprendizagem que é a retro-alimentação e a avaliação. Sei que outros

pesquisadores fazem trabalhos similares e os indicam como educação patrimonial, mas este não o é.

Esta descrição foi encaminhada ao IPHAN e a Comissão de Patrimônio Arqueológico do Município de Santo Ângelo. O trabalho aconteceu com equipe de alunos de diversos cursos da URI – Santo Ângelo, estagiário do Núcleo de Arqueologia - CCM – URI – Santo Ângelo, bolsista NArq-UNICRUZ, aluna de pós-graduação em História (área de Arqueologia) da PUCRS, e representantes da comunidade de Santo Ângelo, no dia onze (11) do mês de setembro de 2004.

## METODOLOGIA

O trabalho foi auto financiado e a partir de disponibilidade de alguns valores pela URI-Santo Ângelo. Pretendia-se que fosse financiado a partir das verbas destinadas pelas instituições em cooperação (URI-UNICRUZ-PUCRS) e pelos proprietários dos terrenos (neste caso o governo estadual) que pretendessem desenvolver intervenções no solo do antigo povoado missionário. O problema estava exatamente em não haver um reconhecimento desta área como sendo sítio arqueológico. O trabalho ajudou a propor tal preservação.

A área que sofreu o processo de aprendizagem, estudo e intervenção, está localizada na parte central da cidade de Santo Ângelo em um retângulo correspondente a Av. Rio Grande do Sul (Sul), Rua Marechal Floriano (Leste), Rua Sete de Setembro (Norte) e Rua Quinze de Novembro (Oeste), tendo como referência mais central a praça atual da cidade a frente da Catedral de Santo Ângelo, sendo o sítio arqueológico cadastrado no IPHAN, com área de aproximadamente 730.800 m<sup>2</sup>. E o ponto específico corresponde ao pátio da escola estadual (nome não revelado por questões éticas) que está à frente da igreja e é parte da área correspondente as antigas casas dos índios.



Apresento os três momentos de ação, sendo que destaco o procedimento realizado em campo de cunho acadêmico, pois em se tratando de sítio arqueológico isto deve estar explicitado, pois somos, nós os arqueólogos, fiscalizados pelo IPHAN. O processo de aproximação com a comunidade foi realizada pela equipe responsável pelo museu municipal de Santo Ângelo e pela URI. Após encontrar os interessados eu realizei uma explanação histórica sobre o povoado, sobre autores científicos que tratam do tema (explicitado no item discussão), o que nos possibilitaria uma descrição densa (Geertz, 1978) e depois passamos a discutir com os participantes as motivações pessoais sobre a questão do patrimônio arqueológico de Santo Ângelo. Após esta introdução realizamos o trabalho de campo efetivamente.

O trabalho em campo seguiu a proposta de multi-estágios desenvolvida por Redman (1973), de Unidade Sociológica desenvolvida por Funari (1988) associadas para o reconhecimento das ocupações antigas na área, relacionando as ocupações circunvizinhas do antigo povoado de Santo Ângelo Custódio. Realizamos então a identificação altimétrica e locacional da área e ser escavada valendo-nos do uso de luneta topográfica.

O local de escavação foi determinado após amplo reconhecimento da área (pátio da escola) e do entorno a ser pesquisado, identificando uma base de coluna que serviu de ponto de indicação principal a sofrer a intervenção. A escola foi escolhida por ainda possuir um amplo espaço com presença de solo não pavimentado, o que possibilitava uma visualização de possíveis indícios do sítio que se encontra sob o solo atual.

A continuidade do modelo Redman (1973) – Funari (1988) se deu pelo levantamento intensivo na ampla área do pátio em busca de áreas de atividade, tais como: fundações, fogões, silos, concentrações cerâmicas (potes fragmentados ou telhas). Realizamos coletas superficiais sistemáticas em dois

pontos com concentração de material e um destes foi selecionado para escavação. Realizamos tradagens diagnósticas da diacronia do terreno, marcamos área de trincheiras e quadrículas de escavação.

O trabalho se desenvolveu inicialmente o primeiro momento, sem uma intervenção direta no sítio e sem retirada de artefatos do local. A partir disso é que realizamos as coletas e os locais passíveis escavações foram trabalhados conforme plano específico de intervenção que elaboramos com os educandos e comunidade envolvidos na aprendizagem. A escolha da área foi determinada em virtude de sua possibilidade de destruição e por estar afastado da área de uso pelos alunos da escola em seus recreios, o que poderia causar um risco as crianças da escola.

Durante a realização de levantamento realizamos linhas de caminhamento sistemático, que cobriram todo o pátio da escola. As linhas de caminhamento foram orientadas em sentido norte-sul. Sobre estas linhas foram realizados os levantamentos de estruturas e a identificação das mesmas em croquis esquemáticos da área.

A partir da realização do levantamento foram definidas as áreas de configuração das unidades sociológicas. Neste caso a presença cerâmica (principalmente telhas) e de duas grandes pedras, uma claramente uma base de coluna em arenito. A área com as pedras foi escolhida para intervenção sub-superfície por estar distante do local de maior movimentação. Os alunos aprenderam que ao serem determinadas as unidades sociológicas e suas possíveis sucessões cronológicas na área, estas permitem as futuras atitudes de valorização (tais como salvamentos, demarcações para proteção, etc.) destes e dos novos locais do sítio reconhecidos. As unidades sociológicas referem-se ao cotidiano sincrônico das deposições arqueológicas reconhecidas sobre o solo, ou em estratos, atualmente subterrâneos, de ocupações passadas, dispostas de forma harmônica (Funari, 1988). Pretendíamos não privilegiar



uma unidade sobre outra, ou sua destruição e sucessão por outro, mas sua continuidade e inter-relação com outras unidades anteriores e posteriores. O que ocorreu em função do tempo de ação foi o dar maior valor as Unidades do período missioneiro. As unidades identificadas procedemos como o método de escavação de Redman (1973), conjugado com as seções cumulativas de Funari (1988).

Terminado o trabalho de campo realizamos uma reunião conjugando todos os artefatos encontrados dos móveis (fragmentos de várias matérias-primas) como também as estruturas de fundação, piso de chão batido, acúmulos de telhas correspondendo a antigo telhado de casa de índio, e discutimos os possíveis usos destes espaços e materiais reconhecidos. A partir do descarte das áreas as formas de revitalização e assim valorização de vestígios que muitas vezes são pouco aparentes. Ao final definimos o que seria feito com os objetos retirados do local. Neste sentido a questão da musealização apareceu novamente de maneira forte, mas as idéias, mesmo minha não ultrapassaram o que já está estabelecido sobre a idéia de museu – o mais bonito deve ser exposto e o comum armazenado em reservas técnicas.

## DISCUSSÃO

A argumentação inicial que segue está baseada em autores que discutem amplamente a questão de missões e assim cabe dizer que de início focaremos apresentando as discussões historiográficas sobre o tema missões, o próprio processo histórico de Santo Ângelo Custódio em um discorrer diacrônico desenvolvido pela professora Clarissa S. Rahmeier e por mim (2004) e depois a questão própria deste trabalho.

Os estudos das missões podem ser visualizados em diversos autores que fundamentam as ações sobre os sítios, cabia então a nós em uma prévia a ação junto a Santo Ângelo

Custódio, realizar um panorama do que se produzira sobre as missões até aquele momento. A forma de abordagem histórica destes autores possibilitam aos novos interlocutores do patrimônio entender os sistemas de valorização realizados pela história para com estes povoados. Assim damos seqüência às discussões sobre os autores travada com os interessados no trabalho. Iniciamos por Antonio Sepp (1972) é um dos autores mais lidos sobre o tema missões no Brasil, pois é um padre que viveu aquela época, ele descreve como chegou a São Miguel, como dividiu a população do povoado, como criou uma nova redução (São João Batista) e como com estes índios desenvolveu indústrias cerâmicas e de ferro entre os índios.

No contexto de aproximação com o entendimento pós-missioneiro, mas de certa forma ligado ao próprio processo discutimos Felix Azara (1943) que em momento posterior a dispersão dos índios Guarani por ampla área visita as várias cidades criadas por eles e constrói o texto que descreve a história desta saga indígena no sul da América do Sul. O economista Oreste Popescu (1967) discute a forma de implementação dos modelos de produção européia entre as sociedades que Kern (1982) identifica como neolíticas. Estes guaranis desenvolveram um sistema sobre, pelo menos na idéia do autor, a coordenação dos jesuítas um sistema produtivo próprio e eficiente para os parâmetros da época, uma percepção cara da intenção do modelo capitalista dos padres na sua “missão” na América.

No âmbito de uma produção mais acadêmica Arno Kern (1982), natural de Santo Ângelo, dedica sua vida aos estudos históricos, mas principalmente arqueológicos das Missões, sendo que sua obra é incontável, tendo a “Utopia Política” voltado os olhos de muitos outros pesquisadores para o tema. Em 1991 desenvolve uma das mais amplas, em termos de países envolvidos, escola de campo em arqueologia (1993). A escola missioneira apresenta uma lista com mais de 20

arqueólogos que tiveram formação básica ou ampliada nos diversos trabalhos de campo desenvolvidos por este pesquisador.

As sínteses se sucedem a este estudo de Kern (1982) e percebemos Moacyr Flores (1986, 1988) um dos “velhos ratos de arquivo” como costumávamos chamar no período em que fazia a graduação, produziu duas síntese que se deve prestar atenção ao tratar à questão missioneira a proposta política que envolvia o processo de formação dos espaços reducionais. O padre jesuíta Arnaldo Bruxel (1987) busca sintetizar para uma linguagem menos acadêmica a história dos trinta povos Guarani e com isso possibilita a estudantes e comunidade menos acostumada aos linguajares acadêmicos compreender este universo histórico. Ramon Gutierrez (1987) possibilita a ampliação do conhecimento trabalhado por autores anteriores sobre os Trinta Povos Guaranis com uma produção bilíngüe que marca a aproximação entre pesquisadores dos quatro países (Brasil, Urugua, Paraguai e Argentina) envolvidos no processo histórico de referência. O francês Maxime Haubert (1990) preocupado em evidenciar mais os seres humanos que suas realizações desenvolve um texto dando enlevo aos grupos humanos em aproximação e distanciamento nesta história.

Após esta discussão mais ampla sobre as sínteses dedicamos a estudos mais específicos dos possíveis achados que poderiam ser encontrados na campanha no espaço da escola. Analisamos o artigo que estuda os metais (Carle, 1991) que visualiza como os Jesuítas tiveram força de aproximação dos caciques para então arregimentar aldeias inteiras para suas missões e com isso formando um elo que segundo Metraux não mais se quebraria nas culturas ameríndias, o elo criado pela busca incessante do metal para os mais diversos usos. Os estudos da cerâmica doméstica (potes de uso cotidiano) realizados por Alyné Escobar e Paulo Fraga (1991) fortemente calcado em estudos anteriores que são sínteses amplas sobre a

confeção e uso destes objetos, são aportes importantes para identificar a presença indígena e seu processo de inserção de modelos culturais europeus, mas com forte resistência étnica. José Otávio C de Souza (1991) também hoje é um os maiores conhecedores do universo missioneiro, mas neste texto específico demonstra de forma simples o processo de reconhecimento arqueológico de um dos povoados missioneiros. Hoje mais dedicado a antropologia dos Guarani, tem como ampla área de trabalho etnográfico a região dos Sete Povos.

Avaliado este aporte científico produzido re-visitamos a história do povoado que se fazia foco de nosso trabalho patrimonial. Percebemos que o antigo povoado de Santo Ângelo Custódio ainda demonstra sua grandiosidade através de um acervo arqueológico que além do arquivo solo, constituem o conjunto de cultura material os inúmeros remanescentes arquitetônicos, objetos e utensílios demonstrativos do cotidiano da redução e das ocupações posteriores. É importante salientar que a redução de Santo Ângelo Custódio foi criada em 1707, última dos povoados Guarani na expansão para leste, instalada na região sudeste do Rio Ijuí, em local que se mostrou pouco afeito ao estabelecimento do povoado, deslocado então para área ultrapassando o rio Ijuí, contrariando as intenções iniciais dos jesuítas, conforme a historiografia, pois ficaria menos protegido das ações do inimigo não tendo o grande Ijuí como limite físico a ações militares dos portugueses, no atual Rio Grande do Sul. A região era então atribuída ao império espanhol pelo Tratado de Tordesilhas.

Com São João Batista, São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Francisco de Borja, São Lourenço Mártir e São Miguel, Santo Ângelo Custódio integrava, no século 18, a região conhecida como Sete Povos Orientais do Uruguai. Em 1750, o Tratado de Madri atribuiu ao império português o território dos Sete Povos, mas a população Guarani recusou-se a abandoná-lo, originando a Guerra Guaranítica. Em 1756 os Sete Povos



foram ocupados pelos exércitos espanhol e português, para obrigar ao cumprimento do Tratado de 1750. Em São Miguel, um incêndio destruiu parte da residência dos padres e da igreja. Parte da população abandonou o povoado, dirigindo-se para território hoje argentino e parte, em 1757, acompanhou o exército português quando este voltou para Rio Pardo.

A Redução, em 1762, juntamente com todo o território dos Sete Povos foi devolvida aos guaranis e jesuítas, mas, em 1768, os jesuítas foram expulsos. Santo Ângelo e as demais missões passaram a ser administrados por funcionários espanhóis. Em 1801, houve nova ocupação, com incorporação definitiva ao império português e ao território do Brasil. Em 1828, durante a Guerra da Cisplatina, os Sete Povos foram outra vez invadidos, pelo uruguaio Frutuoso Rivera. Houve um saque generalizado e parte da população acompanhou as tropas de Rivera para o Uruguai.

A decadência do conjunto das missões a partir do final do século 18 e a reorganização quase total de Santo Ângelo após 1828, foi sendo o povoado modificado progressivamente ao longo de todo o século XIX e início do século XX, provavelmente utilizando a mão de obra indígena ainda residente no local, construindo as edificações com representação neo-clássica conforme podemos hoje perceber nas paredes do museu municipal e a seu lado na edificação da Moto Peurse e como se apresentou neste sindicato rural.

O sítio arqueológico de Santo Ângelo Custódio corresponde a uma área de 730.000 m<sup>2</sup> que abrange o núcleo principal do antigo povoado missionário, levantado e registrado pelo arqueólogo Cláudio Baptista Carle, em 1992, em conjunto com o museu municipal de Santo Ângelo sob coordenação na época de Gladis Pippi. Esta área está englobada pela malha urbana da cidade de Santo Ângelo. O Sítio Arqueológico de Santo Ângelo Custódio, além de não ter sua integridade garantida pelo registro arqueológico, pois suas partes

encontram-se hoje no interior de áreas muradas, não sofre hoje ações de preservação direta e efetiva da prefeitura para sua proteção através da Comissão de Patrimônio Arqueológico Municipal.

O processo de trabalho com inserção da comunidade não pode ser entendido como um estudo de tomada de posição sobre os sítios, mesmo neste caso em que o lugar, Santo Ângelo, nunca deixou de ser ocupado, mesmo antes de sua significação como representação da “saga da conquista espiritual” (Gutierrez, 1987). O desenvolvimento das etapas de campo foram seguidas com atenção e interesse pelos protagonistas (da oficina) e por parte ampla de alunos da escola em investigação. Ao verificarem os contextos, mesmo que muito alterados pelos movimentos antrópicos do solo, inferiram através de diversas falas as situações de destruição em que se encontra o seu patrimônio. Aparentemente todos tinham ciência da necessidade de preservação e estudo do mesmo. Mas desconheciam-no, e questionados pelos artefatos arqueológicos existentes no museu, disseram em grande maioria não os entendem como tal.

## RESULTADOS

O estudo propiciou a salvaguarda de bens e possibilitou o conhecimento maior da área que corresponderia à área da casa dos índios da antiga redução. Foi possível constatar que a ocupação da área alterou significativamente o espaço de Santo Ângelo. O trabalho foi realizado em interior de área murada não protegida inicialmente pela lei 3924/61 (lei da arqueologia) cujo interesse do proprietário em preservar os vestígios ali existentes suscitaram esta ação.

Esta foi a área em que houve acompanhamento e que possibilitou fazer as fundações, sendo que foi alertada ao proprietário a necessidade de preservação das paredes

originais e da conservação das pedras que fossem deslocadas devendo ser entregues a prefeitura para a Comissão de Patrimônio Arqueológico. O patrimônio tem sido destruído devendo ser acompanhado pela Comissão de Patrimônio.

A percepção sobre o fato dos materiais arqueológicos estarem apenas depositados me fez rever a idéia de difusão possível dos museus, em realidade não há um contexto arqueológico exposto, mas materiais que são oriundos de pesquisas arqueológicas expostos junto com outras peças que em sua musealização estão individualizadas e pouco formando contextos, assim o que temos no museu é uma exposição de curiosidades. A preservação em nosso entendimento depende do conhecimento e este só pode existir se for trabalhado.

#### AGRADECIMENTOS

A minha amiga Beatriz dos Santos Landa, pela hospitalidade e pela identificação de meus esforços em realizar trabalhos além do espaço acadêmico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZARA, Felix **Descripcion e historia del paraguay y del Rio de La Plata** Ed Bajel, Buenos Aires. 1943

BRUXEL, Arnaldo **Os trinta povos guaranis** 2a. Ed., Nova Dimensão, Porto Alegre. 1987

CARLE, Cláudio Baptista "O Material Metálico de São Lourenço Mártir e São João Batista, RS - Possibilidades de Conformação e Uso" in **Anais do IX Simpósio Nacional de estudos missioneiros** – as missões depois das missões 8 a 10 de out. de 1991, UNIJUÍ-Campus Sta. Rosa, Santa Rosa. 1991

ESCOBAR, Alyne Salatti de & FRAGA, Paulo R. Pereira "Análise Interpretativa da Cerâmica Doméstica do Sítio Missioneiro de São João Batista, RS: Primeiras Notícias" in **Anais do IX Simpósio Nacional de estudos missioneiros** – as missões depois das missões 8 a 10 de outubro 1991 - UNIJUÍ - Câmpus Santa Rosa, Santa Rosa. 1991

FLORES, Moacyr **Colonialismo e missões jesuíticas** 2a ed., Nova Dimensão, Porto Alegre. 1986

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul** 2a. ed, Nova Dimensão, Porto Alegre. 1988

FUNARI, Pedro P. Abreu. **Arqueologia**. Editora Ática, São Paulo. 1988

GEERTZ, Clifford **A interpretação das culturas** Ed. Zahar, Rio de Janeiro. 1978

GUTIERREZ, Ramon **As missões jesuíticas dos guaranis** (Bilíngüe) Unesco, Rio de Janeiro. 1987

HAUBERT, Maxime **Índios e jesuítas no tempo das missões**  
Círculo do Livro, Companhia das Letras, São Paulo. 1990

KERN, Arno Alvarez **Missões: uma utopia política** Mercado  
Aberto, Porto Alegre. 1982

KERN, Arno Alvarez **O Sítio-escola Internacional do Pós-  
graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas da PUCRS e sua importância e significado** Texto  
apresentado na Reunião da SAB, 1993.

ORSER Jr., Charles E. **Introdução a arqueologia histórica**  
Coleção Mínima, Ciências Sociais, Oficina de Livros, Belo  
Horizonte. 1992

POPESCU, Oreste **El sistema económico en las misiones  
jesuíticas** 2a. ed., Ed. Ariel, Barcelona. 1967

RAHMEIER, Clarissa Sanfelice & CARLE, Cláudio Baptista  
Relatório do **Projeto de Levantamento, Salvamento e  
Monitoramento: Arqueologia e Valorização Patrimonial de pátio  
de residência em Santo Ângelo Custódio**, UNICRUZ/CEPA-  
PUCRS: Cruz Alta. 2004

REDMAN, Charles L. "Multistage Fieldwork and Analytical  
Techniques" in **American Antiquity** Vol 38, no. 1 1973

SEPP, Antônio **Viagens as missões jesuíticas e trabalhos  
apostólicos** Biblioteca Histórica Brasileira, EdUSP, Livr. Martins  
Fontes, São Paulo. 1972

SOUZA, J. O. Catafesto "Projeto Cultura Material Assentamento e  
Ambiente Natural no Sítio Missioneiro de São João Batista" in  
**Anais do IX Simpósio Nacional de estudos missioneiros** – as  
missões depois das missões 8 a 10 de out. de 1991, Unijuí -  
Câmpus Santa Rosa, Santa Rosa. 1991

## Ações para o desenvolvimento da ovinocultura na região da Campanha Gaúcha

Actions for the development of the sheep industry in region the Campanha Gaucha

### Autores:

#### **Gladis Ferreira Corrêa**

Profª Dra da Universidade Federal do Pampa, Campus Dom Pedrito-RS. [gladiscorrea@gmail.com](mailto:gladiscorrea@gmail.com)

#### **Bruno Schneider Moreira**

Acadêmico do Curso de Zootecnia da Universidade Federal do Pampa, Campus Dom Pedrito-RS. [bsm-1515@hotmail.com](mailto:bsm-1515@hotmail.com)

#### **Marina Martins de Vasconcellos**

Acadêmico do Curso de Zootecnia da Universidade Federal do Pampa, Campus Dom Pedrito-RS. [marinadevasconcelos@hotmail.com](mailto:marinadevasconcelos@hotmail.com)

### Resumo

A produção em pequenos ruminantes vem ressurgindo nos últimos anos como fonte de produção e rendimentos, entretanto observa-se a necessidade de apoio a estas propriedades que não apresentam condições econômicas para contratação de técnico e aperfeiçoamento de mão de obra. Este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto que busca capacitar produtores, técnicos e alunos interessados na produção ovina, através da ótica de uma atividade econômica rentável e estruturada de alto valor agregado e que resulte no resgate da cidadania pela melhor rentabilidade no campo. O trabalho vem sendo desenvolvido em três etapas, sendo elas: assistência direta ao produtor, realização de cursos de capacitação aos produtores, técnicos e estudantes de graduação e ciclos de palestras e/ou seminários para os envolvidos na atividade. Até o momento foram realizadas atividades de apoio na reprodução, controle de verminose e dois eventos envolvendo ciclo de palestras e debates sobre diversos temas de interesse na ovinocultura, aliados à assistência técnica às propriedades interessadas. Conclui-se que a consolidação da atividade de extensão na área da ovinocultura, aumenta a possibilidade de incremento na produção deste pequeno ruminante e cria perspectivas que este se torne rentável e capaz de manter a produtividade, também, fora do período safral.

**Palavras-chave:** Produção de ovinos. Capacitação. Palestras. Desenvolvimento agrário.

### Abstract

The production in small ruminants is resurging in recent years as a source of production and income, however, we observed the need to support these properties not present economic conditions for contracting and technical improvement of labor. This work aims to present the project that seeks to empower producers, technicians and students interested in the production of sheep, through the lens of a profitable activity and structured with high added value and resulting in the rescue of citizenship by improved profitability in the field. The work is being developed in three stages, namely: direct assistance to producers, conducting training courses for producers, technicians and graduate students and cycles of lectures and / or seminars for those involved in the activity. So far been carried out activities in support playback control worms and two events involving series of lectures and discussions on various topics of interest in the sheep industry, coupled with technical assistance to the properties concerned. It is concluded that the consolidation of the extension activity in the area of the sheep, the possibility of increase in the production of small ruminant and creates perspective that it becomes profitable and capable of maintaining productivity, also outside the period crop.

**Key-words:** Sheep production. Training. Presentations. Agricultural development

## Introdução

A produção em pequenos ruminantes vem ressurgindo nos últimos anos como fonte de produção e rendimentos para o produtor rural. A exploração racional de pequenos ruminantes é uma frequente demanda de informações e assistência técnica no Rio Grande do Sul, no entanto as informações disponíveis são escassas para serem ajustadas nos sistemas de produção existentes, ficando aquém das necessidades dos pequenos e médios produtores rurais.

De acordo com Neto (2004), a ovinocultura na região Campanha Gaúcha ainda é desenvolvida em sistemas tradicionais de exploração, com baixo desenvolvimento ponderal dos animais, baixa eficiência reprodutiva e altas taxas de mortalidade dos cordeiros. Para a ovinocultura como um todo, é fundamental a melhoria dos indicadores produtivos dos rebanhos, sendo inadmissíveis índices de natalidade abaixo de 80%, taxas de desmama de 60-65% e mortalidade de cordeiros acima de 20%, como frequentemente encontramos nos rebanhos gaúchos.

E segundo Viana e Silveira (2009), a sazonalidade produtiva da atividade, a inexistência de um mercado constante, a exigência de uma oferta regular de animais, a necessidade de escala para comercialização e a busca por animais jovens por parte dos frigoríficos são dificuldades enfrentadas pelos produtores na comercialização de animais para abate via mercado.

Porém, a realidade econômica e o permanente aumento da competitividade entre e dentro dos setores de produção e comercialização faz com que, cada vez mais, seja necessário o uso empresarial e não mais artesanal dos recursos produtivos (CORREA *et al.*, 2009).

Silveira (2005) comenta que esta constatação ocorre paralelamente a um cenário sócio-econômico onde as cadeias

do agronegócio precisam atender seu compromisso como meio de produção e distribuição de alimentos em grande escala, o que confere uma importância social cada vez maior.

A evolução da cadeia brasileira da carne ovina torna-se cada vez mais evidente, e a superação anual dos preços, aliada à elevação do consumo *per capita* é notória, mantendo o setor aquecido, em constante crescimento e com uma tendência altamente positiva a longo prazo, permitindo, com isso, a consolidação e o desenvolvimento da ovinocultura comercial em todo o país.

Isto pode ser observado com a publicação de Ucha (2010), que descreve que a carne de ovinos vem ganhando gradativo espaço na mesa do consumidor gaúcho. Este autor cita que dirigentes do Hipermercado Big e Supermercado Nacional, que há alguns anos vêm abrindo mais espaços para a sua comercialização da carne ovina e, no ano passado, colheram seus melhores frutos: a rede registrou 21% de aumento nas vendas, sobre o ano anterior. Comenta ainda que os cortes preferidos são a costela e a paleta, tradicionais no Rio Grande do Sul, mas há clientes mesmo para o sofisticado carré francês, o filé mignon e a picanha de cordeiro. Entretanto, o que falta para que esta cadeia cresça ainda mais é o marketing para o desenvolvimento de novos mercados. E com este fato da crescente demanda mundial por carne ovina, deve-se aplicar estratégias de desenvolvimento da pecuária com qualidade em ganhos e eficiência no processo produtivo, com a proposta da tecnificação da ovinocultura e dos envolvidos em sua produção como alternativa para viabilizar a região, uma vez que a criação de ovinos faz parte da cultura regional tornando os produtores menos vulneráveis a fatores externos.

Segundo Molento *et al.* (2004), quanto ao parasitismo gastrointestinal, este é responsável por grande parte das perdas observadas em criações de ovinos, reduzindo o potencial

produtivo destes animais, devido à morte de animais jovens que seriam utilizados para reposição do plantel.

Destaca-se o *Haemonchus contortus* com um dos helmintos de grande prevalência e patogenicidade. O combate a esse nematódeo é feito através de dosagens em períodos estratégicos, que são tradicionalmente planejadas através de avaliações do grau de infestação parasitária obtida através da análise de indicação de ovos por gramas de fezes (OPG). Outro método que está sendo difundido é o Famacha (*Faffa Malan Chart*) que consiste em determinar através da observação da mucosa ocular, o nível de anemia do animal.

Com a avaliação deste cenário, onde a ovinocultura em pequenas e médias propriedades rurais auxilia a manutenção do homem no campo, observa-se a necessidade de apoio ao desenvolvimento destes produtores e propriedades rurais, que não apresentam condições econômicas para contratação de apoio técnico ou aperfeiçoamento de seus proprietários e funcionários, ao manejo de criação.

A implantação da atividade de assistência no Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Pequenos Ruminantes – NUPPER, busca a evolução da ovinocultura, associada à complementação do aprendizado de alunos de graduação da Universidade Federal do Pampa, do curso de Zootecnia.

### **Metodologia e estratégia de ação**

O trabalho está sendo executado na Região da Campanha Gaúcha desde 2011, tendo o município de Dom Pedrito-RS como o pólo principal. A metodologia de ação é constituída por três etapas, interligadas entre si: a assistência direta ao produtor rural, com análise de seu sistema produtivo; realização de cursos de capacitação aos produtores, técnicos e estudantes de graduação principalmente do curso de Zootecnia da Universidade Federal do Pampa, também como os alunos

das demais áreas das Ciências Agrárias, envolvidos com a cadeia da ovinocultura e ciclos de palestras e/ou seminários.

O início das atividades de extensão foi marcada pela apresentação, aos produtores e técnicos envolvidos no setor, de uma palestra para explanação do tema e explicação da metodologia que seria desenvolvida. Tal atividade elencou a forma de ação da equipe executora, bem como as áreas de atuação do projeto.

Após um período de capacitação dos alunos em protocolos para a reprodução, o projeto foi iniciado na Fazenda dos Plátanos, no município de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, com a capacitação de um produtor rural em um protocolo de sincronização de cios.

Estas atividades foram desenvolvidas entre os meses de março e abril de 2011, com 44 fêmeas Corriedale adultas que foram submetidas a um protocolo de sincronização de cios a base de prostaglandina, em duas aplicações, no dia zero e no dia sete, onde foram aplicados 0,5ml / intramuscular (IM) por fêmea. O produtor foi instruído na utilização do método da monta controlada, com o emprego simultâneo de dois carneiros.

Outra ação realizada no projeto de Assistência técnica, aperfeiçoamento e capacitação de ovinocultores da região da campanha gaúcha objetivou o controle do parasitismo gastrointestinal em propriedades rurais ocupadas com a criação de ovinos.

Para tais atividades os alunos envolvidos, denominados equipe técnica, foram treinados na inspeção da conjuntiva dos animais através da comparação de diferentes tonalidades, de vermelho-rosado até o branco pálido da conjuntiva, representada com os números de 1 a 5 e comparados com o cartão guia desenvolvido para utilização no campo, de acordo com metodologia descrita por Molento *et al* (2004). As observações foram realizadas no mês setembro de 2012, em 71 ovelhas lactantes da raça Corriedale. Para confirmação da

técnica, em 15% do rebanho foi coletado síbalas fecais diretamente da ampola retal para realização do exame de contagem de ovos por gramas de fezes (OPG).

As primeiras ações de capacitação dos produtores, técnicos e alunos de graduação dos cursos de Ciências Agrárias do Campus Dom Pedrito realizadas, foram o “*I Seminário de Ovinocultura do Pampa Gaúcho*” e o “*III Ciclo de Palestras em Ovinocultura*”. Por se tratar do primeiro evento da região o *I Seminário*, foi divulgado através da imprensa local impressa e radiofônica, com participação nos principais programas da cidade.

O “*I Seminário de Ovinocultura do Pampa Gaúcho*” foi realizado nos dias 3 e 4 de dezembro de 2012 e tratou de assuntos nas áreas de controle de verminose, genética *Booroola*, manejo de pastagens e alternativas de suplementação para cordeiros e promoveu uma mesa de debate intitulada de “**Ovinocultura em Foco**”, que contou com a participação de produtores rurais, presidentes das associações de ovinocultores de Dom Pedrito e Bagé - RS, presidentes de cooperativas ligadas à ovinocultura e agentes ligados às secretarias municipais de Dom Pedrito e Bagé – RS, contemplando todos os elos da cadeia da produção ovina.

A segunda ação para capacitação, ligada ao projeto, foi a organização e realização do “*III Ciclo de Palestras em Ovinocultura*” dentro da programação oficial da “*34ª Feira de Ovinos de Verão e 25ª Lã e Carne*”, realizada em 1º fevereiro de 2013, em parceria com o Sindicato Rural de Dom Pedrito e Associação de Criadores de Ovinos de Dom Pedrito (ACODOPE). Os temas abrangidos pelas palestras envolviam cuidados e necessidades nutricionais da fêmea ovina no período de reprodução e gestação, e peculiaridades e alternativas para reprodução em ovinos.

Para comprovação de ambas as atividades foram confeccionadas listas de presenças para emissão dos certificados pela Pró - Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pampa- PROEXT/UNIPAMPA, para os participantes que comprovaram presença em 75% das atividades.

Contemplando a ação de assistência técnica do projeto, o Grupo NUPPER foi procurado por alguns produtores interessados com a finalidade de solucionar as dificuldades técnicas que encontram em sua exploração ovina. Selecionaram-se, a princípio, três pequenas propriedades rurais que foram visitadas para um levantamento completo do sistema de produção e problemas existentes. O critério para escolha foi a ordem de inscrição dos produtores.

Foi confeccionado um questionário para ser aplicado ao produtor para diagnóstico completo de cada situação. As questões gerais, levantadas no referido questionário, podem ser visualizadas na Tabela 1.

TABELA 1 - Questões gerais levantadas no questionário aplicado aos produtores rurais no momento inicial de assistência técnica às propriedades atendidas pelo projeto.

---

**Quanto à propriedade rural**

---

Existe um controle de custos em sua propriedade?

Qual a área, em ha, destinada à ovinocultura?

---

**Quanto ao sistema de produção**

---

Qual o objetivo da criação de ovinos em sua propriedade?

São medidos índices de produção? Quais?

---

**Quanto ao sistema reprodutivo**

---

Há controle do sistema de reprodução? Qual?

Há seleção de animais para a evolução genética do rebanho? Como é realizada?

---

---

**Quanto ao sistema sanitário**

---

Realiza calendário sanitário?

Há histórico de doenças?

É feito o diagnóstico laboratorial das doenças?

---

**Quanto ao sistema nutricional**

---

Qual é o sistema de pastejo utilizado para os ovinos durante o ano?

Que sistema de alimentação é utilizado?

Existe nutrição diferenciada para alguma categoria?

---

A partir do diagnóstico da situação real das propriedades estão sendo desenvolvidos projetos pecuários com propostas para melhorias considerando cada situação encontrada. Além disto, serão realizadas visitas periódicas para orientação técnica aos produtores para implantação das ações indicadas.

### Resultados e discussão

Quando avaliada a ação de reprodução em propriedade rural no município de Dom Pedrito – RS, observou-se que foi obtida com o desenvolvimento da metodologia uma taxa de fertilidade de 100% das ovelhas e uma taxa de natalidade superior a 110%. A manutenção da eficiência reprodutiva e, conseqüente, aumento da produtividade do rebanho, se dá pela organização do sistema produtivo como um todo, o que auxilia o produtor a programar-se para as estações de monta para qualquer período do ano, utilizando-se de hormônios para induzir o estro e a ovulação, sem esquecer-se de manter uma alimentação adequada para garantir as necessidades nutricionais dos animais.

Já no controle da verminose, um dos entraves da ovinocultura gaúcha os resultados do teste FAMACHA utilizado como tecnologia para controle da verminose por *Haemonchus contortus* podem ser observados na Tabela 1.

TABELA 2 – Resultado do teste FAMACHA observados em propriedade rural do Município de Dom Pedrito - RS.

Categoria	Coloração da conjuntiva	Resultado observado (%)
1	Vermelho robusto	58
2	Vermelho rosado	35
3	Rosa	7
4	Rosa Pálido	-
5	Branco	-

O resultado do OPG corroborou com o teste FAMACHA, pois somente 1 animal apresentou resultado superior a 1500 ovos por gramas de fezes, entretanto este animal não apresentava sinais de anemia (mucosas pálidas), este fato pode dar-se pela capacidade de alguns animais suportarem altas cargas parasitárias, e estes são os denominados resilientes.

Como seqüência da ação de extensão, estão sendo realizados controles periódicos do rebanho, com o método FAMACHA e OPG, com dosagem seletiva dos animais infectados, identificação e descarte dos animais resilientes e treinamento do proprietário na execução da técnica FAMACHA.

No que tange as ações de capacitação o “I Seminário de Ovinocultura do Pampa Gaúcho” contou com a presença de 83 participantes entre produtores, técnicos e alunos de graduação. O evento contou com a parceria da ACODOPE e teve o intuito de aperfeiçoar a mão de obra no campo, bem como, de sanar dúvidas dos diretamente ligados à produção ovina. O seminário tratou de temas atuais e de interesse comum e as palestras foram ministradas por profissionais de renome em suas áreas de atuação. Dentre os temas de maior interesse foram tratados Controle de Verminose Ovina pela Dra Prof.<sup>a</sup> Maria Elisabeth Berne, professora do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (Fig. 1) e Manejo de Pastagem para ovinos pelo Dr. Prof. José Acélio da Fontoura Júnior, professor do curso de Zootecnia na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA (Fig.2).



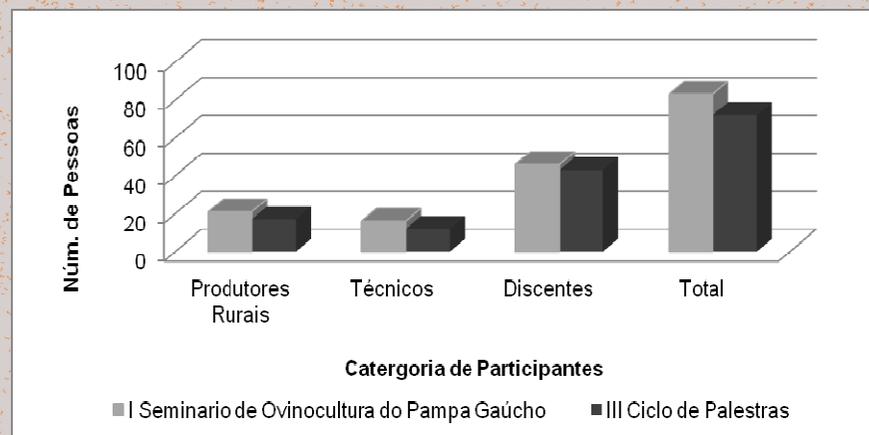
Figura 1 – Palestra Controle de verminose Dra Maria Elisabeth Berne – “I Seminário de Ovinocultura Pampa Gaúcho”



Figura 2 – Palestra Manejo de Pastagem para ovinos pelo Dr. Prof. José Acélio da Fontoura Júnior – “I Seminário de Ovinocultura Pampa Gaúcho”

Já no “III Ciclo de Palestras em Ovinocultura”, evento realizado dentro da programação oficial da feira de Ovinos, foram registradas a presença de 71 pessoas e contou com a participação de alunos dos Cursos de graduação do Campus Dom Pedrito – UNIPAMPA, bem como produtores rurais e técnicos ligados à ovinocultura.

As participações, em ambos os eventos, podem ser observadas no Gráfico 1.



**Gráfico 1** – Número de participantes, em cada categoria, nos eventos organizados dentro do Projeto de Extensão “Assistência Técnica, Aperfeiçoamento e Atualização em Ovinocultura na Região da Campanha Gaúcha”

Na avaliação de cada uma das propriedades nas ações de assistência técnica, foram observados problemas relacionados à verminose, baixa taxa de desempenho reprodutivo (fertilidade, natalidade e desmame), baixo ganho de peso e retardo na terminação dos cordeiros.

Inicialmente notou-se que as propriedades abrangidas pelo projeto, sofrem por um dos principais entraves da ovinocultura que é a resistência dos endoparasitas aos anti-helmínticos existentes no mercado. No intuito de resolver esta questão estão sendo realizados testes de eficácia em vários princípios ativos e exames para contagem de ovos por grama de fezes (OPG) para determinar o antiparasitário adequado a cada produtor, visando a economia com medicamentos e as reduções das perdas na produção animal, ligadas à enfermidade.

O teste de resistência realizado em uma das propriedades atendidas pelo projeto demonstrou resistência a dois dos diferentes anti helmínticos utilizados, com eficácia inferior a 30%, e infestação predominante de *Haemonchus* spp e *Oesophagostomum* spp. Desta forma, os testes de resistência aos anti-helmínticos prosseguirão no intuito de alcançar resultados que atinjam valores

relativos a 95% de eficácia com a utilização de diferentes combinações de princípios ativos.

Quanto à aplicação dos questionários, os dados ainda estão sendo analisados a medida que os projetos de desenvolvimento estão sendo implementados.

O desenvolvimento do projeto tem alcançado os objetivos propostos, no que tangem à capacitação e aperfeiçoamento de agentes ligados à produção ovina. Observou-se que as palestras ministradas abrangiam os temas de maior interesse por parte dos produtores, técnicos e alunos que participaram dos eventos, e após cada uma das palestras foi aberto espaço para discussão e perguntas, com extensa participação, principalmente de produtores e técnicos.

Ressalta-se ainda, quanto ao *I Seminário*, que a sua segunda edição deverá ocorrer em um período anterior ao realizado no ano de 2012, no intuito de abranger temas ligados a terminação de cordeiros e reprodução ovina. Uma vez que foi notado que os produtores buscam informações práticas para colocá-las em exercício de acordo com o período produtivo, em que se encontra a sua propriedade.

Já no que se refere ao *III Ciclo de Palestras* da Feira de Verão, foi observado e solicitado pelos produtores e técnicos que a próxima edição seja realizada no período da noite, com a finalidade de envolver um maior número de interessados. Ambos os eventos foram recebidos pela comunidade produtores e técnicos, bem como de alunos, com interesse, perspectivas de melhoria e intensificação do sistema de produção como um todo.

A identificação de tópicos de interesse ao produtor rural no que se refere à reprodução, manejo, nutrição e sanidade possibilitará o desenvolvimento de ações aplicadas pontualmente, que buscarão atender a demanda do setor, bem como nortearão o desenvolvimento de atuações mais profundas e complexas, para suprir a comunidade atendida.

## Conclusões

Conclui-se que com o levantamento sobre a real condição das propriedades rurais ocupadas na criação de ovinos, quanto ao tipo e condições de produção, se faz importante quando se visa um crescimento consolidado do setor. A possibilidade de melhorias na produção deste pequeno ruminante, adaptadas o sistema tradicional de criação, cria perspectivas que este se torne rentável e capaz de manter a produtividade, também, fora do período safral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA, M. N.; RABASSA, V. R.; GONÇALVES, F.M. **Produção Animal: Ovinocultura**. Série NUPEEC. Editora Gráfica Universitária PREC/UFPEL, Pelotas, RS. 2009. 178p.

MOLENTO, M. B.; TASCIA, C.; GALLO, A.; FERREIRA, M.; BONONI, R.; STECCA, E. Método Famacha como parâmetro clínico individual de infecção por *Haemonchus contortus* em pequenos ruminantes. **Ciência Rural**, v.34, n.4, jul-ago, 2004.

NETO, O.A.P.; MÓRLAN, J.B.; CARVALHO, P.C.F. **Práticas em Ovinocultura/ Ferramentas para o sucesso**. SENAR, Porto Alegre – RS, 2004. 146p.

VIANA, J.G.A.; SILVEIRA, V.C.P. **Cadeia** Produtiva da Ovinocultura no Rio Grande do Sul: Um Estudo Descritivo. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v.2, n.1, p. 9-20, jan./abr. 2009

SILVEIRA, H.S. Coordenação na cadeia produtiva de ovinocultura: o caso do conselho regulador Herval Premium. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

UCHA, D. Consumo de carne ovina em crescimento. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, Nov. 2010. Coluna Painel Eletrônico. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=18216>. Acesso em 15 jul. 2013.

## A Prática do Jornalismo como Projeto de Extensão: A Experiência de uma Assessoria de Comunicação no Recôncavo da Bahia

The practice of journalism as an extension project: the a Office of Communication experience in the Reconcâvo of Bahia

Autora:

Hérica Lene

Profª. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. [hericalene@yahoo.com.br](mailto:hericalene@yahoo.com.br)

### Resumo

Partindo da premissa de que é fundamental praticar o jornalismo como parte da formação no curso superior em Comunicação, e também da necessidade de divulgar os eventos do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da UFRB – localizado na cidade histórica Cachoeira, a 110 km de Salvador –, foi criado o projeto de extensão da Assessoria de Comunicação do CAHL (Ascom-CAHL). Com uma equipe de estudantes são realizadas coberturas jornalísticas dos eventos e acontecimentos no Centro, como palestras, seminários, oficinas, encontros, exposições. Este artigo tem justamente o objetivo de relatar um pouco a experiência desse projeto de extensão, em desenvolvimento desde 2012, e refletir sobre sua relação com o ensino de Jornalismo, sua metodologia e dificuldades.

**Palavras-chaves:** Comunicação. Jornalismo. Assessoria de Comunicação. Valores-notícia.

### Abstract

Assuming that it is essential to practice journalism as part of course superior communication, and also the need to publicize the events of the Center for Arts, Humanities and Letters (CAHL)/UFRB - located in the historic city of Cachoeira, 110 Km from the Salvador - was created the extension project of the Office of Communications CAHL (Ascom-CAHL). With a team of students are carried news coverage of events and happenings at the Center, such as lectures, seminars, workshops, meetings, exhibitions. This article has the objective of describing the experience a bit of this extension project, in development since 2012, and reflect on their relationship with journalism education, methodology and difficulties.

**Keywords:** Communication. Journalism. Office of Communications. News values.

## INTRODUÇÃO

Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias e, por consequência, na construção da realidade. O pesquisador norte-americano radicado em Portugal, Nelson Traquina, sustenta essa tese em seu livro *“Teorias do Jornalismo – por que as notícias são como são”* (2004).

Concordamos com o raciocínio de que as notícias são uma “construção” social, o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizá-las como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia.

Como registra Traquina (2004, p.29), em um nível, os jornalistas interagem com diversas fontes de informação, umas com acesso regular aos jornalistas, enquanto outras precisam perturbar a ordem vigente. Em um segundo nível, a interação tem lugar entre jornalistas como membros de uma comunidade que partilha uma identidade profissional, valores e cultura comuns.

Em um terceiro nível, também interagem silenciosamente com a sociedade, por via dos limites com que os valores sociais marcam as fronteiras entre normal e anormal, legítimo e ilegítimo, aceitável e desviante. As notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas partilham, como membro da sociedade, com a sociedade. Como um todo e como seus membros.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (*apud* TRAQUINA, 2004, p. 30), os jornalistas partilham estruturas invisíveis, “óculos”, através dos quais veem certas coisas e não veem outras. Em sua perspectiva, o jornalismo acaba por ser uma parte seletiva da realidade.

Ao refletir sobre o jornalismo, a partir de Traquina (2004), destacamos que os membros da comunidade

profissional partilham não só uma maneira de ver, mas também uma maneira de agir e uma maneira de falar, o “jornalês”.

E os estudantes do curso de Comunicação, com habilitação em Jornalismo, discutem as teorias do jornalismo e uma série de disciplinas para se tornarem “jornalistas”, compartilhem o *ethos* da profissão. Mas não basta o estudo das teorias. É preciso também praticar, exercitar o olhar sobre o que pode ou não ser notícia, de acordo com o veículo e a linha editorial e também os públicos-alvos das mensagens jornalísticas.

Partindo da premissa de que é fundamental praticar o jornalismo como parte da formação no curso superior em Comunicação, e também da necessidade de divulgar os eventos do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – localizado em Cachoeira, a 110 Km de Salvador –, foi criado o projeto de extensão da Assessoria de Comunicação do CAHL (Ascom-CAHL). Com uma equipe de estudantes são realizadas coberturas jornalísticas dos eventos e acontecimentos<sup>3</sup> no Centro, como palestras, seminários, oficinas, encontros, exposições etc.

Este artigo tem justamente o objetivo de relatar um pouco a experiência desse projeto de extensão, em desenvolvimento desde 2012, sua relação com o ensino de Jornalismo, sua metodologia e dificuldades. Em função de sua natureza, este trabalho teve como metodologia pesquisa

---

<sup>3</sup> Trata-se do acontecimento midiático, conforme Marialva Barbosa (2002) considera, ou seja, que não se resume a uma simples ocorrência espacial e temporal. Ao ser editado, selecionado, escolhido, o acontecimento midiático recebe sentidos atribuídos pelos chamados operadores da mídia. Nessa perspectiva, portanto, os acontecimentos públicos seriam produtos ou resultados das atividades, das práticas rotineiras e das estratégias de um certo número de atores sociais.

bibliográfica, observação empírica e, para a coleta de dados, entrevistas com os participantes do projeto, realizadas no primeiro trimestre de 2013.

Tomamos como aportes teóricos os estudos sobre jornalismo de Nelson Traquina (2004) e os sobre Assessoria de Comunicação dos autores Jorge Duarte (2010) e Gaudêncio Torquato (2004).

## 1. O CAHL E O PROJETO ASCOM

O CAHL teve, no semestre 2012.1, um total de 1121 alunos matriculados nos oito cursos que oferece (Artes Visuais, Ciências Sociais, Museologia, Serviço Social, Licenciatura em História, Cinema e Audiovisual, Comunicação e Gestão Pública). E as duas especializações e um mestrado têm mais 186 matriculados. O curso de comunicação teve 177 matrículas.<sup>4</sup>

Criado em 2006, o curso de Comunicação atrai alunos de vários municípios do da Bahia e também de outros estados. Ao longo da graduação, eles vão sentindo a necessidade de procurarem oportunidades para colocar em prática o que estão aprendendo sobre jornalismo. Buscam estágios ou projetos que proporcionem essa experiência ainda durante a graduação.

Tendo em vista essa necessidade, aliada a uma proposta da direção do CAHL, em 2012, foi elaborado o projeto de extensão “Assessoria de Comunicação do CAHL-Ascom/CAHL”, que vem sendo desenvolvido por três professoras do curso de Comunicação: Rachel Neuberger, Jussara Maia e Hérica Lene.

Rachel Neuberger, que iniciou o projeto e atuou por três anos como gestora de extensão do CAHL, explicou que ele surgiu da necessidade de se dar visibilidade às ações extensionistas desenvolvidas por professores do CAHL no site do centro ([www.ufrb.edu.br/cahl](http://www.ufrb.edu.br/cahl)), que integra o portal da UFRB. Sobre o início do projeto, contou:

*“Ao avaliar a estrutura necessária para realizar a ação, verificou-se que seria importante envolver outros professores de Comunicação, uma vez que o gestor, neste momento é jornalista, mas a gestão pode vir a ser exercida por profissionais de outra área, o que, possivelmente, dificultaria a divulgação profissional destas ações. A fim de garantir continuidade às práticas noticiosas, decidiu-se por convidar outros professores do curso de Comunicação, proporcionar aos estudantes uma atividade com cunho prático a partir de um projeto de extensão para que, independentemente do gestor, a visibilidade seja garantida.”*

Apesar de ter sido idealizado para cobrir as ações extensionistas, segundo ela, o projeto ainda abrange outros fatos, tais como: publicações de professores; participações de professores/estudantes/técnicos em eventos externos; coberturas de seminários, encontros, palestras, exibição de filmes com debates, oficinas etc.

O objetivo é divulgar os eventos do Centro e proporcionar a prática da cobertura jornalística a estudantes do curso de Comunicação. Dentro do propósito da extensão universitária ou acadêmica, entendida como uma ação de uma universidade junto à comunidade, disponibilizando ao público externo o conhecimento adquirido com o ensino e a

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis no site da UFRB: <http://www.ufrb.edu.br/surrac/index.php/ufrb-em-numeros>. Acesso em 24 de abril de 2013.

pesquisa desenvolvidos. Essa ação produz um novo conhecimento a ser trabalhado e articulado.

O projeto Ascom-CAHL se insere como projeto de extensão porque visa proporcionar o treinamento dos estudantes na prática de produção de textos noticiosos envolvendo a comunidade interna e externa. Ao divulgar os eventos e outros acontecimentos que interessam à sociedade em geral, por meio do site da UFRB, contribui para uma maior participação da comunidade nesses eventos e na divulgação do conhecimento científico.

Trata-se de um trabalho de Assessoria de Comunicação<sup>5</sup>, entendida como uma área importante do campo da Comunicação. É compreendida como Comunicação Organizacional (Corporativa ou Institucional), que reúne um conjunto complexo de atividades, ações, estratégias, produtos e processos desenvolvidos para reforçar a imagem de uma empresa ou entidade (sindicato, órgãos governamentais, ONGs, associações, universidades etc) junto aos seus públicos de interesse (consumidores, empregados, formadores de opinião, classe política ou empresarial, acionistas, comunidade acadêmica ou financeira, jornalistas etc) ou junto à opinião pública.

Mas é importante ressaltar que não se trata de fazer a Assessoria de Comunicação da UFRB institucionalmente, pois a

---

<sup>5</sup> O trabalho voltado para assessoria de imprensa surgiu em 1906, nos Estados Unidos. O crédito pelo surgimento dessa profissão é dado a Yve Lee, a quem se atribui a utilização de técnicas de publicidade para mudança de imagem do norte-americano John Rockefeller. A assessoria de imprensa nos EUA é exercida por profissionais de relações públicas. No Brasil, essa atividade teve um vertiginoso crescimento a partir de 1964. Com as relações públicas, generalizou-se, na iniciativa privada e, no serviço público, a prática de assessoria de imprensa. E as duas atividades atraíram muitos jornalistas (DUARTE, 2005, p.11).

universidade conta com um setor específico para isso, com duas jornalistas concursadas, e que funciona no campus de Cruz das Almas, instituída pela reitoria.

O projeto de extensão Ascom-CAHL tem outro objetivo: além da divulgação dos eventos e acontecimentos relacionados com a comunidade discente e docente da UFRB em Cachoeira, proporcionar aos estudantes de jornalismo a oportunidade do treinamento de cobertura jornalística<sup>6</sup>.

O viés que se privilegia é a divulgação dos eventos que tenham importância acadêmica para a comunidade discente e docente, relacionados com a UFRB. Justamente o que recomenda Gaudêncio Torquato ao falar de comunicação na administração pública:

A comunicação na administração pública comete o viés de privilegiar a pessoa e não o fato. A isso se chama de 'fulanização' comunicativa. Trata-se de uma visão distorcida, geralmente adotada por gente sem formação adequada ou por um tipo de assessoria de louvação que mais desajuda. O fato é notícia, o agente é elemento reforçador. Quando o fato se superpõe ao agente, a mensagem aparece de maneira mais crível e a fonte ganha em credibilidade e respeitabilidade (TORQUATO, 2004, p.119-120).

---

<sup>6</sup> Em jornal, revista, rádio e TV, e mais recentemente sites noticiosos, trabalho que parte da apuração até a elaboração da notícia. Conforme Bahia (2010, p. 80), é a atividade do repórter ao observar, questionar, acompanhar e narrar o acontecimento. Em jornalismo, qualquer que seja o veículo, cobertura corresponde a um relato, da forma mais completa possível, de todos os fatos apurados.

O que se propõe é justamente não sobrepor as fontes (de informação) à instituição, mas divulgar os trabalhos da UFRB e tentar relacioná-los com a sociedade na qual está inserida.

O início dos trabalhos da Ascom-CAHL se deu no semestre 2012.1, com abertura de inscrição de estudantes de jornalismo voluntários. O projeto não conta com verbas, nem com infra-estrutura específica para tal, como sala, computadores, impressoras e telefone. A equipe foi composta pelas três professoras que são pauteiras<sup>7</sup> e orientadoras dos alunos, e que se revezam na função (cada semana uma é responsável pela orientação e correção dos textos noticiosos pelas alunas); uma servidora técnico-administrativa da UFRB, Lélia Maria Sampaio Santana, formada em Letras e que já teve uma experiência como pauteira, e que atua como responsável pela postagem da agenda de eventos do site da UFRB e também elabora textos noticiosos e faz pautas; e estudantes voluntários.

No primeiro ano do projeto, participaram quatro estudantes. Em 2013.1, a equipe aumentou e passou a contar com seis voluntários. A metodologia de trabalho funciona da seguinte forma: a cada semana, uma professora elabora as pautas e distribui por e-mail para os estudantes realizarem a cobertura jornalística, conforme a disponibilidade de cada um. O objetivo é que os estudantes cumpram uma carga horária de dez horas semanais de prática jornalística.

Definimos pauta, conforme Mário Erbolato (2002): o planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações

---

<sup>7</sup> Conforme Bahia (2010, p. 282), pauteiro é aquele que no veículo se encarrega de produzir a pauta. O criador de matérias. Jornalista que coordena e elabora as sugestões dos diversos setores da redação para cobertura em uma edição.

estruturadas por editorias – de cidade (ou geral), política, economia, etc.), com listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.

Os estudantes fazem a cobertura jornalística, escrevem os textos em computadores próprios e os enviam por e-mail para a professora orientadora, que corrige, faz comentários para o “repórter” e depois encaminha os textos noticiosos para a postagem.

Eles enfrentam todas as etapas da produção jornalística. Recebem uma pauta sobre um tema que devem cobrir de um superior, no caso não o editor de jornal, mas um professor orientador; vão ao evento entrevistar as fontes envolvidas naquele acontecimento e depois têm de ordenar as informações coletadas de acordo com as normas de um texto jornalístico.

Os textos noticiosos são publicados no site da UFRB, não assinados pelos autores, por se tratar de uma Assessoria de Comunicação, mas com um expediente ao final com o nome de toda a equipe participante.

No primeiro semestre deste ano, começou-se a realizar uma reunião mensal com toda a equipe do projeto e as professoras orientadoras para troca de experiências e relatos de dificuldades.

## 2. RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Para os estudantes, embora enfrentem dificuldades de infra-estrutura, pois o projeto de extensão e também o curso de Jornalismo não contam com uma sala específica para funcionar como uma redação, o projeto traz uma experiência positiva para o aprendizado.

Para Cintia Pina, do 6º semestre do curso, não existe melhor forma de aprender do que praticando: “Fazer parte da Assessoria de Comunicação da Universidade e contar com o apoio das professoras para o desenvolvimento do trabalho ajuda muito. Além das correções, receber dicas de quem tem mais experiência no assunto, só me acrescenta”.

Para outra estudante do mesmo período, Fabiana Dias, que participa do projeto desde o início, essa atividade permite um contato com o fazer jornalístico que contribui para a sua formação. “O fato de ter que cumprir pautas, obedecer *deadline*<sup>8</sup> é uma forma de nós estudantes aprendermos a enfrentar as dificuldades pelas quais o jornalista tem que passar e aprendermos também a lidar com a agilidade que o profissão exige”, contou.

A estudante, em seu relato, aborda um dos maiores desafios dessa atividade de extensão, que é a do aspirante a jornalista entender o quanto o tempo é importante para a profissão de jornalista. É preciso que eles compreendam a importância de desenvolver a cobertura jornalística e produzir o texto em tempo hábil para que a notícia não vá “velha” para o site noticioso, como se diz no jargão da profissão. Se o jornalista não tiver a competência para fazer a apuração (coleta dos dados e entrevistas) e saber ordenar de forma clara e objetiva essas informações para o leitor, terá dificuldades em se manter na profissão.

Do ponto de vista do aprendizado e da relação teoria e prática, Fabiana Dias completa:

---

<sup>8</sup> Jargão utilizado na profissão de jornalista que significa: “Prazo fatal, hora improrrogável para fechamento de matérias, página, programa ou edição”(BAHIA, 2010, p.111).

*“Essa relação teoria/prática serve para aplicarmos em nossas produções as premissas do jornalismo que aprendemos em sala. Isso ajuda aprimorar a formação profissional. Sabemos que temos muito a aprender, que o mercado exige muito, mas um projeto como o Ascom/CAHL consegue complementar o aprendizado que temos com as disciplinas práticas. Ter as professoras como nossas editoras é outro ponto positivo, pois o retorno que elas dão sobre os nossos textos servem como incentivo e as orientações contribuem para que busquemos melhorar a cada nova produção. Para mim, o projeto é uma forma de concretizar o tripé ensino, pesquisa e extensão na universidade.”*

Para a servidora técnica-administrativa que é responsável pela postagem das notícias, organização da agenda de eventos do CAHL e que também faz sugestões de pauta, Lélia Maria Sampaio Santana, a experiência é um acréscimo para a formação profissional das estudantes:

*“Nesta atividade elas podem praticar o que aprendem durante as aulas, percebem que a rotina do jornalista, têm prazos que devem ser respeitados e exige uma qualidade que se aperfeiçoa com o exercício da profissão, especialmente quando se trata da área de Assessoria de Comunicação, já que é a imagem de uma empresa, pessoa, instituição, etc, que está sendo representada.”*

A professora Jussara Maia, que orienta as estudantes, destacou o desafio de articular o processo de orientação e formação do aluno à velocidade da produção jornalística que,

mesmo em uma assessoria de comunicação, ocorre em um ritmo muito mais veloz, comparado com aquele das atividades de ensino.

“A orientação exige também o estabelecimento de relações mais abertas para que o aluno fique mais à vontade para fazer questionamentos, expressar dificuldades e aprender a ter um retorno mais dinâmico de sua produção”, avaliou.

Nestes termos, acrescentou a professora, a extensão propicia um cenário muito rico com a junção do ensino e da prática jornalística, mas sob o espaço mais confortável da condição de aluno. No entanto, o professor deve assumir uma posição que mescla a relação de orientação com os aspectos acadêmicos àquela do cotidiano das redações de uma assessoria, valorizando e incentivando, mas, também, alertando e apontando os ajustes necessários.

Para Rachel Neuberger, a atividade extensionista tem vários aspectos positivos. Para os professores, diretamente envolvidos na coordenação das ações, segundo ela destaca, além do registro de práticas de extensão, que gera dados relevantes para o currículo e pontuação para progressões, cria maior interdisciplinaridade dentro do próprio curso de Comunicação e, além disso, gera dados para divulgação científica.

Para a direção do centro, em sua visão, o projeto atua como uma forma eficaz de divulgar o trabalho que é desenvolvido, expondo a relação da universidade com a comunidade onde está inserida. Já para os estudantes diretamente envolvidos, é uma oportunidade de prática jornalística tendo como atividade a assessoria de comunicação do centro.

Para a comunidade do CAHL, ela destacou que o projeto é uma forma de conhecer o que está sendo desenvolvido principalmente pelos professores para além da sala de aula; e, para a comunidade externa, é uma forma, por exemplo, de ter

acesso ao que será desenvolvido no âmbito da universidade, garantindo a participação em tais ações.

“O projeto, apesar de contar com certas dificuldades estruturais como falta de equipamentos, tem correspondido às expectativas de dar visibilidade à realidade do centro, bastante rica em termos de ações no âmbito da educação superior”, enfatizou.

Com base nos relatos e na observação empírica do projeto em seu desenvolvimento, verificamos algumas dificuldades dos estudantes com relação à sua participação enquanto produtos dos textos noticiosos, que precisam ser trabalhados pelas professoras orientadoras.

Uma dificuldade é a elaboração de basicamente um texto noticioso por semana (ao contrário do mercado de trabalho, onde o jornalista geralmente faz uma média de duas matérias por dia). Isso ocorre em função da disponibilidade deles de conciliar o estudo com a experiência do projeto, por não ser sua atividade fim.

Outra dificuldade é que os estudantes não vão além da pauta que recebem, ou seja, não propõem novos ângulos para abordagem, mais fontes que podem ser ouvidas, mais perguntas que podem ser feitas. É um desafio despertá-los para que eles entendam que essa contribuição do repórter com relação à pauta que recebe do editor (no caso o professor orientador) faz parte da atividade diária do jornalista. É preciso vencer o comodismo e aceitação de que a pauta vai proporcionar a totalidade do texto noticioso. Em sua essência, ela é apenas o ponto de partida da apuração.

Um outro ponto está relacionado à apuração, que é preciso vencer o comodismo da apuração fácil e rápida, ou seja, de assistir ao evento ou palestra e, a partir dali e utilizando o texto da pauta, elaborar um texto burocrático sobre o assunto.

Essa é uma dificuldade a ser enfrentada do ponto de vista da orientação dessa atividade, pois os estudantes precisam



exercitar também a criatividade na hora de escrever os textos noticiosos e não elaborá-los de forma relatorial, ou em uma mera repetição da programação dos eventos. Esse é um desafio que eles vão enfrentar no mercado de trabalho: escrever bem e de forma atraente para prender a atenção de um leitor cada vez mais bombardeado por informações e diversificados canais de comunicação.

Outro desafio que foi apontado pelas professoras é desenvolver uma cobertura mais focada em ações e atividades dos professores e estudantes, pois na primeira etapa do projeto têm-se dado mais ênfase na cobertura jornalística dos eventos.

## CONCLUSÃO

O projeto de extensão Ascom-CAHL, em desenvolvimento na UFRB, tem feito a divulgação dos eventos e acontecimentos relacionados com a comunidade discente e docente da UFRB em Cachoeira, proporcionando aos estudantes de jornalismo a oportunidade do treinamento de cobertura jornalística.

Embora os estudantes enfrentem algumas dificuldades com relação à infra-estrutura, pelo fato do projeto não contar com um espaço específico, como uma sala de redação, a atividade tem sido desenvolvida.

O objetivo é proporcionar aos estudantes participantes o desenvolvimento de uma competência profissional específica necessária à profissão. Pelo menos de forma aproximada, pois no mercado de trabalho, eles, como profissionais, terão pressões muito mais contundentes com relação a prazos, fontes de informação, conflitos éticos, competição entre os pares etc.

Ser profissional implica possuir uma capacidade performativa que implica possuir um conjunto de saberes profissionais que constituem o “vocabulário de precedentes”, constituído pelo que Ericson, Baranek e Chan (1987, p. 113),

citados por Tranquina (2004, p.41-42), chamaram de: saber de reconhecimento, saber de procedimento e de narração.

O projeto Ascom-CAHL contribui, portanto, para a aquisição desses saberes, que só se completarão mais profundamente e efetivamente com o exercício da profissão no mercado de trabalho e seus enfrentamentos diários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Juarez. **Dicionário de Jornalismo século XXI**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. **O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura**. Semiosfera – revista de Comunicação e Cultura, Ano 2, nº 1, maio de 2002. Disponível em: [http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera02/organi\\_zacao/frsoc1.htm](http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera02/organi_zacao/frsoc1.htm). Acesso em: 8 de agosto de 2007.

DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. Editora atlas, 2010, 3ª edição.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de comunicação organizacional e política**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TRAQUINA, Néilson. **Teorias do jornalismo – porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

## Preconceito Linguístico: Assim se diz, assim se faz nas Escolas Municipais do Distrito de São José do Itaporã em Muritiba – BA

**Prejudice Languages:** So says If, If so does the Municipal School District of St Joseph's In Itaporã Muritiba – BA

**Autora:**

**Simone Pereira de Souza**

Professora Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. [sp.desouza@bol.com.br](mailto:sp.desouza@bol.com.br)

### RESUMO:

A variação linguística é uma realidade constitutiva do português brasileiro em todas as esferas sociais. Em decorrência desta variação, os defensores da unidade linguística tendem a estigmatizar as variedades mais distantes da norma padrão, tratando-as como “distorções ou erros da língua”. Esta posição traduz-se em preconceito linguístico. Na educação, as concepções linguísticas dos educadores norteiam escolhas metodológicas em sala de aula, que podem contribuir ou inibir a comunicação natural do educando, agindo como difusoras ou eliminadoras de preconceitos. Nessa pesquisa, busca-se identificar as concepções sobre preconceito linguístico dos educadores do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-BA, com abordagem quantitativa e qualitativa, tendo como locus os professores dos vários segmentos de ensino das escolas do município supra citado. O instrumento de coleta de dados foi questionário constituído de dezesseis (16) questões subjetivas e objetivas. Constatou-se que, os educadores pesquisados apesar de afirmarem ter conhecimento e respeito às variedades linguísticas dos educandos, ainda concebem esta diversidade linguística com um grau de preconceito, e isto é verificado quando concordam com a maioria dos mitos estudados, como o da *unidade linguística*, o de que *é preciso saber gramática para ler e escrever bem*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito. Língua. Variação.

### ABSTRACT:

The linguistic variation is a constitutive reality of Brazilian Portuguese in all social spheres. Due to this variation, proponents of linguistic unity tend to stigmatize varieties distant from the standard norm, treating them as "distortions or errors of language." This position is reflected in linguistic bias. In education, the conceptions of language educators guide methodological choices in the classroom, which may contribute to or inhibit the natural communication of the student, acting as diffusion or scavenging prejudices. In this research, we seek to identify the concepts of prejudice language educators in the district of São José do Itaporã, Muritiba-BA, with quantitative and qualitative approach, with the locus of the teachers teaching various segments of the local schools mentioned above. The instrument for data collection was questionnaire consisting of sixteen (16) objective and subjective questions. It was found that educators surveyed despite claiming to have knowledge and respect for linguistic varieties of learners also conceive this linguistic diversity with a degree of bias, and this is verified when they agree with most myths studied, such as the linguistic unit, that the grammar you need to know to read and write well.

**KEYWORDS:** Prejudice. Language. Variation.

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país constituído por uma diversidade muito grande, tanto cultural, histórica, racial, econômica, religiosa, artística e linguística. Toda essa diversidade se reflete na língua, que é o Português. A Sociolinguística é a área da linguística que se preocupa em estudar as variações constitutivas do português brasileiro.

Apesar da variação linguística não ser aceita por muitos, que consideram a língua falada em toda a extensão de nosso território como única e homogênea, ela é viva e heterogênea, caracterizando o traço identitário de uma gente e precisa ser reconhecida, principalmente nos meios educacionais. A não aceitação de determinadas variedades linguísticas, geralmente as das classes menos favorecidas como pobres, favelados, analfabetos, etc., pode representar um preconceito.

O preconceito linguístico baseia-se na ideologia de que só existe uma maneira de falar “correta”, que é a utilizada pela classe dominante. Este é um preconceito pouco conhecido, agindo assim, de forma veemente, calando a voz de muitos falantes das variedades estigmatizadas.

Neste sentido, esse trabalho se justifica pela necessidade de esclarecimentos das concepções dos educadores, sobre as variantes linguísticas em sala de aula e o preconceito estabelecido sobre as mesmas, dificultando a comunicação e a aprendizagem dos educandos.

A escola como instituição voltada para a educação e cultura deve reconhecer e respeitar as variantes linguísticas. Compreendendo que a língua do nosso país não é constituída de uma unidade, ou seja, nossa língua é heterogênea.

Assim, este estudo norteia-se a partir da seguinte questão: quais as concepções dos educadores da rede municipal de ensino no distrito São José do Itaporã, Muritiba - BA sobre preconceito linguístico em sala de aula? Para

responder a tal questionamento utilizou-se uma pesquisa de campo com educadores dos vários segmentos de ensino da educação pública do distrito de São José o Itaporã, no município de Muritiba e levantamento bibliográfico.

Desta forma, objetivou-se com esta identificar as concepções sobre preconceito linguístico dos educadores do município baiano, supracitado. Como é conhecido, são as concepções dos educadores que direcionam sua prática educativa, no tratamento da língua portuguesa isso não é diferente.

## 2 ASSIM SE DIZ: LINGUA, VARIAÇÃO E PRECONCEITO

A língua é o principal instrumento de comunicação entre as pessoas, por meio dela acontecem às interações ela representa um povo, uma nação. É através da língua que o povo se expressa culturalmente. Segundo Brito (2004, p. 136) “Há instâncias do uso da língua em que se supõe a língua neutra, em que a neutralidade seria, por assim dizer, desejada e assumida (neutralidade pretensa, quero dizer, pois a língua jamais será neutra).”

Assim, diante do exposto, é possível compreender que a língua é carregada de subjetividade, ela representa um povo, como também serve de ideologia na reprodução de preconceitos históricos, políticos e sociais. A exigência de uma norma padrão excludente do falar natural brasileiro assume o que os grandes linguistas vêm discutindo, que é o preconceito e a negação de que a língua varia e que ela não é una. Para Brito (2004, 146),

A ideia básica que predomina nas sociedades de escrita, como é o caso da sociedade ocidental, é que existe uma forma correta de falar- a norma culta ou língua formal ou ainda língua padrão, entre outros nomes- e que

conhecer e saber usar essa forma é importante para poder participar ativamente da sociedade.

Essa afirmação é veemente criticada, pois coloca a norma padrão como fator de ascensão social. Sabe-se, porém que nenhum brasileiro usa integralmente o padrão, já que o mesmo é constituído para a escrita e a fala é inerente à escrita. Utilizar a norma padrão como fator de exclusão, de disseminação do preconceito não deve ser aceito pelos estudiosos da língua.

É importante que tenhamos um padrão para a escrita, mas esse padrão deve caracterizar a fala do povo, não de um grupo dominante, representado pelos grandes e poucos escritores do passado. De acordo com Bagno (2008, p. 142),

A gramática normativa tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais à gente vai podando, flores mais bonitas vai dando.

A língua é viva, muda e não pode ficar presa a normas criadas para dominar uma grande maioria que muitas das vezes nem tem acesso à norma padrão. Não é preciso ser um linguista para notar a grande diversidade de falares a nossa volta.

## 2.1 MITOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Diante dos preconceitos criados sobre a língua do povo brasileiro e a confusão entre língua falada e a gramática normativa, criou-se vários mitos na tentativa de justificar tais preconceitos e disseminar uma política linguística preconceituosa e excludente.

No meio escolar este preconceito pode ser veiculado através dos livros didáticos, das gramáticas normativas e principalmente pela postura do profissional que media o conhecimento, pois é evidente que a postura do professor tem uma grande interferência na aprendizagem e no desenvolvimento cidadão do educando.

Bagno (2008) faz um excelente estudo sobre a mitologia do preconceito linguístico refletindo também os meios mais adequados de combater tal prática.

O primeiro mito defende que “*o português brasileiro apresenta uma unidade surpreendente*” (BAGNO, 2008, p. 26). Este mito é defendido por estudiosos renomados que acreditam realmente na unidade da língua.

Porém é evidente que não existe língua falada una. Toda e qualquer língua apresenta variação, Mollica (2010, p. 09) ressalta que “Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”.

O Brasil é um país que apresenta uma grande diferença socioeconômica da população, e conseqüentemente isso se reflete no uso da língua, ou melhor, a população de baixa renda, analfabetos e semianalfabetos, moradores da zona rural fazem uso de variedades estigmatizadas, e as pessoas com maior prestígio social fazem uso das variedades prestigiadas, mais próximas da gramática normativa, criando assim, um abismo entre os mesmos, difundindo a cultura do “certo” e “errado”.

Os defensores da homogeneidade linguística fazem com que os usuários das variedades estigmatizadas se sintam

inferiores aos usuários das variedades prestigiadas, deixando muitas vezes de utilizar serviços públicos por não entenderem a linguagem empregada pelos mesmos. Segundo Mollica (2010, p. 13),

Toda língua, portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosas contribuições no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

Nesta perspectiva, torna-se necessário o reconhecimento da diversidade linguística do português brasileiro para diante desta realidade combatê-lo veemente. A escola como instância responsável pela educação precisa substituir seus velhos métodos de ensino da língua e começar a respeitar as variedades trazidas por seus alunos para sala de aula, mostrando aos mesmos que o ensinado na escola é apenas mais umas das variedades do português.

Para Bagno (2008, p. 33-34), a escola não deve simplesmente aceitar a variedade do aluno, mas levar os falantes a apoderar-se também de novos recursos linguísticos, de outras variedades, principalmente das urbanas de prestígio e da norma-padrão tradicional, que ele só terá condições de conhecer por meio da escolarização.

A mudança de postura da escola contribuirá significativamente para amenizar os males causados pelo preconceito linguístico, especificamente pelo mito da homogeneidade linguística, que como pode ser observado, não tem fundamentos consistentes.

O segundo mito vem dizer que “As pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2008, p. 56). Mais uma vez o preconceito recai sobre as classes desfavorecidas, os pobres, os marginalizados são as maiores vítimas da falta do conhecimento institucionalizado. No entanto, diante da variação linguística, isso não significa que o que eles falam seja “errado”, mas uma das variações que a língua sofre. Segundo Bagno (2008, p. 56),

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

As pessoas, mesmo sem escolarização, fazem uso da língua. E esse uso não deve ser avaliado como “certo ou errado”, mas sim reconhecida como uma das variações da língua. É bom lembrar que com o processo da mudança linguística o que é estigmatizado hoje pode ser o certo daqui a algum tempo.

O terceiro mito prega que “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” (BAGNO, 2008, p. 78). Mais uma vez a língua escrita é considerada a “correta”, a forma mais adequada para ser modelo de escrita e da fala. A gramática tornou-se instrumento de exclusão social, pois quem não tem o conhecimento das suas normas não fala e nem escreve bem. Mas o que é falar e escrever bem? É usar todas as normas gramaticais ou adequar a língua ao contexto de uso?



São muitas as interrogações que circundam a língua, suas variedades e mudanças, no entanto é válido ressaltar que alguns linguistas usam respostas que perpetuam o preconceito, quando valorizam a gramática normativa como se a língua falada fosse subordinada a ela e quando afirmam que toda forma de representação escrita deve ser fidedigna da gramática. Segundo Bagno (2008, p. 82-83),

Esse mito está ligado a milenar confusão que se faz entre língua e gramática normativa. Mas é preciso desfazê-lo. Não há porque confundir o todo com a parte. [...] como eu disse, enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier à próxima cheia.

Nesta perspectiva, a língua precisa ser vista como esse rio sempre em movimento, pois ela é viva e sofre transformações ao longo do tempo, enquanto a gramática normativa permanece estagnada, sem muitas mudanças. É insensato querer comparar um *rio/língua* com um *igapó/gramática normativa*, ou até mesmo tentar subordinar a língua falada e viva com regras fixas da gramática. Não querendo desmerecer o papel da norma na língua portuguesa brasileira, cada qual tem sua representatividade, ambas devem ser tratadas com respeito.

Segundo Irandé Antunes (2004, p. 129),

A gramática é um componente constitutivo da língua, melhor dizendo, um dos componentes, além de outros igualmente determinantes. Não representa, portanto, a totalidade da língua. Por isso, saber falar ou escrever uma determinada língua nunca poderia ser apenas saber sua gramática.

O quarto e último mito defende que “*O domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social*” (BAGNO, 2008, p. 89). Este mito é um dos mais falsos, pois se o conhecimento da norma-padrão representasse ascensão social os professores de língua portuguesa seriam respeitados e valorizados, tanto no âmbito do status como também no salário digno das dificuldades encontradas no processo de ensino. Está claro que o preconceito linguístico é sem dúvida um meio de discriminação que só serve aos interesses da elite dominante que procura a todo custo se perpetuar no poder.

A língua, que muitos consideram a melhor, advém das camadas mais prestigiadas, porém adquirir esta variedade de prestígio não significa que o falante tornar-se-á um cidadão com status na sociedade. Bagno (2008, p. 91) ressalta,

O mero domínio da norma-padrão não é uma fórmula mágica que, de um momento para o outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso garantir, isto sim, o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito.

O simples fato do indivíduo conhecer a língua padrão não representa tanto diante das desigualdades da sociedade brasileira. Se for levado em consideração que a maioria dos falantes das variedades prestigiadas são oriundos de famílias ricas, geralmente brancas e heterossexuais, moradoras do Sul do país, fica evidente que doar a língua-padrão aos “sem-língua-padrão” é mais uma forma de desvalorizar as classes desfavorecidas e manter o preconceito sobre as variações usadas pelos mesmos.

## 2.2 O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A sociolinguística surgida em 1960 nos Estados Unidos com o impulso dos estudos de William Labov é a área da linguística responsável pelo estudo da variação, como afirma Cagliari (2009, p. 41),

A sociolinguística vai mostrar os problemas da variação linguística e da norma culta. Se linguisticamente não existe o certo e o errado, mas o diferente, socialmente as coisas não caminham desse modo. A sociedade se apega a fatos linguísticos, que por si são neutros, a fim de usá-los como argumento para seus preconceitos.

Os estudiosos da sociolinguística perceberam que não era mais aceitável estudar a língua como algo neutro às influências sociais, sem levar em consideração a sociedade em que ela é falada. A língua é uma entidade viva, diretamente associada à cultura, a história, a economia, a política, ela é por natureza heterogênea.

Neste contexto Bagno (2007) salienta que partindo da noção de heterogeneidade, a Sociolinguística defende que toda língua é um feixe de variedades, e que cada variedade

linguística tem suas características próprias, servindo para diferenciá-la das outras variedades. Assim a variedade linguística é denominada como um dos vários modos de falar uma língua. Estes modos estão relacionados às questões de ordem social, econômica, de escolaridade, de faixa etária, etc.

Diante disso Mollica (2010, p. 10-11) afirma que, “A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”.

A variação linguística pode ser classificada em variação diatópica na qual as alternâncias se expressam regionalmente considerando os limites físicos e geográficos; em variação diastrática onde o que é levado em conta são as diferenças sociais; variação diamésica que se verifica na comparação entre língua falada e língua escrita; variação diafásica a qual se refere ao uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo o contexto e em variação diacrônica aquela que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Apesar da classificação é importante ressaltar que a variação linguística é contínua e como afirma Bagno (2007) “em nenhuma hipótese é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre”.

Dentro deste processo de variação da língua existem variedades mais prestigiadas e outras estigmatizadas, como referido anteriormente. O falar mais próximo das normas gramaticais é considerado “melhor”, “bonito” e “certo, enquanto o falar das classes populares, analfabetos, etc., é considerado “errado” e “feio”. Assim nasce o preconceito linguístico, atingindo principalmente as classes oprimidas, sem acesso à informação.

Nesta perspectiva Bagno (2007, p. 48) salienta que,

Toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada. A ideia de que existem variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas” ou mais “erradas”, mais “ricas” e mais “pobres” é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e de discriminação que existem em toda sociedade. Para o estudioso da linguagem, todas as variedades linguísticas se equivalem, todas têm sua lógica de funcionamento, todas obedecem a regras gramaticais que podem ser descritas e explicadas.

As avaliações que são feitas sobre a língua tanto positiva como negativamente representam ideias que podem resultar em preconceitos, inibindo, desta forma, os usuários das variedades estigmatizadas de se expressarem naturalmente, sem receios de julgamentos e discriminação.

### **2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA**

A variação linguística não é identificada exclusivamente em ambientes informais, mas também na sala de aula que é um espaço direcionado pela sociedade à formação do educando na esfera formal. Quando é afirmado que a língua é constituída de uma variação significa dizer que ela é heterogênea, e isso não se isola em determinados lugares, mas é a realidade dos falantes brasileiros, ou seja, ela é vista em todos os espaços onde há pessoas interagindo.

A heterogeneidade da língua é constitutiva de variedades mais prestigiadas e outras estigmatizadas. A escola baseia seu ensino na variedade mais próxima do padrão gramatical, que são as variedades de prestígio. Porém, ao adotar uma variedade como melhor no processo de ensino, colocam- as outras como “feias” e “erradas”. Isto, conseqüentemente, é prejudicial àquele educando falante das variedades estigmatizadas.

Os educandos, atualmente, são advindos de diferentes classes sociais, culturas, etnias, etc., esta diversidade também é refletida nos diferentes modos de falar de cada um. Neste contexto, é fundamental que os profissionais da educação estejam preparados para lidar com as inúmeras situações decorrentes da variação e do preconceito estabelecida, muitas das vezes, sobre os falares destes educandos.

A criança ao entrar na escola já é falante da língua portuguesa, que pode ser tanto uma variedade prestigiada como também uma variedade estigmatizada. Assim, a escola não tem a função de ensinar o português aos seus alunos, mas de inseri-lo no meio da escrita e da leitura, mostrando-lhes que além da variedade usada pelos mesmos há outras variedades mais próximas da gramática normativa que serão mais aceitas em ambientes formais.

Como afirma Cagliari (2009), a criança ao iniciar a alfabetização já é capaz de falar e entender a língua portuguesa com facilidade em várias situações de seu cotidiano. Porém, não sabe ler e nem escrever, pois para ela estes são usos novos da linguagem e esse é um das principais funções que ela espera da escola, além de em muitos casos aprender uma variedade do português de prestígio.

O importante não é fazer julgamentos sobre a forma de falar dos alunos, considerando-a como “certa” ou “errada”, mas lhe possibilitar o conhecimento de outras variedades, promovendo além de tudo o letramento.



É necessário que a escola reconheça que seus alunos precisam estar próximos aos mais variados recursos textuais, para que ocorra realmente o letramento, e conseqüentemente possam usar a língua em sua diversidade, sem preocupações de serem tratados com preconceito.

O professor como mediador do conhecimento e figura de exemplo para os alunos precisa evitar posições que configurem alguma forma de preconceito contra os educandos, em especial o preconceito linguístico. É importante que o professor compreenda que a sala de aula, tal como em toda a sociedade, é constituída por pessoas de diversas classes sociais, culturas diferentes, etc. e quando ele exalta uma forma de falar em detrimento a outra pode causar constrangimento entre os alunos e provocar reações preconceituosas.

De acordo com Silva (2004, p. 262),

Para ampliar o conhecimento linguístico do aluno sem corrompê-lo com preconceitos contra outras variedades – nem principalmente, contra a sua própria -, não basta que os professores saibam que todos os dialetos são igualmente instrumentos eficientes, bons dentro do seu contexto social. É preciso que assim os reconheçam. E isso não é fácil! Exige-se deles que modifiquem seu sistema de valores, que é o mesmo da sociedade onde vivem e do qual não tem plena consciência. Ao corrigir o aluno, o professor reage em defesa de um padrão imaginário, ao qual também ele é submetido. Ele rejeita variantes linguísticas que, talvez em menor frequência, também caracterizam a sua fala.

Para o professor de língua portuguesa, mudar o comportamento em sala de aula em relação às variações

linguísticas, não é tarefa fácil, pois a sua formação levou-o a compreender o ensino da língua desta forma tradicional que é encontrada hoje na maioria das escolas, como também a maioria dos currículos exige que os professores centrem seu ensino em torno da morfologia e da sintaxe, deixando de lado o estudo mais profundo da fonética, fonologia, dentre outras. Mas faz-se necessário que aos poucos seja incutida nas aulas de português uma visão diferenciada e menos preconceituosa.

De acordo com Cagliari (2009, p. 24),

[...] o professor de língua portuguesa deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de sua vida.

Nesta perspectiva, o ensino da gramática tradicional torna-se irrelevante, se voltado para a decoração de nomenclaturas, colocando a gramática como onipotente e capaz de garantir o êxito de toda atuação verbal.

O ensino da gramática precisa ser revisto na educação brasileira, pois é notório que as deficiências apresentadas pelos alunos concluintes do ensino médio têm reflexões deste ensino de língua portuguesa centrado na gramática normativa tradicional. A língua não pode ficar presa aos usos tradicionais das gramáticas, como se a língua fosse externa ao ser humano.

Assim, é fundamental que novos estudos sociolinguísticos sejam desenvolvidos e levados para a educação básica, no intuito de modificar a situação atual e formar cidadãos conscientes, respeitadores e livres de preconceitos contra as variedades linguísticas dos outros e a sua própria.

### **3 METODOLOGIA**

O estudo foi realizado no segundo semestre de 2012 e refere-se a uma pesquisa de natureza descritiva e fenomenológica, adotando-se as abordagens qualitativas e quantitativas, já que buscamos entender a subjetividade e conhecer o fenômeno, através das respostas dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A pesquisa foi realizada com professores de diversos segmentos da educação municipal do distrito de São José do Itaporã, Muritiba – BA, os quais inicialmente foram conscientizados sobre o objetivo da pesquisa e a possível divulgação dos resultados.

Posteriormente os educadores receberam o instrumento de coleta de dados que constitui-se de questionário formado por dezesseis perguntas (dez objetivas e seis subjetivas) que versavam sobre a formação acadêmica, o conhecimento da Língua e sua variação, o reconhecimento da Variação lingüística em sala de aula e a concordância/discordância de afirmações referentes à Língua e sua utilização.

Os questionários foram distribuídos aos professores em suas instituições de ensino e, depois de oito dias, aproximadamente, recolheu-se os mesmos, dos educadores que responderam.

A amostra foi formada por 30 docentes que receberam os questionários, porém, apenas 20 deles retornaram o instrumento de coleta de dados preenchido. O critério para formação da amostra foi do tipo probabilístico, onde os educadores participaram de forma voluntária, podendo-se considerar como amostragem aleatória simples.

Após a coleta os dados foram tabulados e a frequência de suas variáveis quantificadas em tabelas e gráficos, analisadas e confrontadas à literatura pertinente.

Os educadores envolvidos no estudo foram informados dos resultados da pesquisa posteriormente a sistematização do texto.

### **4 ASSIM SE FAZ NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO DE SÃO JOSÉ DO ITAPORÃ – MURITIBA – BA**

#### **4.1 Concepções dos educadores sobre variedade e preconceito linguístico**

##### **4.1.1 Formação acadêmica dos educadores participantes da pesquisa**

Para obter uma prática educativa significativa é essencial que o educador tenha uma boa base teórica, pois, desta forma, o mesmo atuará em sala de aula fundamentado, entendendo todo o processo que envolve uma boa prática de ensino da língua portuguesa, como de todas as outras disciplinas escolares.

Nesta perspectiva a formação acadêmica dá ao educador qualificação para mediar o ensino de forma atrativa, de acordo com o que se espera da educação atual, que é a formação de cidadãos ativos.

Assim, dos educadores pesquisados, 100% são graduados, porém desse total apenas 25% tem especialização. Este percentual demonstra que em nível de formação acadêmica estes educadores correspondem aos requisitos básicos para a mediação de conhecimentos institucionais.

No entanto, é válido ressaltar que, apesar da formação acadêmica ser um fator essencial no desenvolvimento de uma boa prática pedagógica, ela não determina a postura do educador. O processo de formação só terá significado se o profissional estiver aberto para a transformação e/ou ressignificação de suas concepções.

#### 4.1.2 Conhecimento sobre o conceito de preconceito linguístico

O preconceito linguístico é uma forma de excluir as pessoas das classes menos favorecidas, muitas vezes este preconceito invade as escolas, através das concepções e práticas dos educadores. Para Bagno (2003) este,

[...] É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas. Por sua vez, essas gramáticas se baseariam, supostamente, num tipo peculiar de atividade linguística- exclusivamente escrita- de um grupo muito especial e seletivo de cidadãos, os grandes estilistas da língua, que também costumam ser chamados de “os clássicos”. Inspirados nos usos que aparecem nas grandes obras literárias, sobretudo do passado, os gramáticos tentam preservar esses usos compondo com eles um modelo de língua, um padrão a ser observado por todo e qualquer falante que deseje usar a língua de maneira “correta”, “civilizada”, “elegante” etc. É esse modelo que recebe, tradicionalmente, o nome de norma culta (BAGNO, 2003, p. 43).

No entanto esta forma de preconceito passa despercebida, poucos notam ou têm conhecimento de que classificar toda forma de falar, que não se enquadre nas regras gramaticais, como “erradas” é uma maneira de excluir os educandos, inibindo-os de se comunicarem naturalmente.

Neste sentido, é importante que os educadores tenham conhecimento do que é o preconceito linguístico para que não

promovam maiores problemas no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, quando se questionou aos professores se eles já ouviram falar e/ou têm conhecimento sobre o Preconceito linguístico 100% (20) afirmaram que sim, como pode ser visto no quadro 01. Diante disso, foi solicitado que os mesmos conceituassem este problema. Cinco (05) educadores consideram o preconceito linguístico como uma forma de discriminação e não aceitação de falares diferente; outros dois (02) complementaram dizendo que isso ocorre muitas vezes sem a consciência de que está praticando um preconceito. Já três (03) educadores disseram que é uma questão de falar errado. Esta afirmação leva a entender que suas próprias palavras já estão carregadas de preconceitos.

**Quadro 01-** Conhecimento sobre Preconceito Linguístico

TÓPICOS	Nº RESPONDENTE
Sim.	03
Sim, é considerando como preconceito linguístico as formas de discriminação e não aceitação direcionadas as diferentes formas de falar a língua, que não são consideradas cultas.	05
Sim, questão de se falar de forma errada.	03
Sim, preconceito linguístico é quando o docente insiste em não respeitar a língua materna de determinada criança e sua cultura de linguagem.	02
Sim, é a não tolerância em relação ao modo de falar das pessoas, é zombar, criticar ao ouvir palavras diferentes do padrão.	03
Sim, é um conceito pré-formulado de uma língua diferente.	02
Sim, é um preconceito como tantos outros, mas que considera a língua de alguém inferior as demais mesmo muitas vezes sem se dá conta do que está comentando.	02

Fonte: Pesquisa realizada com educadores de escolas públicas do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-Ba.

### 4.1.3 Prática pedagógica que considera as variedades linguísticas

A escola, como instituição responsável pela educação formal, precisa compreender que seus alunos ao entrarem em sala de aula já são falantes da língua portuguesa, sendo assim vão à escola para apreender a escrever e conhecer outras variedades da língua mais próximas da variedade padrão. Neste sentido, a prática pedagógica dos professores precisa reconhecer as variedades de falares dos educandos, respeitando e demonstrando que existem outras formas mais prestigiadas e que os mesmos podem adequar sua fala ao contexto de uso.

Diante disto foi questionado aos educadores se em sua prática pedagógica as variedades linguísticas são consideradas. Dezesesseis (16) educadores responderam que sim, porém cinco (05), completaram dizendo que se deve respeitar os educandos, mas mostrar a forma correta, o que demonstra que apesar de reconhecerem a necessidade de respeitar as variedades linguísticas dos educandos, acham que elas são formas erradas de falar o português.

De acordo com o quadro 02, quatro (04) dos respondentes afirmaram que em sua prática pedagógica não consideram as variedades linguísticas dos educandos, uma (01) dessas justificou dizendo que apesar de saber da importância de valorizar a fala dos educando sua prática educativa não favorece, já que volta-se mais para o ensino da norma padrão.

### Quadro 02- Prática pedagógica que considera as variedades linguísticas

TÓPICOS	Nº RESPONDENTE
Não, embora saiba da existência da variação linguística, percebo que minha prática não têm sido favorável, uma vez que está mais voltada para o ensino da norma-padrão.	01
Não.	03
Sim, expondo aos mesmos, que falamos de acordo com a nossa cultura, mas que existe a linguagem padrão da gramática, a qual devemos considerar.	02
Sim, respeito o modo de falar que cada aluno se expressa, pois existem variações linguísticas em nossa língua portuguesa.	02
Sim, respeitando as diversidades.	05
Sim, considerando o vício de linguagem do lugar onde vivem os educandos.	02
Sim, respeitando-os, mas não deixando de mostrar a forma correta.	05

Fonte: Pesquisa realizada com educadores de escolas públicas do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-Ba.

### 4.1.4 Posição dos Educadores frente aos tópicos frasais: “Nós vai” e “Agente fomos”

A ideia de “erro” que a escola prega, pauta-se em construções ideológicas advindas de concepções das classes privilegiadas, que foram organizadas no livro chamado gramática normativa da língua brasileira. Ela configura a realidade social, política, econômica e histórica de um povo. Porém, é válido ressaltar que o uso da gramática é importante para a formação do indivíduo, no entanto, o seu ensino precisa

ser revisto, para não cometer o verdadeiro “erro” de tentativa de “extermínio” da diversidade linguística presente nas salas de aula.

A noção de “erro”, em língua, tem a mesma origem das outras concepções de “certo” e “errado” que circulam na nossa sociedade. Assim, é bom lembrar logo de saída que todas as classificações sociais e culturais de “certo” e “errado” são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e, exatamente por isso, estão sujeitas a mudar com o tempo. [...] Nenhuma dessas ideias do que era (é) “certo” ou “errado” se explica por alguma causa natural, por algum fenômeno empiricamente comprovável, por alguma “lei da natureza”- todas elas derivam exclusivamente de “leis culturais”, das relações de poder, dos conflitos sociais, das imposições de valores de determinados grupos sobre os demais, da distribuição desigual dos bens materiais, culturais, etc. (BAGNO, 2007, p. 61-62).

Neste sentido, o papel do educador diante dos tópicos frasais descritos acima deveria ser o de mediador expondo para o educando que existe uma forma de falar mais privilegiada, por estar mais próxima da gramática normativa, a qual será exigida em alguns contextos, mas sua forma de falar, também está correta, pois cumpriu seu principal objetivo que é a comunicação.

Ao questionar os professores sobre sua opinião perante os tópicos frases “*nós vai*” e “*agente fomos*”, de acordo com o quadro 03, a maioria, treze (13) deles, responderam que respeitam a forma como o aluno falou, porém lhe apresenta a forma “certa”. Isto demonstra que os educadores não entendem realmente que a língua é constituída de variações e que

consequentemente estas variações vão permear, também, a sala de aula e assim precisam saber lidar com a diversidade, agindo como mediadora no processo, como afirma uma (01) das educadoras.

**Quadro 03-** Concepções dos educadores sobre os tópicos frasais: “*nós vai*” e “*agente fomos*”

TÓPICOS	Nº RESPONDENTE
Converso sobre a forma correta, porém respeito, pois eles reproduzem ou (falam) de acordo ao meio em que vivem.	06
Nós não devemos falar como eles, mas devemos levar em consideração, pois faz parte se sua cultura ou meio social onde vivem.	02
Não as ignoro, pois sei que são formas da língua, uma variante, no entanto as corrijo, infelizmente ainda existe o estigma com relação a língua popular.	02
Procuró sempre repetir a frase correta.	07
A língua portuguesa por si só ela é complicada e o contexto sociocultural influencia muito o desenvolvimento da fala, por isso a minha posição é de mediadora.	01
Vejo que o importante é o ouvinte entender a mensagem transmitida, observo quanto à língua falada pode ser diferente da escrita.	02

Fonte: Pesquisa realizada com educadores de escolas públicas do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-Ba.

De acordo com o referido quadro, sete (07) dos educadores pesquisados afirmam que diante dos tópicos frasais citados, eles procuram repetir a frase “correta”, evidenciando que o intuito dessa prática era mostrar para os educandos que só existe uma maneira certa de falar e tudo o que foge a esse padrão é “errado”.

A noção de “erro” não têm sentido em uma educação que valoriza a diversidade cultural e linguística dos educandos da

atualidade. A educação crítica e ativa não reprime a expressão do educando, mas enriquece seus conhecimentos com novas e diversificadas ideias, assuntos.

#### 4.1.5 “O Português do Brasil apresenta uma Unidade Surpreendente”

O mito da unidade linguística defende que o Português falado no Brasil não apresenta variação, é homogêneo. Porém muitos linguistas defendem justamente o contrario, a língua é heterogênea e varia de acordo com a região, cultura de cada povo. De acordo com Bagno (2008, p. 27),

[...] não existe nenhuma língua no mundo que seja “uma”, uniforme e homogênea. [...] Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística).

Nesta perspectiva, levando em consideração que a língua é heterogênea, foi questionado aos professores se concordam ou discordam da afirmação da unidade linguística. Assim, 55% dos professores pesquisados concordam com este mito. Este percentual revela que tais professores desconhecem os pressupostos da variação linguística, ou talvez prefiram exaltar uma variedade prestigiada, elegendo-a como representação do português de todo o território brasileiro.

O educador que concebe o português brasileiro como uma língua homogênea norteará sua prática pedagógica com tal concepção. Isto conseqüentemente representará uma grande dificuldade para a aprendizagem dos educandos, pois este

profissional descartará toda forma de variação, considerando-as como “erros”.

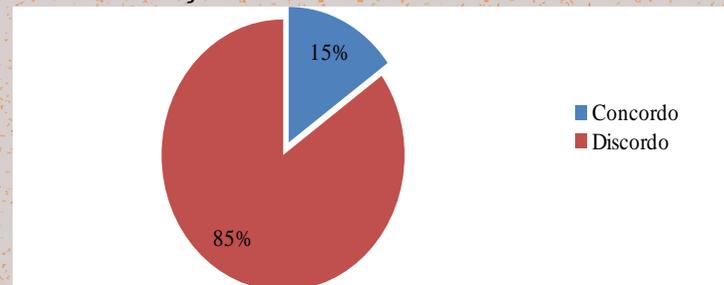
#### 4.1.6 “As pessoas sem instrução falam tudo errado”

As variações linguísticas são consideradas por muitos estudiosos como erros, ou distorções da língua. Porém a escola precisa rever esta visão estereotipada da variação e do erro em língua portuguesa. De acordo com Sírio Possenti (1996, p. 29),

[...] se abrissemos os ouvidos, se encarássemos os fatos, eles nos mostrariam uma coisa óbvia: que todos os que falam sabem falar. Pode ser que falem de formas um pouco peculiares, que certas características do seu modo de falar nos pareçam desagradáveis ou engraçadas. Mas isso não impede que seja verdade que sabem falar [...].

A figura 01 mostra que cerca de 85% dos professores discordam desta afirmação que desvaloriza os falares das classes menos escolarizadas. Isto representa que os mesmos compreendem, que independente da instrução, as pessoas fazem uso da língua, de formas diversificadas e que alcança seu principal objetivo que é a comunicação.

**Figura 01-** Concordância/discordância sobre a afirmação: “As pessoas sem instrução falam tudo errado.”



Fonte: Pesquisa realizada com educadores de escolas públicas do distrito de São José do Itaporã, Muritiba-Ba.

O uso de variedades distantes da norma gramatical não deve ser considerado como um erro, mas variações da língua. A língua, como referido, é viva e varia de acordo com diversos fatores, como a escolaridade, a cultura, a faixa etária, dentre outros.

#### 4.1.7 “O certo é falar assim, porque se escreve assim”

Este mito afirma que a fala é a representação da escrita, ou seja, deve-se falar da mesma forma como escrevemos, porém sabe-se que isto não é verdade, pois falamos muito mais do que escrevemos, além do que a escrita foi desenvolvida há muito menos tempo que a fala, a humanidade passou grande parte da sua existência sem fazer uso da escrita.

A escrita compreende um processo diferente da fala, como afirma Renato Basso e Rodolfo Ilari (2011),

Quando produzimos um texto escrito podemos pensar previamente em sua estrutura em partes, podemos decidir em que ordem essas partes serão dispostas, podemos avaliar formulações alternativas. Se, com tudo isso, o texto escrito ainda nos parecer inadequado, podemos corrigi-lo e modificá-lo, e o resultado final, para aqueles que têm alguma habilidade na escrita, é normalmente um texto que se desenrola linearmente e quase não apresenta retornos e redundâncias. Além disso, o texto escrito é tipicamente um texto que terá de falar por si e que não supõe por parte do seu destinatário um conhecimento muito exato da situação em que foi produzido[...]. (ILARI; BASSO, 2011, p.181)

Enquanto os textos falados fazem uso de recursos como as reformulações de ideias, as expressões corporais, a fala tem menos monitoramento que os textos escritos, ela é espontânea, assim é possível verificar um nível maior de variação linguística. Tentar obrigar os educandos a falarem como escrevem é uma forma de preconceito sobre a sua variedade linguística, além de representar uma tentativa equivocada de criar uma língua falada artificial.

Neste sentido, é fundamental que os professores reconheçam que esta afirmação é um mito que deve ser abolido da sala de aula. Porém dos educadores pesquisados 70% concordam com a veracidade deste mito, o que representa uma visão preconceituosa, já que baseados nesta concepção os educadores podem se achar no direito de enquadrar a fala de seus educandos no padrão escrito, que se volta, inevitavelmente, para a gramática normativa. Esta tarefa acaba oprimindo o educando, pois é impossível falar seguindo todos os padrões da escrita, isso, conseqüentemente, causa grandes problemas no processo de ensino e aprendizagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada situação de fala em que se convive, e da qual se participa e interage, nota-se que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. Em cada região, comunidade ou grupos sociais são frequentes as formas linguísticas com diversas interferências socioculturais, e provavelmente aí estão as “variantes linguísticas”, que são, portanto, as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de compreensão e de entendimento no falar.

Levando-se em conta a pesquisa aqui realizada, é notório que por mais que os educadores pesquisados tenham conhecimento e respeitem de certa forma as variedades

linguísticas dos educandos, percebe-se com suas respostas que os mesmos ainda estão presos a concepções preconceituosa e estereotipada da variação linguística no português brasileiro.

Nesta perspectiva, cabe aos mesmos repensarem suas concepções para impossibilitar a difusão do preconceito linguístico em sala de aula, perpetuando a cultura do “certo” e “errado”, a qual acaba inibindo os falantes das variedades estigmatizadas de se expressarem naturalmente, sem o medo de estarem sendo avaliados e julgados pela sua forma de falar.

A postura do educador, em sala de aula, reflete suas concepções, que quando questionada leva-se a reflexões que possibilitam possíveis transformações, no intuito de alcançar o objetivo de educar para a sociedade, o qual só será alcançado, através de uma educação que respeite a diversidade constituinte de todos os espaços sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: Língua e poder na sociedade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **De fontes socio-históricas para a história social linguística do Brasil.** In: MATTOS E SILVA (Org.), op. cit., t. II, p. 275-301, 2008.

MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lucia Souza (org.). **Saberes em português: ensino e formação docente.** Campinas, SP: Pontes editores, 2008.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 1996.

## PIBID Educação Ambiental: Proporcionando Momentos de Interação e Reflexão entre Universidade/Comunidade Escolar 9

PIBID Environmental Education: Providing Moments of reflection and interaction between University / School Community

### Autores:

Jane Schumacher

Prof. Dr<sup>a</sup> da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. [mixjanepereira@yahoo.com.br](mailto:mixjanepereira@yahoo.com.br)

Eduardo da Luz Rocha

Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA. [du.pms@hotmail.com](mailto:du.pms@hotmail.com)

### Resumo

Este estudo de extensão é resultado das atividades desenvolvidas junto ao PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, Subprojeto Pedagogia Educação Ambiental, financiado pela CAPES, desenvolvida na Escola Dr. Manoel Amaro Junior, situada no município de Jaguarão- RS. A atividade pedagógica de confecção do jornal em sala de aula, teve como objetivo englobar todas as atividades programadas no plano de ensino elaborado pelo grupo PIBID Educação Ambiental ao longo do primeiro bimestre de 2013. Buscamos fazer uma análise de resultados, visando identificar avanços e dificuldades que vivenciamos neste processo de ensino/aprendizagem, e também na prática de extensão. Como parte deste processo, trabalhamos temas como: profissão dos pais, fontes de renda, sistema monetário, artesanato e agricultura familiar, através destas, procuramos desenvolver atividades práticas envolvendo a comunidade, coisas cotidianas. Como metodologia deste estudo utilizou-se a pesquisa participativa, realizada através da interação entre, bolsista, professor, aluno, e todo o contexto escolar, através de atividades pedagógicas de extensão, priorizando um processo transformador, emancipatório e democrático, procurando valorizar o diálogo e o respeito aos conhecimentos presentes na realidade escolar. Como resultados desta atividade de extensão presente no contexto escolar, confeccionou-se 1ª Edição do Jornal Amaro Junior 5º Ano, contando com a participação dos alunos e seus familiares, bolsista e professores da escola, todos juntos tentando mudar esse processo de ensino/aprendizagem, através do contexto escolar.

**Palavras-chave:** Escola. Ensino/aprendizagem. Extensão

### Abstract

This extension study is a result of the activities developed by the PIBID-Scholarship Program Initiation to Teaching, Pedagogy Subproject Environmental Education, funded by CAPES, developed in Dr. Manoel Amaro Junior School, located in the municipality of Jaguarão-RS. The pedagogical activity of making the newspaper in the classroom, aimed to cover all scheduled activities at the syllabus prepared by the group PIBID Environmental Education during the first quarter of 2013. We seek to make an analysis of results, to identify achievements and difficulties we experience in this process of teaching / learning, and also in practice extension. As part of this process, we work topics such as parental occupation, sources of income, monetary system, crafts and family agriculture, through the interaction between scholar, teacher student, and the whole school context, through extension educational activities prioritizing a process transformer, emancipatory and democratic dialogue and enhance the searching respect for the knowledge present in the school. As a result of this outreach activity present in the school context, it was made the 1<sup>st</sup> edition of the Journal Amaro Junior 5<sup>th</sup> year, with the participation of students and their families, fellow teachers and school all together trying to change the process of teaching / learning through the school context.

**Key-words:** Escola. Ensino/aprendizagem. Extensão

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 PIBID Subprojeto Pedagogia - Educação Ambiental: Uma Construção Coletiva

A proposta de ação do subprojeto que faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, é desenvolver uma metodologia de trabalho diferenciada, possibilitando atividades teóricas, mas principalmente defendendo as atividades práticas, buscando envolver toda a comunidade escolar diretamente nas decisões.

Nosso subprojeto busca desenvolver “ensino”, este, realizado através das atividades desenvolvidas em sala de aula, em que atuamos diretamente com os alunos quatro horas semanais, salientando que todas as atividades que aplicamos, planejamos em reuniões, duas vezes por semana, com duração de cinco horas, “pesquisa”, pesquisamos as atividades ambientais que perpassam o município de Jaguarão, principalmente em aulas passeio, despertando também o interesse a curiosidade dos alunos, transformando-os em “pequenos pesquisadores”, e a “extensão”, no qual tudo que aplicamos, buscamos envolver e estender até a comunidade Jaguareense, mostrando que, sua participação é de suma importância.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Estas atividades de extensão realizam-se através de oficinas e eventos, em que mediamos uma interação entre “universidade, escola e sociedade”, contemplamos de forma positiva três esferas de extrema relevância, mostrando que não existe ensino sem pesquisa e pesquisa sem extensão, todas estão todas interligadas. Através desta proposta diferenciada de ensinar (mediação entre ensino, pesquisa e extensão) desenvolvemos nas escolas públicas parceiras no subprojeto,

uma Educação Ambiental de forma coletiva, valorizando o conhecimento prévio presente na comunidade, partindo de atividades pedagógicas diretamente presentes no cotidiano dos alunos.

É importante salientarmos que a Educação Ambiental escolar é denominada no Artigo 8º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental da seguinte forma:

A Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades, não devendo, como regra, ser implantada como disciplina ou componente curricular específico (BRASIL, 2012).

E é através deste eixo norteador estabelecido pelo governo, que elaboramos e aplicamos nossas atividades interdisciplinarmente, através dos temas propostos em nosso plano de ensino, englobando todas as disciplinas empregadas no currículo escolar, presentes nos anos iniciais.

Geralmente, ocorre a interdisciplinaridade quando docentes de diferentes disciplinas realizam atividades comuns, sobre o tema. Assim temos diferentes interpretações sobre o assunto em pauta e as possíveis contribuições específicas de cada disciplina (REIGOTA, p.68, 2009).

Enquanto grupo PIBID, no qual temos a oportunidade de conviver com várias pessoas, cada uma com uma ideia e pensamentos distintos, consideramos o processo de ensino e aprendizagem um processo de formação do indivíduo, na sua integralidade, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar

as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção [...]” (FREIRE, 1996, p. 22).

Acreditamos que esse é um dos principais caminhos para que possamos implantar na comunidade Jaguareense este novo conceito, que é a Educação Ambiental, e que aos poucos construiremos juntos essa conscientização ambiental. Como cita Marcos Reigota: (2009, p.40) “a escola da creche aos cursos de pós- graduação é um dos locais privilegiados para realização da Educação Ambiental, desde que se dê oportunidade à criatividade, ao debate, a pesquisa, e a participação de todos [...]”.

Tendo como ponto de partida a iniciação à docência, esta, embasada pelos princípios citados a cima (pesquisa, ensino e extensão), procuramos envolver os alunos, professores e a comunidade escolar em atividades práticas, como a confecção e a distribuição do Jornal Amaro Junior 5º Ano. Esta foi à maneira que encontramos de envolver todos os segmentos citados a cima, e através disto, analisamos o quanto a participação da comunidade é relevante para a efetivação das práticas propostas pelo grupo.

As atividades desenvolvidas envolveram cinco temas elaborados pelo grupo de bolsistas, Supervisoras e Coordenadora, o qual são eles: Profissão dos pais, Tipo de fontes de renda, Artesanato, Sistema Monetário e Agricultura familiar, através dos temas propostos, procuramos desenvolver atividades que fazem parte do dia-a-dia dos alunos e comunidade, pois é através destes diálogos e discussões que teremos futuros avanços.

Como finalidade deste estudo, procuramos registrar tudo que desenvolvemos ao longo destes dois meses de trabalho, como fotos, vídeos, passeios realizados, textos sobre os temas, atividades práticas e jogos. Juntos, buscamos refletir sobre os fatores positivos e negativos desta atividade, por meio da confecção do jornal no contexto escolar.

### 3. METODOLOGIA

Como metodologia para a confecção do Jornal utilizou-se os princípios da pesquisa participativa, sendo realizada através da interação entre, bolsista, professor, aluno e comunidade, mantendo um dialogo, planejando as ações e executando-as coletivamente, quebrando a ideia de uma abordagem tradicional, em que o professor propõe a atividade e os alunos apenas obedecem, sem voz e autonomia para questionar, dialogar, e refletir sobre as atividades propostas.

Como o próprio nome já sugere, a pesquisa participativa implica necessariamente da participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa.

Foi a partir do conceito de participação que se consolidou uma nova perspectiva nos trabalhos desenvolvidos em organizações, sobretudo em organizações populares. “Fazendo um paralelo entre a observação participante, cuja invenção é atribuída ao antropólogo Malinowski, e a participação na pesquisa, cuja paternidade é atribuída a Marx, Brandão [...]” (1985, p.11-13).

Este tipo de pesquisa trás diversos conceitos, alguns autores defendem que a pesquisa participativa apresenta os mesmos significados da pesquisa ação, por serem aplicados diretamente com os sujeitos participativos da pesquisa, para Gil os dois conceitos denominam-se da seguinte maneira:

Todavia, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional técnico ou outro. A pesquisa participante, por sua vez, envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante. Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutenção do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado

do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar a realidade sobre tudo a partir dos recursos que a natureza lhe oferece. (GIL, p.56, 2002).

Já outros autores a definem de outra forma, analisamos a baixo o conceito denominado por Reigota:

A metodologia participativa pressupõe que o processo pedagógico seja aberto, democrático e dialógico, entre os próprios alunos e alunas e entre os alunos as alunas e os professores e as professoras e a administração da escola com a comunidade em que vivem, com a família e com a sociedade em geral. (REIGOTA, p.67, 2009).

Pressupõe-se que este tipo de metodologia defende a interação de todos os sujeitos, independente de classe social ou qualquer outro tipo de preconceito, em que o pesquisador atua diretamente com o indivíduo a ser pesquisado, adequando-se ao ambiente cultural em que o mesmo está inserido. Para que pudéssemos fazer isso de fato em nossa realidade, atuamos diretamente com os alunos, buscando em um primeiro momento um maior contato com os mesmos, depois de uma maior aproximação, começamos a desenvolver as atividades coletivamente, em que todos tinham voz e autonomia para expor suas ideias.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

##### ***“A Construção do Jornal: Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão”***

O Jornal Amaro Junior 5º Ano foi desenvolvido no primeiro bimestre de 2013, para a confecção do Jornal, em sua edição, utilizamos fotos, textos feitos pelos alunos, observações

sobre os temas trabalhados em sala, entrevistas com pessoas que fazem parte do cotidiano escolar, e interação com a comunidade, “usando o jornal, colocamos a nossa pedagogia à medida e ao ritmo dos alunos e restabelecemos os laços afetivos: crianças, escola, pais, meio ambiente, cuja ruptura é tão sensível [...]” (FRENEIT, 1974, p. 63).

Cabe frisar, que todos os alunos atuaram diretamente na criação, de forma positiva, analisando nomes e estruturas de jornais presentes em nosso município, visualizando cada elemento presente, para que o nosso Jornal Amaro Junior 5º Ano pudesse ganhar forma.

Logo abaixo podemos analisar a capa do jornal confeccionada pelos alunos e bolsista, e também algumas das atividades de extensão envolvendo a comunidade escolar.



Figura 1: Jornal Amaro Junior 5º Ano, 1. Ed- Jaguarão- RS, 2013.

##### **Primeiro contato com a Educação Ambiental**

Ainda No segundo semestre de 2012 o PIBID começou a desenvolver suas atividades na Escola Manoel Amaro Junior.



Primeiramente foram propostas atividades para os bolsistas, fora de sala de aula, como observar os alunos, o espaço físico da escola, e também a elaboração de uma revista pedagógica, em que a mesma nos proporcionou entrar de fato no contexto escolar, fazendo com que nos tornássemos sujeitos participativos desta história.

Neste trabalho de iniciação, atuamos e entrevistamos ex-diretoras, ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos, pessoas que fizeram e fazem parte da história desta escola, analisamos também por meio de depoimentos de ex-professores e ex-alunos, e professores e alunos, presentes na escola nos dias atuais, desta forma podemos analisar como era aplicado o ensino há 50 anos, e como se desenvolve nos dias atuais.

Depois de conhecermos melhor todo este contexto, e estarmos familiarizados com a escola, começamos no ano de 2013 o primeiro contato com a docência, contato este que tem como foco a ideia de que “bolsista” aprende com “aluno” e “aluno” aprende com o “bolsista”, pois, todos os indivíduos apresentam conhecimentos prévios, sendo seres culturais, ajudando e contribuindo no processo de ensino/aprendizagem.

Através deste pensamento, o “Bolsista” que virá a dar início em sua carreira docente busca consequentemente novas experiências, visando uma carreira profissional de qualidade no futuro, pois este é um dos objetivos do PIBID, contribuir com uma melhor formação destes futuros professores, tendo um conhecimento maior quando forem exercer o estágio de Educação Infantil e Anos Iniciais, pois assim compreendemos que o estágio “é uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. [...]” (PIMENTA e LIMA, 2008, p.45), ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. O PIBID sem dúvida alguma faz com que possamos conhecer a realidade escolar desde o

início de nossa graduação, nos deixando familiarizado quando chegarmos nesta etapa de nossa formação.

Já por outro lado, o PIBID proporciona aos “Alunos” o contato com novas experiências, visando um sincronismo de aulas teóricas e práticas. Nós bolsistas, temos a tarefa de mostrar que a Educação Ambiental não discute somente a preservação da natureza, mas sim, toda ação social, que consequentemente ocasionará avanços culturais, tecnológicos, históricos e políticos, esta forma de educar pode ser aplicada em uma educação formal ou informal, buscando conscientizar, criando seres críticos e questionadores, seres que possam transformar o ambiente.

Foi visível neste primeiro contato com os alunos de nossa escola, e também a sociedade Jaguareense em grande maioria, compreendem a Educação Ambiental apenas como reciclagem e limpeza da cidade, e nós sabemos que ela perpassa muitas outras coisas, e a partir disso, intervimos e procuramos mostrar outros caminhos que fazem parte da mesma. Algumas semanas se passaram e já notamos grandes avanços, conseguimos avançar juntos.

Nosso dever então é seguir proporcionando novos conceitos e atividades práticas para estes alunos ao longo do ano, para que possamos “JUNTOS” colher bons resultados futuros.

### **Interação entre Universidade e Escola, o Caminho para o Sucesso**

A interação entre Universidade/Escola aconteceu mediante as práticas, em que os alunos do 5º ano visitaram as residências próximas da Universidade Federal do Pampa, e a própria Universidade, onde esta visita teve como objetivo fazer a aproximação Escola x Universidade, mostrando que a instituição está aberta para todos, independentemente da classe social e idade, sem restrições.

Muitos dos alunos relataram nunca terem visitado a UNIPAMPA, foi visível o encantamento dos mesmos, tenho certeza que essa aproximação trará benefícios futuros para esses alunos, pois estão interagindo com o meio Universitário, fazendo uma troca muito importante de experiências, onde os alunos se aproximam da universidade, e os acadêmicos se aproximam da escola.

Neste passeio foram visitados, laboratórios de informática, laboratórios de estudos, salas de aula, salas dos professores, restaurante universitário e por fim a biblioteca. Ao entrarmos na biblioteca foi visível o encantamento de todos, pois a maioria não tinha noção do tamanho do espaço físico utilizado.

A atividade proposta foi que cada aluno pegasse livros de seu interesse, sentasse e praticasse sua leitura, dialogando com os colegas sobre estes livros, podemos analisar que essa atividade foi positiva como o passeio em geral, mostrando o interesse destes alunos em voltarem a UNIPAMPA.

### **Envolvendo a Família Através do Tema Profissão dos Pais**

Um dos primeiros temas propostos em nosso plano de ensino foi à profissão dos pais, partimos da ideia de que se não conhecermos o cotidiano dessa pessoa responsável pelo aluno, não vamos conseguir compreender o comportamento do mesmo em sala de aula.

O objetivo de trabalhar-se este tema foi fazer com que os alunos aproximassem seus pais da escola, e também que valorizassem a profissão de seus pais, pois alguns nem sabiam de onde vinha sua renda familiar.

Depois de realizarmos a introdução do que tínhamos proposto para desenvolver, entramos em o que podemos chamar de “Profissão” e “Trabalho”. Sabemos que um profissional é aquele que se qualifica, seja com curso técnico, curso superior, ou qualquer outro curso, que lhe dará estabilidade no futuro, e o trabalhador é aquele que exerce qualquer tipo de emprego, no qual não

precisa muitas vezes de qualificação, apenas presta serviço em troca de dinheiro, não tendo então uma carreira profissional. Mas não esquecendo que todo trabalho ou profissão são dignos e que devemos valorizá-lo sempre.

Vista a necessidade de conhecer melhor a profissão ou trabalho de seus pais, criamos juntos em sala de aula um questionário, no qual tem como objetivo fazer com que os pais respondessem em casa juntamente de seus filhos, ambos interagindo, visando á aproximação dos pais com os alunos, e dos pais com a escola. Notamos um grande avanço após a aplicação do questionário, os pais estão cada vez mais participativos, e a interação escola/pais está cada vez mais frequente. Entre os questionamentos levantados estão presentes questões referentes ao gostar da profissão, se já terminou o ensino médio, se gostaria de seus filhos terminassem os estudos, quantas horas trabalham por dia, e qual a diferença entre profissão e trabalho.

### **Utilizando a Oficina com Materiais Recicláveis de Forma Lúdica**

Os alunos da Escola Manoel Amaro Junior receberam a visita de uma artesã, e como objetivo desta atividade discutiu-se em sala de forma coletiva, e apresentamos uma proposta aos alunos, buscando a conscientização, pois muitas vezes coisas que jogamos fora podem sim ter outras utilidades, como brinquedos, enfeites e outras.

Outra proposta foi mostrar para os alunos uma visão diferenciada através de materiais recicláveis, no qual muitas vezes em oficinas como estas, fizemos mais sujeira do que se estes materiais fossem diretamente para a reciclagem, a ideia então foi desfrutar ao máximo destes materiais, contribuindo com a limpeza da escola e consequentemente com um melhor aproveitamento.

### **Mercado Matemático: Uma Proposta de Atividade Prática**

Esta atividade foi proposta através do nosso plano de estudos, no qual estávamos trabalhando o sistema monetário, após isso, juntamos todo material necessário como, garrafas, potes, sacolas, dinheiro fictício, caixas dentre outras, dialogamos sobre todos os detalhes, para só depois desenvolver a atividade.

A prática da atividade possibilitou que os alunos construíssem um mercado, no qual o mesmo disponibilizou das seguintes funções: um caixa operador, tendo como função trabalhar cálculos, contou também com um repositor para o abastecimento e também terá como função o controle da mercadoria e de estoque, e um empacotador que tinha como função priorizar o atendimento ao cliente juntamente do caixa operador.

Este mercado contou com a presença de um banco, em que os alunos puderam fazer empréstimos, buscando então noções de juros e porcentagens. O objetivo desta foi fazer com que cada aluno desempenhasse uma função, seja no mercado ou no banco, em que analisamos a organização do grupo, o atendimento ao cliente, o cuidado com o troco, a questão da responsabilidade na utilização dos juros e empréstimos, e também todo o espaço físico utilizado.

A metodologia usada para a atividade proposta foi à qualitativa, visto que os alunos trabalharam com cálculos mentais, levantamento de números e noções de juros e porcentagens.

Conclui-se que com esta atividade os alunos desenvolveram noções de responsabilidade, podendo presenciar atividades presentes em sem cotidiano, e podemos ressaltar aqui que todos se mostraram muito responsáveis, quitando suas dívidas e também fazendo um controle geral do dinheiro aplicado nas compras, fugindo na maioria das vezes dos empréstimos e juros. Com esta atividade conseguimos perceber, que as atividades matemáticas ligadas a aplicações do dia-a-dia do nosso aluno, favorecem a tomada de decisões.

Logo, concordamos de fato quando os PCNs de Matemática (BRASIL, 1998, p. 63) asseguram que:

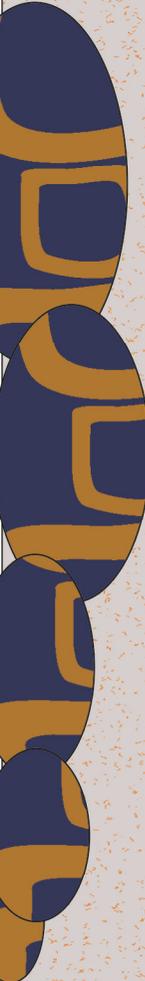
Assim, o professor deve organizar seu trabalho de modo que os alunos desenvolvam a própria capacidade para construir conhecimentos matemáticos e interagir de forma cooperativa com seus pares, na busca de soluções para problemas, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles (BRASIL, 1998, p. 63).

### **Agricultura Familiar: Entre o Reconhecimento e o Esquecimento**

Quando entramos em um tema tão importante como a agricultura familiar, nos perguntamos, será que estes pequenos produtores recebem o valor e o incentivo que merecem? Será que estas famílias que trabalham o dia inteiro, seja sol ou chuva, recebem um valor financeiro adequado para que possam ter uma boa qualidade de vida? , estes foram temas abordados nas discussões feitas por alunos do 4º e 5º ano juntamente dos bolsistas.

Como atividade foi proposto um documentário para que assistíssemos juntos, o mesmo apresentava o dia-a-dia de agricultores familiares espalhados nos Estados do Amazonas, Mato Grosso e Paraná (estado mais próximo do Rio Grande do Sul). O objetivo desta atividade foi mostrar o trabalho que essas pessoas passam, com pouco incentivo, e as condições muitas vezes precárias para exercerem uma produção de qualidade.

Este documentário em primeiro momento causou um impacto muito grande, pois o mesmo trazia depoimentos de pessoas que trabalham o dia inteiro e que ao anoitecer não conseguem dar uma alimentação necessária para suas famílias, lugares onde não a luz elétrica, onde crianças precisam andar muito para frequentar a escola, e isso não está tão longe de



nossa realidade, isso é o Brasil. Através destas discussões entramos no município de Jaguarão, no qual o diálogo se estendeu positivamente, pois tudo aquilo que tínhamos visto no documentário se encaixava de fato em nossa realidade, os alunos exporão várias situações que conheciam sobre pequenos produtores da região, relatando o quão importante é o trabalho destas pessoas.

Finalizando então nossa atividade, dialogamos sobre a feira municipal de pequenos agricultores, no qual os alunos criaram um questionário, onde foi proposto que eles entrevistassem pessoalmente os pequenos produtores na Feira Municipal. Podemos avaliar toda essa nossa discussão como positiva, conseguimos alcançar juntos os objetivos propostos, e lembrando que cabe a nós futuros educadores sempre conscientizar e nortear estes alunos, mostrando que essas pessoas merecem um grande valor, que merecem melhores condições para uma produção de qualidade, e também uma boa qualidade de vida.

Entre as perguntas elaboradas pelos alunos, destacam-se questões referentes, como o uso indevido de agrotóxicos, se vendem seus produtos para algum mercado, se já pensaram em ter outra profissão, quantos dias da semana tira de folga, e se seu retorno financeiro como agricultor é bom.

### **Entrevistas: Interação entre Alunos, Corpo Docente e Gestão Escolar**

Vista a oportunidade de criarmos um jornal com as atividades de Educação Ambiental, desenvolvidas pelos alunos do 5º ano, não podíamos deixar de destacar a direção da escola, e também a professora do 5º Ano, no qual fazem parte deste processo “Ensino/Aprendizagem”, envolvidas diretamente nestas modificações.

A atividade foi proposta pelo bolsista em sala de aula, em que os alunos se dividiram em grupos, contando com três

pessoas em cada, ressaltando, que os alunos que criaram o questionário, através de diálogos, dando liberdade e autonomia para que pudessem construir as discussões necessárias, o bolsista estava presente apenas para intervir sempre que necessário.

O nosso objetivo então foi entrevista-las a partir deste questionário, perguntando sobre qual a importância do PIBID para a escola, quais benefícios trouxeram, se o trabalho esta sendo positivo ou não, para que a partir disso, possamos fazer juntos uma análise das atividades desenvolvidas ao longo do bimestre.

### **3- CONCLUSÃO**

Apesar das dificuldades encontradas como muitas vezes falta de recursos; fazer com que os alunos se sentissem livres para discutir e dialogar em sala; definirmos juntos os significados de meio ambiente e educação ambiental que para nossa sociedade são definidos como apenas preservação da natureza e reciclagem. Na construção do jornal juntamente dos alunos e da supervisora, conseguimos vencer algumas etapas que propusemos no início deste trabalho, como: construção de histórias inventadas pelos alunos, análise escrita e oral sobre os temas trabalhados em sala, leitura de imagens e vídeos, criação da capa do jornal através de observações de jornais locais, confecção de desenhos e jogos, dentre outras.

Notamos que a atividade deu certo, e que foi muito prazerosa e enriquecedora para todos nós, foi possível observar o interesse pela leitura e escrita que aumentou gradativamente, a partir do momento em que os alunos entenderam que tudo que estava presente no Jornal fazia parte de seu cotidiano, começaram a demonstrar seu interesse em pesquisas, notícias semanais do município, e também sem dúvida alguma, através de relatos dos próprios alunos, a atividade proporcionou uma

maior atenção sobre coisas de seu dia-a-dia.

Ao ver os alunos comentando sobre as notícias, criando o nome do jornal, entrevistando pessoas da comunidade escolar, participando e dando opiniões sobre assuntos discutidos em sala, descobrimos e enfatizamos que é este o caminho para que possamos implantar esta metodologia diferenciada de ensino/aprendizagem, envolvendo atividades práticas e não só teóricas, buscando através de conhecimentos prévios de pessoas de nosso município, novos conceitos e experiências.

Quando falamos em avanços e dificuldades, notamos que o ensino, pesquisa e extensão, estão interligados, pois nesta atividade, a partir do ensino, conseguimos realizar pesquisa e extensão, proporcionando a interação dos alunos, com o resto da escola, e também com a sociedade Jaguareense, sem dúvida, tivemos a oportunidade de divulgar nosso trabalho, e o melhor, compartilhando conhecimento, através de oficinas e atividades práticas, despertando nestas crianças a curiosidade, transformando-os em “pequenos pesquisadores”, e também despertando a vontade de compartilhar suas atividades, com outras pessoas através do jornal, com certeza, melhorando o desempenho individual e em grupo em conteúdos propostos pela escola.

A sociedade de hoje, não se limita a poucas coisas, ela necessita divulgar, interagir, conhecer novos horizontes, se interessa em compartilhar ideias, em discutir, em dialogar, muitas vezes se deparando com dificuldades, mas sempre procurando novas soluções e atividades diferenciadas, para que possamos acompanhar esta nova sociedade, formada principalmente pela era tecnológica. Nada melhor que aplicar atividades de extensão, para que estes alunos possam ter contato com outras pessoas, outros lugares, outras culturas.

Finalizando este artigo, destacamos para próximas edições do Jornal, alguns objetivos que pretendemos alcançar, como: envolver mais atividades de extensão envolvendo pessoas tanto da comunidade escolar como geral de nosso

município; desenvolver atividades práticas visando uma maior aproximação dos alunos com profissionais da área de edições e publicações de jornais; e um maior envolvimento dos alunos com a parte da edição do jornal utilizando a laboratório de informática da escola.

Cabe também destacar que estamos abertos para diálogos e discussões sobre os temas abordados nesse artigo, pois a ideia é compartilhar experiências, conceitos e práticas pedagógicas entre toda comunidade acadêmica, e também a todos que tenham interesse, para que juntos possamos ampliar nossos conhecimentos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisar-Participar**. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Resolução nº 2, de 15 de Julho de 2012.

FREINET, Célestin. **O jornal Escolar: temas pedagógicos**. Lisboa: Editora Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

## Planejamento estratégico de Relações Públicas: o caso do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego em São Borja, Rio Grande do Sul

Strategic Planning of Public Relations: the case of the National Program of Access to Technical Education and Employment in São Borja, Rio Grande do Sul

Autores:

### **Cristóvão Domingos de Almeida**

Pof. Dr. da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA : [cristovaoalmeida@unipampa.edu.br](mailto:cristovaoalmeida@unipampa.edu.br)

### **Victor Silva Theodoro**

Graduando do curso de Relações Públicas - ênfase em Produção Cultural da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA: [victortheodoro1@hotmail.com](mailto:victortheodoro1@hotmail.com)

### **Resumo:**

Esse artigo visa conceituar e explicar a importância da criação de um planejamento estratégico de Relações Públicas para nortear o desenvolvimento de ações e prever situações futuras. O governo federal, através de programas direcionados a população em condições sociais desfavoráveis, cria como Política Pública o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) que visa à efetivação da cidadania. A agência denominada Comunicação Integrada para a Cidadania (PROCIC) planeja e executa ações de comunicação a fim de sensibilizar e orientar as famílias com maior propensão de vulnerabilidade social a se inserirem nos cursos técnicos e profissionalizantes ofertados pelo PRONATEC, São Borja.

**Palavras-chave:** Cidadania. Comunicação. Planejamento Estratégico. Políticas Públicas. Relações Públicas.

### **Abstract:**

This article seeks to conceptualize and explain the importance of creating a strategic plan to guide Public Relations to develop actions and predict future situations. The federal government, through programs targeted to the population in unfavorable social conditions, creates as a Public Policy, the National Access to Technical Education and Employment (PRONATEC) which aims to effective citizenship. The agency, called Integrated Communication for Citizenship (PROCIC), plans and executes communication actions to raise awareness and to guide families with higher propensity of social vulnerability to insert them in vocational and technical courses offered by PRONATEC, São Borja.

**Keywords:** Citizenship. Communication. Strategic Planning. Public Policy. Public Relations.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente diversas empresas começaram a investir no setor de comunicação, com o intuito de obter retorno mercadológico e/ou institucional. As mesmas, em grande parte, não contam com uma assessoria de comunicação integrada, ou seja, com profissionais de relações públicas, publicidade e propaganda e jornalismo.

Numa outra lógica, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), juntamente com o SENAC, SENAI e Instituto Federal Farroupilha (IFF), da cidade de São Borja – Rio Grande do Sul, contatou o trabalho da assessoria de comunicação integrada, denominada Programa de Comunicação Integrada para a Cidadania (PROCIC), com a finalidade de desenvolver um trabalho conjunto de divulgação dos cursos oferecidos pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). A partir do diagnóstico da realidade dos cursos, foram criadas diversas ações e estratégias para atingir os públicos, tais como: comunicação dirigida, *spots*, *releases*, pesquisas (satisfação, evasão, avaliação e de opinião), jingles, criação gráfica (camisetas, canetas, chaveiros), identidade visual, entre outras.

Como procedimentos metodológicos, neste artigo, utilizamos a pesquisa documental, entrevistas e observação participante e para nossa análise baseamos na contribuição teórico-metodológica de Kellner (2001), conhecida como crítica diagnóstica. Por isso, definimos a seguinte estrutura, contextualizaremos o ambiente, explicando a criação do Programa de Comunicação Integrada para a Cidadania (PROCIC). Para depois conceituar políticas públicas e a importância da criação de programas que visam a construção da cidadania. Conceitua-se também a profissão de Relações Públicas, e suas diversas funções, especificamente no desenvolvimento do Planejamento Estratégico de Comunicação.

E, por fim, expõem-se diversas ações e estratégias pensadas e executadas, com a finalidade de divulgar os cursos do Pronatec.

## 2 PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA PARA A CIDADANIA

A Universidade Federal do pampa – UNIPAMPA - em parceria com a Prefeitura Municipal de São Borja firmaram convênio de cooperação técnica em fevereiro de 2013, sob número 06/2013/SMPOP/CCOO. Nesse acordo, está previsto que os cursos ofertados no campus São Borja – Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações Públicas passassem a produzir e a executar as estratégias de comunicação para divulgar os cursos ofertados gratuitamente pelo PRONATEC.

Nesse sentido foi criado o Programa de Comunicação Integrada para Cidadania (PROCIC). O mesmo tem em sua estrutura um formato de assessoria de comunicação integrada, que em sintonia com a proposta do Governo Federal 'Brasil sem miséria', busca viabilizar estratégias de comunicação que assegurem o acesso dos usuários da Política de Assistência Social do município de São Borja ao mundo do trabalho.

As ações comunicacionais que sustentam a validade do PROCIC se referem ao direito à informação e a comunicação. Na Constituição Federal do Brasil de 1988, estão garantidos diversos direitos do cidadão, entre eles, o direito à comunicação e à informação. Os princípios que os norteiam são canais que garantem o acesso aos serviços públicos, principalmente os relacionados às condições sociais básicas de sobrevivência, aspectos historicamente reconhecidos como precários e deficientes, devido a falta de investimentos econômicos das diversas esferas dos poderes. Assim, entre esses direitos, está o de acesso à comunicação. Isso significa que criar e divulgar as ferramentas de comunicação é, também, uma prática a ser

desenvolvida a partir das diversas estratégias de comunicação, sejam elas midiáticas ou face a face.

A implantação e atuação da assessoria foi necessária devido a baixa procura pelos cursos por conta da ausência de conhecimento por parte do público alvo,—alguns deles, por exemplo, curso de pedreiro não conseguia formar turma, deixando de capacitar mão de obra qualificada num momento de expansão da construção civil, com isso, muitas vezes, as empresas buscam profissionais de outros municípios em detrimento do local. É importante ressaltar, que, aproximadamente, sessenta cursos são ofertados gratuitamente através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) para a população que está em vulnerabilidade social. O objetivo dessa oferta está na necessidade de diminuir a desigualdade social e facilitar a geração de trabalho e renda.

## 2.1 Políticas Públicas e a construção da cidadania

Por conta de ampla divulgação das políticas públicas criadas pelo governo federal, as pessoas têm mais facilidade em definir políticas públicas enquanto ações que valorizam a coletividade. Em muitos casos, o Estado não consegue coordenar e/ou controlar todas as dimensões dos projetos e programa desenvolvidos que sustentam o interesse comum. Por isso, as políticas criadas geram resultados positivos, mas algumas delas não aparecem e/ou são lembradas pela ausência na divulgação. Saraiva (2006) define políticas públicas como:

[...] um fluxo de decisões públicas, orientado a manter o equilíbrio social ou a introduzir desequilíbrios, destinados a modificar a realidade. Decisões condicionadas pelo próprio fluxo e pelas reações e modificações

que elas provocam no tecido social, bem como pelos valores, ideias e visões dos que adotam ou influem na decisão. É possível considerá-la como estratégia que apontam para diversos fins, todos eles, de alguma forma, desejados pelos diversos grupos que participam do processo decisório. (SARAIVA, 2006, p. 29)

As políticas públicas atuam, principalmente, com o objetivo de auxiliar e efetivar a cidadania, tanto no quesito socioeconômico e cultural. As políticas públicas devem auxiliar as pessoas na tomada de decisões que visa valorizar o interesse da coletividade. Entende-se, nesse sentido, a criação do Programa de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), que visam além a formação profissional, com possibilidade de mudar as condições de vulnerabilidade social, pois, muitas delas, situam em localidades periféricas, por isso, as pessoas que devem ser atendidas pelo Pronatec, no caso de São Borja, chega a 29 mil habitantes e elas precisam ser melhor valorizadas também no aspecto comunicacional, ou seja, merecem receber informações que podem gerar conhecimento prático.

Nessa perspectiva, a Universidade Federal do Pampa como instituição pública de ensino superior conta com estrutura capaz de oferecer ao município soluções na área de comunicação para atender a demanda através dos docentes, discentes e técnicos administrativos especializados nos cursos de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas).

Através da atuação dos Centros de Referência de Assistente Social (CRAS) foi constatada a necessidade de intensificar a comunicação para o preenchimento de vagas nos cursos oferecidos nas instituições parceiras. Pois, identificamos que havia pouca procura pelos cursos técnicos, sendo que muitos deles não eram preenchidos pela ausência de

candidatos. Para reverter esse quadro, criou-se o PROCIC – Programa de Comunicação Integrada para a Cidadania - com o intuito de estreitar os laços comunicacionais entre os beneficiários dos programas sociais e o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), onde se efetiva a matrícula.

A Comunicação Social ao colaborar com instituição de promovem as políticas públicas, auxiliam na construção da cidadania, a partir, primeiramente, do atendimento às questões sociais, pois, envolve os diferentes setores da sociedade. Nesse contexto, é preciso levar em conta suas culturas, com peculiaridades que precisam ser consideradas quando se pretende criar uma integração entre esses setores, em prol de bem comum. Definições da área de Relações Públicas reforçam uma noção clara do papel social que a mesma deve desempenhar. No entanto, só com a transformação do cenário socioeconômico e político, que passou a valorizar a cidadania e todas as questões sociais dela decorrente, é que encontramos um momento propício para fixar Relações Públicas como atividade intimamente comprometida com o social, tendo como modelo normativo o simétrico de duas vias, proposto por Grunig e Hunt (1994).

Os novos caminhos abertos pela Comunicação de Interesse público, criaram novos formatos, competências e funções, tanto por parte dos emissores, quanto por parte dos cidadãos receptores das mensagens. Para Costa (2006) a Comunicação de interesse público (CIP) é toda ação de comunicação que tem como objetivo primordial levar uma informação à população que traga resultados concretos para se viver e entender melhor o mundo.

### **3 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

Sabe-se que o profissional de Relações Públicas encontra dificuldades para gerar maior reconhecimento e ampliar o seu espaço no mercado de trabalho. De uma maneira bem superficial, o profissional de Relações Públicas tem a função de estreitar laços entre a instituição e o seu público-alvo. Ferrari (2009, p. 247) afirma,

Dessa maneira, as relações públicas atuam para construir relacionamentos com públicos, que são grupos de pessoas cujo comportamento pode afetar as organizações ou ser por elas afetadas. Os públicos são o objeto da atividade de relações públicas e é para eles que desenvolvemos os relacionamentos, visando estabelecer o equilíbrio de interesse.

A autora continua: “se construirmos nossos relacionamentos com os públicos estratégicos, pensando nas organizações para os quais prestamos serviços, mesmo que indiretamente, estaremos também beneficiando a sociedade.” (2009, p. 247) E Fabio França (2004) completa essa ideia, explicando a necessidade desse estreitamento de laços de relacionamento entre organização e os públicos.

Portanto, o mesmo tende a entender os seus diversos públicos, e a partir disso, criar ações e estratégias de comunicação. Com o passar dos anos o trabalho do Relações Públicas foi se modificando, tanto na teoria como na prática. As empresas começaram a se identificar que a criação de novas ações relacionadas à construção da cidadania - traria benefícios tanto mercadológicos quanto institucionais, auxiliando assim para uma sociedade mais justa.

Conceitua-se o trabalho do profissional de Relações Públicas como sendo a busca pelo alinhamento do trabalho teórico com o prático, isto é, deve-se entender os diversos

públicos. Ajudá-los e ser ajudado. Planejar estratégias e executá-las. Prever situações negativas. E, assim, utilizar a comunicação para o bem comum, seja de caráter mercadológico ou institucional.

O profissional de Relações Públicas atua diretamente na comunicação interna e/ou externa, ações de marketing, pesquisa de opinião pública e, principalmente, para a produção do planejamento estratégico de comunicação. Kunsch (2003, p. 204) afirma que “o planejamento pressupõe imagens do futuro, ao passo que a solução de problemas é imediatista e visa simplesmente corrigir discontinuidades entre a organização e seu ambiente”, ou seja, a implementação de um planejamento de qualidade, pode alterar a forma de trabalho interna e externamente.

Para Kunsch (2003, p. 203) “planejar não significa simplesmente fazer previsões, projeções e predições, solucionar problemas ou preparar mecanicamente planos e projetos”. Deve-se levar em conta que planejar é um ato de exercer a criatividade e a inteligência, pois, requer aptidões para tomar decisões, estabelecer objetivos, diagnósticos, questionamentos, entre outros.

[...] o planejamento constitui um processo complexo e abrangente. Possui dimensões e características próprias, implica uma filosofia e políticas definidas e é direcionada por princípios gerais e específicos. Não é algo “solto” e isolado de contextos. Está sempre vinculado a situações e a realidade da vida de pessoas, grupos e das mais diversas organizações e instituições da esfera pública e privada. (KUNSCH, 2003, p. 204-205)

Como a autora afirma para a produção de um planejamento estratégico de comunicação, deve-se antes de

tudo, conhecer e entender o público-alvo. A partir desse conhecimento, cria-se ações e estratégias para atingi-los. O planejamento criado no PROCIC, por exemplo, tem como *stakeholders*, os beneficiados pelo Bolsa Família, Seguro Desemprego, Programa de Cesta Básica e alunos do Ensino Médio de Escolas Públicas do município.

No caso específico nas divulgações dos cursos do Pronatec, o planejamento estratégico prevê ações de comunicação que sensibilize e oriente as famílias com maior propensão de risco social a se inserirem nos cursos técnicos e profissionalizantes, ou seja, busca-se estratégias para mobilizar as famílias beneficiárias dos programas sociais para se inscreverem em cursos gratuitos de capacitação, para isso, os conteúdos divulgados contêm linguagens claras, objetivas e de fácil entendimento, com intuito de incentivar as pessoas a ter interesse nos diversos cursos.

Os acadêmicos de Relações Públicas que atuam no PROCIC, exercem o papel de mediação na construção do planejamento estratégico. Dessa mediação entre os públicos prioritários e a assessoria foi possível delimitar funções dos próprios alunos de relações públicas e também indicar pautas para os acadêmicos de jornalismo e apresentar demandas de criação publicitárias aos estudantes de publicidade. Essas ações e estratégias articuladas auxiliam na propagação dos cursos do Pronatec na cidade de São Borja-RS, cumprindo cronograma, uma vez que os cursos têm data para iniciar e finalizar as inscrições, normalmente uma semana antes do início dos cursos, ou seja, se ação de divulgação é via *spot* para ser veiculado no rádio, devem fazer o plano de mídia para verificar os horários de maior audiência, escrever o roteiro, gravar, editar e entregar na emissora e uma semana depois verificar na planilha da programação se a emissora cumpriu com a veiculação do material, lembrando que firmamos acordo

financeiro com a emissora radiofônica, via carta convite, para veicular os *spots*.

Portanto, para elaboração do planejamento foi realizado um diagnóstico<sup>9</sup> onde identificamos em âmbito comunicacional os pontos fortes e fracos da instituição, bem como as oportunidades e ameaças. Logo após, como uma das principais partes para o desenvolvimento do projeto foi realizada também a identificação e divisão dos públicos, e, além disso, definimos os públicos de interesses como *stakeholders*, que na concepção de Mitchel (1997, p. 77) “designa uma pessoa, grupo ou entidade com legítimos interesses nas ações e no desempenho de uma organização e cujas decisões podem afetar direta ou indiretamente, essas mesmas organizações”.

Uma vez definido o público, neste caso, os beneficiários dos programas sociais, as ações foram pensadas e traçadas levando em consideração a sinergia e a integração entre as diversas áreas da comunicação, das ferramentas e necessidades comunicacionais da instituição. Como primeira ação efetiva sentimos a necessidade de criar uma marca para o projeto. A marca pôde ser usada como identificação nos diversos materiais de divulgação. A partir dessa criação, produzimos as peças gráficas, tais como: folders, informativos, banners, panfletos, camisetas, blocos de anotações, canetas e chaveiros, sendo que a cada início de curso recebemos os alunos com um *kit* contendo os materiais e aproveitamos para solicitar que os próprios alunos apresentem o curso aos amigos, vizinhos e familiares.

Ressaltamos que para elaboração desses materiais, as pesquisas foram fundamentais no nosso planejamento, por isso, adotamos a realização de quatro pesquisas: de **opinião** para

levantamento estatístico de dados sobre os alunos que iniciam os cursos, bem como para delinear o planejamento de ações de comunicação e os meios de maior eficácia para veiculação de informações; de **satisfação** que auxilia na investigação do nível de satisfação dos usuários matriculados nos cursos durante a realização dos mesmos; de **avaliação** para que, após o término de cada curso, os alunos formandos respondam um questionário de avaliação para que com base nessas informações, identificamos os fenômenos sociais e as tendências individuais que caracterizam os processos de aprendizagem ao longo do curso, com o objetivo de avaliar a adequação das práticas adotadas e otimizar os processos de conhecimento e a pesquisa de **evasão** que tem como objetivo avaliar quantitativa e qualitativamente os motivos que levam os alunos matriculados nos cursos a evadirem. Para esta ação, conta-se com o apoio fundamental da psicóloga e da assistente social do CRAS, responsáveis pelo acompanhamento pessoal dos alunos que frequentam os cursos do Pronatec.

Uma das estratégias utilizadas para efetivar a comunicação com os diversos públicos é a gestão e difusão de informações através das mídias sociais (*facebook, blogs, twitter*), pois, na elaboração do diagnóstico foi possível identificar ampla utilização dessas mídias. Trabalhando num nicho de Relações Públicas utilizaremos a comunicação dirigida, que segundo Kunsch (1997), destina-se a públicos específicos, pré-determinados, e conseqüentemente, mais conhecidos pelos idealizadores das diferentes estratégias de aproximação possíveis. Deve-se considerar que cada público precisa ser contatado com ferramentas específicas para que a comunicação se torne eficaz e com o menor custo possível. Nesse sentido foi criada a ação de mala direta que foi utilizada para divulgar os cursos especialmente às famílias que recebem o Bolsa Família que na cidade são mais de 6 mil, segundo dados do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

---

<sup>9</sup> Para elaboração do diagnóstico contamos com a colaboração dos estudantes: Kairo Vinicius Queiroz e Marcelli Renata Oliveira.

Também num viés de comunicação dirigida propomos a realização de palestras com profissionais das áreas e cursos oferecidos pelo PRONATEC, no sentido de informar e despertar o desejo das pessoas em realizar os cursos. Essas atividades foram realizadas em: Escolas Municipais, no cindo CRAS da cidade, nas associações de moradores e nas cooperativas. Com essas mobilizações foi possível perceber a importância do planejamento estratégico, para orientar as ações, e tornar mais conhecido o próprio Pronatec em São Borja.

#### 4 CONCLUSÃO

Com o objetivo de promover a participação ativa do cidadão nas propostas deliberadas pelo programa que se cria o Programa de Comunicação Integrada para a Cidadania (PROCIC). O mesmo auxilia no engajamento social e na construção efetiva da cidadania se tornando um espaço de divulgação e disseminador de conteúdos informativos de interesse da comunidade local, capaz de reconstruir simbólica e economicamente a vida das pessoas que se qualificam nos cursos ofertados pelo Pronatec.

Trabalhar com um planejamento de comunicação, que visa a construção da cidadania é um processo humanizador, uma vez que as pessoas em condições de vulnerabilidade social ao se qualificar despertam os sonhos e agem para melhorar a sua vida e das pessoas que dependem de si. E, esse processo também é desafiador porque requer a participação ativa de pessoas que perderam a confiança nas estruturas institucionais justamente pelo processo de marginalização que sofreram e sofrem. A comunicação, neste caso, auxilia as pessoas a tomarem as decisões e ao se decidirem ingressar nos cursos de qualificação, despertam o desejo de mudanças e de lutas em prol do bem comum.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, João Roberto da. **Comunicação de interesse público: ideias que movem pessoas e fazem um mundo melhor.** São Paulo: Jaboticaba, 2006.

FERRARI, Maria Aparecida. **A influência dos valores organizacionais na determinação da prática e do papel dos profissionais de Relações Públicas:** estudo comparativo entre organizações do Brasil e do Chile. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA: USP, São Paulo, 2000.

FRANÇA, Fábio. FERRARI, Maria Aparecida. Pode a comunicação organizacional ser uma atividade de lobby? V.8.n.14. **Revista ORGANICOM**, 2011.

FRANÇA, Fábio. **Públicos:** como identifica-los em uma nova visão estratégica. São Caetano do Sul: Difusão, 2004.

GRUNIG, J. HUNT, Todd. **Managing Public Relation.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1994.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru: Edusc, 2001.

KUNSCH, Margarida M.K. **Obtendo resultados com Relações Públicas.** São Paulo: Pioneira, 1997.

\_\_\_\_\_. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada.** 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Relações Públicas:** História, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas. São Paulo: Saraiva, 2009.

RUA, Maria das Graças. **Análise de políticas públicas:** conceitos básicos. Mimeografado. 1998.

SARAVIA, Enrique. **Introdução à teoria da política pública.** Brasília: ENAP, 2006.

## Agravos sociais relacionados ao consumo abusivo de álcool e outras drogas: um estudo com usuários de um CAPS AD<sup>10</sup>

### Social harm related to abuse of alcohol and other drugs: a study among users of a CAPS AD

#### Autores:

##### **Adriana Santos Nascimento**

Bacharel em Saúde, Graduanda do Curso de Nutrição da UFRB. [dryksaj@hotmail.com](mailto:dryksaj@hotmail.com)

##### **Keline Santos de Carvalho**

Bacharel em Saúde pela UFRB. [kelinecarvalho@hotmail.com](mailto:kelinecarvalho@hotmail.com)

##### **Vânia Sampaio Alves**

Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. [vanciasalves@ufrb.edu.br](mailto:vanciasalves@ufrb.edu.br)

#### Resumo:

Este artigo objetiva caracterizar os agravos sociais relacionados ao consumo de álcool e outras drogas entre usuários do Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras drogas (CAPS ad) do município de Santo Antônio de Jesus- BA. Realizou-se uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa com a participação de oito pessoas em tratamento do uso abusivo e/ou dependência de álcool e outras drogas no CAPS ad. Os dados foram coletados mediante entrevista semiestruturada e analisados segundo categorias temáticas. O presente estudo possibilitou compreender, a partir da perspectiva dos usuários, a experiência de consumo de substâncias psicoativas e os agravos sociais a este relacionados. Entre os entrevistados, a experiência do uso de substâncias psicoativas iniciou ainda na adolescência sob a influência de familiares e de amigos. Identificaram-se como agravos sociais relacionados ao consumo de substâncias psicoativas: acidentes de trânsito, quedas, violência/ práticas delituosas, conflitos familiares, desemprego, estigma e preconceito, perda financeira, problemas de saúde, interrupção de estudos e envolvimento em brigas. Espera-se com esse estudo contribuir com a discussão acerca da atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas.

**Palavras-chave:** Álcool, drogas, agravos sociais, atenção psicossocial.

#### Abstract

This article aims to characterize the social harm related to alcohol and other drugs among users of Psychosocial Care Center for Alcohol and other Drugs (CAPS ad) in Santo Antonio de Jesus, Bahia. We performed an exploratory qualitative research by eight people in treatment of abuse and / or dependence on alcohol and other drugs in CAPS ad. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using thematic categories. This study allowed us to understand, from the perspective of users, the experience of substance use and social harm related to this. Among respondents, the experience of substance use in adolescence began under the influence of family and friends. Were identified as social harms related to consumption of psychoactive substances: traffic accidents, falls, violence / criminal practices, family conflict, unemployment, stigma and prejudice, financial loss, health problems, interruption of studies and involvement in fights. It is hoped that this study contribute to the discussion about health care for users of alcohol and other drugs.

**Key-words:** Alcohol, drugs, social harm, psychosocial care.

10. Pesquisa desenvolvida pelo PET-Saúde/Saúde Mental/Crack – ano letivo 2011 com financiamento do Ministério da Saúde.



Este estudo aborda os agravos sociais relacionados ao consumo abusivo de álcool e outras drogas. Segundo o Ministério da Saúde, estes agravos consistem em qualquer dano à integridade física, mental e social dos indivíduos provocados pelo abuso de drogas e outras circunstâncias nocivas (BRASIL, 2011). O uso abusivo de drogas, por sua vez, define-se como um padrão de consumo em que o usuário encontra-se vulnerável a agravos decorrentes de efeitos farmacológicos das substâncias e da adoção de comportamentos de risco (FONSECA et al, 2009).

O II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas, realizado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) e pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID – no ano de 2005, mostrou um aumento na estimativa de uso na vida de álcool (74,6%), tabaco (44,0%) e maconha (8,8%), entre outras substâncias (BRASIL, 2009). A complexidade dos problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas demanda atenção da sociedade e das instâncias governamentais. Entender quais agravos estão relacionados ao uso abusivo dessas substâncias psicoativas certamente contribuirá para a formulação de políticas públicas de saúde para a prevenção do abuso de drogas, redução de danos, tratamento e reinserção social de usuários (CARLINI et al, 2006).

A complexidade do tema faz-se ainda mais evidente ao se reconhecer que o uso de substâncias psicoativas tem iniciado muito cedo entre os jovens. A Organização Mundial de Saúde (OMS) identificou que cerca de 10% das populações dos centros urbanos de todo o mundo consomem abusivamente substâncias psicoativas, independentemente da idade, sexo, nível de instrução e poder aquisitivo (OMS, 2004).

No Brasil, a relação entre o uso do álcool e outras drogas e os eventos acidentais ou situações de violência evidencia o aumento na gravidade das lesões e a diminuição

dos anos potenciais de vida da população. Os acidentes e as violências ocupam a segunda causa de mortalidade geral, sendo a primeira causa de óbitos entre pessoas de 10 a 49 anos de idade (BRASIL, 2004).

A despeito da magnitude do fenômeno do uso abusivo de substâncias psicoativas na contemporaneidade, os estudos sobre os agravos sociais decorrentes deste padrão de consumo ainda são incipientes no cenário brasileiro. O presente trabalho foi realizado com o objetivo de caracterizar os agravos sociais relacionados ao consumo abusivo de álcool e outras drogas segundo o ponto de vista de usuários assistidos por um Centro de Atenção Psicossocial (CAPSad) de um município baiano.

### **Agravos sociais relacionados ao consumo de álcool e outras drogas**

O consumo abusivo de álcool e outras drogas está inserido no cotidiano de grande parte da população mundial, acarretando à sociedade de todos os países uma carga global de agravos indesejáveis e extremamente dispendiosos, que acometem os indivíduos em todos os domínios de sua vida (PINHO, OLIVEIRA e ALMEIDA, 2008). No Brasil, a questão tem sido abordada sob o prisma da saúde pública e dos direitos humanos (ALVES, 2013). A política de saúde para atenção integral de usuários de álcool e outras drogas reconhece os direitos de cidadania deste grupo populacional e assume a Redução de Danos como racionalidade norteadora do cuidado, o qual deve ser ofertado por uma rede de atenção psicossocial (BRASIL, 2004, 2011). Espera-se que as práticas de cuidado sejam realizadas de forma articulada inter e intrassetorial, visando à redução dos riscos e dos danos associados ao uso de álcool e outras drogas para o usuário, a família e a sociedade.

Segundo dados epidemiológicos, são evidentes no panorama mundial os agravos decorrentes do uso abusivo de



substâncias psicoativas, bem como a crescente elevação dos custos decorrentes direta ou indiretamente deste uso para os sistemas de saúde. Este padrão de consumo tem acarretando graves consequências, principalmente para os jovens e adultos, expressando-se nas várias interfaces da vida cotidiana, como o convívio social, os vínculos afetivos, as relações no trabalho e no trânsito. Em relação à saúde, o consumo de substâncias psicoativas pode resultar em adoção de comportamentos de risco e no desenvolvimento de uma série de problemas de saúde.

A literatura tem descrito especialmente os agravos físicos, como quadros clínicos agudos e/ou crônicos, relacionados ao uso de álcool e outras drogas (BRASIL, 2009). A partir da revisão da literatura, observa-se que a produção de pesquisas sobre os agravos sociais ainda se caracterizam escassa no país. Os principais achados descritos pela literatura revisada referem-se a acidentes de trânsito, violência/ práticas delituosas, conflitos familiares, desemprego, estigma e preconceito (PONCE e LEYTON, 2008; GALDUROZ e CAETANO, 2004; CAMPOS et al., 2012; BRASIL, 2004; MARÍN e QUEIROZ, 2000; BRASIL, 2009; ANDRADE et al, 2012; MINAYO e DESLANDES, 1998; ZALESKI et al., 2010; DAVID e CAUFIELD, 2005; CHALUB e TELLES, 2006; RONZANI e FURTADO, 2010; CARVALHO et al., 2006; RABELLO e CALDAS JUNIOR, 2007; ALMEIDA FILHO et al, 2007).

Em relação aos acidentes de trânsito, Ponce e Leyton (2008) afirmam que o uso abusivo de drogas pode causar prejuízos aos usuários no que tange ao desempenho em decorrência da perda de concentração e da atenção, bem como a sensibilidade à luz, além de sintomas psicológicos, tais como paranoia e alucinações, fatores que podem influenciar no comportamento na direção. Outras pesquisas demonstram que a maioria dos acidentes de trânsito com vítimas fatais é causada

por indivíduos que dirigem após o consumo de drogas (GALDUROZ e CAETANO, 2004). Em consequência dos danos relacionados ao comportamento de dirigir sob efeito de bebidas alcoólicas, muitas sociedades tem adotado medidas para redução da morbimortalidade no trânsito, tais como a obrigatoriedade do uso de equipamentos de segurança, cuidados no transporte de crianças, controle de velocidade e determinação de limites de concentração de álcool no sangue de condutores (CAMPOS et al, 2012).

No que tange à violência/práticas delituosas, a literatura traz alguns estudos que partem do pressuposto de que o uso abusivo de álcool e drogas está relacionado à violência, bem como sua associação a diversos agravos à saúde e à criminalidade (BRASIL, 2009). Segundo Minayo e Deslandes (1998), existem várias dificuldades em mensurar a relação entre violência e o consumo de drogas. Para Zaleski e Laranjeira (2010), o uso de substâncias em episódios violentos tanto pode preceder como suceder o evento. Em muitas situações a referência ao consumo de substâncias é apresentada como uma justificativa para o comportamento agressivo com o intuito de diminuir a responsabilidade pessoal. Em outras circunstâncias, o consumo seria realizado para levar o indivíduo a um estado emocional que propiciasse o crime.

Levantamentos realizados por David e Caufield (2005) descrevem que a compreensão do fenômeno da violência deve iniciar com o reconhecimento de que é um problema mundial, histórico e multifatorial, sendo sua conceituação considerada complexa, já que apresenta variações conforme valores culturais que são vigentes em determinado período histórico. Para estes autores, o consumo de álcool e outras drogas figura como um importante fator de risco para comportamentos violentos, como homicídios, suicídios, violência doméstica, dentre outros.

A incidência de violência doméstica tem sido considerada maior entre usuários abusivos de substâncias



psicoativas na maioria das sociedades e culturas, estando presente nos diferentes grupos econômicos. O estudo de Chalub e Telles (2006) ilustra que os transtornos por uso de substâncias psicoativas exercem considerável impacto sobre os indivíduos, famílias e a comunidade, determinando prejuízos à saúde física e mental, comprometimento das relações interpessoais, perdas econômicas, entre outros agravos.

Dentre os agravos relacionados ao uso abusivo de substâncias psicoativas, o estigma, o preconceito e a exclusão social podem ser reconhecidos tanto como um dano como um fator de vulnerabilidade (BRASIL, 2004). De acordo com Ronzani e Furtado (2010), a estigmatização ocorre quando pessoas atribuem rótulos e estereótipos negativos a determinados comportamentos. Os autores reforçam ainda que o estigma social é definido como uma marca física ou social de atribuição negativa ou que leva o portador dessa “marca” a ser marginalizado ou excluído de algumas situações sociais, apresentando forte impacto no valor atribuído a uma determinada identidade social.

Estudos sobre desemprego e sua relação com o consumo de substâncias psicoativas ainda são escassos. Uma relação entre estas variáveis foi encontrada no estudo de Rabello e Caldas Júnior (2007). Estes autores analisaram que as práticas violentas entre parceiros íntimos foram muitas vezes ocasionadas devido ao desemprego, principalmente a do parceiro do sexo masculino. Depreende-se, portanto, que o desemprego pode resultar em desestruturação da identidade masculina, refletindo violentamente na relação conjugal.

Diante destes agravos sociais, a política de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas estabelece princípios e estratégias para o enfrentamento coletivo dos problemas relacionados ao consumo de substâncias psicoativas (BRASIL, 2004). Esta política de saúde contempla a intersetorialidade e a integralidade de ações para a redução dos

danos sociais e à saúde, relacionados ao consumo dessas substâncias.

A partir desta revisão de literatura reconhece-se uma importante lacuna na produção de conhecimento científica sobre os agravos sociais relacionados ao consumo de álcool e outras drogas. Neste trabalho o tema é abordado considerando-se o ponto de vista de pessoas em tratamento dos transtornos decorrentes do uso abusivo de álcool e outras drogas em um serviço da rede pública de saúde.

### **Estratégia metodológica**

Este estudo deriva da pesquisa "*Rede de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus, Bahia*", a qual integrou as atividades do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET Saúde/Saúde Mental/Crack, Álcool e outras Drogas, desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, através do Centro de Ciências da Saúde, e a Secretaria Municipal de Saúde de Santo Antônio de Jesus, entre março de 2011 e fevereiro de 2012.

Realizou-se uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa no Centro de Atenção Psicossocial Alcool e outras Drogas – CAPS AD Vale Viver. Considerando a complexidade do tema de investigação, o processo de coleta de dados envolveu um investimento das pesquisadoras no estabelecimento de vínculos de sociabilidade com o serviço e seus diferentes atores (LEITE e VASCONCELOS, 2007). O planejamento do trabalho de campo incluiu visitas ao CAPS AD no período do mês de novembro de 2011, com o objetivo de aproximar as pesquisadoras do serviço, bem como dos possíveis sujeitos da pesquisa. As visitas foram realizadas com periodicidade semanal, em turno previamente programado com a coordenação. Durante estas visitas realizou-se observação

sistemática de oficinas, grupos terapêuticos e dos espaços de convivência dos usuários. Registraram-se as observações em diário de campo. Os sujeitos da pesquisa foram identificados a partir das interações estabelecidas durante o período de observação das atividades.

Para a coleta de dados, adotou-se a técnica da entrevista semiestruturada. O roteiro de entrevista contemplou tópicos relativos à história de vida e experiência com as substâncias psicoativas, os agravos percebidos pelo usuário e relacionados ao consumo destas substâncias, as expectativas em relação ao tratamento do uso abusivo e/ou dependência química.

As entrevistas foram previamente agendadas com a instituição e os sujeitos da pesquisa, respeitando sempre a disponibilidade de horário dos informantes. Na condução das entrevistas, buscou-se assegurar a privacidade dos entrevistados. Todas as entrevistas foram realizadas em um ambiente protegido de interferências externas, no contexto do próprio serviço, e registrada em áudio para posterior transcrição e análise de conteúdo.

Os critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa foram definidos a partir da observação da disponibilidade e interesse dos sujeitos em participar da pesquisa. Foram incluídos indivíduos de ambos os sexos, maiores de 18 anos, em tratamento no serviço e em estado de sobriedade no momento de abordagem das pesquisadoras, e que apresentassem discernimento quanto ao consentimento livre e esclarecido. A natureza da substância de consumo não foi considerada como critério de inclusão ou de exclusão do sujeito na pesquisa.

Participaram da pesquisa oito pessoas em tratamento do uso abusivo e/ou dependência de álcool e outras drogas no CAPS AD. Dentre os entrevistados, quatro eram do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idade variando entre 38 a 50 anos de idade. Os entrevistados expressaram

concordância em participar da pesquisa mediante leitura e assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados produzidos a partir das entrevistas foram transcritos na íntegra. A análise sistemática dos dados empíricos foi realizada mediante a elaboração de uma matriz para sistematização do conteúdo das entrevistas. A construção desta matriz norteou um primeiro nível de análise, de natureza descritiva dos dados. Para esta análise, efetuou-se uma descrição comparativa dos enunciados, de forma a identificar convergências, complementaridades e divergências entre os relatos dos usuários.

Para a análise do conteúdo das entrevistas, foram elaboradas as seguintes categorias temáticas: 1) Experiência de consumo de álcool e outras drogas; 2) Agravos atribuídos pelos usuários ao consumo de álcool e outras drogas; 3) Situações de preconceito e de maus-tratos vivenciados pelos usuários; 4) Consumo de substâncias psicoativas e as relações sociais; 5) O consumo de substâncias psicoativas e a relação com o trabalho/estudo; 6) Outros agravos relacionados ao consumo de substâncias psicoativas; 7) Mudanças percebidas na vida do usuário e atribuídas ao tratamento; 8) Planos dos usuários para o futuro.

No que concerne aos aspectos da ética em pesquisa, registra-se que os dados empíricos analisados neste trabalho foram produzidos a partir da Pesquisa "*Rede de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no município de Santo Antônio de Jesus, Bahia*", que teve seu projeto avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia – CEP-SESAB (Processo N<sup>o</sup>. 0089.0.053.000-10). Na apresentação dos dados, os nomes dos participantes da pesquisa foram omitidos, prezando-se, desta maneira, pelo seu anonimato (BRASIL, 1996).

## Resultados e discussão

No que se refere à história de vida dos usuários e à experiência com as drogas, identificou-se a partir das entrevistas a idade com que os entrevistados fizeram uso de uma substância pela primeira vez, os contextos de uso e as substâncias consumidas. O álcool e o tabaco foram as principais drogas de consumo referidas pelos entrevistados. A maconha e a cocaína foram mencionadas como drogas de uso esporádico. A maioria dos entrevistados afirmou que iniciou o uso ainda na adolescência, por volta de 11 a 18 anos de idade, conforme relatado nos depoimentos seguintes:

Eu iniciei a beber nos meus 11 anos... O início era o seguinte, eu ia para a escola, meu pai me dava o dinheiro para a merenda, mas eu tinha uns colegas que gostava de tomar uma e eu fui junto com eles aí comecei a beber junto com eles... meu pai bebia demais, meu pai era caminhoneiro, ele bebia e mandava eu ir buscar e daí no meio do caminho eu tomava também, eu tomava no meio do caminho. (H45)

Eu perdoou meu pai porque é meu pai, mas foi dado por ele... Nós éramos criança, ele bebia e minha mãe também bebia, então eles bebiam e davam pra gente também (M44).

Minha experiência com a droga eu comecei com uns 15 anos, bebendo e fumando, aí de lá para cá eu não larguei mais, mas eu não sou viciado... Era muito simples, saía para uma festinha, no São João até meus pais mesmos eles me davam um licorzinho (H46)

Na maioria dos relatos foi possível observar que o uso de substâncias psicoativas iniciou em contextos de sociabilidade. O principal motivo apontado pelos entrevistados para o uso de drogas foi a influência de seus familiares e amigos. Observou-se ainda que fatores como a existência de conflitos familiares, a necessidade de fuga de problemas vivenciados ou de enfrentamento dos mesmos podem ter contribuído de certa maneira para a experiência com as drogas na adolescência e o posterior desenvolvimento de um padrão de uso abusivo. A este respeito, relata uma entrevistada:

Eu comecei, eu comecei a beber com 16 anos, mas aí era só cerveja... Aí na minha família teve muito confronto: minha mãe se separou do meu pai, eu engravidei com 18 anos, fui morar com o pai da minha filha, não deu certo. Aí foi onde eu entrei de fundo no álcool e no fumo (M43)

A complexidade deste fenômeno apresenta-se ainda mais evidente quando se reconhece que este uso se inicia ainda na adolescência. Esta observação derivada dos depoimentos dos entrevistados converge com os resultados descritos nos estudos de Schenker e Minayo (2005) e Almeida Filho et al (2007). Esses autores consideram que na infância e adolescência existe uma busca pelo prazer constituído por novas sensações, autonomia e independência em relação à família. De acordo com Almeida Filho et al (2007), o álcool é uma das drogas mais utilizadas entre os jovens e adolescentes devido à facilidade de acesso. Esta circunstância, por sua vez, relaciona-se ao início cada vez mais precoce do consumo desta substância entre os jovens.

No que diz respeito aos agravos percebidos pelos usuários do CAPS AD, analisou-se a experiência de uso de

substâncias com a finalidade de identificar percepções quanto aos prejuízos relacionados ao consumo e o momento em que consideraram necessário buscar algum tipo de ajuda. Observouse que essa busca foi muitas vezes motivada pela emoção advinda da possibilidade de perder algo que consideravam de grande importância para suas vidas, como o nascimento de um filho, a separação conjugal e/ou dos filhos, ou até mesmo os danos físicos acarretados pelo uso abusivo. Os depoimentos seguintes ilustram a motivação dos entrevistados quanto à busca de atenção à saúde:

No dia em que eu fui fazer o exame, eu tava com duas carteiras de Continental na bolsa, aí eu disse “doutor, a partir de hoje...”, que ele me disse que se eu não parasse de fumar que eu não ia ver o filho nascer, que era o meu primeiro filho, então eu disse, “doutor, a partir de hoje eu não fumo mais, aqui tão as duas carteiras de cigarro (M44)

Eu perdi emprego por causa do álcool, não, emprego não, eu tava tomando um curso de enfermagem aí perdi por causa do álcool e fiz até o terceiro ano, já pertinho de me formar, fui dispensada por causa do álcool. Aí tava me prejudicando em várias coisas, minha relação com minha filha, de assim, vergonha de mim...(M50)

Eu sentia fraqueza, não aguentava trabalhar [...] Eu pensei, eu quero um tratamento para mim, mudar de vida [...] estive muito doente por causa da bebida, já fui parar em estado de coma em Salvador por causa da bebida e do cigarro, já sofri muito, agora que eu já estou ficando mais velho (H46)

Os entrevistados foram questionados quanto ao fato de terem sofrido algum tipo de preconceito e/ou de maus-tratos em razão do consumo de substâncias e, caso afirmativo, solicitados a descrever alguma situação vivenciada. Dentre os oito entrevistados, três afirmaram que nunca sofreram algum tipo de preconceito. Porém, estes sujeitos descreveram situações vivenciadas em que se colocaram como excluídos de contextos sociais:

Não, nunca ninguém me desrespeitou e eu também, eu nunca desrespeitei ninguém, minha cachaça era para mim mesmo e só bebia [...] quando chegava meu limite, ia para a casa descansar e aí pronto, nunca procurei confusão com ninguém. (H46)

Não [...] É, quando tem uma festa assim eu sinto que não me convida, mas eu entendo porque, e eu também não gosto de festa, detesto festa, aí eu também não faço nem questão. (M50)

Dentre os entrevistados, a maioria relatou já ter sofrido algum tipo de preconceito, discriminação e/ou maus tratos. Esta circunstância relaciona-se ao fato de o uso abusivo de álcool e outras drogas ainda ser um tema estigmatizado na atual conjuntura da sociedade brasileira, como mencionado no estudo de Ronzani e Furtado (2010). Situações referentes ao preconceito e/ou maus tratos foram observados na maioria das entrevistas:

Todo mundo me chamava de alcoólatra... Então eu fiquei rotulada como alcoólatra... E aí a gente fica assim, no lugar que a gente chega “Ah, aquela mulher faz tratamento no CAPS,

*ela é alcoólatra". É assim, entendeu?! E isso é muito chato, eu acho que se o obstáculo é esse, eu acho que as pessoas devia ser mais assim, dar mais força, não deixar a pessoa mais pra baixo... eu fico até triste assim também quando eu lembro. Muitas, de passar assim "cachaceira, cachaceira, alcoólatra, alcoólatra!" ai eu olhar pra trás e eles se esconderem, e eu ficar ali parecendo uma louca, procurando quem, quem tava fazendo aquilo pra eu rumar pedra, virar uma louca logo... (M40)*

Na casa de um pessoal lá em Camaçari, quando eu chegava lá tomando uma, ela dizia logo: 'Você já tá bebendo?' 'Se você estiver bebendo não entre mais na minha casa não, não entre mais na minha casa não, da porta pra fora! [...] Quando eu ia para a igreja também tomava uma, ninguém falava comigo [...] peguei os meus panos fui embora pra Salvador, fiquei em Salvador, era um maus tratos [...] que me tratavam parecendo um cachorro [...]' (H40)

As situações de preconceitos e/ou de maus tratos vivenciadas por usuários de álcool e outras drogas podem produzir, além de exclusão social, situações de vulnerabilidade psicossocial. Um dos entrevistados nesta pesquisa, por exemplo, relatou o desejo de responder àqueles que o discriminavam com um comportamento de violência:

Já teve tempo mesmo de eu pensar em vender uma coisa minha de valor e comprar uma arma, procurando um vagabundo assim, de um, de um bairro bem perigoso mesmo, pra

comprar uma arma pra esconder dentro da minha bolsa pra quando acontecesse isso eu meter bala, pra matar alguém, prá você ver o ponto que eu cheguei de tanta humilhação, né? (H40)

As situações de estigma social e de preconceito mencionadas pelos entrevistados foram identificadas neste estudo como agravos sociais relacionados ao consumo de substâncias psicoativas. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2004), esses agravos podem ser reconhecidos tanto como dano quanto fator de vulnerabilidade, contribuindo para condições de comportamentos sociais que acometem tais pessoas e, de certa forma, fragiliza ainda mais a sua situação de saúde.

No que concerne às relações sociais, a análise revelou que na maioria dos casos o uso abusivo de álcool e outras drogas produziu prejuízos às relações interpessoais dos participantes da pesquisa, resultando em conflitos e distanciamento de familiares, amigos e vizinhos. Entre as mulheres, o uso abusivo de álcool foi especialmente relacionado à emergência ou intensificação dos conflitos familiares e à separação conjugal. Esta relação pode ser observada nos depoimentos seguintes:

Todo mundo se afasta de você, é muita dificuldade que você encontra! É muito obstáculo que você encontra! Que você tem aqueles colegas para conversar, aí todo mundo se afasta, todo mundo se afasta, nunca vi um negócio desses! [...] Com os vizinhos, procurava muita briga com os vizinhos. Eu bêbado saía de cueca no meio da rua, todo mundo querendo brigar comigo, querendo me bater... (H38).

Perdi muitos amigos. Já perdi muitas amizades boas por causa da cachaça. (H46)

Perdi tudo que tinha [...] Perdi casa, perdi filho, eu tinha quatro filhos, não mora mais comigo, mora com a mãe... (H 45)

Me envolvi com um rapaz que gostava também da cerveja, então a gente bebia dia e noite, nem eu nem ele tinha controle de parar [...] Terminamos [o casamento] por causa da bebida... Nossa relação acabou toda por causa da bebida... Porque eu bebia. (M40)

Meu ex-marido terminou comigo e começou a gostar da outra por negócio de bebida memo. (M50)

Minha família começou a criticar dizendo que eu era alcoólatra [...] mais ou menos com minha mãe porque quando eu bebo é guerra na certa dentro de casa. (M43)

Investigaram-se as consequências do consumo abusivo de álcool e/ou outras drogas para os estudos e o trabalho dos participantes da pesquisa. Os entrevistados relataram situações de interrupção de estudos e de dificuldades no trabalho, inclusive de desemprego. Os fragmentos a seguir ilustram este achado:

Parei de estudar, parei de trabalhar. As pessoas até o ano passado mesmo, ninguém me dava trabalho [...] eu já não ficava em emprego mais nenhum, todos os empregos

que eu ficava minhas patroas me mandavam embora, porque eu bebia no trabalho, eu comprava bebida, eu saia, elas mandava eu ir comprar uma... um pão na padaria, eu comprava bebida e bebia, e ai eu não ficava em trabalho nenhum mais (M40)

Eu estudava, parei também, ia lá pra beber, chegava na aula bêbado já [...] meu patrão começava a falar, falar, que ia me colocar para fora se me pegasse bebendo. Eu saía escondido, eu sei que já afetou muita coisa na minha vida. (H38)

Eu perdi trabalho, perdi estudo por causa do consumo de álcool e do cigarro [...] e só por causa da cachaça eu não fui mais [...] Álcool e jogo, ao invés de ir para o colégio ia jogar ia beber, ai eu parei na 5ª série mesmo (H46)

Ai eu perdi o curso de enfermagem que meu cunhado pagava pra mim por causa da bebida, puramente por causa da bebida. [...] Trabalho, eu nunca mais trabalhei fora, nunca mais trabalhei pra ninguém... (M50)

Os dados obtidos a partir dessa pesquisa permitem relacionar o uso abusivo de substâncias psicoativas a diversos agravos sociais, retratados pelos sujeitos entrevistados como prejuízos nas relações sociais, interrupção de estudos, perda de emprego, situações de preconceito e maus-tratos. Quando questionados acerca de outros danos percebidos e atribuídos ao consumo abusivo de substâncias psicoativas, a grande maioria dos entrevistados referiu situações como acidentes, quedas, perdas financeiras, envolvimento em brigas, problemas de saúde. Esses agravos estão descritos nos seguintes relatos:

Entrei no bar, tomei uns três conhaque e umas cinco cervejas. Aí sai com a moto [...] quando venho de moto tem um buraco, cai de moto [...] eu cai, levei quase um mês afastado de atestado. (H40)

Eu vim travado, travado, cai bêbado... bumm... cai e desmaiei, bati esse lado foi? Esse lado mesmo. Cai, ai me levaram todo ensanguentado, aí me colocaram no quarto, ai dormir. No outro dia acordei com o olho todo inchado. Da outra vez eu cai na porta de casa, quando abri a porta, desci de vez, não sei como eu não morri todo inchadão [...] No mesmo dia, bebendo de novo, eu cair duas vezes, que eu me lembro, né?! (H38)

Dentre os entrevistados, identificaram-se ainda perdas financeiras relacionadas ao consumo abusivo de substâncias psicoativas. Os relatos abaixo ilustram este agravo social na vida dos usuários abusivos de substâncias psicoativas:

Eu não juntei um centavo, a cachaça me levou tudo, levou tudo, tudo, tudo, até hoje levou tudo. (H 38)

Em relação a financeira, eu acho que perdi dinheiro como uma beleza. [...] eu ficava mais no cais do que na loja, ai quando eles fizeram o contrato, eu recebia o dinheiro, eu recebia o salário daqui e o salário de lá, quando eu pegava os dois salários juntos no outro dia não amanhecia com um conto no bolso, gastava todo. (H40)

Dinheiro, dinheiro, porque quando eu ficava sem dinheiro eu tomava dinheiro emprestado pra poder comprar bebida. (M50)

Dentre as mulheres entrevistadas, três mencionaram outros agravos decorrentes do consumo de álcool, sendo descritas situações como agressão sofrida por seus parceiros íntimos, aprisionamento e hospitalização. A análise de seus depoimentos revela ainda alto grau de sofrimento psíquico e de vulnerabilidade consequente do uso abusivo do álcool:

O meu marido me batia porque a gente saia muito pra clube e tudo e ele achava bonito, as mulheres tudo ali do grupo fumando, ele queria que eu fumasse e eu não fumava, aí ele me cobria o pau, sem pena [...] por álcool eu já fui internada várias vezes, já fui internada, constatava que era o álcool mesmo, mas ai eu tomava a medicação toda, melhorava e 'incarcava' o dente de novo. Ultimamente, o marido que tá comigo atualmente fuma, eu não fumo, bebe todos os dias, ai não tem como, os outros dá a ele também ele leva pra 'dende' casa, eu "puco", bebo também bebo, ai pronto fica os dois bebo. (M44)

Eu botei fogo na casa, eu tava desesperada, porque ele [o marido] me agrediu porque eu estava bêbada mesmo, eu comecei a botar fogo dentro da casa, queimou a casa toda e ai foi um desespero, eu fui presa [...] Eu só vivia presa, num tinha uma semana que eu não ia presa, mas ele me liberava quando passava o efeito da droga [...] eu bebia, eu fazia escândalo, eu caía, eu ficava caída na praça



[...] foram várias, era brigas, era... ia presa, botar a vida da criança, do meu filho, em perigo, um dia eu ia atravessando a pista, e o carro, o carro querer me matar, atropelar, do carro parar em cima assim, de mim e do meu filho, meu filho pequeno no meu colo, e a própria pessoa do carro pegar o celular e ligar pra polícia, eu passei por muita vergonha [...] Eu sentia muita dor, dor de cabeça, dor no fígado, era muita coisa [...] por causa do álcool, com certeza, vômitos, náuseas, era desespero, síndrome do pânico, era muita coisa, muita coisa, achando que as pessoas queriam me matar aquele desespero. (M40)

Eu tive uma crise que os nervos, travou tudo, eu não andava, eu não falava, minhas mãos não abriam, meus pés não andava, eu comecei a tremer e fui parar no ponto socorro, aí me disseram que foi por causa do álcool [...] Tive problema de saúde que eu fiquei fora de mim, me internaram como louca, que eu fiquei vinte e dois dias, eu não conhecia ninguém, através do álcool. (M43)

Buscou-se identificar nas entrevistas mudanças percebidas pelos entrevistados em suas vidas e de que maneira estas eram relacionadas ao tratamento recebido no CAPSad. A partir da análise das entrevistas, observou-se que para a maioria o tratamento permitiu reconhecer o consumo abusivo de substâncias psicoativas como um problema de saúde, bem como a necessidade de realizar o tratamento e de promover transformações em seu modo de vida, como exemplificado nos seguintes relatos:

Mudou minha mente porque eu venho aqui para as palestra e tudo e chego em casa com a minha mente descansada. Aí eu já me alimento, já durmo, vou na casa das amigas, bato papo, vou na casa das irmãs, vou pra igreja e tudo, tudo normal [...] eu bebia demais, bebia mesmo. (M40)

Na minha vida mudou muita coisa, era muito de ir em bar, eu ia era todos os dias, com meu filho do lado, eu num tava nem aí para ninguém, quem quisesse que visse, a vontade quando vinha era tão forte que eu não ligava pra nada, e hoje não. Se eu ficasse assim eu já tava, eu tinha morrido, ou morrido ou tava presa, ou um ou outro [...] E aí eu tô até hoje, fazendo tratamento, tenho recaídas, tenho recaídas, mas tô lutando contra isso, não tô mais como era antes, isso eu tenho certeza, o CAPS tá me ajudando muito e tô levando a vida, levando a vida, tô mais feliz, tô achando que vou conseguir [...] Aí eu comecei a ver que tinha solução pro meu problema e comecei a fazer o tratamento, e tô até hoje [...] mas eu não tô mais como era por causa do CAPS, por que o CAPS me ajuda muito [...] eu tô superando que eu tô com minha cabeça erguida, antes eu abaixava, agora eu levanto a minha cabeça e mostro a eles que eu tô vencendo. (M44)

Mudou que eu fiquei, eu não sinto mais aquela vontade que eu tinha, não tô gastando dinheiro mais com bebida, não sinto mais aquela vontade de ficar bebendo, não gosto de sair, não gosto de ir pra lugar que tem festa porque aí eu vejo a bebida e volta a vontade, apesar de que ultimamente onde eu vou, eu nem saio de casa, aí nem isso eu vejo. (M50)



Os entrevistados manifestaram satisfação com as mudanças percebidas após o início do tratamento no serviço e destacaram que essas mudanças repercutiram no seu estado geral de saúde e nas relações sociais. Identificou-se ainda em seus relatos que o tratamento contribuiu para uma redução da frequência e/ou intensidade do uso de substância psicoativa. Para alguns dos entrevistados, a abstinência não corresponde a uma condição alcançada, havendo referência inclusive a episódios de recaída.

Enquanto serviço orientado pela lógica da redução de danos, o CAPSad apresenta-se para estes sujeitos como um serviço de acolhimento, viabilizando a continuidade do tratamento para aqueles que experimentam recaídas. Nesta perspectiva, o CAPSad distingue-se de outros contextos assistenciais e, para os entrevistados, contribui significativamente para a promoção de mudanças na vida de usuários e suas famílias. Os fragmentos abaixo são elucidativos:

Minha vida mudou 99%, melhorou. No meu aspecto, que eu estava parecendo um palito, não comia, agora eu como tudo, não tomava café, não almoçava, não jantava, agora eu almoço, janto, tomo café, merendo todo hora. Oxe, tratamento aqui tá beleza [...] Minha saúde eu estava perdendo, minha saúde eu estava sentindo muitas dores no corpo, agora eu não estou sentindo mais, minha família está me tratando com mais dignidade, meus colegas de trabalho também, que me tratava como um cachaceiro, agora eles tratam direito, quando é negócio de trabalho eles me chamam para ajudar, eles se for pra festa eles me chamam. (H38)

Mudou muitas coisas, sobre a bebida mesmo mudou, parei mais de beber, mudou a família, quando eu não vinha aqui para o CAPS ia para as portas da venda [...] hoje minha família me apoia todo jeito, tanto mulher, como irmã, como mãe, como pai... (H46)

Para mim até agora sucesso puro. Só tenho a dizer muito obrigado. Está tudo contente, tudo ótimo! Chego no bar tomo um refrigerante nunca deu vontade de beber, tomo meu remédio e vou para minha casa [...] Mudou, em primeiro lugar a saúde é outra, me alimento bastante, ando consciente, Graças a Deus, economizei bastante sobre meus gastos, Graças a Deus, não sinto mais essas coisas de insônia, Graças a Deus, já tem um mês aproximadamente já vai fazer um mês que já estou me sentindo outra pessoa. (H40)

Além das mudanças na vida percebidas pelos entrevistados e atribuídas ao início do tratamento no serviço, considera-se importante destacar os seus planos para o futuro e as expectativas de como o tratamento pode ajudá-los a concretizar estes planos. A respeito destes planos para o futuro, todos os entrevistados afirmaram desejar parar de fazer o uso de substâncias psicoativas, (re)inserir-se no mercado de trabalho, obter uma casa própria, restabelecer a convivência com a família, reorganizar a vida de forma a sentir-se inserido socialmente.

Estas expectativas precisam não apenas ser reconhecidas pelos serviços especializados na atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas no planejamento das intervenções terapêuticas, mas por toda sociedade. A disseminação de um discurso social que demoniza as drogas e

os seus usuários produz estigma e preconceito, inclusive nos contextos assistenciais, comprometendo a possibilidade de tratamento e reinsersão social de usuários de álcool e outras drogas. Dentre os muitos agravos sociais que o consumo abusivo de álcool e outras drogas pode acarretar aos indivíduos e à sociedade, este sem dúvida pode ser considerado o mais expressivo.

### **Considerações finais**

Este estudo objetivou caracterizar os agravos sociais relacionados ao consumo abusivo de álcool e outras drogas segundo o ponto de vista de usuários assistidos por um Centro de Atenção Psicossocial (CAPSad) de um município baiano. A análise de entrevistas com oito pessoas em tratamento no CAPSad possibilitou identificar o início precoce do uso de substâncias psicoativas, sobretudo das bebidas alcoólicas, e a influência de familiares e de amigos nesta experiência. Em relação aos agravos sociais relacionados ao consumo de álcool e outras drogas, foram identificadas situações de preconceito e maus-tratos; conflitos e distanciamento de familiares, amigos e vizinhos; agressão sofrida por parceiros íntimos; aprisionamento e hospitalização; interrupção de estudos; problemas no trabalho e desemprego; envolvimento em acidentes, brigas e quedas; perdas financeiras, entre outros problemas de saúde. Este achado apresenta convergência com aqueles descritos na literatura revisada (ANDRADE et al, 2012; ALMEIDA FILHO et al, 2007; CHALUB e TELLES, 2006; MARÍN e QUEIROZ, 2000; MINAYO e DESLANDES, 1998; PONCE e LEYTON, 2008; RONZANI e FURTADO, 2010; RABELLO e CALDAS JUNIOR, 2007; ZALESKI et al., 2010).

A despeito destes agravos sociais decorrentes do consumo abusivo de álcool e outras drogas, os sujeitos entrevistados apresentam expectativas de recuperação e reinsersão social em relação ao tratamento proporcionado pelo

CAPSad. Ainda que muitos usuários reconheçam a abstinência como um importante desafio, atribuem ao tratamento mudanças significativas na relação com as substâncias psicoativas e, por conseguinte, com as suas redes de apoio social.

Tratando-se de um tema ainda pouco contemplado nos estudos empíricos com usuários de álcool e outras drogas, reconhece-se a relevância de novas pesquisas, de forma a aprofundar o conhecimento acerca dos agravos sociais decorrentes do consumo abusivo de substâncias psicoativas sob a perspectiva daqueles que o vivenciam. Espera-se que esta produção de conhecimento possa contribuir para o planejamento de práticas de cuidado mais sensíveis às necessidades sociais e de saúde deste grupo populacional específico.

### **Referências**

- ALMEIDA FILHO, A.J.; FERREIRA, M.A.; GOMES, M.L.B.; SILVA, R.C.; SANTOS, T.C.F. O adolescente e as drogas: consequências para a saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 605-610, 2007.
- ALVES, V.S.; LIMA, I.M.S.O. Atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas no Brasil: convergência entre a Saúde Pública e os Direitos Humanos. **Revista de Direito Sanitário**, v. 13, p. 9-32, 2013.
- ANDRADE, S.S.C.A.; YOKATA, R.R.C.; SÁ, N.N.B.; SILVA, M.M.A.; ARAÚJO, W.N.; MASCARENHAS, M.D.M.; MALTA, D.C. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e *bullying* entre adolescentes escolares brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 9, p. 1725-1736, 2012.
- BRASIL. Portaria nº 104, de 25 de janeiro de 2011. **Diário Oficial [da] República do Brasil**, Poder Executivo, DF, 26 de janeiro de 2011.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº. 196, de 10 de Outubro de 1996. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF, 10 de out. de 1996. Disponível em:

<<https://conselho.saude.gov.br/docs/Reso196.doc>>. Acesso em 14 de março de 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. **A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. 2.ed. rev. ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório Brasileiro sobre Drogas**. Brasília: SENAD, 2009.

CAMPOS, V.R.; SALGADO, R.; ROCHA, M.C.; DUAILIBI, S.; LARANJEIRA, R. Beber e dirigir: características de condutores com bafômetro positivo. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 5, p. 166-171, 2012.

CARLINI, E.A. et al. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005. São Paulo: CEBRID/UNIFESP, 2006.

CARVALHO, M.L.; VALENTE, J.G.; ASSIS, S.G.; VASCONCELOS, A.G.G. Perfil dos internos no sistema prisional do Rio de Janeiro: especificidades de gênero no processo de exclusão social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 461-471, 2006.

CHALUB, M.; TELLES, L.B. Álcool, drogas e crime. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, supl. II, p. 69-73, 2006.

CRIVES, M.N.S.; DIMENSTEIN, M. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um programa público. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 26-37, 2003.

DAVID, H.M.S.L.I.; CAUFIELD, C. Mudando o foco: um estudo exploratório sobre uso de drogas e violência no trabalho entre mulheres das classes populares da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, número especial, p. 1148-1154, 2005.

FONSECA, A. M. et al. Padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, p. 743-749, 2009.

GALDUROZ, J.C..F; CAETANO, R. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, supl I, p. 3-6, 2005.

LEITE, S. N.; VASCONCELLOS, M. P. C. Construindo o campo da pesquisa: reflexões sobre a sociabilidade estabelecida entre pesquisador e seus informantes. **Saúde e Sociedade**, v. 16, n.3, p. 169-177, 2007.

MARIN, L.; QUEIROZ, M.S. A atualidade dos acidentes de trânsito na era da velocidade: uma visão geral. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 1, p. 7-21, 2000.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 14, n. 1, p. 35-42, 1998.

PINHO, P.H.; OLIVEIRA, M.A.; ALMEIDA, M.M. A reabilitação psicossocial na atenção aos transtornos associados ao consumo de álcool e outras drogas: uma estratégia possível? **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, supl I, p. 82-88, 2008.

PONCE, J.C.; LEYTON, V. Drogas ilícitas e trânsito: problema pouco discutido no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, supl I, p.65-69, 2008.

RABELLO, P.M.; CALDAS JUNIOR, A.F. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 6, p. 970-978, 2007.

RONZANI, T.M.; FURTADO, E. F. Estigma social sobre o uso de álcool. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 4, p. 326-332, 2010.

SCHENKER, M.; MINAYO, M.C.S.; Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.3, p. 707-717, 2005.

ZALESKI, M.; PINSKY, I.; LARANJEIRA, R.; RAMISETTY-MIKLER, S.; CAETANO, R. Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 1, p. 53-59, 2010.

## Projeto “Anjo da Guarda”: Uma Experiência de Inclusão Sociodigital

### Project "Guardian Angel": An Experience of Inclusion Sociodigital

#### Autores:

##### **Max Portuguez Obeso**

Professor Especialista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins campus Palmas - IFTO: [maxobeso@ifto.edu.br](mailto:maxobeso@ifto.edu.br)

##### **Freud Attilio Santos Felix**

Graduando do Curso Técnico de Mecatrônica Integrado ao Ensino Médio do IFTO campus Palmas: [froideatilio@gmail.com](mailto:froideatilio@gmail.com)

##### **Fernanda Pereira Gomes**

Graduando do Curso Técnico de Mecatrônica Integrado ao Ensino Médio do IFTO campus Palmas: [fernanda\\_hta97@hotmail.com](mailto:fernanda_hta97@hotmail.com)

#### RESUMO

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) trouxeram inúmeras possibilidades e alternativas de inclusão informacional, ao passo que tais contribuições são muitas vezes acessadas por poucos, ocasionando até mesmo disputas de forma desigual no mercado de trabalho e na sociedade. Acredita-se que a tecnologia favorece a participação social do educando e da sociedade em geral. Foi com essa perspectiva que o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Tocantins, passou a proporcionar uma oportunidade de interação entre aluno e comunidade externa, desenvolvendo sob a direção do professor Max Portuguez Obeso o Projeto Social de Inclusão Digital “Anjo da Guarda” – PSID. Tal projeto, que abriu um novo caminho para os alunos que necessitam de horas obrigatórias de estágio para a conclusão de curso. E também abriu portas para aqueles que se viam analfabetos digitais por não saberem ao menos “navegar na Internet”, e viram no PSID a oportunidade de ingressarem em um dos cursos oferecidos, e de lá, saírem capacitados para realizar qualquer tarefa que envolva as TICs.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão Digital, Alunos-cursitas, Alunos-monitores, PSID, Solidariedade.

#### ABSTRACT

The information and communication technologies (ICT) have brought countless possibilities and alternatives for informational inclusion, where as such contributions are often accessed by a few, causing even disputes unequally in the labor market and society. It is believed that the technology encourages social participation of the student and society in general. It was with this perspective that the Federal Institute of Education, Science and Technology of the State of Tocantins, now provides an opportunity for interaction between students and the outside community, developed under the direction of teacher Max Portuguez Obeso Project Social Inclusion "Angel guard" - PSID. This project, which opened a new way for students needing hours compulsory internship for course completion. And also opened doors for those who saw illiterates not knowing at least "surfing the Internet", and saw the PSID the opportunity to enroll in one of the courses offered, and there leave empowered to perform any task involving

**KEY-WORDS:** Digital Inclusion, Students course participants, Students monitors, PSID, Solidarity.

## INTRODUÇÃO

A Coordenação de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia –IFTO Campus Palmas, vem por meio do Projeto Social de Inclusão Digital - Anjo da Guarda – PSID realizando desde 2003 até o presente momento, cursos de capacitação e inclusão sócio-digital além de outros cursos com o objetivo de preparar seus alunos-cursistas da comunidade tanto interna quanto externa para o presente cenário profissional. Pois, é cada vez mais frequente a ocorrência de pessoas que perderam uma oportunidade de emprego por falta de conhecimento para utilizar alguma ferramenta que envolva as tecnologias de informação e comunicação - TICs, ou vemos em jornais, que determinada parte da população que se encontra em uma classe social não favorecida economicamente, é dada como infoexcluída por não possuir qualquer recurso financeiro para a obtenção de um computador e a aquisição de internet tanto em casa quanto nas escolas de um bairro ou cidade. O fato é que a tecnologia da informação se tornou o ponto principal na nossa cultura moderna, onde grande parte da população já não consegue viver sem ter um celular ou um computador com acesso a Internet por perto. Mas e o que falar das pessoas que não tem acesso a tais recursos? São elas as responsáveis pela própria exclusão? Afinal, existe inclusão digital?

Estas são perguntas feitas frequentemente, também são muito debatidas e/ou tratadas pela mídia, por empresas de informática, pelos políticos, por diretores de escolas e grupos de estudantes. Mas em relação às respostas para elas, tem-se um leque de possibilidades e justificativas. Uns dizem que a culpa está na desigualdade social que viabiliza acesso e oportunidades apenas para pessoas economicamente favorecidas, e logo os não favorecidos são esquecidos e prejudicados pela mesma. Mas se existe tal exclusão, os culpados por ela devem tomar providências rápidas e drásticas, pois a informação não espera

ninguém, ela apenas é seguida por seus inúmeros seguidores, os chamados “incluídos”.

É nesse aspecto que políticas públicas são desenvolvidas e algumas são postas em prática, com o intuito de tornar a inclusão digital uma realidade tanto quantitativa – capacitação de inúmeras pessoas na área de informática -, quanto qualitativa – uma boa concepção de que a exclusão sociodigital é algo impossível de ser revertida em qualquer âmbito que ela seja detectada.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### TEORIA

- Foi constatado pela linha de base referencial em 2003 que em Palmas Tocantins não havia uma escola de nível técnico federal;
- Para cumprir a obrigatoriedade regulamentar da certificação fazia-se necessário o cumprimento da carga horária estagiária;
- Foi detectado o baixo rendimento escolar principalmente nas áreas de TIC;
- Constatou-se que a estrutura comercial e de serviços da capital não oferecia vagas suficientes para absorver a oferta de estágios originários do IFTO;
- Foi constatado também que a cidade de Palmas e seu entorno apresentava demanda de mão de obra com certo nível de qualificação;
- A comunidade procura locais para qualificação técnica e profissional;
- A Coordenação de Extensão viu-se apta em realizar um projeto que viabilizasse a inclusão sociodigital e futura certificação dos estagiários.

A população do Tocantins no ano de 2000 segundo o IBGE era

de 1143283 moradores, dos quais 31533 tinham acesso à computadores, isto representava um valor de 2,76% que colocava-o na 24ª posição, acompanhado do estado do Tocantins, aparecia estados como Alagoas, Acre, Piauí, Maranhão na lista dos estados que apresentaram os menores graus de inclusão digital.

No período da realização da pesquisa, que foi o ano de 2000, podemos perceber que o Brasil começava a entrar no processo de inclusão digital, isto se confirma através dos dados, que apenas nas regiões sul e sudeste do Brasil os índices mais altos de inclusão digital era 23,87% correspondente ao Distrito Federal, sendo seguida por São Paulo, com 17,98% e Rio de Janeiro com 15,51% da população daqueles estados.

Dentre as razões que favoreciam a exclusão pelo acesso à internet seria a falta de interesse ou necessidade, comprovado pelo valor de 33,14%, seguido pela falta de conhecimento que tinha o valor de 31,45%. O PSID seria uma alternativa para conscientizar de que é necessário o uso da informação, que viria no papel da internet e educaria os alunos para que esta dificuldade fosse superada, assim contribuindo para a diminuição do valor destes dois parâmetros. (Mapa da Inclusão Digital/ Coordenação Marcelo Neri. - Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012, p. 86)

As cinco Unidades da Federação que apresentam um maior grau de Inclusão Digital			
Grandes regiões e Unidades da Federação	Moradores em domicílios particulares e permanentes	Microcomputador	Proporção: moradores com acesso a computador/ total de moradores
Distrito Federal	2035459	458820	23,87%
São Paulo	36719202	6603586	17,98%
Rio de Janeiro	14298735	2217769	15,51%
Santa Catarina	5319120	654177	12,30%
Paraná	9471919	1097529	11,59%

As cinco Unidades da Federação que apresentam um grau menor de Inclusão Digital			
Grandes regiões e Unidades da Federação	Moradores em domicílios particulares e permanentes	Microcomputador	Proporção: moradores com acesso a computador/ total de moradores
Maranhão	5621913	152211	2,05%
Piauí	2832095	78811	2,78%
Tocantins	1143283	31533	2,76%
Acre	552016	18881	3,42%
Alagoas	2797246	100664	3,60%

Tabela mostrando a relação da cinco Unidades da Federação que apresentam o maior número na Inclusão Digital segundo o Censo de 2000 IBGE, reprodução do mapa da exclusão digital, FGV, CPS.

As cinco Unidades da Federação que apresentam o menor grau de Inclusão Digital			
Grandes regiões e Unidades da Federação	Moradores em domicílios particulares e permanentes	Microcomputador	Proporção: moradores com acesso a computador/ total de moradores
Maranhão	5621913	152211	2,05%
Piauí	2832095	78811	2,78%
Tocantins	1143283	31533	2,76%
Acre	552016	18881	3,42%
Alagoas	2797246	100664	3,60%

Tabela mostrando a relação da cinco Unidades da Federação que apresentam o menor grau de Inclusão Digital segundo o Censo de 2000 IBGE, reprodução do mapa da exclusão digital, FGV, CPS.

número na Inclusão Digital segundo o Censo de 2000 IBGE, reprodução do mapa da exclusão digital, FGV, CPS.

A partir dessas constatações o Ministério da Educação em plena execução de sua política educacional, por meio do decreto 11.822 que em 29 de dezembro de 2008 transformou as escolas Técnicas Federais e os CEFET'S em Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia – IFs. Para sua logística de funcionamento fazia-se necessário à composição de sua estruturação geofísica (aquisição do local, estratégia de local), política (nomeação do corpo de direção estratégica), humana (corpo docente e discente e prestadores de serviço – nomeação, disponibilização e concurso), técnica (criação dos cursos nas diferentes áreas com seus respectivos laboratórios), prática (transformação dos estudantes em profissionais – certificação). Com a demanda pela obrigatoriedade regulamentar do cumprimento da carga horária pelo estágio, a gestão estratégica em conjunto com a coordenação de extensão e o corpo docente disponível encontrou em sua frente o desafio de certificar seus estudantes. Vamos ao mercado, na epopeia em busca de vagas para estagiários, a realidade falou mais alto do que o desejo e a decisão de implantar o IFTO. Não havia ofertas de vagas suficientes para os estagiários. O que fazer?

**IMAGEM DO PSID** - Eis que surge o “Anjo da Guarda”, ou melhor, o PSID, onde o coordenador do projeto que enxergou a possibilidade de desenhar, elaborar e executar uma ideia que desde o começo dos cursos vem eficientemente cumprindo o regimento interno referente à carga horária do estágio obrigatório e conseqüentemente permitindo a certificação dos estudantes da instituição além de atender gratuitamente a demanda apresentada pela comunidade em reciclagem e qualificação profissional principalmente pela inclusão sociodigital, fruto do analfabetismo excludente digitalmente. Não

podemos esquecer o legado do nosso saudoso Paulo Freire, quando no seu discurso em Angicos, ao encerramento do curso de alfabetização de adultos para o presidente João Goulart, socializado pelo Instituto Paulo Freire, disse:

O primeiro debate que nós deveríamos travar com o grupo de homens analfabetos, para que motivássemos este grupo a ter uma apetência maior, sobretudo e de áreas rurais, haveria de ser com debate, depois do qual se pudesse situar o homem criticamente na sua realidade contextual e depois de que se pudesse superar um certo pessimismo, uma certa descrença, um certo fatalismo, do homem analfabeto, que é um homem fora do seu tempo e só assim pudéssemos inseri-lo, incorporá-lo ao seu tempo, fazendo-o sujeito do seu tempo e não objeto deste tempo.” (FREIRE,

Para embasar o desenho e elaboração do projeto - PSID, o coordenador do mesmo partiu-se da ideia holística e sinérgica onde o corpo humano apresenta a estrutura funcional retroalimentativa no sentido horário.

Para a fundamentação teórico-técnica do desenho e elaboração do PSID, considerou-se os materiais humanos (alunos, professores, terceirizados e comunidade), físicos (estrutura predial, laboratorial, móvel e imóvel), e virtuais (sistemas, softwares e internet). O processo metodológico seguiu pela indução, na observação das realidades individuais dos alunos, professores, terceirizados e comunidade, a partir daí seguiu o princípio da estrutura funcional retroalimentativa no sentido horário, iniciando com a *teoria*, seguindo para a *técnica*, passando pela *solidariedade*, considerando a *inclusão*, chegando à *prática*, num fluxo de *sinergia* - TTSIPS, e

retroalimentando, uma vez que os formandos e/ou formados e capacitados no nível escolar e comunitário, a partir do seu ensino/aprendizado prosseguem multiplicando informação, conhecimento, consolidando assim o objetivo principal da educação e gerando produtos, rendas, riquezas para a cidade, para a região e para o país, consolidando a libertação para uma independência.

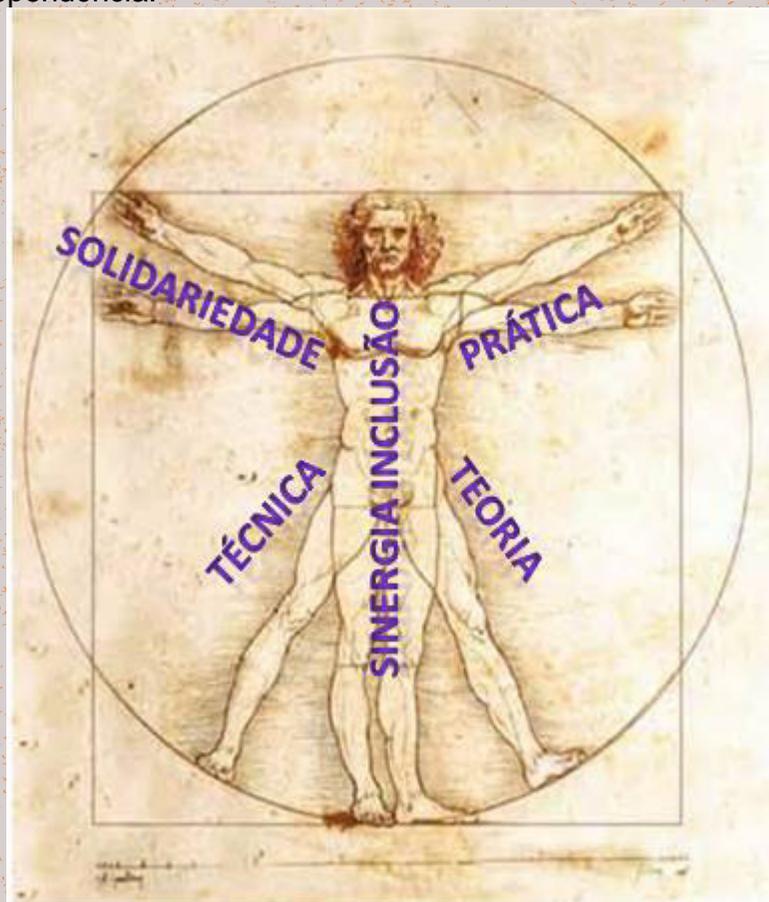


Figura 1: O esquema representando os estágios metodológicos do PSID

**TEORIA** - Cada vez mais se percebe que não é possível o desenvolvimento de um processo de ensino/aprendizado sem uma leitura consistente da realidade de cada ator e/ou sujeito envolvido no processo. A teoria foi concebida a partir da leitura do contexto, das relações e dificuldades da vida de cada um dos alunos, funcionários, terceirizados e comunidade (observando, conversando, escutando e percebendo), a partir disto ocorreu à montagem do conteúdo necessário, adequado ao ensinamento/aprendizado. Falas do tipo: “Ah professor, minha média está muito baixa, não vou dar conta!”, “O professor me deixou, ele me marcou, acho que vou desistir!”, “Esse negócio de informática é complicado, parece que não é para mim!”, e os boletins confirmando todo esse lamento, todo esse clamor. Isto já era o indicativo de como teria que ser a teoria a ser elaborada. Não adiantando empurrar gargantas abaixo manuais e manuais de como aprender. Assim com esta simplicidade surgiram as apostilas, e conseqüentemente a teoria.

**TÉCNICA** - O PSID contribui com o estímulo àqueles que se inscrevem para se tornarem alunos-monitores ou alunos-cursistas, sejam internos da Instituição ou externos da comunidade, no sentido de aprimorarem e adquirirem novas técnicas de estudo e produção de saberes, em diversas áreas como: AutoCAD, Instalações Elétricas Residenciais, Manutenção de Computadores, Manutenção de Rede, Segurança de Trabalho, Segurança no Trânsito, Inglês Básico, Espanhol Básico, Culinária de base de Peixe, Formação a Extensão Rural de Pesca, Qualificação de Pedreiro Iniciantes, Desenvolvimento Web básico com PHP e MYSQL, Corel Draw, Photoshop, Guimp, Rede de Computadores, HTML, Matemática básica e Raciocínio Lógico. Cursos estes que promovem a autoestima como disse Aristóteles:

Toda arte visa à produção, e a sua habilidade e inteligência encaminham-se ao escopo de produzir alguma das coisas que podem ser e não ser e cujo princípio está em quem produz [...], (ARISTOTELES, 1950, p. 84)

ou seja, não há razão para exclusão sociodigital, pois é só uma questão de técnica, quer dizer de arte, todos somos artistas, todos ficam felizes e comemoram quando superam o medo da máquina.

**SOLIDARIEDADE** - No contexto de globalização em que vivemos, fica evidente que os trabalhos não podem, ou não devem ser executados em mão única, pelo contrário, precisam e devem ser cada vez mais envolventes e envolvedores de todos os parceiros, de todos os atores e até mesmo de toda a comunidade, uma vez que, a integração social deve ser contínua e circular, para que o retorno seja líquido e certo. O convite para os alunos tornarem-se monitores fora inicialmente em um espírito solidário e de voluntariado, onde a via de mão dupla passava a ser de fato construída. Segundo Paulo Freire (2011, p. 96): “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...]”.

**INCLUSÃO** – No livro de A Automação e o Futuro do Homem encontramos:

Isto é muito importante, pois, como veremos adiante, na idade da velocidade instantânea da tecnologia elétrica esse tempo de ‘maturação’, que tornava humanamente suportável a inserção de novas tecnologias na sociedade, não mais existe. Somos hoje constante e infinitamente bombardeados por

novas tecnologias, novas formas de percepção, sem tempo para nos adaptarmos a elas. A mutação humana, a que atrás nos referimos nada mais é do que a conquista de um novo nível de ser provocado por este fenômeno completamente novo que está nos marcando (Rosie Marie, 1968, p.34)

O PSID – Projeto de Inclusão Digital veio como solução de inclusão para aquelas pessoas que não conseguissem acompanhar esta velocidade vertiginosa atual que é a aceleração das novas tecnologias do homem.

Aqui o aluno-cursista ao sair do curso que foi realizado, deixa aquela ideia de que está perdendo conhecimento, oportunidade e o pensamento de exclusão se comparado com a comunidade ao seu entorno. A inclusão é a saída da caverna, é o encontro com a luz e a despedida do mundo das sombras e do medo. Extraído de:

**SÓCRATES** – Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar [...] (Platão, 1956, p.287-291)

A inclusão é o ponto auge do encontro consigo mesmo, ou seja, com a educação. Lembrando o que disse Platão no mito da caverna, agora em outras palavras: No ambiente do IFTO por entre as sombras dos galhos, das folhas e da vegetação do

cerrado, formou um ambiente de caverna e daí uma luz saiu daquelas sombras percebendo a partir da luz que era possível e viável, capacitar os alunos-monitores e como resultado desse processo cumprir a carga horária dos estágios. Assim a educação como disse:

“A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir” (Platão, 1997 p. 229)

De forma que cada um possui a faculdade de aprender, portanto a educação não é o que alguns proclamam que é, essa coisa difícil de alcançar. É um estado de leveza e participação onde o estado de exclusão é superado pelo movimento de ingenuidade e percepção de si e do que se é capaz. Acorda, já está incluído. Saiu da caverna, saiu da exclusão.

**PRÁTICA** - A prática não como um universo de concentração de esforços, que seria como uma tortura, mas sim, o ir aprendendo, ir fazendo, sem agonias, sem as cobranças do rigor regimental, mas com envolvimento descontraído e solidário, aonde um vai ajudando o outro, aprendendo junto e fazendo junto, e ao mesmo tempo cada um vai praticando a partir do seu aprendizado. Quando pensa que não, está praticando, está no mundo do sim e não no mundo do não. Resultado melhora as notas, adquire carga horária obrigatória do estágio e comunitariamente adquire conhecimento, conquista novas vagas de empregos, alcança melhor salário, promove a autoestima a partir do aprendizado e da prática sociodigital.

**SINERGIA** - É este o estágio responsável por toda essa integração leve, entre todos os atores/envolvidos. É o que movimenta todo o processo do PSID, que não existiria sem a

energia dispensada e disponibilizada por cada um, em cada momento, em cada fase, em cada etapa do ciclo e na retroalimentação.

## RESULTADOS

Ter atendido mais de 4500 pessoas em dez anos de execução do projeto é um resultado que equivale a 450 pessoas capacitadas por ano, com uma progressão profissional de diversos participantes, por evolução de graduação escolar. Ex: passaram pelo curso quebrando barreiras e paradigmas, pois acreditaram em si e prosseguiram os estudos, conquistando novos empregos com melhores salários. A conquista de autoestima com integração da comunidade sem distinção. A quebra de barreiras entre as pessoas, máquinas e a tecnologia. A efetiva transferência de conhecimento com simplicidade, com qualidade e sem mito. Ter proporcionado a garantia da certificação a 600 alunos dos diversos cursos da instituição (ensino médio integrado, técnico subsequente e superior) por terem participado como alunos-monitores; Certificação dos alunos com presenças comprovadas nos cursos de: Informática básica para softwares Livres e Proprietários, AutoCAD, Instalações Elétricas Residenciais, Manutenção de Computadores, Manutenção de Rede, Segurança de Trabalho, Segurança no Trânsito, Inglês Básico, Espanhol Básico, Culinária de base de Peixe, Formação a Extensão Rural de Pesqueira, Qualificação de Pedreiro Iniciantes, Desenvolvimento Web básico com PHP e MYSQL, Corel Draw, Photoshop, Guimp, Rede de Computadores, HTML, Matemática básica e Raciocínio Lógico sem ônus para a comunidade. A tabulação de 80% concluintes de aproximadamente 6000 inscritos. Aproximação da comunidade com o ambiente escolar do instituto. Demonstração que a tecnologia não é um bicho de muitas cabeças. A comprovação da solidariedade dos alunos

com a doação de 2kilos de alimentos totalizando 2.139,5 Kg. não perecíveis, na sua 26ª edição no 1º semestre de 2013 que foram transformados em cestas básicas e distribuídos para funcionários terceirizados de baixa renda e para instituições filantrópicas residentes em Palmas Tocantins, entre elas:

- Sociedade São Vicente de Paula – Qd. 108 Sul – Total 375,5 kg.
- Associação Beneficente Santa Edwiges – Qd. 106 Sul – Total 461 Kg.
- Associação de Pais e Alunos – APAE – Qd. 706 Sul – Total 424 Kg.
- Comunidade Sementes do Verbo – Jd Aurenny – Total 611 Kg.
- Estudante W.I.B.F – Sistemas Elétricos – Cesta básica – 43 Kg.
- Servidores Terceirizados – 15 cestas básicas – (15 kg cada) Total 225 Kg.

Além de interatividade e confraternização entre todos os participantes alunos-cursistas, alunos-monitores e atores envolvidos.

O Gráfico 01 mostra o número de pessoas que participaram dos cursos oferecidos pelo PSID entre o período de setembro de 2003 a junho de 2013. O Projeto Social de Inclusão Digital “Anjo da Guarda” - PSID teve seu início no segundo semestre de 2003 com apenas 31 alunos-cursistas concluintes. No ano seguinte (2004) teve como concluintes um total de 408 alunos-cursistas. Em 2007 caiu para 307 o número de alunos-cursistas, mas no ano de 2008 atingimos um recorde de 914 alunos-cursistas concluintes. Atualmente o número de alunos concluintes se encontra inferior, mas se pode constatar um total

de 4582 alunos-cursistas já concluintes, ou seja, um quantitativo muito expressivo.

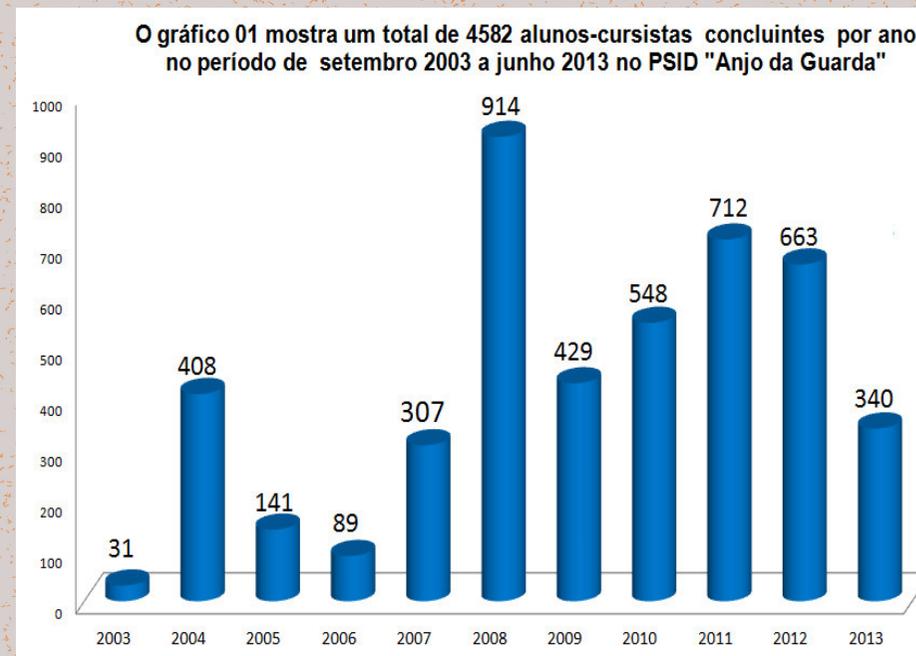


Figura 2: Levantamento do número de alunos-cursistas concluintes no PSID (2003 a 2013/1).

O Gráfico 02 mostra o número de alunos-monitores correspondente a cada ano em que o Projeto Social de Inclusão Digital “Anjo da Guarda” - PSID fora realizado. Inicialmente percebe-se que o quantitativo em 2003 foi bem pequeno, mas logo no ano seguinte houve um salto para 44 alunos-monitores a trabalho no projeto. Percebe-se que 2008 e 2011 foram os anos em que mais se teve o ingresso de alunos-monitores e conseqüentemente são considerados pontos recordes no período de setembro de 2003 a junho de 2013.

O gráfico 02 mostra um total de 709 alunos-monitores por ano no período de setembro 2003 a junho 2013 no PSID "Anjo da Guarda"

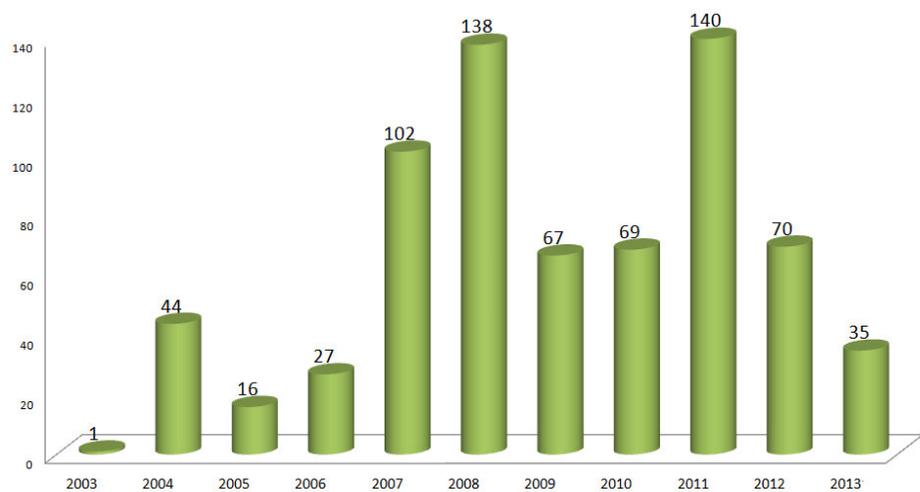


Figura 3: Levantamento do número anual de alunos-monitores no PSID (2003 a 2013/1).

## DISCUSSÕES

Como se pode verificar tanto no gráfico 01 quanto no gráfico 02, a cada ano tem crescido o número de pessoas que participaram do Projeto Social de Inclusão Digital “Anjo da Guarda” – PSID como sendo alunos-cursistas ou alunos-monitores, além de evidenciar um salto enorme na quantidade de participantes que concluíram satisfatoriamente os cursos ofertados pelo PSID ao longo dos dez anos em que o Instituto Federal - Campus Palmas tem cedido espaço e estrutura para a realização dos mesmos, e também com a parceria da coordenação de extensão que é a base para os alunos encontrarem informações sobre os cursos, realizarem as inscrições e fazerem suas discussões ou reclamações. Destaca-se a participação dos alunos-monitores

que contribuíram com o projeto, investindo todo o seu aprendizado adquirido na própria instituição em seu ensino médio ou técnico, e sendo beneficiados com horas de estágio obrigatórias além de enriquecimento profissional por estarem realizando algo diferenciado do habitual, ou seja, uma forma de motivação à prática da docência. Com empenho e dedicação investidos, a procura da comunidade pelos cursos ofertados só aumentou ao longo dos anos, já foram mais de 4500 alunos-cursistas concluintes e cada um tendo a posse de seu certificado de conclusão do curso escolhido. De fato, temos os números que representam o quantitativo dos resultados já obtidos a partir da implantação do PSID no Instituto Federal – Campus Palmas, mas sobre o qualitativo alcançado, não cabe a apenas um gráfico mostrá-lo. É apenas no ligar e desligar de um computador, no abrir um email ou fazer uma pesquisa utilizando a internet que ele pode ser representado, pois pelo ato da inclusão seja ela digital ou social, é com o dia-a-dia que os resultados vão sendo evidenciados.

## CONCLUSÃO

O Projeto Social de Inclusão Digital “Anjo da Guarda” – PSID é responsável pela capacitação de mais de 4500 pessoas ao longo de seus dez anos de atividade contínua, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Tocantins. Devido à preocupação em relação à exclusão digital presente em nossa cidade – Palmas Tocantins -, o PSID se tornou um caminho viável à comunidade externa que se via incapaz de pagar um curso que possibilitasse um letramento digital de qualidade.

Buzato (2003) define o letramento digital como “o conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem nas práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo”.

Onde aqueles que são privados do acesso à comunicação, acabam perdendo o meio mais ágil e prático de interatividade com o todo que os cercam.

É possível afirmar, que o processo de inclusão digital não é uma tarefa fácil e muito menos simples de ser realizada, é necessária a elaboração de uma metodologia eficaz e de fácil compreensão – já que os participantes do projeto são, muitas vezes, pais de família que buscam acompanhar os saberes dos próprios filhos -, e também ter um corpo docente capaz de atender a qualquer dúvida que sane o analfabetismo digital dos alunos-cursistas e obter resultados após o término de cada curso.

[...] a inclusão digital se assemelha, portanto, à ideia de alfabetização digital, numa equivalência com a perspectiva da alfabetização no processo de inclusão social, voltando o foco para aqueles que também se encontram no próprio contexto de exclusão social, acrescentando a temática da tecnologia digital no sentido de somar esforços para atenuar essa diferença [...] (CABRAL FILHO, 2006, p. 111)

Cada aluno-cursista é levado a aproveitar o máximo dos recursos a eles oferecidos, em matéria de comunicação e informação, já que a habilidade em usar as tecnologias da informação será por eles mesmos adaptadas no decorrer do tempo, garantindo-lhes poder e conhecimento. Os alunos-monitores – aqueles beneficiados pelo projeto com horas de estágio obrigatórias, por serem estudantes da instituição - são os responsáveis pela alfabetização digital de cada indivíduo em sala, e como ponto positivo do projeto, formam uma via de mão dupla, por estarem repassando o que fora aprendido com seus professores anteriormente, passam a conviver com pessoas de diferentes histórias e perspectivas e com isso vão se ensinando uns aos outros.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. (FREIRE 2011, p.95)

O PSID seguirá com sua tarefa de capacitar cidadãos e transformá-los em multiplicadores de conhecimento. Com a dedicação de seus colaboradores, e a persistência para superar qualquer desafio, tentaremos diminuir o abismo que a exclusão sociodigital causa em nossa cidade, estado e até mesmo nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTELES, *Ética a Nicômaco*, Atena Editora. São Paulo. 1950 p. 84
- BUZATO<sup>1</sup>, Marcelo E. K. Letramento digital abre portas para o conhecimento. EducáRede. Disponível em: <<http://www.educacaoliteratura.com.br/index%2092.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- DA VINCI, LEONARDO, *O Homem Vitruviano*, customização realizada pelos autores do artigo.
- FREIRE, PAULO, *Pedagogia do oprimido*, Paz e Terra Editora, p. 96, 50. ed. rev. e atual.
- MURARO, ROSE MARIE, *A automação e o futuro do homem*, Vozes Editora, Ed. 3 p. 34.
- NERI, MARCELO, *Mapa da Inclusão Digital*, FGV, CPS
- PLATÃO, *A República*, Nova Cultura Editora, 1997, p. 229
- PLATÃO, "A República" de Platão. 6° ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291
- VAZ, ADILSON CABRAL FILHO, *Sociedade e tecnologia digital: entre incluir ou ser incluída*, Disponível<sup>2</sup> em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/207/122>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

**Matemática para a vida: criando um novo cenário para o ensino-aprendizagem****Mathematics for life: creating a new scenario for the teaching-learning****Autores:****Luciana Maria Mendonça Bragança**

Prof. Dr. da Universidade Federal de Viçosa – UFV. [mendonca@ufv.br](mailto:mendonca@ufv.br)

**Tonimar de Souza Cândido**

Graduando do Curso de Matemática - Licenciatura da UFV. [tonimar.candido@ufv.br](mailto:tonimar.candido@ufv.br)

**Resumo:**

Em busca de formas mais atraentes de construir e reconstruir novos conhecimentos, o projeto **Matemática para a vida: criando um novo cenário para o ensino-aprendizagem** realiza encontros semanais com um grupo de alunos da rede pública de ensino na cidade de Teixeira-MG. Durante esses encontros são recordados alguns conteúdos matemáticos, sucedidos de atividades lúdicas que estimulam o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas. Nessas atividades a equipe de trabalho fica atenta às estratégias utilizadas pelos alunos e se nelas há relação entre o conhecimento de mundo do aluno com o tema matemático estudado. Assim, podem desenvolver uma visão crítica e construtiva em relação ao pensar matemático para os problemas propostos, o que já resultou numa notória melhora no rendimento escolar.

**Palavras-chave:** Educação matemática. Contextualização matemática. Ensino contemporâneo.

**Abstract:**

In search of a more pleasurable to acquire new knowledge the project Mathematics for Life: creating a new scenario for teaching and learning has developed weekly meetings with a group of students from public schools in the city of Teixeira-MG. During these meetings are communicated to students a theoretical and formal, successful practical activities where students can use to discuss and observe what has been shown previously. These activities were always attentive to the behavior of students, to ensure that the academic content is fully implemented and that these activities can motivate students to not only liking of mathematics as well as encourage them to go beyond, seeking also use such content in their everyday . So develop a critical and constructive approach to mathematical thinking to all the problems they have been proposed, which has resulted in a noticeable improvement in school performance.

**Key-words:** Mathematics education. Mathematical context. Contemporary education.

## Matemática para a vida: criando um novo cenário para o ensino-aprendizagem

Desde os primeiros tempos, temos registros de manifestações matemáticas no comportamento humano. O pensamento matemático expressava-se, com certeza, até na escolha da caverna, onde, intuitivamente, a proporcionalidade entre o espaço disponível e o número de habitantes do grupo era levada em consideração.

Foi partindo do princípio de que o conhecimento humano é complexo, reunindo fazeres e pensares de todos os tipos - religiosos, artísticos, científicos e cotidianos - que nos propusemos a buscar pistas e evidências do quanto a Matemática sempre influencia no nosso cotidiano, ajudando-nos a produzir novas respostas ao mundo em que vivemos.

Muitos alunos elegem a Matemática como sendo uma das disciplinas que menos apreciam e uma das mais difíceis de serem compreendidas. Acreditamos que isso aconteça devido à abordagem desvinculada da realidade, de como os conteúdos matemáticos são apresentados. Sabemos que a matemática é uma ciência que exige abstrações, ou seja, ela conduz a uma exploração e conservação de conceitos na estrutura cognitiva sem a necessidade de uma representação concreta. Contudo, podem-se adequar ao máximo os conceitos matemáticos que serão ensinados à realidade do estudante.

Nesta linha, a educação matemática propõe um ensino baseado na construção, desenvolvimento e aplicação de ideias e conceitos matemáticos, sempre compreendendo e atribuindo significado ao que o aluno fizer, para evitar a simples memorização e mecanização. O sucesso deste ensino é atingido a partir de situações-problema contextualizadas e, posteriormente, aplicando os conceitos em situações cotidianas ou em outras áreas do conhecimento.

A contextualização do saber é uma das mais importantes noções pedagógicas que deve ocupar um lugar de maior destaque na análise da didática contemporânea. Trata-se de um conceito didático fundamental para a expansão do significado da educação escolar. O valor educacional de uma disciplina expande na medida em que o aluno compreende os vínculos do contexto compreensível por ele. (PAIS, 2001, p. 27)

Embora o município de Teixeira-MG. seja muito próximo de Viçosa-MG., notamos que há certa carência de projetos de extensão que visem à melhoria da qualidade de ensino de Matemática, no entanto, as professoras Angélica das G.S.S. Ferreira e Ana Maria Lana demonstraram um grande interesse de que a Matemática fosse trabalhada de uma forma diferente, mais prática e atraente.

Assim, o projeto **Matemática para a vida: criando um novo cenário para o ensino-aprendizagem** tem como objetivo atuar no auxílio didático em Matemática a um grupo de 93 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dr. Mariano da Rocha, localizada em Teixeira-MG., no qual oferece experiências de aprendizagem diversificadas e ricas. Propõe, ainda, uma prática de ensino de matemática que articula o conhecimento com outras áreas, contribuindo na solução de problemas presentes no meio social e econômico no qual nos inserimos.

Contamos com uma equipe interdisciplinar de Matemática que trabalha para promover as interações sociais, em cenários de educação formal, que busca melhorar a autoestima dos alunos, promovendo a interação entre eles, desenvolvendo as suas competências matemáticas, sócio-cognitivas e emocionais, auxiliando no seu desenvolvimento pessoal e escolar.



O projeto teve início no mês de fevereiro de 2013 quando os alunos foram divididos em três (03) grupos de aproximadamente 30 alunos cada. Inicialmente, aplicamos uma avaliação diagnóstica contendo doze (12) questões que abordaram conteúdos de geometria plana e de geometria espacial na qual os alunos obtiveram o aproveitamento médio de 54,50%. Com base nas principais dificuldades detectadas iniciamos pesquisas bibliográficas e elaboramos materiais didáticos visando uma melhoria no desenvolvimento escolar dos alunos participantes. No mês maio de 2013 aplicamos outra avaliação diagnóstica, seguindo a mesma linha da primeira, na qual obtiveram o aproveitamento médio de 77,67%.

Nos encontros oferecemos uma base teórica e formal exigida na matemática, seguida de atividades lúdicas e/ou oficinas de matemática.

Pois, nós seres humanos, nos desenvolvemos e interagimos com o mundo no qual estamos inseridos, por intermédio do exercício de nossa afetividade e nossa intelectualidade e como professores podemos instigar um olhar de enxergar matemática nas demais atividades escolares e fora da escola. (FALCÃO e MELO, 2010)

Com esta metodologia os alunos associam as teorias com a prática, fixam melhor os conteúdos abordados, desenvolvem o raciocínio lógico matemático e elaboram estratégias para resolver situações problemas. Apresentamos dois exemplos elucidativos de fatos ocorridos durante algumas aulas de geometria espacial: com o intuito de classificar os poliedros quanto ao número de faces, alguns alunos associaram a nomenclatura do número de títulos dados aos times de futebol com o número de faces dos poliedros (tetraedro com tetracampeão, hexaedro com hexacampeão); durante uma

atividade em que cada aluno deveria apresentar a planificação de superfícies poliédricas distribuídas aleatoriamente, uma aluna desenvolveu uma estratégia que resolveu o seu problema com perfeição. Ao se deparar com um paralelepípedo oblíquo, ela apoiou a superfície do sólido sobre a folha de papel e com um lápis contornou cada uma de suas faces. Mesmo que para alguns esta estratégia pareça óbvia, nenhum outro aluno das três turmas apresentou uma solução tão criativa e eficaz.

O contato com a Matemática de uma forma mais contextual é essencial para que os estudantes criem referências, desenvolvimento da memória visual, do sentido crítico, do raciocínio lógico, da intuição matemática e também criatividade e persistência nas tarefas escolares. Além disso, trará a oportunidade de interação entre professores e estudantes dos cursos de Licenciatura em Matemática, aproximando-os da realidade do ensino nas escolas públicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAIS, L. C. **Didática da matemática**: uma análise da influência francesa. Belo Horizonte : Autêntica, v. 3, 192 p. 2001.

FALCÃO, E. S. F.; MELO, A. S. A. **Matemática e a Arte da Dança**: Uma proposta diferenciada de educação matemática. Disponível em: <http://www.sbempb.com.br/anais/arquivos/trabalhos/CC-15597569.pdf>. Acessado em 12 de jul. de 2013.

LORENZATO, S., VILA, M. C. Século XXI: **qual matemática é recomendável?** Revista Zetetiké. Campinas, Ano 1, p.41-49. 1993.  
SACRISTÀN, A. J. Educação, sujeito, história. 1º ed. São Paulo: Olho D'Água, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

## O projeto de extensão Apicultura Desenvolvimento sustentável

The extension project Apiculture Sustainable Development.

### Autor

Carlos Alberto Biella

Prof. Mestre da Universidade Estadual de Goiás – UEG – UnU Jataí (GO) – [prof.biella@hotmail.com](mailto:prof.biella@hotmail.com)

### Resumo

O projeto de extensão Apicultura Desenvolvimento Sustentável teve seu início em junho de 2011 e nasceu da necessidade de se buscar junto às duas comunidades de assentados, melhorias na renda mensal dos participantes do projeto e melhorias no que diz respeito às condições ambientais dos próprios assentamentos. Este projeto de extensão demonstra que a apicultura pode se apresentar como uma fonte de renda para famílias residentes em projetos de assentamentos rurais, bem como mostrar-se como uma ferramenta de preservação ambiental, uma vez que necessita de áreas nativas para manutenção das colméias, que irão utilizar a vegetação natural para sua sobrevivência. Nascido inicialmente para atender a dois assentamentos rurais (Santa Rita e Rio Claro), no município de Jataí (GO), o projeto continua em atividade, agora atendendo somente a um dos assentamentos. Como projeto de extensão, este referido projeto proporciona à instituição de ensino superior a oportunidade de colocar seus dois cursos tecnológicos nas áreas de alimentos e logística, a serviço das famílias participantes, no sentido de proporcionar melhorias na produção de mel e derivados pelos assentados.

**Palavras-chave:** apicultura – agricultura familiar – sustentabilidade – preservação ambiental.

### Abstract

The extension project Apiculture Sustainable Development began in June 2011 and was born from the need to get close to the two communities of people settled, improvements in the monthly income of the project participants and improvements with regard to the environmental conditions of the settlements themselves. This extension project demonstrates that beekeeping can be presented as a source of income for families living in rural settlements projects and show up as a tool for environmental preservation, as it needs native areas for maintenance of the hives, which will use the natural vegetation for their survival. Initially born to meet two rural settlements (Santa Rita and Rio Claro), in Jataí (GO), the project still active, now serving only to a settlement. As extension project, this project provides that the institution of higher education the opportunity to put their two courses in the areas of food technology and logistics, the service of the participating families, to provide improvements in the production of honey and its derivatives by the settled people.

**Keywords:** apiculture - family agriculture - sustainability - environmental preservation.

## Introdução

O projeto de extensão Apicultura Desenvolvimento Sustentável teve seu início em junho de 2011, nascendo da necessidade de se buscar junto a duas comunidades de assentados, melhorias na renda mensal dos participantes do projeto bem como melhorias no que diz respeito à preservação ambiental dos próprios assentamentos. Em seu início, contava com treze famílias de dois assentamentos no município de Jataí, o Projeto de Assentamento Rio Claro e o Projeto de Assentamento Santa Rita. As famílias são compostas, em sua maioria por adultos maiores de 40 anos, com ensino fundamental incompleto, renda média de um salário mínimo, referentes a comercialização de produtos de horticultura, da produção de leite e da venda de alguns animais. Os assentamentos apresentam reservas legais, que podem ser preservadas e ao mesmo tempo gerar renda através da apicultura. Como citado anteriormente, este projeto teve seu início em 2011 contando com representantes de dois assentamentos, porém, devido a algumas divergências entre estes membros, houve um comum acordo para que a parceria entre eles fosse finalizada, motivo pelo qual o projeto de extensão segue atualmente com representantes de somente um dos assentamentos, o Projeto de Assentamento Rio Claro (PARC). Ressalta-se como um dos motivos da separação do projeto foi a distância entre os dois assentamentos, cerca de 40 km um do outro, o que acabou trazendo alguns problemas quanto à logística do projeto. Vale destaque a presença de uma integrante do PARC, hoje egressa do curso de Tecnologia em Alimentos da Unidade Universitária de Jataí.

A atividade da apicultura teve início nos dois assentamentos, inicialmente através de um projeto da Caixa Econômica Federal no município de Jataí, sendo em seguida encampado pela unidade local da Universidade Estadual de

Goiás (UEG). Graças a esta união de esforços, os assentados receberam a capacitação através de cursos sobre a criação de abelhas, capacitação quanto ao manejo e diversificação de produtos derivados da apicultura e compra de equipamentos. Esta capacitação e a aquisição de equipamentos possibilitaram a implantação de colméias em áreas devidamente orientadas e as técnicas de manejo demonstram uma boa produtividade.

Importante ressaltar que este projeto atinge 4 dos 8 objetivos do milênio da Organização das Nações Unidas (ONU), ou seja, a agregação de valores com as praticas da apicultura, promovendo a erradicação da fome e da extrema pobreza; a promoção da igualdade de gênero e a autonomia das mulheres, uma vez que grande parte do projeto é realizada por mulheres; a garantia da sustentabilidade ambiental, com a preservação e enriquecimento da vegetação existente nos assentamentos e também estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento, uma vez que o trabalho dentro da coletividade focando o desenvolvimento sustentável pode estabelecer futuras parcerias internacionais.

Este projeto de extensão apresenta como objetivo geral a melhoria de renda, segurança alimentar e qualidade de vida de moradores de assentamentos através da produção de mel e derivados, através de uma produção sustentável. Apresenta também, como objetivos específicos a capacitação das famílias na produção e comercialização de mel e derivado com qualidade e segurança, além da geração de renda com sustentabilidade ambiental e a criação de alternativas de escoamento da produção do mel e derivados.

## Material e métodos

Uma das primeiras atividades deste projeto foi uma reunião com representantes dos dois grupos de assentados para avaliar a viabilidade deste projeto e posteriormente traçar as

metas a serem atingidas com o mesmo. No percurso do projeto foram efetivados cursos de capacitação para os assentados, aquisição de equipamentos e materiais para produção de mel e derivados e inúmeras atividades práticas realizadas pelos acadêmicos extensionistas. Foram oferecidos cursos de Boas Práticas na Fabricação de mel e derivados, além da produção de um Manual de Boas Práticas, pelos alunos do curso de Tecnologia em Alimentos da UnU Jataí da UEG. Houve o desenvolvimento, também pelos alunos do curso de Tecnologia em Alimentos, de uma ração para alimentação artificial das abelhas durante o período de seca. A elaboração dos rótulos dos produtos foi desenvolvida por alunos do curso de Tecnologia em Logística, da mesma unidade universitária.

### Resultados e discussões

O município de Jataí situa-se no Centro-oeste brasileiro, na região sudoeste do estado de Goiás (figura 01) e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com uma população de aproximadamente 90 mil habitantes (IBGE, Censo 2010).

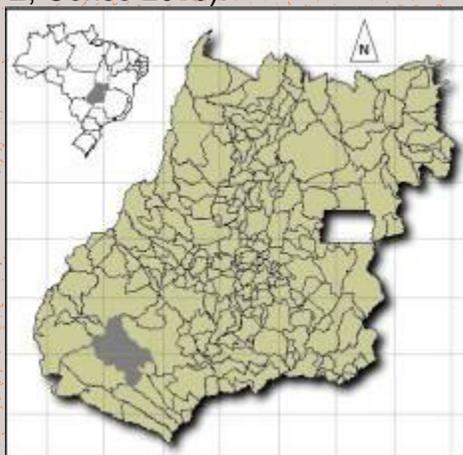


Figura 01 – Localização geográfica do município de Jataí (GO)

O município é considerado um dos maiores produtores de grãos no Brasil, principalmente milho e soja. Conforme Dias (2008), Jataí possui 55% das propriedades rurais cadastradas como minifúndios e pequenas propriedades que congregam a agricultura familiar, que refletem apenas 11% do total da área do município, entre eles o Projeto de Assentamento Rio Claro (PARC), localizado a cerca de 50 quilômetros da área urbana de Jataí, com uma comunidade de 17 famílias, num total de 74 pessoas, possuindo todas as características de agricultura familiar. O PARC surgiu em 1996, após as famílias batalharem pela posse da terra, vivendo em acampamento e a conseguindo em 2001, com a emissão de posse da terra, sendo que esta emissão foi suspensa logo em seguida sendo emitida novamente em 2006 onde famílias receberam o "PRONAF A" para implantação da infraestrutura do assentamento. A maioria das famílias assentadas sobrevive da produção de leite e criação de animais como gado, galinhas, porcos e também do cultivo de hortaliças, mandioca, arroz, milho e soja. Basicamente a produção do assentamento é para subsistência e o excedente para comercialização tanto no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), quanto na feira da agricultura familiar criada em parceria com a Prefeitura Municipal.

O assentamento ocupa uma área total de 485 hectares, com as famílias divididas em 17 glebas com dimensionamento médio de 28,5 hectares, além de contar com uma área de reserva natural. A região onde o PARC situa-se oferece boas condições para a manutenção e criação das abelhas, uma vez que conta com área de reserva legal e boa quantidade de água, o que propicia todas as condições para a manutenção de caixas apícolas. A instalação das caixas para o apiário obedece algumas características, que irão favorecer tanto a sobrevivência das abelhas, quanto ao manejo por parte dos apicultores, como a necessidade de flores próximas ao local do apiário, o que implica a instalação do apiário em áreas com vegetação

abundante (pasto apícola); deve existir água com qualidade e em quantidade a cerca de 500 m de proximidade do apiário; o sol deve incidir sobre o apiário, preferencialmente pela manhã e deve existir algum sombreamento. A instalação de um apiário deve seguir orientações técnicas, que indicou áreas de vegetação nativa, o que demonstra a necessidade de se preservar tais áreas para uma boa produção (figura 02).



Figura 02 – Escolha de local para instalação de apiário, com orientação técnica.

A figura 03 mostra um esquema da instalação de um apiário (a) e uma das primeiras áreas, seguindo orientação técnica, onde houve a instalação do apiário dentro deste projeto de extensão (b).

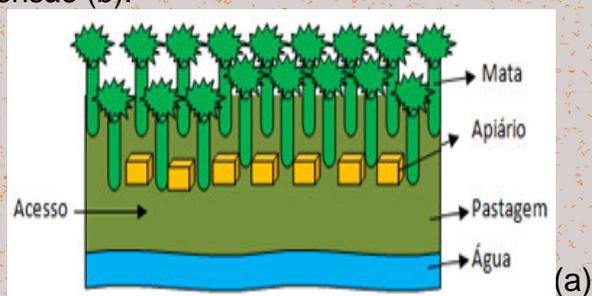


Figura 04 – Esquema de instalação de um apiário (a) e área onde foi instalado um apiário, seguindo orientações técnicas (b).

## O mel

Considera-se mel um fluido viscoso, aromático e doce, elaborado por abelhas a partir do néctar e/ou exsudatos sacarínicos de plantas, principalmente de origens florais, os quais, depois de levados para a colméia pelas abelhas, são amadurecidos por elas e estocados no favo para sua alimentação (BRASIL, 2000). É um alimento utilizado mundialmente por ser considerado um adoçante natural, fonte de energia e pela característica medicinal, que confere resistência imunológica, antibacteriano, antiinflamatório, analgésico, sedativo, expectorante e hiposensibilizador (BENDER, 1982; GARCIA et al., 1986). A apicultura é o ramo da agricultura que estuda as abelhas produtoras de mel e as técnicas para explorá-las convenientemente em benefício do homem. Inclui técnicas de criação de abelhas e a extração e comercialização de mel, cera, geléia real e própolis. As abelhas melíferas são criadas em áreas onde haja abundância de plantas produtoras de néctar, como a laranjeira. Como norma,



os maiores produtores de mel estabelecem suas colméias em zonas de agricultura intensiva, já que não é prático cultivar plantas para a produção de mel. A produção de mel segue um processo mais ou menos uniforme empregado tanto por grandes quanto por pequenos produtores e processadores. A atividade tem como base a floração de espécies vegetais nativas ou de áreas cultivadas, a distribuição das colméias em áreas próximas destas floradas, a extração do mel das colméias em uma casa do mel, e o processamento em um entreposto para remoção de impurezas e embalagem. Após esta etapa, o produto segue para a embalagem, seja em barris para venda a granel - quando o produto se destina as indústrias ou fracionadores, ou para o fracionamento em pequenos volumes direcionado ao consumidor final - quando o produto se destina ao varejo. Assim, a adoção de boas práticas de higiene, o uso de equipamentos como centrífuga para extrair o mel, bem como a existência de um local adequado para o manuseio e extração de mel, a chamada casa do mel, são ações fundamentais e prioritárias exigidas por lei para a obtenção da qualidade do produto e a consequente certificação de inspeção sanitária (BARRETO et al., 2006; COSTA et al., 2005). Os números mostram que a apicultura virou um instrumento de inclusão econômica e alternativa de emprego e renda para pequenos produtores de mel.

Poucos produtores de diferentes regiões do país já adotam a apicultura como sua principal fonte de renda familiar e decidiram investir cada dia mais nessa atividade, entretanto, é uma atividade que requer capacitação, gerenciamento de tecnologia e apoio governamental. Essa capacitação se refere à profissionalização do pequeno produtor, pois a qualificação e especialização são fundamentais, para que seu produto torne competitivo no mercado nacional e internacional (BÖHLKE & PALMEIRA, 2006).

Economicamente, a apicultura oferece uma gama de produtos que podem ser comercializados pelos assentados, como o pólen, a cera, a própolis, a geléia real, a apitoxina, a venda de enxames; a venda de rainhas selecionadas, além da própria polinização que as abelhas propiciam. Além da vasta utilização na indústria alimentícia, o mel tem sido utilizado na indústria de higiene e cosméticos, que utilizam o mel como base para diversos produtos como: xampus, condicionadores, sabonetes, cremes, loções e óleos.

### **A apicultura no Brasil**

A apicultura está em franca expansão, com grande aumento na produção brasileira, sendo que sua cadeia produtiva envolve milhares de apicultores, gerando um grande número de ocupações no campo e também milhares de empregos diretos no setor industrial (ALMEIDA & CARVALHO, 2009). Ainda de acordo com Almeida & Carvalho (2009), a atratividade da apicultura pode se dar por diversos motivos como:

- Apresentar um baixo volume de investimento e uma boa lucratividade, graças às condições tropicais brasileiras, e pela utilização das abelhas africanizadas, representando, portanto, uma possibilidade real de negócios e inclusão social, mesmo para aqueles que dispõem de poucos recursos;
- Apresentar uma variedade de formato de empreendimentos (de pequeno a grande porte), envolvendo o beneficiamento e distribuição, gerando ocupação para toda família, possibilitando ocupação aos membros da família e viabilizando a geração de renda, assegurando a diversificação da produção mesmo nas pequenas propriedades;
- Oferecer uma diversificação de produtos que podem ser comercializados;

- Não necessitar de posse de terra, pois, a área necessária para implantação do apiário, é pequena e, como sua instalação não altera o ambiente natural da propriedade, facilita a locação ou cessão de áreas de terceiros, para os apicultores;
- Contribuir para a preservação da natureza, uma vez que a apicultura é uma atividade que não destrói e não polui, além de as abelhas, realizarem o trabalho de polinização natural das espécies;
- Possibilitar o aumento da produção agrícola, já que a criação de abelhas junto a algumas culturas proporciona melhores resultados na produção agrícola, graças à polinização promovida pelas abelhas.

Grande parte da produção apícola brasileira depende das matas nativas, o que torna a apicultura uma das atividades capazes de causar impactos positivos, tanto sociais quanto econômicos, e ambientais (BIELLA, 2011). Com sua extensa cadeia produtiva, a apicultura propicia a geração de inúmeros postos de trabalho, empregos e fluxo de renda, principalmente no ambiente da agricultura familiar, sendo, dessa forma, determinante na melhoria da qualidade de vida e fixação do homem no meio rural, como no caso dos assentados de projetos de assentamentos rurais.

Por ser uma atividade que, praticamente não oferece risco econômico em sua implantação e promove a preservação ambiental, a apicultura é uma atividade que atende a critérios técnicos adequados ao chamado tripé de sustentabilidade, ou seja, econômicos, sociais e ambientais (BIELLA, 2011).

### **Considerações finais**

O projeto, baseado no ideal de economia solidária, é uma ação que visa diminuir as desigualdades sociais e melhorar as

condições das famílias assentadas, graças a oferta de cursos de capacitação sobre apicultura, incluindo controle de qualidade, responsabilidade social e ambiental, cooperativismo e economia solidária. O referido projeto visa também a aquisição de equipamentos e treinamentos para a instalação e o manejo dos apiários, coleta e transporte da produção e extração do mel, conforme a norma técnica brasileira para o setor apícola. A sustentabilidade do projeto depende da integração e do manejo do apiário e a preservação do bioma local e condições de fortalecimento das espécies nativas da região, cujas famílias estão ali alocadas. Como projeto de extensão, este referido projeto proporciona à instituição de ensino superior a oportunidade de colocar seus dois cursos tecnológicos, nas áreas de alimentos e logística, a serviço das famílias participantes, no sentido de proporcionar melhorias na produção de mel e derivados pelos assentados. Utilizando os conhecimentos adquiridos pelos acadêmicos, este projeto proporcionará uma melhor qualidade dos produtos conseguidos com a extração de mel e seus derivados, bem como trabalhar pela melhora no escoamento desta produção. Deste modo, o projeto de extensão “Apicultura – Desenvolvimento Sustentável” se mostra como um meio de colocar os conhecimentos adquiridos pelos acadêmicos em prol da melhoria de uma comunidade de agricultores familiares, buscando através de suas diversas ações, a melhoria de renda e a inserção social dos agricultores, além da preservação ambiental da área do assentamento, levando com isso, a Universidade Estadual de Goiás a cumprir sua missão de socializar o conhecimento científico, inserindo profissionais e indivíduos capazes na sociedade e promovendo a transformação da realidade socioeconômica de uma referida comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. A. D.; CARVALHO, C. M. S. **Apicultura: uma oportunidade de negócio sustentável**. SEBRAE, Salvador: SEBRAE Bahia, 2009.

**Apicultura, Alternativa de Geração de Emprego e Renda**, disponível em <http://www.ceplac.gov.br/radar/Artigos/artigo11.htm>. Acesso em: 15 dez. 2012.

BARRETO, L. M. R. C.; PEÃO, G. F. R.; DIB, A. P. da S. **Higienização e sanitização na produção apícola**. Taubaté: Cabral Editora, 2006. 137 p.

BENDER, A. E. **Dicionário de nutrição e tecnologia de alimentos**. São Paulo: ROCA, 1992.

BIELLA, C. A. **A apicultura como atividade economicamente viável e fator de preservação ambiental em projeto de assentamento no município de Jataí (GO)**. In: Congresso Mineiro de Alimentação e Nutrição. Anais do IV Congresso Mineiro de Alimentação e Nutrição e I Congresso Nacional de Alimentos e Nutrição. - Ouro Preto: Escola de Nutrição, Universidade Federal de Ouro Preto - Ouro Preto: UFOP, 2011.

BÖHLKE, P. B.; PALMEIRA, E. M. **Inserção competitiva do pequeno produtor de mel no mercado internacional**. Revista acadêmica de economia, Nº 71, dezembro 2006.

BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Instrução Normativa 11, de 20 de outubro de 2000, **Regulamento técnico de identidade e qualidade do mel**. Disponível em: [http://www.agricultura.gov.br/das/dipoa/anexo\\_intrnorm11.htm](http://www.agricultura.gov.br/das/dipoa/anexo_intrnorm11.htm). Acesso em: 10 jan. 2013.

COSTA, C. C. da; FERREIRA, R. G.; PRATA FILHO, D. de A. **A influência de centrífuga no processamento de mel de abelha**.

Engenharia Agrícola, Jaboticabal, v. 25, n. 3, p. 809-816, set./dez. 2005.

DIAS, M. S. **As vicissitudes dos pequenos produtores rurais de Jataí (GO)**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) – Campus Jataí, Universidade Federal de Goiás, Jataí - GO, 2008.

GARCIA, A. et al. **La miel de abejas: composición química, propiedades y usos industriales**, Revista chilena de nutrición, v. 14, n. 13, p. 183-191, 1986.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 25 abr. 2013.

IBGE. **Cidades@**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=521190&search=goias|jatai>. Acesso em: 05 mai. 2013.

IBGE. **Indicadores agropecuários**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2013.

MACHADO, R.B., RAMOS NETO, M.B., PEREIRA, P.G.P., CALDAS, E.F., GONÇALVES, D.A., SANTOS, N.S., TABOR, K., STEININGER, M. 2004. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Relatório técnico não publicado. Conservação Internacional, Brasília, DF. Disponível em <http://www.conservation.org.br/arquivos/RelatDesmatamCerrado.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2013.

## Ciclo de Formação Empreendedora<sup>10</sup>

### Cycle of Entrepreneurial Training

#### Autores:

José Pereira Mascarenhas Bisneto

Prof. Dr. Da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: [mascarenhas@ufrb.edu.br](mailto:mascarenhas@ufrb.edu.br)

Jaciara Sena da Silva

Graduanda do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas (UFRB). [jacysena@hotmail.com](mailto:jacysena@hotmail.com)

#### RESUMO

Se inserindo na temática do empreendedorismo este ciclo de formação teve como objetivo construir um processo de formação empreendedora que permitisse a criação e aceleração de empreendimentos, utilizando-se de uma metodologia capaz de aperfeiçoar e tornar mais célere o processo de criação e implementação de empreendimentos, perpassando desde o desenvolvimento de oficinas de criatividade, construção de uma identidade empreendedora, modelagem de negócios até a construção de planos de negócios. O CICLO DE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA foi realizado em dois cursos, com um total de 80 horas cada, e utilizou uma metodologia composta por quatro módulos: criatividade e inovação, modelagem de negócio, perfil e identidade empreendedora e plano de negócio. Recebeu 110 inscrições, sendo 80 selecionados, 47 concluíram gerando idêntica quantidade de planos de negócio em variadas áreas. As avaliações sinalizaram que algo superior a 80% classificaram o Ciclo como bom ou excelente e 100% afirmaram que recomendariam o curso para outras pessoas. O ambiente virtual do projeto contou com mais de 3.600 acessos. Possibilitar sair do empirismo e ter a oportunidade de conhecer as armas do jogo, seguramente, vai facilitar o processo de luta dos potenciais empreendedores para se inserirem e se manterem por mais tempo e de forma mais qualificada no mercado.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Plano de negócio. Inovação.

#### ABSTRACT

If inserting the theme of entrepreneurship this training cycle aimed to build an entrepreneurial training process that allows the creation and acceleration of projects, using a methodology able to improve and expedite the process of creating and implementing projects, permeating from the development of creativity workshops, building an entrepreneurial identity, business modeling to building business plans. The CYCLE OF ENTREPRENEURIAL TRAINING was held in two courses, with a total of 80 hours each, and used a methodology framework consists of modules: creativity and innovation, business modeling, profile and identity and entrepreneurial business plan. Received 110 entries, 80 selected, 47 completed generating the same amount of business plans in various areas. Evaluations signaled that something over 80% rated the Cycle as good or excellent and 100% said they would recommend the course to others. The virtual environment of the project had over 3,600 hits. Enabling out of empiricism and have the opportunity to meet the weapons of the game surely will facilitate the process of potential entrepreneurs struggle to fit into and stay for longer and more qualified market.

**Key-words:** Entrepreneurship. Business plan. Innovation.

## I. INTRODUÇÃO

Pensar o desenvolvimento de um país é pensar também a geração de emprego e renda. Em um país em que é grande o número de desempregados o empreendedorismo surge como uma solução dos problemas de muitas pessoas. O empreendedor consegue enxergar soluções em meio a adversidades.

O presente trabalho apresenta as experiências vividas durante a realização do projeto intitulado Ciclo de Formação Empreendedora. Desenvolvido em forma de módulos formados por oficinas, palestras, exercícios, e outros, trouxe a pequenos empreendedores a oportunidade de conhecer as oportunidades que um negócio bem planejado pode trazer para o sucesso do seu empreendimento.

O Ciclo de Formação Empreendedora foi desenvolvida com o objetivo de construir um processo de formação empreendedora que permita a criação e aceleração de empreendimentos inovadores, visando a construção de uma metodologia capaz de aperfeiçoar e tornar mais célere o processo de criação e implementação de empreendimentos, passando desde o desenvolvimento de oficinas de criatividade, construção de uma identidade empreendedora, modelagem do negócio até a construção de planos de negócios, permitindo a implementação madura de negócios inovadores.

Difundindo o empreendedorismo e ao mesmo tempo as técnicas empresariais para um melhor planejamento permitindo a implementação e manutenção do negócio fazendo com que diminuam as estatísticas que se referem à falência de empreendimentos no Brasil. Com conhecimentos o empreendedor poderá ter uma chance para competir no mercado globalizado, pois, além de conhecer as técnicas de planejamento é preciso conhecer os meios para conseguir recursos disponíveis para o sucesso do negócio.

## II. EMPREENDEDORISMO

Diante dos altos índices de desemprego, escassez dos empregos formais e desigualdades sociais com a qual se convive no Brasil, o empreendedorismo surge como alternativa para a geração de renda para muitos brasileiros. No entanto, a criação de novos negócios tem que ser pensado com vistas a que eles sejam duradouros e possibilitem a redução de desigualdades sócias. Segundo Dornelas (2001) a criação de pequenas empresas duradouras e a necessidade da diminuição das altas taxas de mortalidade desses empreendimentos são, sem dúvida, motivos para a popularidade do termo empreendedorismo, que tem recebido especial atenção por parte do governo e de entidades de classe.

Esta realidade tem levado a um aumento significativo de novos empreendimentos, que são utilizados não somente como atividade inicial de ingresso no mercado profissional, como também de realocação de profissionais que, espontaneamente ou não, deixaram de ter vínculos empregatícios de natureza diversa. Não existe, porém, nesta nova população empreendedora um nível padronizado de conhecimentos gerenciais imprescindíveis à operacionalização do dia-a-dia empresarial nem aos aspectos estratégicos mais amplos.

O empreendedor é aquele agente que rompe com as rotinas existentes, através da criação de novas rotinas, a fim de romper com elas novamente, num ciclo interminável, ao longo de sua vida profissional (CORRÊA E BÉRNÍ, 2000).

O empreendedorismo, diante de um cenário econômico dinâmico, ganha destaque para o desenvolvimento econômico de uma nação. O empreendedor é alguém com capacidade de estabelecer objetivos e encontrar oportunidades de negócios, na busca por ganhos individuais pode gerar benefícios coletivos, criando inovações e possivelmente desvendando novos mercados (PEREIRA, JR., 2005).



A criação de novos negócios tem que ser pensado com vistas a que eles sejam duradouros e possibilitem a redução de desigualdades sócias. Segundo Dornelas (2001) a criação de empresas duradouras e a necessidade da diminuição das altas taxas de mortalidade desses empreendimentos são, sem dúvida, motivos para a popularidade do termo empreendedorismo, que tem recebido especial atenção por parte do governo e de entidades de classe e despertam a necessidade de proporcionar aos brasileiros o acesso a uma formação empreendedora.

De acordo com Filion (1999) o empreendedor é alguém com capacidade de estabelecer objetivos e encontrar oportunidades de negócios, sendo que para isso faz uso de sua criatividade e conhecimento do ambiente no qual está inserido.

O que diferencia o empreendedor dos outros agentes da organização é a capacidade de definir visões, projetos que compreendem elementos de inovação e se afastam do que já existe. Em geral, essas visões são construídas em torno de oportunidades de negócio que o empreendedor percebeu no mercado. A partir das visões a serem realizadas, ele desenvolve seu sistema organizacional, que compreende a interação com pessoas dentro da empresa, e o sistema de relações, que tem a ver com o ambiente externo. (FILION et al., 2000)

Ao tratar de inovação, Drucker (2000) a conceitua como o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio específico ou um serviço diferente. Os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito.

Segundo Pinto Junior (2005) as inovações criadas pelos empreendedores nem sempre são traduzidas em novos produtos ou mercadorias. Estas inovações podem pautar-se em novas formas de gestão, conceitos e realidades baseada na capacidade dos empreendedores em descobrir nichos

inexplorados e/ou oportunidades de suprir as demandas ainda não percebidas por outros (PINTO JR., 2005).

Para Dornelas (2005, p. 93) quando se fala em empreendedorismo, remete-se naturalmente ao termo plano de negócios (business plan). Segundo o mesmo para se empreender é necessário planejar ações e delinear as estratégias da empresa a ser criada ou em crescimento.

Apesar de ser mais utilizado para a criação de novos negócios, com o passar dos anos o plano de negócio passou a constituir-se na gestão das empresas como um importante elemento no momento de uma expansão das atividades desta e também como algo imprescindível para a tomada de recursos financeiros perante as diversas instituições de fomento das atividades empresarias.

O plano de negócio é caracterizado como um documento formal que delinea o escopo de ação de um empreendimento, suas estratégias, sua missão de forma a permitir um direcionamento da empresa ao longo dos anos. Para Dornelas (2005, p. 96) constitui-se como uma ferramenta de gestão que pode e deve ser usada por todo e qualquer empreendedor que queira transformar um sonho em realidade [...].

No entanto, geralmente os empreendedores têm apenas uma idéia que precisa ser trabalhada ou um projeto ainda sem consistência e que, em ambos os casos, precisam tornar-se um empreendimento sólido que possa ser inserido no mercado de forma estruturada. Contudo, isso demanda certo tempo de maturação dependendo do tipo de negócio proposto e do grau de estruturação que a idéia possui.

### III. METODOLOGIA

O Ciclo de Formação Empreendedora teve como objetivo construir um processo de formação empreendedora que permitisse a criação e aceleração de empreendimentos

inovadores, visando a construção de uma metodologia capaz de aperfeiçoar e tornar mais célere o processo de criação e implementação de projetos inovadores, passando desde o desenvolvimento de oficinas de criatividade, construção de uma identidade empreendedora, modelagem do negócios até a construção de planos de negócios, permitindo a implementação madura de negócios inovadores.

Para criação de tal processo de formação empreendedora, realizou-se levantamento de modelos de aceleração, modelo de análise de oportunidades, de gestão e de inovação existentes, avaliando criticamente os aspectos abordados e procurando identificar as melhores práticas adotadas levando em consideração o cenário e o contexto no qual o empreendedor se insere. Para a realização do Ciclo, foram oferecidos módulos na área do empreendedorismo e um conjunto de apoios que permitiram aos alunos adquirir conhecimentos necessários no desenvolvimento de um sumário executivo e posteriormente um plano de negócios detalhado.

O projeto foi promovido em duas edições que se iniciaram após um período de formatação final do curso e contratação dos facilitadores. Cada edição foi composta por quatro módulos:

- a) **MÓDULO I** - Criatividade e Inovação - Com duração de 16 horas e onde se buscou desenvolver o processo criativo; identificar problemas e oportunidades; produtos conceituais; testar hipóteses; desvendar os principais bloqueios mentais e suas chaves-mestras; sensibilizar e provocar; oficina de criação: neurônios em ação; elaborar anteprojetos; motivar os empreendedores; avaliar resultados.
- b) **MÓDULO II** - Modelagem de Negócios: planejando e viabilizando o conceito - Com a carga horária de 16 horas buscou motivar para a construção da idéia inicial; identificar oportunidades; exercitar diferentes aspectos da idéia original para chegar a um negócio viável; utilizar técnicas de

validação de uma oportunidade; determinar a proposição de valor; definir o conceito do negócio; estruturar o conceito do negócio através do exercício de elaboração de um elevator pitch; framework de um modelo de negócio (business model); construção de um modelo de negócio válido; elaboração de um mockup - esquemas ou diagramas que exemplificaram as idéias envolvidas no seu produto, possibilitar enxergarem as funcionalidades mínimas e concretizar uma visão de produto; como elaborar um Sumário Executivo; exercício de construção de um sumário executivo.

- c) **MÓDULO III** - Perfil e Identidade Empreendedora: fortalecendo o indivíduo e desenvolvendo o empreendimento – Em 16 horas buscou-se desenvolver o espírito empreendedor, focando nos seguintes elementos: o perfil empreendedor; desenvolvendo o empreendimento; o sonho de vida (visão de futuro); relação entre o empreendimento e o sonho de vida; construção de uma identidade do empreendimento; a identidade profissional; a relação com o empreendimento e com os co-empreendedores; atitudes empreendedoras; elaboração de plano de autodesenvolvimento individual e elaboração de plano de autodesenvolvimento do empreendimento.
- d) **MÓDULO IV** - Curso de plano de negócios: da oportunidade a implementação – Neste módulo de 32 horas foram compartilhados conhecimentos sobre o Plano de Negócios no Processo Empreendedor, seus conceitos, componentes e estrutura; exemplos de planos de negócios completos; técnicas para escrever um plano de negócios; planejamento e viabilidade, teste de concretização em time, estrutura e gestores; planejamento da atividade empresarial desde a concepção, desenvolvendo e implementando o negócio; análise de mercado e estratégias de marketing; captação de recursos para projeto; Plano Operacional e estruturação do

projeto; Instrumentos e premissas para realização de uma avaliação Financeira.

No desenvolvimento destes módulos, com um total de 80 (oitenta) horas, os participantes contaram com material de suporte (roteiros, exercícios, formulários e planilhas) para realização de atividades práticas, de forma que ao final todos chegassem a um plano de negócio estruturado.

#### IV. RESULTADOS

O primeiro curso do Ciclo, realizado no período de novembro de 2012 a abril de 2013, contou com 58 inscritos, dos quais 40 foram selecionados e 27 concluíram. Já o curso 2, realizado no período de maio a junho de 2013, obteve 52 inscrições, 40 selecionados e destes 22 concluíram.

Os resultados alcançados pelo CICLO DE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA se colocaram em um patamar que, inclusive, superaram o que foi proposto no projeto inicial. Enquanto estava prevista a seleção de apenas 35 (trinta e cinco) participantes por curso a demanda forçou a elevação deste número para 40 (quarenta) em ambos os cursos.

Em uma aproximação mais específica com as questões da operacionalização, os resultados obtidos com o Ciclo de Formação Empreendedora podem ser consolidados em quatro frentes:

a) **PLANOS DE NEGÓCIOS** - Ao final 49 Planos de Negócio foram concebidos e continuam sendo orientados pela equipe organizadora e outros professores da UFRB. Importante registrar que os Planos concebidos alcançaram variadas áreas, a exemplo de personalização de capacete, de lojas de lingerie, fábrica de móveis, clube de recreação, oficina de música, confecção, consultoria em engenharia de pesca,

consultoria em engenharia ambiental, consultoria paisagística e outros.

Como podemos perceber houve uma variedade de temas desenvolvidos nos planos de negócio das turmas do Ciclo de Formação Empreendedora, mostrando a capacidade do empreendedor de buscar negócios variados.

b) **AVALIAÇÃO** - O processo avaliativo, dos dois cursos, foi realizado através da aplicação de um questionário composto por vinte e uma questões, com dezenove abertas e duas fechadas, versando sobre qualidade dos facilitadores, alcance dos conteúdos, metodologia, recursos físicos, tempo, etc. Retornaram 35 respondidos, sendo 20 do primeiro curso e 15 do segundo. Tomando como referência as avaliações do conjunto dos itens componentes dos instrumentos, chegou-se a um resultado superior a 80% que avaliaram como bom ou excelente. Merece também destacar que 100% dos alunos afirmaram que recomendariam o curso para outras pessoas.

c) **OUTRAS FORMAS DE SOCIALIZAÇÃO** - Além dos resultados relatados acima, o projeto obteve mais alguns resultados bastante significativos no que se refere ao processo de socialização da temática empreendedorismo e na contribuição para a criação de uma cultura empreendedora no Recôncavo. Estes resultados podem ser vitalizados sob duas perspectivas: a) Acesso ao ambiente virtual do projeto onde mais de 3.600 acessos foram realizados e, deste modo, a tomada de contato com a temática se realizou, e b) Material de apoio e empréstimos de livros do acervo do projeto (81 exemplares de 27 títulos). Neste sentido foram realizados empréstimos de praticamente todos os itens do acervo e cada aluno selecionado recebeu quatro módulos significando, em última instância, material que será circulado e com potencialidade de ser utilizado por outros interessados no tema empreendedorismo.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ciclo, ministrado em um ambiente universitário e contando com todo um suporte (facilitadores, módulos, acervo bibliográfico, material didático, etc) se apresentou como uma oportunidade única para os potenciais empreendedores do Recôncavo e para a consolidação de uma cultura de empreendedorismo.

Possibilitar sair do empirismo e ter a oportunidade de conhecer as armas do jogo, seguramente, vai facilitar o processo de luta dos potenciais empreendedores para se inserirem e se manterem por mais tempo e de forma mais qualificada no mercado.

De outra forma, a geração de planos de negócio, os resultados obtidos nas avaliações estabelecidas pelos selecionados, a distribuição dos módulos de apoio, o acervo adquirido e disponibilizado na biblioteca da UFRB, o volume de acesso ao ambiente virtual de aprendizagem, dentre outros elementos, podem confirmar a relevância do projeto e as contribuições que o mesmo gerou e ainda pode gerar para a Região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, Robert A.; SHAN, Scott A. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

DE BONO, Edward. **Criatividade Levada a Sério**: como Gerar Idéias Produtivas Através do Pensamento Lateral. São Paulo: Thomson Learning, 1992.

DEGEN, Ronald J. **O empreendedor**: empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo na prática**: mitos e verdades do empreendedor de sucesso. São Paulo: Elsevier, 2007.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luisa**. São Paulo: Cultura Editores, 1999.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor**: pratica e princípios . 6. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

FILION, Louis J. **Empreendedorismo**: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. RAUSP, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abril/junho 1999.

FILION, Louis Jacques; DOLABELA, Fernando. **Boa idéia! E agora?**: plano de negócio, o caminho seguro para criar e gerenciar sua empresa . São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

HISRICH, Robert D; PETERS, Michael P. **Empreendedorismo**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

MENDES, Jerônimo. **Manual do empreendedor**: como construir um empreendimento de sucesso. São Paulo: Atlas, 2009.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (Org.). **Empreendedores do ensino superior**. São Paulo: Segmento, 2005.

## Relato de experiência sobre o processo de divulgação científica para jovens

Experience's report about the process of science communication to young people

### Autores:

#### **Marcelle Louise Pereira Alves**

Graduanda do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV. [marcelle.alves@ufv.br](mailto:marcelle.alves@ufv.br)

#### **Léa Regina de Medeiros**

Coordenadora do Núcleo de Divulgação Científica – CCS/UFV. [medeiros@ufv.br](mailto:medeiros@ufv.br)

### Resumo:

O presente relato trata da experiência vivida na primeira etapa de desenvolvimento do projeto de extensão “Divulgação científica para jovens” e revela o interesse de jovens estudantes de escolas públicas em conteúdos científicos como primeiro passo para a proposição de meios de comunicação científica alternativos e eficazes.

**Palavras-chave:** divulgação científica, jornalismo científico, comunicação

### Abstract:

The present report is about an experience in the first stage of development of the extension project “Science communication to young people” and reveals the interest of young public school students in science content as a first step for proposing of alternative and effective scientific mass media.

**Key-words:** science communication, science journalism, communication

## 1- Introdução

Ao longo dos anos, a preocupação com o bem estar físico e mental tem aumentado. Assim, a ciência tem sido mais valorizada, principalmente no que diz respeito às descobertas de curas para doenças, solução para impactos ambientais e demais formas de tornar a vida saudável. Neste cenário, o conhecimento científico emerge como um dos principais interesses das pessoas. No entanto, esse conhecimento, muitas vezes fica restrito aos pesquisadores e atinge uma parcela ínfima da sociedade.

A Constituição Federal de 1988 garante o acesso à informação. Todavia, esse direito fica em segundo plano quando tratamos das camadas populares da sociedade, uma vez que elas não têm acesso à divulgação do conhecimento científico ou essa é dotada de linguagem densa e específica.

A veiculação do conhecimento científico voltado para o público leigo configura-se de grande importância quando observamos que as camadas populares são exatamente aquelas que têm menor acesso a bens culturais e veículos de informação de qualidade, além de uma formação escolar precária.

Nessa perspectiva, há a necessidade de adequação não só da linguagem científica, mas também do formato do programa de comunicação dirigido a um público alvo que não detém conhecimento na área. Contudo, a popularização da ciência pode ser tida como uma forma de democratização do saber e expressões como divulgação científica e Jornalismo Científico entram em foco.

Jornalismo Científico é uma expressão plural que pode ser facilmente confundida. No sentido acadêmico a expressão refere-se a um tipo de jornalismo especializado, mas também pode se referir ao estudo da cientificidade da prática jornalística, com seu conjunto de técnicas próprias para cumprir o objetivo

de informar. No entanto, o senso comum entende o Jornalismo Científico como a especialização da atividade jornalística direcionada para cobertura de assuntos de Ciência e Tecnologia. (SILVA, 2003).

Já a divulgação científica pode ser definida como "o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral" (BUENO, 1984 *apud* ALBAGLI, 1996). Nesse sentido, divulgação pressupõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga. Dessa forma, o Jornalismo Científico, dada sua função de divulgar a ciência, tem por obrigação, atender ao maior número de receptores e, dentro desse critério, alcançar o interesse público com eficiência e de maneira democrática.

Vale ressaltar que o Jornalismo Científico está associado ao processo de educação informal e é de suma importância no desenvolvimento do ser humano e do país. Cabe aos profissionais da comunicação, e pesquisadores em geral, zelar por esse fazer jornalístico de maneira que o conhecimento científico não mais se restrinja ao ambiente acadêmico, servindo de apoio e complemento à educação e a formação do cidadão, independente de sua idade e classe social.

O "analfabetismo científico", discutido por muitos jornalistas e teóricos do assunto, está presente na sociedade e manifesta-se de forma preocupante para o desenvolvimento do país, uma vez que os cidadãos continuam a ignorar fatores essenciais para o seu bem-estar e sua sobrevivência, como o aquecimento global, o desmatamento, questões que precisam ser discutidas na esfera pública. (MAGALHÃES, MANFRINI, 2006)

A situação é agravada diante da percepção de que, de modo geral, os meios de comunicação de massa dedicam pouco espaço para a divulgação científica. Faz-se necessário, portanto, criar alternativas de veículos de comunicação que tenham

conteúdo científico com o propósito de democratizar a ciência, seus resultados e produtos, além de formar cidadãos críticos.

Em vista disso, investigamos o interesse de jovens estudantes de escolas públicas em conteúdos científicos a fim de avaliar quais os melhores meios de comunicação para alcançá-los. O presente relato trata da experiência vivida na primeira etapa de desenvolvimento do projeto de extensão “Divulgação científica para jovens”, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária – PIBEX.

A metodologia utilizada foi trabalhar com jovens estudantes de quatro escolas públicas de Viçosa cursando o ensino médio, com idade variando entre 14 e 18 anos. Escolhemos 30 alunos interessados em participar em escola, sendo 10 de cada série, somando 120 estudantes. Após o contato com o (a) diretor (a) e supervisor (a) para apresentação do projeto, dedicamo-nos a preparação do questionário. Primeiramente, foi feito um questionário teste aplicado para um grupo com características semelhantes as do público-alvo do projeto para minimizar as possibilidades de ocorrerem problemas na aplicação e na análise dos resultados.

Por meio da aplicação de questionários e da metodologia conhecida como observação participante em grupos de séries escolares, avaliamos o conhecimento e o interesse desses jovens sobre temas da ciência e quais os meios de comunicação mais utilizados para acessar esses e outros conteúdos. Esta primeira fase foi feita nos meses de março e abril. Num segundo momento, entre maio e junho, os alunos foram convidados a participar de oficinas, nas quais foram discutidos temas relativos à ciência, divulgação científica e meios de acesso a informações de cunho científico.

As atividades foram desenvolvidas nas escolas: Escola Estadual Raul de Leoni, Escola Estadual Raimundo Alves Torres (ESED RAT), Escola Estadual Santa Rita de Cássia e Escola Estadual Alice Loureiro.

## 2- Marco teórico

A política nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) passou por diversas etapas para que a área fosse reconhecida como estratégica para o desenvolvimento nacional, a geração de riqueza e bem estar social, dentre elas: a criação do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), em 1985; do Plano Nacional em Ciência, Tecnologia e Inovação, conhecido como o PAC da Ciência, em 2004; do Conselho Nacional das Secretarias Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia (Consecti), em 2005 e do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap), em 2007. Durante esse período, foram realizadas quatro conferências nacionais de ciência e tecnologia, a mais recente em 2010.

A IV Conferência Nacional de CT&I para o Desenvolvimento Sustentável teve como fruto o *Livro Azul*. Nele, o Ministério da Ciência e Tecnologia lança uma agenda de longo prazo que propõe várias diretrizes e desafios para o desenvolvimento sustentável brasileiro, ancorado na ciência, tecnologia e inovação. O projeto ambiciona a formação de uma cultura científica, por meio da popularização e democratização da ciência, que está diretamente ligada à educação e à cidadania.

Entre as recomendações está o “Estabelecimento e execução do POP CIÊNCIA 2022 – Programa Nacional de Popularização e Apropriação Social da C,T&I 2011-2022, envolvendo universidades e instituições de pesquisa, organismos governamentais e da sociedade civil.” (MCT, 2010, p.92), da qual vale ressaltar algumas ações:

- 1.b) Valorizar as atividades de popularização da C&T e promover a formação qualificada de jornalistas científicos, comunicadores da

ciência e assessores de comunicação, bem como a capacitação de cientistas, professores e estudantes para a comunicação pública da ciência. Criar programas que atraiam jovens de todas as camadas sociais para carreiras de C&T.

e) Atingir uma presença mais intensa e qualificada da C,T&I em todos os meios e plataformas de comunicação na mídia brasileira, inclusive nas redes sociais, e promover a produção/veiculação de programas de divulgação e educação científica na TV, rádio e internet, incluindo a TV Pública Digital.

f) Estabelecer legislação que promova a popularização da C,T&I no País, que possibilite incentivos fiscais para investimentos nesta área, e que favoreça maior autonomia de gestão e financeira em espaços científico-culturais e órgãos públicos de comunicação. (MCT, 2010, p.92)

Apesar da postura governamental de apoio à produção científica, o percentual de investimento em relação a países desenvolvidos ainda é baixo, embora haja uma valorização crescente do setor nos últimos anos. No mesmo sentido, tem aumentado o interesse público por assuntos relacionados à CT&I, o que vem demandando mais espaço nas mídias para a divulgação científica. Porém, essa divulgação ocorre, ainda, de forma “descontextualizada, fragmentada, acrítica e geralmente com fonte única” (CALDAS, 2011, p. 10)

(...) a sociedade em geral pouco conhece sobre o processo de produção. O valor do conhecimento e da divulgação científica para a construção da cidadania científica, seus interesses, suas controvérsias. Culpa da mídia, da escola, da família, do Estado? Que parcela de responsabilidade cabe a cada um desses atores sociais? (CALDAS, 2011, p. 10-11)

Um dos papéis da divulgação científica é “preencher uma lacuna de informação que o leigo não tem em relação à ciência”, considera-se o leigo, portanto, “analfabeto cientificamente”. (VOGT, 2008)

Por isso os norte-americanos chamam essa atividade de *scientific literacy*, que é alfabetização científica, isto é, tornar, portanto, o leigo informado das questões da ciência. A partir de *surveys* e enquetes sobre essa questão, notaram que também nos Estados Unidos o percentual da população que tinha informação sobre muitas questões, eventos ou fatos científicos era relativamente pequeno. Esse *déficit* de informação - teoria do *déficit* - orientou durante muito tempo as atividades de divulgação. O que cabia à divulgação científica? Cabia suprir o *déficit* de informação da população leiga em relação à ciência. Portanto, considerava-se como pressuposto que a população leiga era ignorante do ponto de vista científico e era preciso então levar a ela o conhecimento. (VOGT, 2008, *online*)

O crescimento da atividade de divulgação científica fez com que a teoria do *déficit* fosse substituída por uma visão mais democrática. Dessa forma, não cabia mais à divulgação científica apenas levar a informação, mas também dar condições para formação crítica do cidadão em relação à ciência.

Nessa perspectiva, enriquecem-se os papéis, o cientista não é apenas o sábio, nem o cidadão o ignorante e nem o

jornalista científico ou divulgador da ciência o construtor da ponte entre essas figuras. Desenvolveu-se o que se chama *public understanding of science* (entendimento público de ciência), e, em seguida, o *public awareness of science* (consciência pública da ciência). Assim, o mais importante não é a aquisição de informação, nem o acesso a ela, mas a formação do cidadão para que ele possa ter uma opinião crítica de todo o processo de produção do conhecimento científico e da sua circulação. Dessa forma, modifica-se o modo de pensar e fazer a divulgação científica. (VOGT, 2008)

Dessa forma, o Jornalismo Científico pretende fazer a popularização da ciência, assumindo um papel que a educação formal não consegue preencher de forma suficiente: levar o conhecimento científico à população leiga (que muitas vezes direciona-se pelo conhecimento popular ou “vulgar”) e fazê-la refletir sobre seus processos e produtos.

### 3- Resultados e discussão

Diante da importância de identificar e analisar o interesse dos jovens em ciência e tecnologia para, dessa forma, começar a se pensar em meios alternativos e eficazes de comunicar este conteúdo, foram aplicados 120 questionários nas escolas participantes do projeto.

A partir da análise das respostas dos questionários, temos que a internet é o veículo de comunicação utilizado com mais frequência (77% dos entrevistados acessam constantemente), em seguida, a televisão (64%), os jornais e as revistas impressos (26%) e, logo atrás, o rádio (23%). Em comum com estes dados, observamos que a internet é o meio que os jovens mais gostam (59%), seguido da televisão (31%). O que revela, portanto, uma tendência à utilização destes suportes para melhor atingir este público, com destaque para a internet.

Em relação ao interesse em C&T, 51% afirma ter interesse, 42% tem pouco e o restante não tem interesse.

Podemos notar reflexos dessa constatação quando perguntamos aos estudantes se eles sabem o que é divulgação científica, 78% das respostas foram negativas, revelando a necessidade de informação. Já quando solicitados a nivelar o interesse em algumas áreas temáticas pré-determinadas, observamos que há preferência por saúde/medicina e cursos universitários, antecipando alguns tópicos que podem servir para elaboração de conteúdos. (Figura 1)

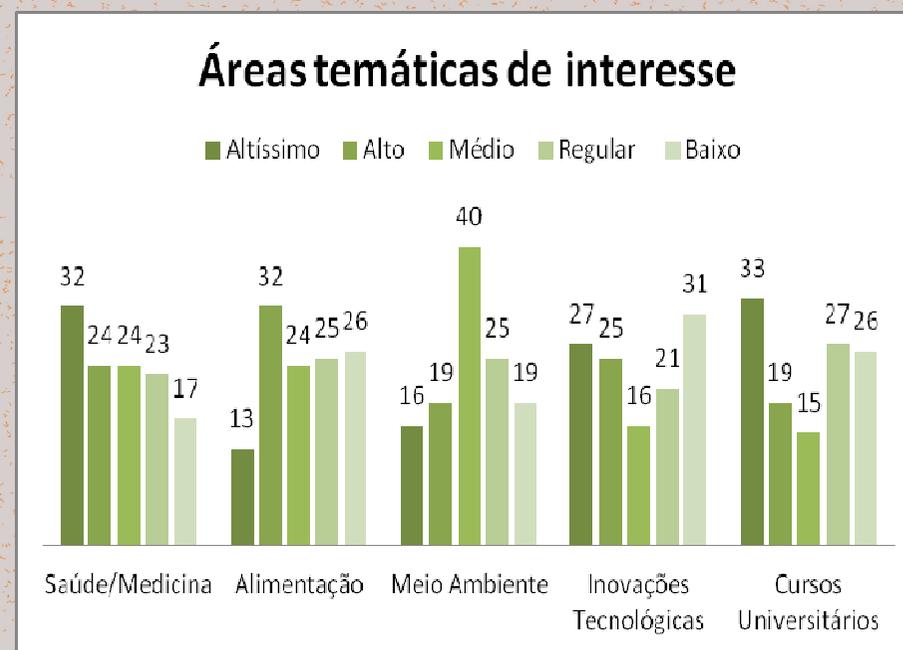


Figura 1. Níveis de interesse

Questionados sobre como gostariam de se informar sobre C&T, 78, 3% dos entrevistados preferem por meio da internet. (Figura 2)

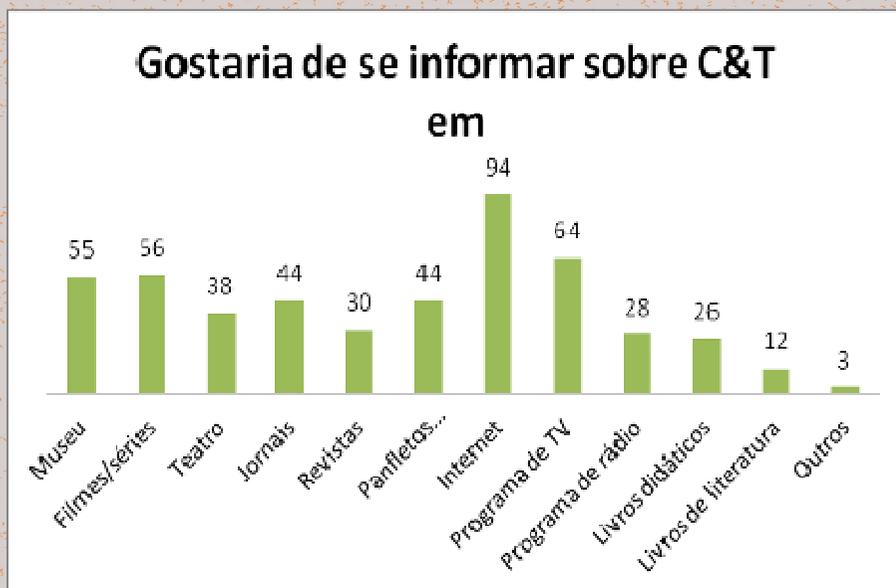


Figura 2. Como gostaria de se informar sobre C&T

Verificamos, ainda, que 56% dos participantes não conhecem nenhum produto/programa sobre C&T. Todos esses dados nos permitiram concluir que falta informação científica para estas pessoas, o que pode, inclusive, ter impacto na falta de interesse de algumas e nos deram direcionamento para a fase seguinte de desenvolvimento das oficinas.

A partir disso, as oficinas foram elaboradas tendo como eixos de discussão: o que é ciência, conhecimento popular e conhecimento científico, o que é divulgação científica e como ela se dá nos diferentes meios. Procuramos para melhor esclarecer

o assunto trabalhar com exemplos próximos da realidade dos estudantes e que pudessem despertar o interesse deles pelo assunto.

Os resultados foram positivos. A participação dos jovens estudantes no processo de construção da informação que estava sendo passada na oficina foi extremamente importante para que houvesse o crescimento intelectual de todos. Pudemos perceber que mesmo diante das limitações e dificuldades, eles demandam este tipo de informação.

Trata-se de um público não especializado que tem interesse em temas ligados a tecnologia e inovação, carreiras profissionais, cursos universitários, entre outros. Assuntos que, no geral, são discutidos nas escolas, mas não são atualizados ou tratados com a interpretação e a linguagem adequada para despertar a atenção do público jovem.

#### 4- Considerações parciais

Ao nosso redor, engenheiros desenvolvem computadores capazes de fazer com que uma pessoa deficiente possa se comunicar e se movimentar. Biólogos descobrem novas espécies de plantas.

Toda pesquisa, principalmente quando realizada a partir da alocação de recursos públicos, deve ter impactos na qualidade de vida da população em geral. Ao investir em educação, o Estado está assegurando o desenvolvimento social não só da parcela da população de dentro da Academia, mas principalmente daqueles a quem se destinam os resultados das pesquisas.

Nessa perspectiva, a divulgação científica torna-se extremamente importante para o desenvolvimento e o bem estar social. Cabe ao comunicador, como mediador capacitado, divulgar o que pertence à área de ciência e tecnologia e que, preferencialmente, diz respeito ao cotidiano das pessoas e que contribui para elas de alguma forma.



De modo geral, dentro das próprias Instituições de Ensino Superior pouco se investe em divulgação científica. As universidades “dedicam pouca atenção ao processo de divulgação” (OLIVEIRA, 2002, p. 54). Apesar da notável produção científica da Universidade Federal de Viçosa, observa-se uma barreira entre a divulgação científica pretendida e seu respectivo acesso pelas camadas populares.

A fim de garantir que o conhecimento científico desenvolvido dentro das universidades não fique restrito nos meios acadêmicos e que a sua divulgação para as camadas populares seja feita de forma satisfatória, busca-se propor veículos de comunicação mais adequados as demanda do público-alvo.

Ao investigar o interesse dos jovens estudantes de escolas públicas em conteúdos científicos demos o primeiro passo para propor veículos de comunicação pensados com e para eles, desempenhando de forma satisfatória a atividade jornalística.

É esperado que com o projeto, os jovens possam ter uma visão crítica a respeito do processo e dos produtos de divulgação científica nos meios de comunicação. Além disso, que reconheçam a importância da ciência para o desenvolvimento e bem estar da sociedade e sintam-se mais capacitados para demandar conteúdos científicos próprios para eles a fim de enriquecer o seu aprendizado. Por fim, que esses jovens possam incorporar o saber científico no dia-a-dia juntamente com o conhecimento popular que lhes é corriqueiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica:** informação científica para a cidadania? Ci. Inf., Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996

CALDAS, Graça. **O valor do conhecimento e da divulgação científica para a construção da cidadania.** Comunicação & Sociedade, Ano 33, n. 56, p. 7-28, jul./dez. 2011.

LIVRO AZUL da IV Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. MCT/CGEE. Brasília, 2010.

MAGALHÃES, Patrícia Fernanda; MANFRINATO, Samira. Oxigênio – Uma experiência de divulgação científica para jovens. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Gislene. A prática do jornalismo e o universo das ciências. In: **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

VOGT, Carlos. Divulgação e cultura científica. **ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.** Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&id=436>. Acessado em 15 de maio. 2013.

## Casinha Sustentável na Ilha das Flores: Uma Forma Lúdica de Construir e Demonstrar Itens de Sustentabilidade

Sustainable House on the Ilha das Flores: A playful way to build and Demonstrate Items of Sustainability

### Autores:

Carmem Rejane Pacheco Porto

Profa. Dra. Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS. [Carmem.porto@poa.ifrs.edu.br](mailto:Carmem.porto@poa.ifrs.edu.br)

Izabel Cristina Tabarez Santana

Profa. Especialista Escola Estadual de E.F.Oscar Schmitt. [izatabasan@gmail.com](mailto:izatabasan@gmail.com)

### Resumo:

O presente relato apresenta reflexões entre o conceito e dimensões de sustentabilidade e a sua aplicação prática, por meio da participação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Oscar Schmitt, no projeto REDECRIAR Educação para Sustentabilidade na Ilha das Flores, com a atividade Casinha Sustentável. Procura demonstrar a operacionalização de itens de sustentabilidade e a sua importância para a qualidade do ambiente. A atividade foi desenvolvida no período compreendido entre outubro e dezembro de 2012, sendo objeto dessa prática ambiental a construção de uma casa com painéis demonstrativos construídos a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos e do uso de energia renovável. Além da materialização dos itens de sustentabilidade na construção da casa, o projeto promoveu discussões sobre metodologias alternativas, enriquecendo as práticas pedagógicas no ambiente escolar e oportunizou a extensão universitária. Houve a integração entre a escola, a comunidade, as organizações não governamentais e instituição de ensino superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento Sustentável, itens de sustentabilidade e educação.

### Abstract:

This article presents reflections between the concept and dimensions of sustainability and their practical application, through the participation of Escola Estadual Ensino Fundamental Oscar Schmitt, in the project Redecriar Educação para Sustentabilidade on the Ilha das Flores with the activity Casinha Sustentável. It seeks to demonstrate the operationalization of sustainability items and its importance to the quality of the environment. The activity was developed in the period between October and December 2012, being the object of this environmental practice, the construction of a house built with statements panels constructed from the reuse of solid waste and renewable energy. Besides the materialization of sustainability items in the house building, the project promoted discussions about alternative methodologies, enriching teaching practices in the school environment and provided an opportunity to university extension. There was integration between the school, community, non-governmental organizations and higher education institution.

**KEYWORDS:** Sustainable Development, sustainability items and education.

## SUSTENTABILIDADE E SUAS DIFERENTES DIMENSÕES

O desenvolvimento do projeto que trata de educação para sustentabilidade, desenhou um grande desafio. Desvendar o conceito de sustentabilidade e, igualmente importante, compreender o entendimento que os vários sujeitos têm sobre este conceito a partir da sua realidade. Portanto, a sustentabilidade ambiental foi praticada e analisada em suas várias dimensões, como a ecológica, a social e a econômica, através de ações conjuntas com todos os envolvidos no processo de desenvolvimento do projeto.

Neste momento de discussões sobre desenvolvimento sustentável, chega-se à conclusão de que a literatura apresenta uma grande diversidade de formulações e definições sobre sustentabilidade. O conceito de sustentabilidade foi criado no começo da década de 1980 por Lester Brown, fundador do Instituto Worldwatch, que definiu a sociedade sustentável como aquela que é capaz de satisfazer as necessidades sem comprometer as chances de sobrevivência das gerações futuras. Este conceito foi posteriormente usado no Relatório de Brundtland para apresentar a noção de desenvolvimento sustentável<sup>10</sup> (CAPRA, 2002, p. 237-8). Porém, o que fica evidente, é que, mesmo depois de aproximadamente três décadas, estamos distantes de um consenso sobre o conceito clássico de desenvolvimento sustentável ou de sustentabilidade.

O surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável, que se tornou recorrente entre distintos segmentos da sociedade, gera questionamentos e o aprofundamento da discussão sobre as suas interpretações, seu significado e, mais distante ainda, a sua operacionalização.

A grande questão que se constrói a partir das formulações e interpretações sobre desenvolvimento sustentável é de como operacionalizar o desenvolvimento sustentável? Que instrumentos podem ser usados que ajustem os interesses econômicos, sociais e ambientais no sentido mais amplo do termo, no intuito de alcançar a sustentabilidade? E ainda, como avaliar sustentabilidade ou insustentabilidade?

Embora teoricamente existam aproximadamente 160 conceitos de desenvolvimento sustentável, o importante seria buscar o equilíbrio entre as diferentes dimensões de sustentabilidade incluídas nos diferentes conceitos elaborados nas últimas décadas, em que são apresentadas as dimensões ecológica, econômica e social.

Na dimensão ecológica, a sustentabilidade implica a conservação no tempo das características fundamentais do ambiente, o que pressupõe a interação não conflituosa com as atividades econômicas. É evidente que grande parte da degradação que presenciamos hoje é resultante da má utilização dos recursos naturais e da quase ausência de reaproveitamento dos resíduos. Apenas uma pequena parcela dos elementos da natureza ainda se mantém preservada e não destinada ao uso, seja o uso dela sustentável ou não.

A sustentabilidade econômica resulta do desenvolvimento econômico e pressupõe estruturas capazes de proporcionar rentabilidade estável no tempo, além de uma distribuição mais equitativa da renda, com controle social e estatal sobre os diferentes usos que se estabelecem. Já a sustentabilidade social, está relacionada às organizações sociais e produtivas, compatíveis com a cultura local e com os valores éticos dos sujeitos envolvidos, bem como, à distribuição equânime dos benefícios alcançados. Se, aparentemente, estas dimensões são conflitantes, ao mesmo tempo se apresentam interdependentes e importantes para o alcance da sustentabilidade.

<sup>10</sup> Este foi apresentado como um conceito amplo com vistas ao desenvolvimento econômico e social (VEIGA, 2006, p. 113).



A operacionalização da sustentabilidade também tem sido motivo de preocupação, entretanto alguns instrumentos mais abrangentes são verificados, desde agendas e acordos internacionais, até ações que se desenvolvem no local, como por exemplo, protocolos internacionais, agendas 21, gestão ambiental, ações ambientais, regulações ambientais, entre outros. Se a gestão ambiental ou ações ambientais se constituem como instrumentos para a operacionalização do desenvolvimento sustentável, então é possível através de práticas educativas, no âmbito da educação ambiental realizar o estudo e acompanhamento de fenômenos cujas condições desejamos identificar, avaliar e construir. E ainda, operacionalizar atividades que demonstrem possibilidades de usos alternativos dos recursos naturais, com redução de consumo de energia e reaproveitamento de resíduos descartados. Desta forma, é possível estudar as tendências ao longo do tempo, ou seja, verificar as condições passadas e presentes, prospectando situações possíveis de serem viabilizadas e que contribuirão para o futuro sustentável do Planeta.

É do conhecimento de todos que no decorrer dos anos de 1990, a Declaração do Milênio, com o apoio de 191 países, determinou o compromisso compartilhado com a sustentabilidade do planeta, propondo a redução da extrema pobreza e da fome no mundo até 2015. O Brasil foi signatário da declaração, que é o maior instrumento de políticas públicas posto a serviço da sociedade civil e do planejamento do país, dos estados e municípios, além de um chamamento à cidadania para a superação de suas adversidades na próxima década. Nesta perspectiva, espera-se gerar com este projeto de pesquisa, a proposição de itens de sustentabilidade, entendendo-o como importante instrumento estratégico, em nível local, para a reflexão sobre questões ambientais

recorrentes no momento atual e as possíveis soluções que estão ao nosso alcance.

A questão da água no planeta já faz parte das preocupações da humanidade. É difícil acreditar que no “planeta água” milhões de pessoas vivam com menos de cinco litros de água por dia. Sabe-se que 97,5 % de toda água disponível no planeta é salgada. Dos 2,5 % de água doce existentes, somente 1% se constitui como um recurso aproveitável pela humanidade. A escassez da água é uma realidade presente, e a sua contaminação, vem crescendo de forma alarmante. É evidente que estamos no limite e a solução desse problema está diretamente relacionada ao estilo de vida da população. Existem ações viáveis e que podem ser desenvolvidas, como a captação de água da chuva, o reaproveitamento e a diminuição do consumo.

Toda atividade humana produz resíduos, e o elevado consumo experimentado pela sociedade tem gerado enormes problemas ambientais. Assim, buscam-se formas de evitar ou minimizar os impactos ambientais decorrentes da grande quantidade de materiais que são produzidos continuamente, em um ambiente limitado para suportar toda a carga de lixo que nele é despejada. Pensar antes de consumir contribui para o equilíbrio ambiental e, considerando-se que uma parte significativa deste consumo se torna resíduo, gerando diferentes impactos verificados na água, no ar e no solo, a sua diminuição é de fundamental importância quando se busca a sustentabilidade.

Neste foco, a sociedade, as organizações e o poder público devem planejar medidas e serem seletivos, buscando produtos que conservem matérias-primas e energia, evitando os que são tóxicos, no qual o uso promova emissões de gases e resíduos que se mantenham por longa data no ambiente. Além disso, o controle e destinação de resíduos podem ser operacionalizados de várias formas, sendo possível implementar

a coleta seletiva e a destinação ocorrer através do simples descarte ou do reaproveitamento e reciclagem. Essa destinação pode se realizar através do encaminhamento na coleta pública ou pela adoção nas próprias residências e organizações de práticas, a exemplo da compostagem, da construção de utensílios a partir do reaproveitamento, entre outros.

A energia é, sem dúvida, o motor de desenvolvimento socioeconômico ao longo da história da humanidade. Durante o processo civilizatório, esse recurso vem permitindo que a população mundial ocupe diferentes pontos do planeta e se locomova empregando diferentes fontes energéticas. Embora haja uma grande disponibilidade de energia, considera-se que o planejamento do seu uso deve prever medidas para minimizar o consumo e optar por fontes renováveis. É recomendável que se estabeleçam formas de controle do seu consumo.

### **CASINHA SUSTENTÁVEL UMA BOA PRÁTICA**

A atividade Casinha Sustentável foi desenvolvida no contexto do projeto Redecriar Educação para Sustentabilidade na Ilha das Flores. Para tanto, houve o envolvimento da totalidade das turmas do ensino fundamental do 1º ano a 8ª série da E. E. E. Fundamental Oscar Schmitt, localizada na Ilha das Flores, no município de Porto Alegre/RS. Com a participação de 17 professores na realização de uma tarefa socioambiental consistiu-se a construção de painéis com reaproveitamento de resíduos sólidos para fechamento das paredes e telhado de uma casinha denominada CASINHA SUSTENTÁVEL. Cada professor envolveu uma turma de aproximadamente 25 alunos com dinâmicas do Caminho da Sustentabilidade, totalizando uma média de 450 alunos na criação dos painéis.

Os professores, junto com suas respectivas turmas, desenvolveram projetos que contemplaram itens de

sustentabilidade para a construção da casa. De acordo com o regulamento, os três projetos mais criativos e cumpridores dos critérios estabelecidos, foram premiados, tanto os professores como os alunos envolvidos. O projeto que resultou na atividade apresentada, se desenvolveu por meio de uma parceria entre instituições governamentais e não governamentais: a REDECRIAR e UFRGS, o Instituto Oi Futuro e a E. E. E. de Ensino Fundamental Oscar Schmitt. A REDECRIAR, que é uma Organização Não Governamental, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul oportuniza a participação de acadêmicos no projeto Casinha Sustentável, com a realização de oficinas para o repasse de metodologias e acompanhamento para o desenvolvimento de diferentes técnicas aplicadas na construção da casa. Profissionais da comunidade participaram da confecção e montagem da estrutura, onde posteriormente foram fixados os painéis elaborados pelos estudantes.

Os critérios para a elaboração da atividade esteve fundamentado nos pilares de sustentabilidade, figura 1, devendo atender o equilíbrio entre as dimensões social, ecológica e econômica. No aspecto social, foi necessário envolver o maior número de participantes da equipe na criação e elaboração das tarefas.

Na dimensão ecológica, a palavra chave era reaproveitar, sendo necessário usar o maior número de materiais que se configurassem como resíduos sólidos, aliado a muita criatividade. Em relação à dimensão econômica, buscou-se a economia no consumo de água, de energia, e evitar a compra de materiais durante a construção e, posteriormente, no funcionamento da casa.

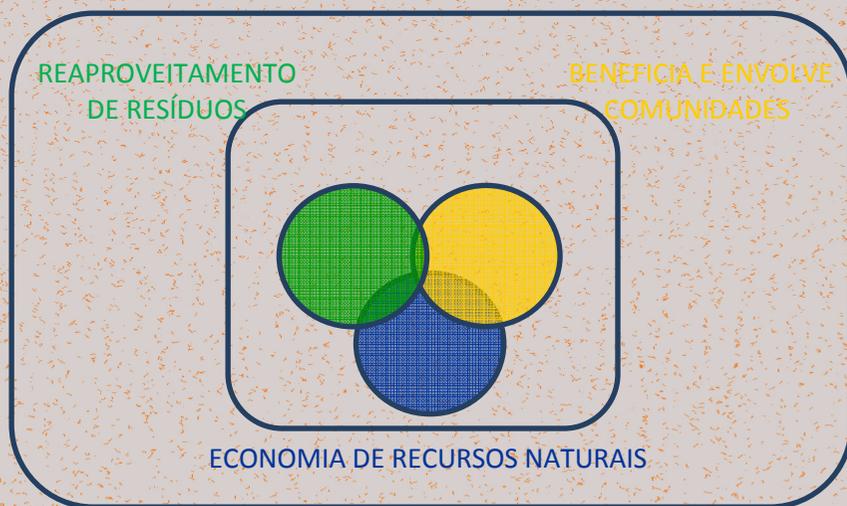


Figura 1 Dimensões de sustentabilidade REDECRIAR

Ficou evidente que além da estética, em sua ampla representação na arte, a funcionalidade de alguns itens foi extremamente representativa na realidade da comunidade da Ilha das Flores, uma vez que nesse lugar, um número considerável de moradias apresenta carência de conforto nas suas construções precárias. Coube aos representantes da REDECRIAR a difícil tarefa de avaliar os três melhores participantes. Diante do impasse, foi contemplada com o 3º lugar a turma do 3º ano, acompanhada pela professora, que usaram para a construção dos painéis da parede o reaproveitamento de pneus. O toque artístico da pintura e as floreiras valorizaram os painéis. O painel, construído com câmaras de pneus pintadas, contribui para o isolamento térmico e as garrafas pet foram usadas como recipiente para plantio de chás, temperos e flores, estimulando o hábito de cultivo de mini hortas domésticas, como mostra a figura 2.

### 3º classificado

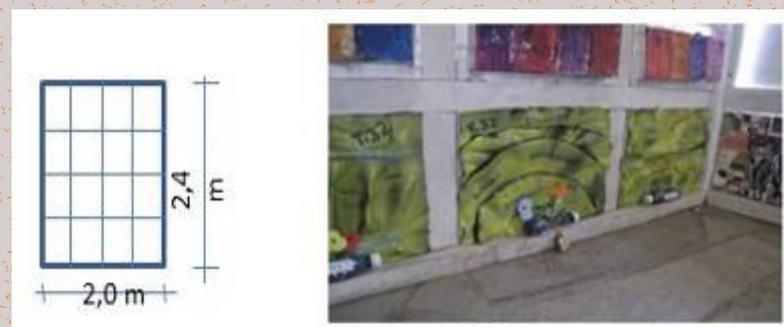


Figura 2 Painel com Câmaras de Pneus

O 2º lugar coube a turma do 4º ano que utilizou para a construção da parede da casa, caixas tetrapake garrafas pet, que geram isolamento térmico e luminosidade natural, ilustrada pela figura 3.

### 2º classificado

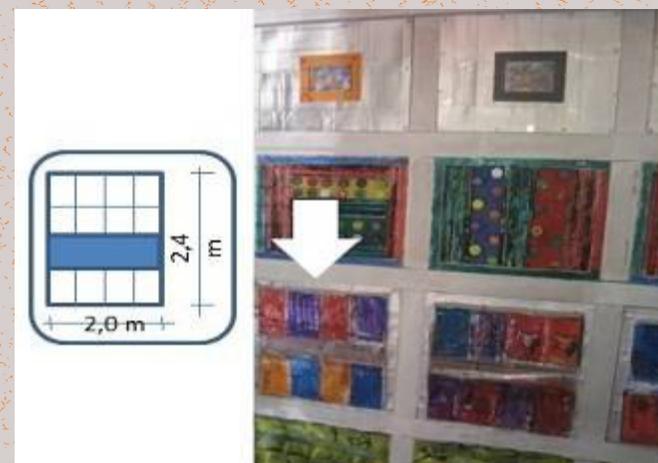


Figura 3 Painel construído com caixas tetrapakee garrafas pet

E o disputado 1º lugar ficou a cargo da turma de 8ª série que teve o seu trabalho coordenado pela professora de Geografia. Utilizaram duas técnicas para a confecção do telhado: a primeira foi o aproveitamento de caixas de leite para a confecção de mantas, com o laminado voltado para cima, tendo como objetivo refletir a energia solar e gerar conforto térmico. A segunda foi em relação ao aquecimento de água (proveniente da chuva), por meio do uso de garrafas pet e caixas de leite, essas pintadas com tinta preta na parte externa, para melhor captar a energia solar. Para a canalização da água, utilizou-se canos de PVC, demonstrados na figura 4.

#### 1º classificado



Figura 4 Painel construído com garrafas pet, caixas tetrapak, restos de canos de PVC

A totalidade de painéis resultou na diversidade de itens integrados na construção da casinha sustentável, em que a funcionalidade e a arte foram as características dominantes. Somado ao entusiasmo dos participantes, figura 5, o projeto

proporcionou o envolvimento da comunidade escolar, apresentando um enorme potencial que pode contribuir para que as pessoas compreendam as questões da dinâmica ambiental, em que são demonstradas alternativas de sustentabilidade, viáveis e necessárias a realidade do lugar, ao planeta e tão discutidas no mundo atual.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto metropolitano brasileiro, os problemas ambientais crescem a passos gigantes e suas soluções são lentas frente à dimensão que tomam os problemas. Diante dessa problemática, com desenvolvimento do projeto não pretendemos aqui aprofundar teoricamente o conceito de desenvolvimento sustentável ou de sustentabilidade, buscou, acima de tudo, chamar a atenção para



Figura 5 Demonstrações do processo de construção da casa e participações dos professores e alunos

operacionalização de práticas sustentáveis, por meio de formas participativas, integradoras e interdisciplinares.

Nesta construção, a teoria contribuiu para leitura da realidade vivenciada e para a construção de possibilidades de uso de resíduos que seriam descartados. Durante o processo, houve o envolvimento de aproximadamente 90% do corpo docente e discente da escola, juntamente com as famílias dos estudantes que também contribuíram para o bom desempenho de seus filhos na criação e elaboração da tarefa, reaproveitamento de uma diversidade de resíduos, com criatividade, o que permitiu a valorização dos resíduos sólidos, os experimentos demonstraram maior economia no consumo de água e de energia elétrica e a possibilidade de utilizar materiais não convencionais e técnicas alternativas no desenvolvimento de projetos sustentáveis. É uma forma de aproximar as instituições de ensino de diferentes níveis e as comunidades, o que fortalece o aprendizado profissional e contribui para uma mudança positiva da realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas Ciência Para Uma Vida Sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

## Projeto Equidade na Pós-Graduação: Combate ao racismo e sexismo na educação superior

Equity Project at the Graduate: Combating racism and sexism in higher education

**Autora:**

**Ana Maria Silva Oliveira**

Técnica em Assuntos Educacionais da PROPAAE, UFRB. Prof. Espe. em Ciências da Natureza e Matemática da SEC/BA. E-mail: [ana.silva@ufrb.edu.br](mailto:ana.silva@ufrb.edu.br)

### RESUMO

Duas mudanças positivas estão ocorrendo nitidamente no perfil da educação superior no Brasil: uma é o aumento significativo de matrículas na última década e a outra é o acesso crescente de grupos socialmente discriminados à vida acadêmica. Porém, a situação educacional brasileira ainda evidencia um exorbitante contraste se analisarmos por um recorte étnico e de gênero. Nesse sentido, políticas públicas de expansão e de inclusão à vida acadêmica foram e são imprescindíveis para superação desse panorama. É com esse intuito que o Projeto Equidade na Pós-Graduação está sendo implementado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em parceria com a Fundação Carlos Chagas e a Ford Foundation propiciando o acesso em condições igualitárias aos programas stricto sensu das instituições de educação superior brasileiras.

**Palavras-chave:** pós-graduação; inclusão; políticas públicas.

### ABSTRACT

Two distinctly positive changes are occurring in the profile of higher education in Brazil: one is the significant increase in enrollment in the last decade and the other is the increasing access of socially discriminated groups to academic life. However, the Brazilian educational situation still shows a steep contrast if we look for a cut ethnic and gender. In this sense, public policies of expansion and inclusion in academic life were and are indispensable for overcoming this panorama. It is with this intention that the Fairness Project Graduate is being implemented at the Federal University of Bahia Reconcavo in partnership with the Carlos Chagas Foundation and the Ford Foundation providing access on a strictly egalitarian programs of institutions of higher education in Brazil.

**Keywords:** graduate; inclusion, public policy.

## Introdução

A educação brasileira está vivenciando um crescente processo de expansão. A cada ano são inauguradas Instituições de Ensino Superior (IES) e, conseqüentemente, segundo dados do Censo da Educação Superior 2009, o número de matrículas dobrou em uma década e as mulheres já são maioria entre os universitários. O Brasil registrou em 2009 a marca de 6,5 milhões de universitários, sendo 6,3 milhões em cursos de graduação e 173 mil na pós-graduação.

Os cursos de pós-graduação têm aumentado significativamente nos últimos anos não só em dados quantitativos, mas também, qualitativos. Como confirmação dessa informação, podemos citar que, segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nos anos de 1960, havia 38 cursos de pós-graduação instalados no país; já em 2008 eram 2.588, conforme pode ser visualizado no quadro abaixo:

**Quadro 1: Cursos de mestrado e doutorado reconhecidos pela CAPES, por região geográfica**

Região	Programas e cursos de pós-graduação					Totais de cursos de pós-graduação			
	Total	M	D	F	M/D	Total	M	D	F
Centro-oeste	184	93	2	17	72	256	165	74	17
Nordeste	456	249	14	37	156	612	405	170	37
Norte	110	68	2	6	34	144	102	36	6
Sudeste	1.316	399	18	122	777	2.093	1.176	795	122
Sul	522	242	5	43	232	754	474	237	43
Brasil	2.588	1.051	41	225	1.271	3.859	2.322	1.312	225

Fonte: MEC/CAPES. Última atualização: 15 de maio de 2008.

Legenda: M: mestrado acadêmico;

D: doutorado;

F: mestrado profissionalizante.

M/D – Mestrado acadêmico/doutorado.

É notório o grande avanço nos programas de pós-graduação com a criação de novos cursos, aumento significativo do número de vagas e acompanhamento da qualidade dos cursos ofertados. Segundo Cury (2004), tal sucesso se deve a uma atuação efetiva do Estado Brasileiro:

Tal política pública propiciou uma realidade bem-sucedida logo convertida em verdadeiro sistema com um reconhecimento nacional e internacional de sua qualidade. Nesse processo especial destaque se confere aos processos de avaliação levados adiante pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Cooperam para tal tanto as bolsas concedidas por esta fundação, pelo CNPq e também por algumas fundações estaduais de amparo à pesquisa (FAPs) quanto outros programas de apoio e fomento fornecidos por tais agências. (Cury, 2004, p. 780).

Apesar do crescimento do número de cursos na pós-graduação, a análise dos dados do Quadro 1 colocam em relevo um dos grandes problemas que ainda permanecem no sistema de pós-graduação no Brasil: a assimetria regional, visto que a Região Sudeste concentra 61,1% dos cursos de mestrado e doutorado do país.

Outro problema é o contraste entre a distribuição da população brasileira, por cor ou raça, e o índice de negros que frequentam programas de pós-graduação. Um recorte étnico de dados estatísticos da educação superior retrata que o Brasil ainda é um país de desigualdades e preconceitos étnicos, econômicos e sociais. Para exemplificar isso, podemos citar que, segundo estudo do Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo em 2010, apenas 10% das pessoas negras tinham diploma de ensino superior na Grande São Paulo. É um dado que fomenta reflexões já que, segundo o Jornal Folha de São Paulo<sup>1</sup>, o Estado de São Paulo tem proporcionalmente maior população de negros do Brasil. O recorte gênero também chama a atenção, pois, embora as mulheres já sejam maioria na educação superior, as mulheres pretas<sup>2</sup> são vítimas não só da exclusão por raça como também por gênero. O percentual de acesso acadêmico de mulheres pretas é estatisticamente mínimo na maior parte das instituições de ensino superior e retrata as dificuldades e desafios estabelecidos pela sociedade em que estão inseridas.

### A necessidade de políticas afirmativas

A exclusão étnica que ocorre na educação superior, é evidente, afeta diretamente o número de negros que frequentam os programas de pós-graduação. Nesse sentido, a adoção de ações afirmativas, entendidas não como mecanismo fim e sim, como políticas públicas ou privadas direcionadas a redução das desigualdades sociais é de suma importância para diminuir as graves distorções étnicas e de gênero que permeiam a educação superior.

A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), em parceria com a Faculdade Zumbi dos Palmares, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racional (SEPPIR) e a

Fundação Getúlio Vargas (FGV) está produzindo o primeiro banco de dados nacional sobre a população negra no Brasil. A partir de alguns dos dados que estão sendo coletados, constatou-se que, no Brasil, 51% da população são formados por negros. No entanto, as informações obtidas para o banco de dados mostram que, apesar dos avanços, ainda existe uma grande desigualdade étnica, econômica e social no país. Para exemplificar essa desigualdade, os dados mostram que apenas 20% dos brasileiros ganham mais de dez salários mínimos e a população negra representa apenas 20% dos brasileiros que chegam a cursar programas de pós-graduação no país.

Como uma das consequências da exclusão étnica nos cursos de pós-graduação está o acesso restrito a cargos de melhores remunerações e qualificações. Isso é evidenciado no Quadro 2 que mostra como o corpo acadêmico das principais universidades brasileiras é composto por um número mínimo de professores negros.

Quadro 2: Universidades/professores negros

Instituição	Total de professores	Professores Negros	%
Universidade de São Paulo (USP)	4.705	5	0,1%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2.000	3	0,15%
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	1.761	4	0,2%
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	3.200	20	0,6%
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2.700	20	0,7%
Universidade de Brasília (UnB)	1.500	15	1%

Fonte: Portal do MEC, 2013.

<sup>1</sup> Jornal Folha de São Paulo on line, 3 de julho de 2012.

<sup>2</sup> Segundo o IBGE a população negra representa o somatório de pretos e pardos. Assim, as mulheres pretas não inclui as mulheres pardas.

Os dados do Quadro 2 são de uma pesquisa pioneira, publicada no livro **Inclusão Étnica e Racial no Brasil**. O autor é José Jorge de Carvalho, Ph.D. em antropologia, professor da UnB e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O pesquisador aborda o sistema de cotas, a reserva de vagas para negros e índios nas universidades públicas e a composição étnica de discentes e docentes. O livro descreve como a sociedade brasileira é extremamente excludente, a ponto de necessitar de mecanismos para reserva de vagas étnicas e sociais e revela ainda que o país tem apenas 1% de diplomatas negros num universo de mil profissionais.

Sendo assim, ações e políticas afirmativas são imprescindíveis para a superação das mazelas sociais a que foram submetidos negros e negras, reconhecendo e corrigindo a exclusão acadêmica e os direitos negados socialmente a esses grupos ao longo da história. Assim, espera-se minimizar e gradativamente diminuir as distâncias socioeconômicas que permeiam a vida social brasileira.

### Combatendo o racismo e o sexismo na pós-graduação

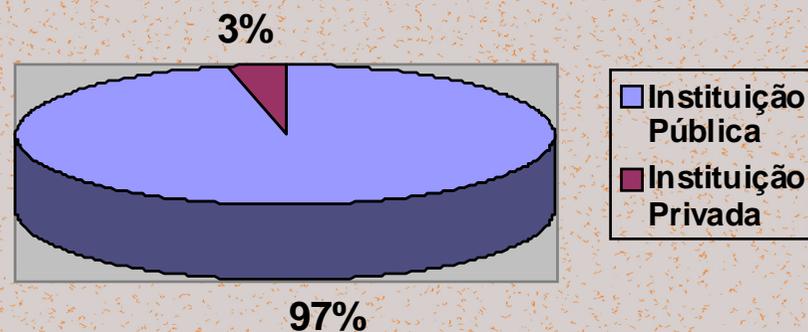
O **Projeto de Pós-permanência: Equidade na Pós-Graduação** é uma iniciativa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), desenvolvido pela Pró-Reitoria de Políticas e Ações Afirmativas (PROPAAE), em parceria com a Fundação Carlos Chagas (FCC) e a Ford Foundation, com o objetivo preponderante de preparar candidatos egressos de cursos de graduação para a pós-permanência, habilitando-os para os processos seletivos dos Programas de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da UFRB e demais universidades brasileiras, em condições igualitárias do ponto de vista étnico e econômico.

O projeto foi elaborado como curso a ser oferecido na modalidade Extensão em Políticas Afirmativas, Formação e Pós-Permanência e tem como público alvo os graduandos da UFRB, egressos de instituições públicas e privadas de ensino superior situadas na região do Recôncavo Baiano, representantes dos Movimentos Sociais e de comunidades populares com graduação completa.

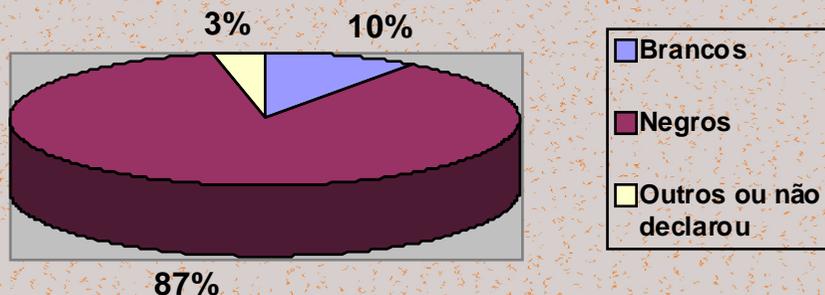
Após a aprovação do Projeto pela Fundação Carlos Chagas, foi aberto o edital de abertura de inscrições oferecendo 30 vagas para os candidatos que almejam ingressar no curso de Mestrado e Doutorado da UFRB e de outras instituições de ensino superior do país e, na sua primeira edição, o curso foi realizado no campus da UFRB, na cidade de Amargosa.

As inscrições foram realizadas em formulários que permitiam identificar dados acadêmicos, étnicos e econômicos dos candidatos e esses dados foram utilizados no processo seletivo. Segue abaixo uma breve síntese de alguns dados dos candidatos que se inscreveram:

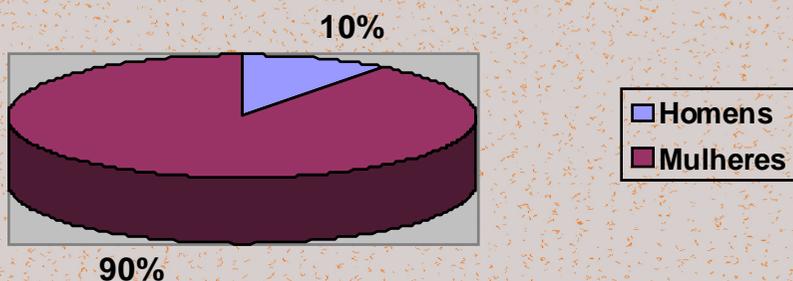
### Instituição de origem



### Etnia



### Sexo



A análise dos dados acima nos permite afirmar que o Programa conseguiu atrair o seu público alvo: grupos tradicionalmente discriminados por questões étnicas e de gênero e que, estatisticamente, estão em sua maioria excluídos dos programas de pós-graduação. Ao todo se inscreveram 60 candidatos, oriundos de diversas cidades do Recôncavo Baiano e, com base em informações sobre etnia, escolaridade, dados econômicos, currículos, carta de intenção e um breve histórico de vida e trajetória acadêmica do candidato, foram selecionados.

Como o objetivo do Projeto é oportunizar equidade de acesso aos programas de pós-graduação, o processo seletivo

priorizava estudantes cotistas, mulheres negras, quilombolas e grupos que estatisticamente têm menos oportunidades de acesso a educação superior. A premissa do projeto é capacitar esses estudantes oportunizando uma preparação acadêmica que lhes propicie o acesso a pós-graduação.

Foram aprovados 31 candidatos e selecionados 5 na condição de ouvintes. Os aprovados tiveram direito ao recebimento de módulos, tutoria e ajuda de custos. O Programa disponibilizou um auxílio para hospedagem e alimentação, pois, o público do curso foi composto por estudantes de baixa renda e esses benefícios foram determinantes para a mínima evasão que ocorreu na primeira turma.

O Curso de Formação Pré-Acadêmica na UFRB: **Equidade e ingresso na Pós-Graduação** é dividido em três etapas: A primeira etapa é constituída de **Formação Geral**, com aulas de Português Acadêmico, Língua Estrangeira Instrumental (Inglês) e Metodologia de pesquisa e elaboração de projeto. Na segunda etapa é realizado o programa de **Tutoria**, mecanismo através do qual os estudantes são acompanhados por um professor na elaboração dos projetos e na organização da documentação exigida para inscrição em programas de pós-graduação. E a terceira etapa consiste na participação dos estudantes em atividades acadêmicas promovidas pela UFRB como palestras, seminários, etc.

O Projeto **Equidade na Pós-Graduação** tem carga horária de 180 horas, dividido em aulas às sextas-feiras, das 18h às 22h e aos sábados, das 8h às 12h, nos meses de agosto a novembro. Já a etapa de tutoria ocorre ao longo do curso e culmina com a apresentação do projeto. Essa divisão permite ao discente um melhor aproveitamento das disciplinas e lhe possibilita permanecer, caso possua, com sua vida profissional.

Como um dos resultados obtidos com a conclusão da primeira turma, tivemos a aprovação de 3 (três) estudantes em programas de mestrado em instituições públicas de ensino

superior. Porém, houveram muitos outros benefícios que não estão especificados em números como, por exemplo, segundo relato de estudantes do Projeto, fomentou-se o estímulo a produção acadêmica e os conhecimentos obtidos no decorrer do curso serão relevantes para futuras aprovações em seleções de pós-graduação.

### Conclusão

A receptividade mostra que o Projeto Equidade na Pós-Graduação está sendo bem recebido pela comunidade acadêmica do Recôncavo Baiano e isso deve-se, dentre outros fatores, a grande carência da região por projetos de inclusão e equidade acadêmica e a qualidade das aulas desenvolvidas. Como evidência disso, podemos citar o índice mínimo de evasão ocorrido na primeira turma do projeto: aproximadamente 8%.

Há muitos fatores a serem aperfeiçoados no Projeto para conseguirmos melhores índices de aprovação. Aprendemos que não basta oferecermos um material didático de qualidade e termos uma equipe de professores conceituada. É necessário também informarmos constantemente quais são os processos seletivos disponíveis e realizarmos um trabalho motivacional com os estudantes. Nesse sentido, pretendemos melhorar a gestão da informação utilizando as redes sociais como aliadas nesse processo.

Para dar continuidade ao projeto, a PROPAAE está pretendendo formar uma segunda turma na cidade de Cachoeira e, assim, oportunizar aos graduados aulas preparatórias para as seleções dos programas de pós-graduação. Com isso, o projeto pretende continuar oportunizando o acesso à educação superior com equidade de acesso, reduzindo assim a exclusão étnica e de gênero que ainda ocorre na educação superior brasileira.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Graduação/pós-graduação: a busca de uma relação virtuosa.** *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 88, p. 777-793, out. 2004.
- 2 - SEVERINO, Antonio Joaquim. **A avaliação no PNPG 2005-2010 e a política de pós-graduação no Brasil.** In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). *Políticas públicas e gestão da educação: polêmicas, fundamentos e análises.* Brasília: Líber Livro, 2006. p. 51-74.
- 3 – FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo. Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br> Acessado em 03/07/2012.
- 4 – PEREIRA, Camila. **Uma segunda opinião.** REVISTA VEJA. São Paulo. Disponível na Internet: <http://www.veja.abril.com.br> 2009.
- 5 – **Relações raciais no Brasil:** pesquisas contemporâneas. Organizadores Valter Roberto Silvério, Regina Pahim Pinto, Fulvia Rosemberg. São Paulo: Contexto, 2011.
- 6 - BRASIL. Ministério da Educação. <http://www.portal.mec.gov.br>

## Atividades Curriculares em Comunidade e Sociedade: relato de experiência das ações desenvolvidas pelo projeto “Prevenção de Anemias e Parasitoses”.

Curricular Activities in Community and Society: an experience report of the actions undertaken by the project  
"Prevention of Anemia and Parasitosis".

### Autores:

David Ramos da Silva Rios

Bacharel em Saúde(IHAC/UFBA. Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia (FMB/UFBA), bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Extensão Universitária da UFBA (PIBIEX/UFBA). [david-rios@hotmail.com](mailto:david-rios@hotmail.com)

Ângela Maria de Carvalho Pontes

Prof. Adjunto IV da Universidade Federal da Bahia - UFBA - Coordenadora do curso de Farmácia da UFBA. [pontes@ufba.br](mailto:pontes@ufba.br)

### Resumo:

A análise do papel social das Instituições de Ensino Superior no país, bem como a reflexão acerca da importância da extensão universitária na formação continuada do indivíduo, enquanto sujeito social, fazem-se indispensáveis na compreensão da universidade como importante fator de transformação da sociedade. Assim, a extensão universitária pode ser um instrumento para a realização de atividades acadêmicas que visam à produção e socialização de conhecimentos, realizados através de uma interação dialógica com diversos segmentos sociais, e que estimulam a conformação de um pensamento crítico e reflexivo. O presente relato de experiência, baseado nas reflexões metodológicas da pesquisa-ação, busca apresentar e analisar os impactos do desenvolvimento de atividades extensionistas na formação dos discentes, tomando como base as vivências de um acadêmico de Medicina, da Universidade Federal da Bahia, participante da Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) – Prevenção de Anemias e Parasitoses, desenvolvida por uma equipe multidisciplinar, em dois assentamentos localizados no interior do Estado da Bahia. O envolvimento de distintos indivíduos no desenvolvimento das ações favoreceu a troca de saberes entre os diferentes participantes e garantiu a realização de atividades dialógicas, baseadas nos princípios do acolhimento e da empatia, aspectos fundamentais para a formação de qualquer profissional da saúde.

**Palavras-chave:** Relações Comunidade-Instituição. Educação em Saúde. Formação Médica. Promoção da Saúde.

### Abstract:

The investigation of the social role of Higher Education Institutions in the country, as well as the thinking about how important is the university extension for the continuous improvement of a person, as a social subject, become indispensable for the comprehension of the university as an important transformation factor in the society. Thus, the university extension can be an instrument for the execution of academic activities with the intent on to produce and to socialize the knowledge, achieved through an interaction between several social segments, and that motivate the critical and reflective thought conformation. This experience report, based on methodological reflections of the research-action, aims to show and to analyze the impact that come from the development of extensionists activities at the development of the people, based on experiences of a Medicine student of the Federal University of Bahia, who is participating of the Curricular Activity at Community and Society (CACCS) – Prevention of Anemia and Parasitosis, which is developed by a multidisciplinary group in two settlements located in the interior state of Bahia. The participation of different kinds of people during the actions favored the exchange of knowledge between the distinct participants and assured the realization of dialogical activities, based on the principles of reception and empathy, which are fundamental aspects for the development of any health professional.

**Key-words:** Community-Institutional Relations. Health Education. Medical Training. Health Promotion.

## INTRODUÇÃO

Refletir acerca do papel social das Instituições Universitárias no país, e conseqüentemente da sua importância para a consolidação de uma sociedade mais democrática, é indispensável no processo de compreensão da metamorfose institucional vivenciada pelas universidades públicas, que passam por questionamentos sobre o seu papel, frente às novas demandas do mercado e as transformações da sociedade contemporânea (OLIVEIRA & FERREIRA, 2008).

A universidade, como um exímio local do conhecimento, da arte, da ciência, e da cultura tem também importantes compromissos sociais, que levam em consideração os aspectos democráticos, populacionais e históricos do âmbito no qual a mesma se situa.

Desse modo, deve-se destacar que o compromisso social não pode ser interpretado apenas de forma assistencialista, mas deve ser visto, também, através de uma perspectiva mais ampla que envolve tanto a instituição de uma sociedade mais justa e igualitária, quanto a realização integral do ser humano como indivíduo e cidadão (BRASIL, 2006).

Assim, faz-se necessário que a universidade, de modo continuado, demonstre o seu valor político e social, como instrumento necessário para o desenvolvimento econômico e humano, ressaltando, desse modo, a convicção de que a instituição universitária constitui importante fator de transformação da sociedade (UFBA, 2010).

Dessa forma são fundamentais atividades acadêmicas realizadas através de uma interação dialógica com diversos segmentos sociais, e que estimulem a conformação de um pensamento crítico e reflexivo, visando à produção e socialização de conhecimentos.

Nesse sentido, as Atividades Curriculares em Comunidade e Sociedade (ACCS) podem mostram-se de

grande relevância, visto que devem ser desenvolvidas numa perspectiva dialética e dialógica, participativa e compartilhada, objetivando a realização de intervenções em comunidades e sociedades, na busca pelo enfrentamento dos problemas que emergem de uma determinada realidade local.

A ACCS FAR 457 – Prevenção de Anemias e Parasitoses, por exemplo, que envolve discentes dos cursos de Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Psicologia e Medicina, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), objetiva desenvolver atividades práticas e realizar uma análise crítica da situação de saúde de uma determinada comunidade, interferindo de modo educativo na solução dos problemas identificados e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos.

Assim, o objetivo desse relato de experiência é justamente apresentar e analisar as vivências de um acadêmico de Medicina, da UFBA, participante das atividades desenvolvidas pela ACCS FAR 457 em dois assentamentos localizados no interior do Estado da Bahia.

Através das reflexões propostas será possível compreender os impactos advindos do desenvolvimento de atividades extensionistas na formação dos sujeitos, visto que essa poderá ser colocada como um espaço estratégico para promover práticas integradas entre várias áreas do conhecimento, o que favorece, portanto, a multidisciplinaridade e potencializa, por intermédio do contato com vários indivíduos, o desenvolvimento de uma consciência cidadã e humana, direcionada para a ação social.

## METODOLOGIA

Trata-se do relato de experiência de um estudante de Medicina, participante da Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade – Prevenção de Anemias e Parasitoses, ligada a Universidade Federal da Bahia, e desenvolvida em duas comunidades assentadas na cidade de Conde, no Estado da Bahia.

As atividades desenvolvidas pela ACCS utilizaram a metodologia da pesquisa-ação, capaz de possibilitar a realização de uma pesquisa aplicada, e orientada para elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções, através de uma interação dinâmica e dialógica, com a comunidade.

A pesquisa-ação, segundo Trip (2005), compreende que somente a partir de uma boa compreensão sobre o funcionamento de um determinado grupo, é que se pode conhecer efetivamente os problemas vivenciados por essa comunidade.

Assim, é necessário destacar que a metodologia da pesquisa-ação é extremamente mutável, e se constitui mediante todo o processo de desenvolvimento das ações. Dessa forma, é feito um diagnóstico da realidade, que propicia embasamento para a realização de possíveis intervenções. Após a realização das intervenções planejadas é feita a avaliação das atividades, que por sua vez apresenta uma nova realidade, que se torna, portanto, base para a elaboração de novas intervenções (Figura 01).

**Figura 01 – Metodologia da Pesquisa-Ação segundo Trip (2005)**



Fonte: Adaptado de TRIP, 2005

Para garantir um diagnóstico adequado da realidade, e uma interação dialógica e participativa utilizou-se a metodologia das rodas de conversas e da problematização, advindas da Educação Popular, que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre uma ação específica e o pensar e fazer cotidiano da população, valorizando-se a diversidade e heterogeneidade dos grupos sociais, bem como a intercomunicação entre os seus diferentes atores (VASCONCELOS, 2004).

Assim, a formulação do conhecimento respaldado na realidade de cada indivíduo, que conseqüentemente propiciará o seu empoderamento, é um dos pilares fundamentais das metodologias adotadas (FREIRE, 2011).

A partir das metodologias utilizadas foi possível a integração entre diversas percepções da realidade, dos conhecimentos, e das representações das pessoas envolvidas no problema, permitindo assim que diferentes saberes fossem conjugados no processo de construção do conhecimento (CYRINO E TORALLES-PEREIRA, 2004).

Após a identificação da situação de saúde da comunidade, foram realizadas ações de Educação em Saúde, que contaram com a participação dos discentes da UFBA, da comunidade e dos agentes comunitários do município. Os temas abordados foram divididos em blocos temáticos e apresentados de forma dialogada, articulando o saber científico ao conhecimento popular, e a realidade local. Assim, foram abordados os temas da alimentação saudável, da hipertensão, da diabetes e das parasitoses, bem como o auto-cuidado.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Desenvolveram-se ações educativas, diagnósticas e preventivas nas comunidades assentadas de Sonho de Viver da Torre e Senhor do Bonfim, ambas localizadas no município do

Conde, no Estado da Bahia. Participaram, em média, das atividades, 24 famílias, com uma população total de aproximadamente 100 pessoas, das mais diversas faixas etárias e de ambos os sexos (Figura 02)

Inicialmente, mediante a metodologia da pesquisa-ação foram realizadas a identificação e análise da situação de saúde das comunidades assentadas. Assim, se percebeu que os moradores da comunidade vêm sendo persistentemente desprezados e afastados de qualquer contribuição legal e política que possibilite melhores condições de vida. Há uma grande necessidade de valorização da identidade, dos saberes locais, e dos direitos de cidadania dessa população, enaltecendo desse jeito a sua história e seu valor social.

**Figura 02 – Comunidade Sonho de Viver da Torre, em Conde-Bahia**



Identificaram-se diversos problemas de infra-estrutura, inúmeros casos de indivíduos acometidos por parasitoses e/ou anemias, idosos com casos de hipertensão arterial, gravíssimos problemas de saúde bucal, dentre outros aspectos.

Assim, a partir do conceito de determinantes sociais em saúde, que considera a saúde como valor social (BATISTELLA, 2007), e que diz respeito ao entendimento do caráter dinâmico do estado de saúde, algo a ser continuamente promovido, protegido e preservado, diante da multiplicidade de situações de risco a que é submetida continuamente a existência dos seres humanos, foram elaboradas ações que pudessem mobilizar os sujeitos a lutarem por melhores condições de vida, e garantissem o desenvolvimento de ações de prevenção e de ampliação do auto-cuidado.

Embasados na situação de saúde identificada, os discentes participantes foram estimulados a planejarem, de forma multidisciplinar, possíveis ações dialógicas, que por meio da Educação em Saúde, conseguissem mobilizar os moradores da comunidade a refletirem sobre as suas condições de vida (Figura 03).

Desse modo, foram realizadas atividades em blocos temáticos, a saber: alimentação saudável; prevenção da hipertensão e da diabetes; prevenção e tratamento das parasitoses; auto-cuidado; prevenção e tratamento das anemias.

**Figura 03 – Discentes participantes das atividades desenvolvidas**





Cada tema foi trabalhado da forma mais diversa, com rodas de conversas, dinâmicas de grupo, dentre outras técnicas. O bloco temático de alimentação saudável, por exemplo, ensinou o modo de preparo de diversos tipos de alimentos, utilizando-se os que se possuíam no assentamento e que tinham a capacidade de minimizar os efeitos da anemia no organismo, ou de prevenir a sua ocorrência.

Contudo, é necessário destacar que um dos aspectos limitantes das atividades desenvolvidas foram as diferenças culturais e a convivência com os diferentes estilos de vida, que se baseavam em realidades distintas. Nesse sentido foi de suma importância a valorização das características locais, bem como dos elementos cotidianos da comunidade.

Tal fato se assemelha com demais experiências desenvolvidas em outros assentamentos do Brasil, visto que como destaca Coelho *et al* (2005) faz-se necessário em alguns momentos a reformulação dos aspectos teóricos e metodológicos das ações planejadas, objetivando aperfeiçoar os princípios e as práticas pedagógicas comunitárias para atender às condições e às expectativas culturais locais.

Assim, mediante ações dialógicas e respaldadas na realidade das comunidades assentadas foi possível um contato extremamente intenso, entre discentes e moradores da comunidade, no qual ocorreu um verdadeiro processo de identificação, onde cada indivíduo, mediante o seu olhar sobre a realidade pode constituir novas reflexões e moldar o processo de análise.

A realização de atividades respaldadas na dialogicidade, o envolvimento do conhecimento teórico com o prático na busca pelo desenvolvimento de uma práxis, a realização mútua de ações de promoção da saúde e de prevenção, a interação entre comunidade e academia, bem como a realização de atividades problematizadoras e multidisciplinares, foram indispensáveis no

processo de compreensão de que a saúde é de fato multideterminada e um direito de todos.

Ações desse tipo, que transformam os sujeitos das comunidades envolvidas em participantes efetivos, e que conseguem integra-los aos discentes são fundamentais para o desenvolvimento da localidade, bem como amplia o crescimento profissional, pessoal e acadêmico dos alunos, possuindo, portanto, grande importância no âmbito universitário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as ações desenvolvidas conclui-se que as atividades de extensão universitária representam uma possibilidade de mudança social na vida de um sujeito, ou de uma comunidade, e possui portanto, uma valiosa relevância, representando, diversas vezes, o elo entre a instituição universitária e a sociedade.

Através das ações desenvolvidas os estudantes participantes puderam colaborar com o âmbito em que vivem, socializando o conhecimento, e minimizando as barreiras existentes entre a comunidade e a universidade.

Além do mais, é necessário destacar a importância de tais ações para a formação cidadã e profissional dos discentes participantes, visto que os mesmos puderam refletir sobre a realidade e buscaram formas ativas de transformação social, respaldados no acolhimento, na escuta qualificada e na valorização do saber dos mais distintos sujeitos, aspectos fundamentais para a formação dos futuros profissionais da saúde e para a realização de práticas humanizadas.

Percebeu-se também a conscientização da população acerca da importância da mobilização social em torno da garantia do direito à saúde, e da melhoria da qualidade de vida de todos na busca pela superação das iniquidades e exclusões sociais existentes.

Atividades deste tipo mostram-se de grande importância, visto que através delas a universidade se traduz para a sociedade, e leva em consideração outras formas de conhecimento advindas da prática do pensar e do agir dos mais diversos sujeitos. Somente assim as instituições universitárias poderão efetivamente fazer valer o seu papel social, e melhorar, significativamente, o desenvolvimento integral dos cidadãos e de suas comunidades.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTELA, Carlos. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Anamaria D'Andrea (orgs). *O território e o processo saúde-doença*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2007. p. 51-86.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Universidade e compromisso social*. Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 244 p. (Coleção Educacional Superior em Debate. v.4)

COELHO, France Maria Gontijo *et al.* Educação para a Promoção da Saúde infantil: relato de experiência em um assentamento de reforma agrária, Vale do Rio Doce-MG. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro: ABRASCO., v. 10, n.03, p. 739-747, 2005.

CYRINO, Eliana Goldfarb; TORALLES-PEREIRA, Maria Lúcia. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p 780-788, 2004.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 136 p.

OLIVEIRA, João Ferreira; FERREIRA, Suely. Concepção e funções da universidade: o caso da Universidade Estadual de Goiás (UEG). *Série-Estudos (UCDB)*, v. 26, p. 197-212, 2008.

TRIP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Trad. OLIVEIRA, Lólio Lourenço. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n.3, p. 443-466, 2005.

UFBA. Estatuto & Regimento Geral. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

VASCONCELOS, EYMARD MOURÃO. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004

## Teatro e Figurino como ação social e modificadora: Projeto de Desenvolvimento de Figurino (Técnico em Vestuário/IF-Sul e Tatá Núcleo de Dança-Teatro/UFPeI)

Theatre and Costume Design as social action and modifier: Development Project of Costumes (Apparel Technician Course / IF-South and Tata /UFPeI)

### **Autores:**

#### **Manuela Lorenzon Gastal.**

Prof.<sup>a</sup>. Esp. do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense - IFSul. [manugastal@hotmail.com](mailto:manugastal@hotmail.com)

#### **Larissa Tavares Martins.**

TA. Esp. da Universidade Federal de Pelotas – UFPeI. [larissa.martins@ufpel.edu.br](mailto:larissa.martins@ufpel.edu.br)

### **Resumo:**

Esta pesquisa apresenta como tema principal, o trabalho desenvolvido no projeto: Desenvolvimento de Figurino: Projeto de Cooperação dentre o curso Técnico em Vestuário (IF-Sul) e Tatá - Núcleo de Dança/Teatro (UFPeI), ambos localizados na cidade de Pelotas/Rio Grande do Sul. O espetáculo "Terra de Muitos Chegares", para o qual está sendo realizado o figurino, tem como tema principal a questão das chegadas e partidas, onde cada um dos integrantes do próprio grupo Tatá, é fruto de cruzamento de chegares, de culturas em movimento. Além disto a trama faz com que o espectador traga para si e reflita o movimento de resgatar raízes a partir da sensibilização do espectador e da sua identificação (ou diferença) com essa terra de muitos chegares que cada um é. O projeto encontra-se em andamento, e busca a cooperação entre os cursos de teatro, dança e vestuário, sendo uma ferramenta de estudo e ação social, mostrando a importância da cooperação entre cursos e instituições.

**Palavras-chave:** Vestuário. Figurino. Artes Cênicas.

### **Abstract:**

This research has as its main theme, the work developed on the project: Development of Costume: Project Cooperation among the technical course in Apparel (IF-Sul) and Tata - Center for Dance / Theatre (UFPeI), both located in the city of Pelotas / Rio Grande do Sul the show called "Land of Many arrive", for which it is being done the costumes, has as its main theme the question of arrivals and departures, where each member of the Tatá Group itself, is the result of crossing arrive from cultures in motion. Besides the plot causes the viewer to bring themselves and reflect the movement of some roots from the viewer's awareness and their identification (or difference) in this land of many arrive each is. The project lies in progress, and seeks the cooperation between the courses of theater, dance and clothing, being a tool of study and social action, showing the importance of cooperation between courses and institutions.

**Key-words:** Clothing, Costumes. Perform Arts.

## Apresentação

O presente relato de experiências pretende relatar a parceria entre o Núcleo Tatá de Dança-Teatro (Universidade Federal de Pelotas - UFPel) e o curso Técnico em Vestuário (Instituto Federal Sul-Rio-Grandense - IFSul), que buscam proporcionar a integração entre o curso Técnico e o projeto de extensão do curso de licenciatura em Teatro e Dança. O projeto proporciona aos alunos a exploração de novos conhecimentos, buscando principalmente divulgar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos do curso Técnico em Vestuário na área de figurino e desenvolvimento de trajes de cena.

O projeto é uma iniciativa dos alunos do curso técnico em Vestuário, vendo a necessidade e interesse em conhecer novas técnicas de criação e possíveis mercados de trabalho na região Pelotas, Rio Grande do Sul. A cidade de Pelotas é o berço de diversos grupos importantes de teatro, conhecidos nacionalmente, como O Grupo Tholl, GRUD – Grupo Universitário de Teatro e o TEP (Teatro Escola de Pelotas), além de diversas escolas de teatro, grupos e escolas de dança contemporânea e *ballet*. Pelotas ainda conta com cursos de graduação nas diversas áreas das artes, inclusive de cinema, que durante o ano, desenvolve diversos filmes, curtas metragem e mini séries que são gravados imediações da cidade.

## Metodologia

Paralelo ao desenvolvimento da trama, coreografia e textos, ocorre o processo de criação dos figurinos onde são realizadas pesquisas em jornais e livros sobre figurinos de dança e teatro e suas possíveis novas leituras, onde serão decididos os materiais dos figurinos e objetos de palco bem como as maquiagens, acessórios a serem utilizados pelos atores-bailarinos.

Após este processo, está ocorrendo também, a etapa de desenvolvimento das modelagens e costura dos modelos – protótipos para testes no palco. Este processo acontece dentro das imediações do curso de teatro e dança, sob orientação da costureira de figurinos de espetáculo, Larissa Martins, que coordena a execução, auxiliando os alunos voluntários na costura, modelagem e finalização das peças. É importante ressaltar que Larissa foi aluna do curso Técnico em Vestuário no ano de 2005/2006, atualmente é servidora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Os alunos voluntários do curso técnico em Vestuário também auxiliarão nas oficinas realizadas na cidade de Pelotas, auxiliando o Grupo Tatá e também divulgando as possibilidades de trabalho no desenvolvimento de figurinos e o curso de Vestuário do IF-Sul. As oficinas bem como todo o projeto, buscam a aproximação/sensibilização do teatro com as crianças e demais espectadores do espetáculo. As apresentações do grupo serão todas realizadas em escolas públicas e privadas de Pelotas e região e no ano de 2013 estão previstas 35 apresentações deste espetáculo.

O material para o desenvolvimento dos figurinos foi obtido através de bolsa de extensão – Proext (UFPel) e por sua vez os figurinos foram todos pensados de acordo com os materiais adquiridos através da bolsa de pesquisa, criando assim um grande desafio para o grupo de figurinistas envolvidos no projeto.

O projeto no qual o desenvolvimento de figurinos está incluído, faz parte de uma gama de projetos chamada Programa de Manutenção do Tatá - Núcleo de Dança-Teatro, e este é composto por nove projetos na interface entre a criação artística e a educação.

## Resultados e Discussão

Desde o início do ano de 2013, o processo de desenvolvimento dos figurinos está ocorrendo paralelamente com desenvolvimento do espetáculo: Terra de Muitos Chegares, organizado pelo projeto Núcleo de Dança-Teatro. Durante os ensaios semanais (Figura 01), são discutidas as possibilidades de criação de figurino e as necessidades dos atores-bailarinos. O espetáculo “Terra de Muitos Chegares” tem dramaturgia de Maria Falkembach, bailarina formada em artes cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atualmente coordenadora do projeto de extensão.



Figura 01 – Ensaios semanais. Prova dos figurinos e acessórios de cena.  
Fonte: Acervo pessoal Manuela Gastal. 2013.

A coreografia é toda desenvolvida no processo de montagem do espetáculo (Figura 02), com a colaboração dos integrantes do grupo. De acordo com a coordenadora do grupo:

*“Cada um dos integrantes do Tatá é fruto de cruzamento de chegares, de culturas em movimento. Podemos dizer que cada um é o ponto de chegada de vários caminhos e histórias, percorridos e inscritos por seus antepassados. Podemos dizer que cada um é uma “terra de muitos chegares”. (Relato Maria Falkembach, 2013).*

“O trabalho do figurinista contribui extraordinariamente para criar uma atmosfera para o espetáculo. O figurino tem uma importância tão grande como a palavra e o cenário, porque é um dos elementos fundamentais para a transmissão de uma imagem completa da personagem ao público” (MAGALDI, 1999).



Figura 02 – Ensaio com figurinos. Processo de composição e montagem do espetáculo.  
Fonte: Acervo pessoal Manuela Gastal. 2013.

Sendo assim de extrema relevância a inter-relação entre figurinista e grupos de teatro. A criação de figurinos faz parte da gama de serviços que podem ser prestados pelo profissional da área têxtil. Um estilista com bom conhecimento de materiais têxteis, costura, desenha a modelagem, e é capaz desenvolver figurinos bem como objetos cênicos. Segundo FEGHALI, 2001:

Concebe peças de roupas novas por meio de pesquisa histórica. Produz fantasias e trajes especiais. Assessora produções de comerciais, eventos, teatro, TV e cinema, criando vestimentas de diferentes épocas. (FEGHALI, 2011, p. 00)

O espetáculo tece histórias de vida dos seus intérpretes-criadores com a história de nosso país, nossa terra. A obra busca expressar os sentimentos, experiências e reflexões do grupo, referentes à: identidade, multiculturalidade, intertransculturalidade, complexidade, diferença, nascimento, o estrangeiro, o outro, o eu. O espetáculo faz o movimento de resgatar raízes a partir da sensibilização do espectador e da sua identificação (ou diferença) com essa terra de muitos chegares que cada um é. Espera-se, na relação com os espectadores, ampliar a metáfora deste “porto” para outros espaços da comunidade, constituídos destas “terras-indivíduos”: a escola, por exemplo.”

Os figurinos desenvolvidos buscam primeiramente a relação do corpo com a terra, sendo que durante todo o espetáculo os atores-bailarinos utilizam malhas coloridas justas ao corpo, evidenciando seu contorno e suas diferenças corporais, e por cima destes, tecidos que lembram raízes na cor marrom.

Todos os acessórios utilizados junto ao figurino-base foram tingidos artesanalmente, dando a estes, unidade e

também diferenciando-os uns dos outros. Na cena onde é representado um navio negreiro, todos os personagens utilizam saias. Já em outra cena, onde são representados os exploradores vindos da Europa, os bailarinos que atuam como exploradores, usam capas onde na parte de dentro, foram bordadas cruces, representando a pressão dos catequizadores sobre os índios que já habitavam o Brasil. Os atores que representam os índios, utilizam somente acessórios, como colares e adereços junto aos braços e pernas.

É importante ressaltar que durante todo o espetáculo não há diferenciação de gênero entre os bailarinos, todos os figurinos bem como os acessórios foram desenvolvidos para todos os atores-bailarinos. Em uma das últimas cenas, chamada “O Corpo no Universo” todos os bailarinos utilizam por cima das malhas, camisetas pretas, situando os conflitos do espetáculo não só em eventos passados, mas situações recorrentes no presente.

### **Considerações finais**

Com este trabalho pretende-se através da dança-teatro buscar novos caminhos e novas possibilidades, tanto para os alunos do curso Técnico em Vestuário como para os espectadores da obra.

A proposta desta parceria, além de estabelecer uma relação entre os cursos de Vestuário, Teatro e Dança, é construir dentro da cidade e região de Pelotas uma cultura voltada para arte, dança, performances, contribuindo desta maneira com a democratização do acesso à arte e a educação estética, formando assim um público interessado em arte contemporânea, além da valorização dos profissionais envolvidos no desenvolvimento do espetáculo, gerando também novas possibilidades e perspectivas de emprego na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Francisco Araújo da. **O figurino como elemento essencial da narrativa**. Porto Alegre, 2002.

FEGHALI, Marta. **As engrenagens da moda**. 1ed. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

GHISLERI, Janice. **Como entender a importância do figurino no espetáculo?** Disponível em: <  
<http://artes.com/sys/sections.php?op=view&artid=15&npage=3>>  
Acesso em: 03 jun. 2013.

GHISLERI, Janice. **Linguagem do vestuário Teatral**. Disponível em:  
<  
<http://www.opalco.com.br/foco.cfm?persona=lista&tabela=materias&tipos=>>.  
Acesso em: 20 jun. 2013.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. 4ed. São Paulo: Global, 1999.

MOURA, Mônica. **A moda entre a arte e o design**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os Nus- O figurino em cena**. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2004.

ROUBINE, Jean-Jacques. **Linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VIANA, Fausto. **Figurino Teatral e as renovações do século XX**. FAPESP. Estação das letras e cores, 2010.

## A importância das aulas de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental na cidade de Amargosa-BA

The importance of physical education classes in the early grades of elementary school in the town of Amargosa-BA

### Autores:

#### Alexsandro Rabaioli Nunes Ribeiro

Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRB/CFP. [lekinhoshow@hotmail.com](mailto:lekinhoshow@hotmail.com)

#### Elisangela Santana dos Santos

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRB/CFP. [elisangelasantana1990@hotmail.com](mailto:elisangelasantana1990@hotmail.com)

### Resumo:

**Introdução.** Existe uma grande desvalorização e senso comum em torno do profissional de Educação Física. Esse problema torna-se mais evidente no ensino fundamental séries iniciais, até porque as redes de ensino não contemplam obrigatoriamente a inserção desse componente de forma especializada, dificultando o seu ingresso e restringindo novas perspectivas na escola. **Metodologia.** Essa pesquisa (relato de experiência) tem um caráter transversal, utilizou-se como instrumento o questionário contendo questões abertas e fechadas direcionadas aos professores e gestores da escola, a fim de averiguar qual a importância dada por eles a Educação Física Escola naquele estágio de ensino. **Resultados.** Perguntado quanto à importância do componente Educação Física nessa modalidade de ensino todas docentes afirmaram que é indispensável no espaço escolar, ora pelo fato de contribuir para o desenvolvimento das habilidades motoras através do movimento, pela interdisciplinaridade e pelas especificidades da área. **Conclusão.** Pode se observar através desse estudo/relato que a Educação Física a partir do estágio trouxe para o ambiente escolar uma maior experimentação do corpo, além de proporcionar aos alunos o sentimento de prazer na realização das atividades. Os aspectos citados pelas professoras de que a forma sistematizada e compromissada no ensino do componente trouxe a tona que se torna necessária à inserção desse profissional nas séries iniciais do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** escola, Educação Física, importância.

### Abstract:

**Introduction.** There is a major devaluation and common sense around the physical education professional, this problem becomes more evident early grades in elementary school, because school systems do not necessarily include the integration of these components in a specialized manner, thus hampering its restricting ingress and new perspectives in school. **Methodology.** This research has a transversal, was used as an instrument the questionnaire containing open and closed questions directed to teachers and school managers, in order to ascertain what is the importance given by them to that school physical education teaching internship. **Results.** Asked about the importance of physical education component in this type of education is essential that all stated in the school, either because of contributing to the development of motor skills through movement, interdisciplinarity and the specific area. **Conclusion.** Can be observed through this study that physical education from the stage brought to the school environment more experimentation of the body, in addition to providing students with the feeling of pleasure in performing activities. The aspects mentioned by the teachers that a systematic and committed teaching component brought up that becomes necessary for the insertion of a teacher you would be of primary education.

**Key-words:** school, Physical Education, importance.

## INTRODUÇÃO

Existe uma grande desvalorização e senso comum em torno do profissional de Educação Física. Esse problema torna-se mais evidente no ensino fundamental séries iniciais, até porque as redes de ensino não contemplam obrigatoriamente a inserção desse componente de forma especializada, dessa forma dificultando o seu ingresso e restringindo novas perspectivas de inserção na escola. Mesmo na LDB (Lei e diretrizes e bases 9394/96) da educação nacional encontrar-se no Capítulo II, da educação básica, seção I das disposições gerais no Art. 27.

Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: Incisos, IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais, dessa forma a Educação Física pode e deve contemplar o ensino fundamental e séries iniciais considerando que as mesmas fazem parte da educação básica e que a educação física também contribui para a emancipação dos sujeitos, que fazem parte da escola e sociedade. Para isso é necessário que a coordenação e equipe pedagógica da escola percebam a importância desta disciplina assim contribuindo ou fazendo esforço para que tenha um professor/a de educação física no ensino fundamental séries iniciais.

Segundo BUSS-SIMÃO (2011) é preciso avançar no sentido de que os espaços de Educação Infantil se concretizem em “lugares” de experiências, ou seja, que haja espaço para percepção, atenção, curiosidade, contemplação, sensação, emoção, movimento, alegria, intimidade com os objetos do mundo físico e cultural e com os espaços. Essa ideia busca romper com a tradição pedagógica que privilegia os espaços “entre paredes” para a realização de atividades consideradas de cunho cognitivo e os espaços externos para atividades ligadas ao movimento. Estas últimas quase sempre consideradas

pertencentes à Educação Física e ausentes de uma aprendizagem prioritária para a escola. O objetivo desse estudo será analisar/compreender/problematizar importância das aulas de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental através da experiência do componente Estágio em Educação Física I.

## JUSTIFICATIVA

Segundo Ferraz (1996), apesar da Educação Física ser instituída como um componente curricular obrigatório, a mesma de fato, parece estar presente na escola, essencialmente como simples atividade recreativa e sem sistematização dos objetivos do ensino da mesma nas séries iniciais do ensino fundamental I.

Darido (2004) cita que mesmo com as mudanças positivas em torno da Educação Física, ainda observamos que muitos professores se ausentem de seus planejamentos e orientações, realizando aulas em que os alunos acabam decidindo os conteúdos a ser trabalhados; nesse contexto o professor se torna o responsável em ceder a bola e cronometrar o tempo.

A Lei de Diretrizes e Bases promulgada em 20 de dezembro de 1996 busca transformar o caráter que a Educação Física assumiu nos últimos anos ao explicitar no art. 26, § 3º, que “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”. Dessa forma, a Educação Física deve ser exercida em toda a escolaridade do primeiro ao nono ano, não somente nas séries finais do ensino fundamental como era anteriormente. No entanto, na região do Vale do Jiquiriçá e, em especial, na cidade de Amargosa, a oferta da Educação Física na educação infantil vem sendo tratada como momento de lazer das crianças. Um exemplo desta relação construída na região é a oferta das aulas de Educação nas

sextas-feiras, aonde, na maioria das vezes, todas as turmas vão para o ginásio “brincar”, descaracterizando os objetivos da Educação Física enquanto componente curricular que tem um objeto de ensino a ser tratado na escola.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a criança possui uma experiência e vivência corporal, em que o direcionamento deve ser para as abordagens dos conteúdos escolares em procedimentos, conceitos e atitudes. Apontam para uma valorização dos procedimentos sem restringi-los ao universo das habilidades motoras e dos fundamentos dos esportes, incluindo procedimentos de organização, sistematização de informações, aperfeiçoamento, entre outros. Aos conteúdos conceituais de regras, táticas e alguns dados históricos factuais de modalidades somam-se reflexões sobre os conceitos de ética, estética, desempenho, satisfação, eficiência, entre outros. E, finalmente, os conteúdos de natureza atitudinal são explicitados como objeto de ensino e aprendizagem e propostos como vivências concretas pelo aluno, o que viabiliza a construção de uma postura de responsabilidade perante si e o outro. Essa explicitação minimiza a construção de valores e atitudes, por meio do chamado currículo. Nossa maior missão será demonstrar através do estágio a importância do professor de educação física na ressignificação das práticas corporais desses alunos (as).

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa tem um caráter transversal e, para tanto, utilizou como instrumento o questionário contendo questões abertas e fechadas. Segundo GIL (2009) essa é a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos, entre outras. A pesquisa se dará na Escola Municipal Dom Florêncio

Sisínio Vieira, situado no bairro da Catiara, que abrange alunos (as) do ensino infantil e fundamental séries iniciais.

O estudo se dará em duas etapas distintas, no primeiro momento serão aplicados três questionários aos professores que fazem regência de estágio, e dois representantes da direção escolar. O questionário conterá questões que deverão analisar qual a impressão e importância que os profissionais atribuem a inserção da Educação Física nessa modalidade de ensino como disciplina facilitadora da aprendizagem dos/das dos conteúdos específicos da cultura corporal.

Para obtenção dos resultados utilizamos a transcrição das respostas dos questionários para o programa da Microsoft chamado Word, no próximo passo organizou-se as respostas concedidas pelos professores por ordem de questões, iniciando da primeira para a última, a fim de investigar se a partir de nosso ingresso na escola através do componente estágio ocorreu uma valorização do processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.

## **RESULTADOS**

No resultado do estudo constatou-se que três professoras possuem pós-graduação na área de pedagogia e duas possuem apenas graduação, dentre elas três são professores, uma coordenadora pedagógica e a quinta está exercendo o cargo de diretora, perguntado quanto a importância do componente Educação Física nessa modalidade de ensino todas afirmaram que ela é indispensável no espaço escolar, ora pelo fato de contribuir para o desenvolvimento das habilidades motoras através do movimento, pela interdisciplinaridade e pelas especificidades da área. Questionado quanto a importância de um profissional da área nessa modalidade de ensino, as mesmas consideram pertinentes e importante, pois os conteúdos podem ser ministrados com mais segurança e especificidade dos conhecimentos da área, Quanto a terem

ministrado aulas de Educação Física quatro professoras ,exceto a coordenadora pedagógica afirmaram que já tiveram essa experiência, mas ressaltam que apesar do esforço em tentar desenvolver as aulas não possuíam os conhecimentos específicos do componente, o que acabava dificultando no processo de ensino dos conteúdos da cultura corporal.

Perguntado sobre as mudanças na concepção pedagógica acerca da Educação Física que o estágio trouxe para o ambiente escolar, as cinco ressaltaram que nossa presença trouxe durante as aulas um sentimento de descoberta e entusiasmo por parte dos alunos, além de um impacto positivo nas relações afetivas. Questionados sobre a importância de um profissional da área de Educação Física nessa modalidade de ensino todas relataram ser importante, pois o trabalho seria feito de forma mais sistemática e com um conhecimento específico, questionado sobre os conteúdos que foram ministrados pelos estagiários com maior relevância para os alunos, foram citados os fundamentos da ginástica e os jogos e brincadeiras, pois os alunos participam com mais entusiasmo, referente a avaliação do estágio em Educação Física na escola as professoras ressaltaram como positivo a assiduidade, o comprometimento, conhecimentos específicos da área, variedades de recursos didáticos, quanto aos aspectos negativos foram citados a greve das universidades que interrompeu a sequência de aulas, a utilização de espaços inadequados para proposições de atividades com demanda de espaços maiores, além da falta de controle de alguns estagiários com as turmas

## CONCLUSÃO

Pode-se observar através desse estudo que a Educação Física a partir do estágio trouxe para o ambiente escolar uma maior experimentação do corpo, além de proporcionar aos alunos o sentimento de prazer na realização das atividades. Os aspectos citados pelas professoras de que a forma

sistematizada e compromissada no ensino do componente trouxe a tona que se torna necessária à inserção desse profissional nas series iniciais do ensino fundamental para que o ensino de Educação Física possa avançar para além da compreensão da recreação, sendo trabalhado de forma intencional através dos conteúdos da cultura corporal.

Quanto aos aspectos para reflexão torna-se importante avaliarmos os espaços mais adequados para realização das atividades, bem como nos próximos estágios mantermos uma sequência sem interrupções, a fim de valorizar os aspectos da assiduidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Educação Física na Educação Infantil: Compartilhando Olhares e Construindo Saberes Entre a Teoria e a Prática**. Cadernos de Formação RBCE, v. 2, p. 9-21, 2011.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Educação física /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DARIDO, S.C. **Ensinar/Aprender educação física na escola: influências, tendências e possibilidades**. In: Pedagogia cidadã: cadernos de formação educação física. São Paulo: ENESP. 2004.159 p. p. 1-0.

FERRAZ, O. L.. **Educação física escolar: conhecimento e especificidade - a questão da pré-escola**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. Supl.2, p. 16-22, 1996.

### Um livro futurista sobre o futuro do livro

Resenha do livro:

GERRITZEN, Mieke; LOVINK, Geert; KAMPMAN, Minke (org). *I read where I am: Exploring new information cultures*. Amsterdam: Valiz, 2011.

**Autor:**

**André Carlos Moraes**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). andrecmoraes@uol.com.br.

Refletindo as incertezas do mundo acadêmico e do próprio mercado, as obras dedicadas a discutir o futuro do livro costumam incorporar uma pluralidade de debates e conceitos. São temas recorrentes as diversas definições e implementações de livros eletrônicos ou dispositivos móveis de leitura, o hipertexto, a concorrência das redes sociais e o crescente interesse das novas gerações pelos meios audiovisuais e pelos recursos multimídia. Tudo isso e mais um pouco está presente em *I Read Where I Am: Exploring New Information Cultures*, uma coletânea de reflexões sobre os livros no século 21 organizada pelo Graphic Design Museum, de Amsterdam.

São 82 textos curtos, todos a respeito do futuro do livro e da leitura, elaborados por um grupo de profissionais, cientistas e artistas que diz muito sobre o caráter multidisciplinar da área. Há pontos de vista de teóricos, pesquisadores, escritores, professores, políticos, designers e artistas plásticos. Alguns são nomes famosos em suas respectivas áreas ou esferas de discussão no cenário global, como a teórica do Design norte-americana Ellen Lupton ou Jeff Gomez, autor do libelo a favor dos e-books *Print is Dead*.

O tamanho reduzido destinado a cada autor não permite grandes aprofundamentos, mas isso não impede que aqueles com inclinação mais teórica ou que estejam fazendo alusões a pesquisas apresentem informações interessantes em linhas gerais, ou mesmo esbocem inovações conceituais. Nesse sentido, o livro é quase como uma compilação de resumos, como aquelas distribuídas em anais de congressos temáticos. Alguns dos trechos são depoimentos pessoais descrevendo experiências de encontro com a leitura, outros são intuições sobre o futuro. Há poemas e também gracejos, como o conceito de “armas de distração em massa” do editor Sven Ehmann ou o título “A vingança da Galáxia de Gutenberg”, do pesquisador Florian Cramer. O alcance crítico da coletânea chega ao ponto de alguns entrarem em diálogo com a própria proposta do volume. Um dos autores, o designer e escritor Daniel van der Velden, se diz intrigado com a própria proposta da obra de oferecer textos curtos (“quase com zero palavras”, é a expressão que usa), quando o que ele pessoalmente considera o futuro seria justamente o contrário, com textos longos mediados por outros mais curtos.



Mas à parte seu conteúdo, *I Read Where I Am* é um estudo sobre o futuro do livro em sua própria forma. A formatação do volume, além de estilisticamente ousada (a tipografia da capa, por exemplo, brinca com a ilegibilidade, trazendo o título principal esmaecido, como que desfocado), incorpora conceitos avançados de interatividade e busca fazer um diálogo com outras mídias além da impressa. Cada um dos 82 textos é precedido de um cabeçalho indicando a quantidade de palavras e, também, o tempo, com precisão de segundos, que isso representa em leitura. Juntamente com o alinhamento à esquerda, esta cronometragem evoca uma oralidade dos textos, como a diagramação dos poemas, textos teatrais ou roteiros audiovisuais.

Ainda no plano da forma, o texto impresso não tem uma cor única. Cada palavra fica em algum ponto do gradiente entre o preto sólido e um tom mais claro de cinza. Conforme legenda explicativa ao final do volume, um software atribuiu a cada palavra ou expressão uma cor com base na quantidade de ocorrências similares ao longo do texto. Palavras mais raras estão em tons mais claros, enquanto as mais frequentes ficam mais escuras. Fazendo isso, os criadores do design explicam que buscaram lançar mão de recursos digitais para oferecer ao leitor uma análise do texto, uma forma de compreender visualmente as relações e estruturas contidas dentro do próprio escrito. Há outros recursos, como um sistema de hiperlinks, com expressões grifadas pelos autores introduzidas por asteriscos, quase como se fossem hashtags das redes sociais.

O conceito avançado de design do livro também inclui diversos índices criados eletronicamente, que vão muito além dos remissivos encontrados tradicionalmente em obras de referência. Além do sumário convencional, há um sumário estendido que inclui os 140 primeiros caracteres (uma referência ao Twitter?); um longo índice com a frequência das principais palavras e as páginas onde podem ser encontradas; um índice

em forma de glossário com definições extraídas da Wikipedia para as principais palavras; e um guia para a formatação do próprio volume. Esta última parte esclarece que a inclusão dos verbetes da enciclopédia aberta busca estender o livro para além de seu próprio conteúdo, comparando os conceitos com o termos externos registrados na Wikipedia.

Uma última inovação, finalmente, é a atribuição do volume em Creative Commons restrito (não comercial e sem autorização de criação de obras derivadas). O livro é assinado por três autores identificados como compiladores, Mieke Gerritzen, Geert Lovink e Minke Kampman, ligados ao Graphic Design Museum de Amsterdã e ao Instituto de Culturas de Rede da Escola de Mídia Interativa da Universidade de Ciências Aplicadas de Amsterdã. A publicação é por uma editora especializada em lançamentos abertos em várias plataformas, a Valiz, com projeto gráfico de um grupo dedicado aos experimentos visuais, o LUST, ambos dos Países Baixos.

Parte ensaio sobre a leitura ontem, hoje e amanhã, parte experimento, *I Read Where I Am* é um objeto de pesquisa em si mesmo tanto quanto uma fonte de consulta para pesquisadores. Um olhar complexo e multifacetado sobre o panorama da leitura no cenário das novas tecnologias tanto no ponto de vista da forma quanto no do conteúdo. Não é uma obra teórica no sentido de oferecer conceitos em profundidade, mas quase uma fonte primária, um corpus de depoimentos tanto quanto índice de teorias e catálogo de insights. Pense neste livro como um mapa tão complexo quanto o país complicado que busca mapear, um guia de viagem que é uma jornada em si mesmo. Na condição contraditória de livro impresso para discutir o livro eletrônico, representa a si próprio como o torvelinho que busca analisar. Um compêndio naval para marinheiros da leitura já curtidos nos mares agitados da navegação virtual.

## Desmistificação da relação entre teoria e prática

Resenha

SANTOS, Cláudia Mônica dos. Na prática a teoria é outra? In: SANTOS, Cláudia Mônica dos. Na prática a teoria é outra? Mitos e Dilemas na relação Teoria, Prática, Instrumentos e Técnicas no Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010. P. 13- 51.

Autora:

**Núbia da Silva Araujo**

Graduanda em Serviço Social UFRB/CAHL/BA. [nubiasimpatia@hotmail.com](mailto:nubiasimpatia@hotmail.com)

Cláudia Mônica dos Santos, graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1981), mestra em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1986) e doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006).

Já era conhecida por seus artigos e pela atuação na Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Escreveu capítulos de livros, possui texto publicado em revista e trabalhos completos publicados em anuais e congressos. O livro “Na prática a teoria é outra?” é o resultado de sua tese de dissertação, publicado em 2010 e reeditado em 2011

Atualmente, é professora adjunta III da Universidade Federal de Juiz de Fora. Seus principais trabalhos estão concentrados na área do Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

O livro “Na prática a teoria é outra?” está dividido em dois capítulos e estes em subcapítulos, o primeiro possui o mesmo nome do livro, “Na prática a teoria é outra?” e esclarece os entendimentos imprecisos que perpassam a relação entre teoria e prática. O segundo, por sua vez, denominado de “As dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa”, aborda a interação existente entre essas três dimensões, considerando-as como unidade do diverso.

O primeiro capítulo inicia com os equívocos que incidem na categoria profissão no que toca à relação entre a teoria e a prática, visto que muitos profissionais afirmam que “na prática a teoria é outra”. Nesse panorama, o objetivo deste capítulo é, justamente, proporcionar uma reflexão acerca da assertiva supracitada.

De acordo Santos (2010), no interior da categoria profissional há três entendimentos errôneos que intensificam a noção de que *na prática a teoria é outra*. O primeiro refere-se à teoria, que por ser norteada por uma teoria conservadora, transmuta-se de imediato em prática, em poucas palavras, teorismo. O segundo remete à prática pela prática, ou seja, a prática proporciona de imediato uma teoria que, nessa situação, corresponde à sistematização da prática. Já o terceiro, concernente ao primeiro, afirma que a teoria marxiana não possibilita instrumentos para a ação prática do assistente social, a teoria de ruptura não se transpõe em prática de ruptura.

A partir desses três equívocos, a autora inicia sua reflexão atinente à temática. Propõe-se a desmistificar tais equívocos tendo como base teórica o materialismo histórico-dialético, método de análise hegemônico no Serviço Social. Materialismo, pois parte do princípio de que a realidade antecede o pensamento, o material antecede o ideal. Dialética, uma vez que, o ser social está inserido em uma totalidade dinâmica, em constante movimento. Histórica, consoante a autora, tem

duplo sentido, o primeiro corresponde exclusivamente ao ser social e o segundo referente ao indivíduo enquanto produto social, membro de um processo histórico.

Dialogando com diversos teóricos de corrente marxista, inclusive o próprio Marx sobre categorias remetentes a ontologia, método, totalidade, singularidade, particularidade, universalidade, mediação, práxis, Santos (2010) contextualiza-as com a proposta central e, a partir disso, reconhece a prática e a teoria como unidade na diversidade.

Consoante Santos, o conhecimento efetivado por meio da imediaticidade possui dois momentos, a saber: “caminho de ida” e o “caminho de volta”. Aquele corresponde ao primeiro momento, o concreto é visualizado apenas na aparência, na sua imediaticidade. Este é o instante em que a partir da apreensão do concreto em sua universalidade, retorna-se não mais como um concreto em sua aparência e sim um concreto pensado, ou seja, o indivíduo o concebe em suas conexões, contradições e totalidade, momento em que se pode fazer uma distinção entre o que é aparência e essência sem os dissociar.

Sendo assim, no materialismo histórico dialético, a teoria consiste em uma maneira de analisar e explicar o real, para tanto, é necessário que o profissional capte, por meio do pensamento, isto é, apreenda o objeto sobre o qual se quer imprimir alguma transformação, assim como suas determinações, ou seja, buscar sua essência. De posse do conhecimento sobre o objeto, o profissional poderá escolher os meios e os instrumentos adequados para tal transformação, em poucas palavras, a teoria é o âmbito das possibilidades.

Já a prática, é constitutiva e constituinte das determinações do objeto, é nela que são edificados os elementos que compõem o real, fornecendo os itens essenciais para que a teoria seja elaborada, nesse panorama, a prática corresponde à esfera da efetividade. Vale salientar que a prática só transforma-se em teoria se o sujeito for capaz de refleti-lo criticamente. Logo, reafirma-se uma relação de unidade em meio à disparidade.

Nesse mesmo contexto, a autora situa a prática profissional do assistente social, esta que os profissionais tendem a confundir com práxis social. Esta representa uma forma específica de práxis humana, não é uma práxis social, no entanto, uma componente, uma atividade inserida na práxis social. Isto é, o serviço social está inserido na vida social, age na realidade e é fruto da prática social.

Por conseguinte, a categoria vivencia um dilema em seu interior que correspondente à dificuldade que os profissionais possuem em distinguir teoria e prática sem dissociá-las, uma vez que a teoria remete ao campo das possibilidades e a prática ao da efetividade e entre elas há mediações que necessitam ser identificadas e trabalhadas.

Nesse parâmetro, uma contribuição importante é a reflexão proposta pela autora no que toca à formação profissional, segundo a mesma há uma falha na academia atinente ao ensino dos instrumentos e técnicas. Sendo assim, academia precisa trabalhar mais essas problemáticas para que da mesma não saiam mais profissionais que corroboram com essa afirmativa.

Essa obra pode ser considerada como um avanço, um ganho para o serviço social, haja vista que é uma temática essencial e pouco trabalha no interior da categoria. Por isso, de início, o nome do livro choca, todavia ao conhecer seu conteúdo, o leitor tem uma sensação de ter recebido uma “injeção” de ânimo e motivação conhecendo seus limites e possibilidades, sem messianismo nem fatalismo.

A autora apresenta sua obra de maneira simples, coerente, objetiva e repetitiva, no entanto, repetição necessária para a apreensão e reflexão da temática. Contudo, considera-se necessário um prévio conhecimento das categorias abordadas.

Este livro é indicado para toda a categoria profissional, ou seja, para aqueles que estão na academia e só tiveram contato com a prática por meio do estágio, local em que se escuta constantemente a frase de que “na prática a teoria é outra” e para aqueles que já estão inseridos na prática profissional e convivem diariamente como essa problemática.

## 1- Compromisso da Revista Extensão

A Revista Extensão, com periodicidade semestral, tem como compromisso consolidar a indissociabilidade do conhecimento, por meio de ações extensionistas publicadas em artigos científicos, resenhas, relatos de experiências, entrevistas, validando o conhecimento tradicional associado ao científico.

## 2- Áreas Temáticas da Revista

**I-** Comunicação: comunicação social; mídia comunitária; comunicação escrita e eletrônica; produção e difusão de material educativo; televisão universitária; e rádio universitária;

**II-** Cultura e Artes: desenvolvimento cultural; cultura, memória e patrimônio; cultura e memória social; cultura e sociedade; artesanato e tradições culturais; produção cultural e artística na área de artes plásticas e artes gráficas; produção cultural e artística na área de fotografia, cinema e vídeo; produção cultural e artística na área de música e dança; produção teatral e circense; cultura, ciência e tecnologia; cultura, região, territórios e fronteiras; cultura, política e comunicação; cultura, religião e religiosidade; cultura, identidades e diversidade cultural; cultura, memória e patrimônio cultural; educação, cultura e arte; políticas culturais; artes visuais; cinema e identidades culturais; cultura, arte e meio ambiente.

**III-** Direitos Humanos e Justiça: assistência jurídica; direitos de grupos sociais; organizações populares; e questões agrárias;

**IV-** Educação: educação básica; educação e cidadania; educação a distância; educação continuada; educação de jovens

e adultos; educação e juventude; educação para a melhor idade; educação especial; educação infantil; ensino fundamental; ensino médio; ensino superior; incentivo à leitura; educação e diversidades; educação e relações étnicorraciais; educação do campo;

**V-** Meio Ambiente: preservação e sustentabilidade do meio ambiente; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; desenvolvimento regional sustentável; aspectos de meio ambiente e sustentabilidade do desenvolvimento urbano e do desenvolvimento rural; educação ambiental; gestão de recursos naturais e sistemas integrados para bacias regionais;

**VI-** Saúde: promoção à saúde e qualidade de vida; atenção a grupos de pessoas com necessidades especiais; atenção integral à mulher; atenção integral à criança; atenção integral à saúde de adultos; atenção integral à terceira idade; atenção integral ao adolescente e ao jovem; capacitação e qualificação de recursos humanos e de gestores de políticas públicas de saúde; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; desenvolvimento do sistema de saúde; saúde e segurança no trabalho; esporte, lazer e saúde; hospitais e clínicas universitárias; novas endemias, pandemias e epidemias; saúde da família; uso e dependência de drogas;

**VII-** Tecnologia e Produção: transferência de tecnologias apropriadas; empreendedorismo; empresas juniores; inovação tecnológica; pólos tecnológicos; direitos de propriedade e patentes;

**VIII-** Trabalho: reforma agrária e trabalho rural; trabalho e inclusão social; educação profissional; organizações populares para o trabalho; cooperativas populares; questão agrária; saúde e segurança no trabalho; trabalho infantil; turismo e oportunidades de trabalho.

**IX- Gênero e Sexualidade:** políticas de gênero; gênero e educação; práticas esportivas construindo o gênero; o corpo e a sexualidade; identidades de gênero e orientação sexual; desejos; diversidade sexual; direitos sexuais e reprodutivos; combate à discriminação sexual e à homofobia; raça, gênero e desigualdades.

### 3. Público - alvo

Professores, alunos, técnicos administrativos de todas as IES nacionais e internacionais, além de comunidades atendidas ou com potencial para serem atendidas por projetos extensionistas de forma abrangente.

### 4. Categorias de Trabalhos a serem publicados

Artigos científicos, resenhas, relatos de experiências e entrevistas.

A equipe editorial poderá propor Edições Temáticas. Neste caso, os temas definidos serão previamente anunciados.

### 5. Idioma

Os artigos científicos, resenhas, relatos de experiências e entrevistas devem ser redigidos em português. As traduções deverão vir acompanhadas de autorização do autor e do original do texto, bem como autorização sobre direitos autorais para textos não originais. O resumo e as palavras-chave devem ser redigidos na língua do artigo e em língua estrangeira.

## 6. Considerações Éticas

**I-** A responsabilidade pelos conteúdos dos artigos publicados é exclusivamente do(s) autor(es);

**II-** Os casos de plágio serão encaminhados à Comissão de Ética do órgão de classe do autor;

**III-** Todos os artigos submetidos deverão receber pelo menos dois pareceres favoráveis à publicação por parte de membros do Conselho Editorial e consultores ad hoc;

**IV-** Os artigos publicados são de propriedade dos Editores/Organizadores, podendo ser reproduzidos total ou parcialmente com indicação da fonte. Exceções e restrições de copyright são indicadas em nota de rodapé.

**V-** Os autores assinarão um termo de cessão de direitos autorais para publicação dos artigos e memoriais aprovados.

**VI-** A revisão ortográfica dos trabalhos submetidos é de responsabilidade dos autores;

**VII-** Os artigos submetidos não serão devolvidos.

**VIII-** Estudo envolvendo o ser humano deve vir acompanhada do parecer do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)

## 7. Critérios de avaliação

Os trabalhos submetidos à revista serão avaliados por pares, adotando para tanto o método de avaliação duplamente cega. A publicação considera unicamente trabalhos inéditos ou

aqueles excepcionalmente considerados relevantes pelo conselho editorial.

Adotam-se os seguintes referenciais para julgamento:

**- Aceito**

**-Trabalho Condicionalmente Aceito.** Autor deverá ser instruído quanto às modificações de forma e/ou conteúdo do artigo para re-submissão ao Comitê Editorial.

**- Recusado.** Autor deve ser informado quanto aos principais motivos da recusa.

### 8. Itens de Julgamento

I. Originalidade e Relevância do Tema

II. Aderência a um dos temas da Revista

III. Encadeamento de idéias / organização do trabalho  
Organização formal do texto, sequência e encadeamento das informações, rigor metodológico do trabalho.

IV. Conteúdo. Relevância e estruturação formal do pensamento apresentado no conteúdo do artigo, com posicionamento original do autor e referência adequada aos trabalhos científicos considerados essenciais para a temática proposta (considerar, por exemplo, a atualização das referências, i.e. estado da arte. Não serão aprovados textos com longas citações sem um posicionamento concreto do autor.

V. Redação / Clareza Adequação redacional do texto (ortografia, concordâncias nominais e verbais, links e completude dos parágrafos).

VI. Adequação das normas. Rigor científico quanto às citações e referências a outros autores, bem como a normalização bibliográfica adotada pela revista.

### 9. Folha de Rosto

Deve conter os seguintes elementos, nesta ordem:

I. **Categoria do trabalho:** Artigo, relato de experiência ou resenha,

II. **Área temática:** escolher uma entre as 09 atendidas pela revista.

III. **O Título:** na língua do artigo, centralizado, em negrito, Arial, tamanho 12 e com espaçamento simples. O título em língua estrangeira deve estar logo abaixo do título em português, (fonte Arial, letra normal, tamanho 12). Em caso de financiamento da pesquisa, a instituição financiadora deverá ser mencionada em nota de rodapé.

IV. **Nome (s) do (s) autor (res)** deve estar alinhado na margem esquerda abaixo do título (fonte Arial, tamanho 12). Abaixo do nome especificar: titulação máxima, filiação institucional e endereço eletrônico (fonte Arial, tamanho 10)

Obs. **A quantidade máxima de autores será de 03 para artigo, 02 para relato e 1 para resenha**

V. **Resumo, Palavras-Chave.** O Resumo deve ter no máximo 200 palavras em um único parágrafo, sem recuo na primeira linha, com espaçamento simples e ser seguido de 3 a 5 palavras-chave para fins de indexação do trabalho, as quais deverão ser separadas por um ponto

**VI. Resumos em Inglês.** Os resumos e palavras-chave em língua estrangeira devem ser a versão exata do resumo e palavras-chave em português.

**Ex: Folha de Rosto:**

**Categoria do trabalho:** Artigo

**Área temática:** Comunicação

**Título na língua portuguesa**

Título na língua estrangeira

**Autores:**

(autor 1)

Prof. Dr. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia –  
UFRB. [001A@ufrb.edu.br](mailto:001A@ufrb.edu.br).

(autor 2)

Graduando do Curso de Comunicação da UFRB. [002B@gmail.com](mailto:002B@gmail.com)

**Resumo:**

Máximo de 200 palavras...

**Palavras-chave:** de 3 a 5 palavras...

**Abstract:**

...

**Key-words:** ...

## 10. Texto

**I. Tamanho do Texto** - Os artigos deverão ter entre 12 e 20 laudas, incluídos todos os seus elementos (imagens, notas, referências, tabelas etc.). Os relatos de experiência deverão ter entre 5 e 10 laudas, com todos os seus elementos incluídos (folha de rosto, imagens, notas, referências, tabelas etc.). As resenhas deverão ter no máximo 3 laudas. As entrevistas ficarão a critério da Comissão Editorial.

**II. Fonte:** Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5 das entrelinhas. Configurações das margens em 2,5 cm para direita, esquerda, superior e inferior em papel A4.

**III. Citações:**

**a) Citação Direta:**

\* As citações diretas, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação. Ex.

“A ação dos estudantes, a partir de Córdoba, colocará a extensão Universitária em evidência [...]” (ROCHA, 2001, p.19)

Ou

Segundo Rocha (2001, p.19): “A ação dos estudantes, a partir de Córdoba, colocará a extensão Universitária em evidência [...]”

\* As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas.

Ex:

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. (FREIRE, 2006, p.36)

#### b) Citação Indireta:

É a transcrição livre do texto, isto é, usamos nossas próprias palavras para expor a idéia do autor. Podemos, ainda, se o trecho for muito longo, interpretar a idéia do autor e fazermos uma síntese. Nesse tipo de citação, não se utiliza as aspas; mas o autor, a fonte e a data de publicação devem ser citados. Não é obrigatório colocar o número de páginas, mas se o fizer deve repetir em todas as outras citações.

Ex: Para Bernheim (1978) as atividades de extensão têm como objetivo o fortalecimento da universidade, pela projeção da cultura universitária ao povo e a preocupação com problemas nacionais. As universidades públicas são principalmente vocacionadas para estas práticas.

Ou

As práticas de extensão na Inglaterra do século XIX, se davam pela participação dos universitários em campanhas de saúde, na utilização de teatro escolar e outros serviços. (ROCHA 2001).

**IV. As notas de rodapé** devem ser ordenadas por algarismos arábicos que deverão ser sobrescritos no final do texto ao qual se refere cada nota.

**V. Figuras** - As Figuras devem estar com suas respectivas legendas. Serão aceitas no máximo 05 (cinco) figuras por artigo, ou relato de experiência. Deverão estar preferencialmente no formato JPG ou PNG e gravadas com qualidade suficiente para boa exibição na web e boa qualidade de impressão, ficando a critério da equipe da revista o veto a imagens consideradas de baixa qualidade, ou cujo arquivo seja demasiado grande.

**VI. Tabelas** - As Tabelas, incluindo título e notas, deverão estar inseridas no texto com as devidas legendas. As Tabelas deverão estar em MSWord ou Excel. Cada tabela não poderá exceder 17cm de largura x 22cm de comprimento. O comprimento da tabela não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé(s).

**VII. Referências** - Serão apresentadas ao final do texto

Ex: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

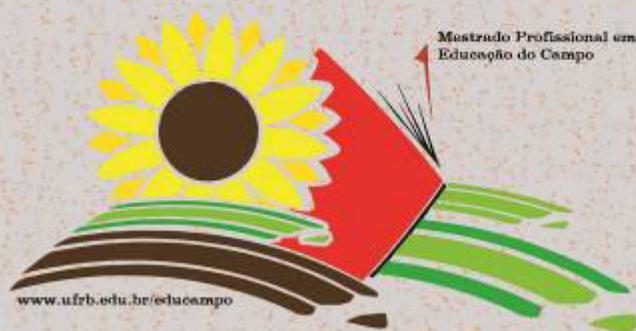
**VIII. Anexos** - Serão aceitos aos trabalhos quando contiverem informação original importante ou que complemente, ilustre e auxilie a compreensão do trabalho, ficando facultado à Comissão da Revista o veto a anexos que assim não forem considerados.

#### 11. Normas ABNT

A Revista de Extensão adota as seguintes Normas ABNT: NBR 6022:2003 (Artigo); NBR 6023:2002 (Referências); NBR 6028:2003 (Resumos); NBR 10520:2002 (Citações).



**Revista**  
extensão



**PROEXT**  
Pró-Reitoria de Extensão/UFRB

**UF B**  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

ISSN 2236-6784

